



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Elvira Raquel Almeida da Silva

***O photovoice aplicado ao programa  
Housing First: dar voz à população em  
(ex)situação sem-abrigo***

***O photovoice aplicado ao programa Housing First:  
dar voz à população em (ex)situação sem-abrigo***

Elvira Raquel Almeida da Silva

UMinho | 2018

outubro de 2018



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Elvira Raquel Almeida da Silva

***O photovoice aplicado ao programa  
Housing First: dar voz à população em  
(ex)situação sem-abrigo***

Relatório de Estágio  
Mestrado em Educação  
Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção  
Comunitária

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Maria Clara Faria da Costa Oliveira**

## DECLARAÇÃO

**Nome:** Elvira Raquel Almeida da Silva

**Endereço electrónico:** raquel\_a\_silva@hotmail.com Telefone: 912842094

**Número do Bilhete de Identidade:** 13580513

**Título relatório:** O *photovoice* aplicado ao programa *Housing First*. dar voz à população em (ex)situação sem-abrigo

**Orientador(es):** Maria Clara Faria da Costa Oliveira

**Ano de conclusão:** 2018

**Designação do Mestrado:** Mestrado em Educação – Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTE RELATÓRIO (indicar, caso tal seja necessário, nº máximo de páginas, ilustrações, gráficos, etc.), APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_



## Agradecimentos

À professora doutora Clara Costa Oliveira pela incansável orientação e rigor, disponibilidade, partilhas e incentivos.

À instituição e respetivas equipas pelo inigualável acolhimento, acompanhamento e apoio.

À Isa pelo carinho, profissionalismo, acompanhamento, exemplo e retidão.

A todos os *participantes* e cada um deles em particular pelos ensinamentos, desafios, conquistas e por me *mostrarem o caminho*.

À memória do Residente C, pelas partilhas e confiança.

À memória do Dr. Artur Bandeira de Figueiredo e à D. Maria de Lurdes pela amizade, presença e orientação.

À minha família pelo núcleo estrutural que é e pelo que representa neste percurso.

A todos os que comigo se cruzaram, a todos os laços de amizade, a todas as ocasionalidades e lições absorvidas.



O *PHOTOVOICE* APLICADO AO PROGRAMA *HOUSING FIRST*: DAR VOZ À POPULAÇÃO EM (EX)  
SITUAÇÃO SEM ABRIGO

Elvira Raquel Almeida da Silva

Mestrado em Educação – área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho

2018

RESUMO

O programa internacional *Housing First* tem como objetivos reduzir o número de população em situação sem-abrigo crónica. No sentido de reduzir a quantidade de população em situação sem-abrigo, o primeiro passo é, nesta perspetiva, providenciar uma habitação e o acompanhamento técnico individualizado de uma equipa que permita aos residentes a promoção da sua autonomia, a sua progressiva integração na comunidade e o acesso a todos os seus bens e serviços (saúde, educação, ofertas culturais e de lazer, entre outros). (Tsemberis, 2012; Pleace, 2012)

O presente relatório de estágio surge no seio deste programa, implementado na cidade de Braga com intuito de responder à realidade supramencionada, e pretende evidenciar as estratégias e atividades concebidas para realizar um acompanhamento individualizado da população nas suas residências e nas atividades comunitárias; para promover a integração e/ou inclusão comunitária dos residentes e, por último, promover a autonomização dos residentes e a sua participação social.

A investigação-ação recorreu sobretudo, à análise documental, observação participante e ao método narrativo, sendo o último digno de destaque através da técnica participativa *photovoice* (Wang, 1999).

Os resultados contemplam recomendações dos participantes para o Centro de Alojamento Temporário e narrativas autobiográficas partilhadas numa exposição pública convocando temas por eles identificados a saber: Direitos Humanos, (Re)Inserção Social, Família, Amor, Natureza e Habitação.

**Palavras-Chave:** *Housing First*, sem-abrigo; *photovoice*, acompanhamento individualizado, integração comunitária.



PHOTOVOICE APPLIED TO THE HOUSING FIRST PROGRAMME: GIVING VOICE TO (FORMER) HOMELESS  
PEOPLE

Elvira Raquel Almeida da Silva

Mestrado em Educação – área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho

2018

**ABSTRACT**

The Housing First programme aims to reduce the amount of people in long-term homeless situations. The first step to attain this goal, according to this programme is to provide housing and individualised technical follow-up of a team that allows residents to promote their autonomy, their progressive integration into the community and access to goods and services (health, education, cultural and leisure offers, among others). (Tsemberis, 2012; Pleace, 2012)

The present document was developed within the scope of this programme, implemented in the city of Braga in order to respond to the afore mentioned reality, and aims to highlight the strategies and activities designed to carry out an individualized monitoring of the population in their residences and community activities; to promote the integration and/or community inclusion of the residents and, lastly, to promote the empowerment of residents and their social participation.

The research-action was mainly based on documentary analysis, participant observation and the narrative method, being the latter a cornerstone mainly pursued through the participatory technique photovoice (Wang, 1999).

The results include recommendations from the participants for temporary housing services and autobiographic narratives shared in a public exhibition, emerging from themes identified by them: Human Rights, Social (Re)Integration, Family, Love, Nature and Housing.

**Key-words:** Housing First, homeless; photovoice, individual support, community integration



## Índice Geral

Agradecimentos.....	iii
Resumo .....	v
Abstract .....	vii
Índice de Figuras .....	xii
Índice de Quadros.....	xiii
Índice de Anexos.....	xv
Índice de Apêndices .....	xv
Acrónimos.....	xvii
1. Introdução .....	1
2. Enquadramento Contextual do Estágio.....	3
2.1. Caracterização da instituição .....	3
2.2. Diagnóstico de necessidades .....	6
2.3. Caracterização do público-alvo .....	7
3. Enquadramento Teórico da Problemática de Estágio.....	11
3.1. Apresentação de outras experiências e/ou investigações sobre o tema e a sua relevância para o trabalho de intervenção e investigação desenvolvido .....	11
3.2. Exploração das correntes teóricas/autores que constituíram referentes importantes na exploração da problemática do estágio.....	16
3.2.1. Educação permanente (e comunitária) .....	18
3.2.2. Centralidade da Pessoa .....	20
3.2.3. Institucionalização .....	20

3.2.4. “Tratamento Primeiro” ou “Em Escada” .....	21
3.2.5. Os cuidados comunitários no contexto internacional .....	22
3.2.6. Os cuidados comunitários em Portugal.....	23
3.3. Identificação dos contributos teóricos mobilizados para a problemática específica de intervenção/investigação.....	25
3.3.1. O fenómeno sem-abrigo.....	25
3.3.2. Conceitos <i>Sensibilizadores</i> .....	27
3.3.2.1. Amor .....	28
3.3.2.2. Habitação .....	28
3.3.2.3. Família .....	29
3.3.2.4. (Re)Inserção Social .....	29
3.3.2.5. Direitos Humanos .....	30
<b>4. Enquadramento Metodológico do Estágio.....</b>	<b>31</b>
4.1. Paradigma.....	31
4.2. Objetivos .....	32
4.2.1. Objetivos gerais .....	32
4.2.2. Objetivos específicos.....	32
4.3. Métodos e técnicas.....	33
4.4 Avaliação .....	40
4.5. Limitações e recursos convocados .....	42
<b>5. Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação.....</b>	<b>43</b>
5.1 Descrição das atividades da estagiária .....	43
5.1.1. Actividades organizacionais.....	44

5.1.2.	Atividades individuais por utente .....	46
5.1.3.	Atividades coletivas .....	53
5.1.3.1.	Fotografias e Narrativas - Direitos Humanos .....	60
5.1.3.2.	Fotografias e Narrativas - Categoria Amor .....	62
5.1.3.3.	Fotografias e Narrativas - Categoria Habitação .....	64
5.1.3.4.	Fotografias e Narrativas - Categoria Família .....	67
5.1.3.5.	Fotografias e Narrativas - Categoria Natureza .....	68
5.1.3.6.	Fotografias Categoria (Re)Inserção Social .....	69
5.2.	Avaliação das atividades pelos utentes .....	74
<b>6.</b>	<b>Considerações finais .....</b>	<b>95</b>
<b>7.</b>	<b>Bibliografia Referenciada .....</b>	<b>99</b>
<b>8.</b>	<b>Anexos e Apêndices .....</b>	<b>109</b>

## Índice de Figuras

Figura 2 - Casa (objeto-chave da exposição) .....	58
Figura 3 - Fotos exposição "Olhares Sentidos" .....	58
Figura 4 - Fotos exposição "Olhares Sentidos" .....	58
Figura 5 - Direitos Humanos - Residente A .....	60
Figura 6 - Direitos Humanos - Residente B .....	60
Figura 7 - Direitos Humanos - Utente do CAT A .....	61
Figura 8 - Direitos Humanos - Utente do CAT C .....	61
Figura 9 - Amor - Residente A.....	62
Figura 10 - Amor - Residente C .....	62
Figura 11 - Amor - Utente do CAT A .....	63
Figura 12 - Amor – Utente do CAT C .....	63
Figura 13 - Habitação - Residente A .....	64
Figura 14 - Habitação - Residente B .....	64
Figura 15 - Habitação - Residente C .....	65
Figura 16 - Habitação – Residente E .....	65
Figura 17 - Habitação - Utente do CAT A .....	66
Figura 18 - Habitação - Utente do CAT C .....	66
Figura 19 - Família - Residente B .....	67
Figura 20 - Família - Residente E.....	67
Figura 21 - Natureza - Residente C.....	68

Figura 22 - Natureza - Utente do CAT C.....	68
Figura 23 - (Re)Inserção Social - Residente A.....	69
Figura 24 - (Re)Inserção Social – Residente B .....	69
Figura 25 - (Re)Inserção Social - Residente C .....	70
Figura 26 - (Re)Inserção Social – Residente E .....	70
Figura 27 - (Re)Inserção Social - Utente do CAT A .....	71
Figura 28 - (Re)Inserção Social -Utente do CAT C .....	71
Figura 29 - Cartaz da exposição fotográfica “Olhares Sentidos” .....	72
Figura 30 - Convite para a exposição fotográfica “Olhares Sentidos” .....	72
Figura 31 - Explicação do <i>photovoice</i> na exposição.....	73
Figura 32 - Avaliação das atividades final II - "Porto de Mar" .....	74
Figura 33 - Fases da técnica <i>photovoice</i> (autointerpretada).....	79

## Índice de Quadros

Quadro 1 - Atividades organizacionais da estagiária .....	44
Quadro 2 - Atividades individuais - Residente A.....	46
Quadro 3 - Atividades individuais – Residente B. ....	48
Quadro 4 - Atividades individuais residente C. ....	48
Quadro 5 - Atividades individuais Residente B e C .....	49
Quadro 6 - Atividades individuais residente D. ....	50
Quadro 7 - Atividades individuais residente E.....	51

Quadro 8 - Atividades individuais - Residente F. ....	52
Quadro 9 - Atividades coletivas e seus objetivos, com grupo-alvo específico deste projeto ( <i>Housing First</i> e CAT).....	54
Quadro 10 - Categorização das recomendações .....	86
Quadro 11 - Discussão resultados – Atividades de avaliação.....	88
Quadro 12 - Percepções dos visitantes da Exposição.....	91

## Índice de Anexos

1. Programa da formação institucional
2. Projeto individual – Residente A
3. Projeto individual – Residente B
4. Projeto individual – Residente C
5. ETHOS – Tipologia Europeia de Exclusão Relacionada com Habitação
6. Programa de formação de capacitação no âmbito do projeto “Alternative”
7. Programa da Palestra no Agrupamento de Escolas
8. Autorização Identificação Instituição

## Índice de Apêndices

1. Consentimento Informado *Housing First* – Residentes *Housing First*
2. Consentimento Informado *Housing First* – Utentes CAT
3. Metodologia
4. Descrição das atividades organizacionais da estagiária
5. Descrição das atividades individuais – Residente A
6. Descrição das atividades individuais – Residente B
7. Descrição das atividades individuais – Residente C
8. Descrição das atividades individuais - Residentes B e C
9. Descrição das atividades individuais – Residente D
10. Descrição das atividades individuais – Residente E
11. Descrição das atividades individuais – Residente F
12. Ficha individual de interesses/ocupação dos tempos livres
13. Consentimento Informado de autorização de uso da imagem
14. Descrição das atividades coletivas
15. Atividades coletivas, respetivos instrumentos de avaliação e número de participantes
16. Descrição das atividades de avaliação



## Acrónimos

ACES – Agrupamentos de Centros de Saúde

AEIPS – Associação Estudo e Integração Psicossocial

CAT – Centro de Alojamento Temporário

CE – Comissão Europeia

CVP – Cruz Vermelha Portuguesa

EEGTICC - European Expert Group on the Transition from Institutional to Community-based Care

EISD – Equipa de Intervenção Social Direta

ENIPSA – Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo

EUA – Estados Unidos da América

FEANTSA - European Federation of National Organisations Working with the Homeless

HF - Housing First

MAC – Método Aberto de Coordenação

ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milénio

PECPES – Plataforma Europeia Contra a Pobreza e a Exclusão Social

PLA – Problemas Ligados ao Álcool

SPA – Substâncias Psicoativas

TF – Treatment First

UMCIC – Unidade de Missão para os Cuidados Integrados Continuados

USF – Unidades de Saúde Familiar



## 1. Introdução

O estágio decorreu na delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa (CVP) – cfr. Anexo 8 - , possibilitando a intervenção académico-profissionalizante num projeto de resposta alternativa ao Centro de Alojamento Temporário (CAT), o projeto “*Housing First - Braga*”.

Originalmente, o projeto “*Housing First*” (HF) nasceu nos Estados Unidos da América (EUA), mais precisamente em Nova Iorque, em 1992, no seio de uma organização chamada “*Pathways Housing First*” fundada pelo Dr. Sam Tsemberis.

O projeto supracitado tem como objetivos reduzir o número de população em situação sem-abrigo crónica com algumas características associadas, a saber: problemas mentais graves, dependência de álcool e/ou drogas, comportamentos desviantes, baixo nível de criminalidade e desemprego de longa duração (Pleace, 2012). No sentido de reduzir a quantidade de população em situação sem-abrigo, o primeiro passo é, nesta perspetiva, providenciar uma habitação e o acompanhamento técnico individualizado de uma equipa que permita aos residentes a promoção da sua autonomia, a sua progressiva integração na comunidade e o acesso a todos os seus bens e serviços (saúde, educação, ofertas culturais e de lazer, entre outros).

O projeto *Housing First* pauta-se pelos seguintes princípios orientadores: i) habitação enquanto Direito Humano; ii) respeito, calor humano e compaixão por todos os residentes<sup>2</sup>; iii) compromisso em trabalhar com os residentes enquanto necessitarem; iv) habitações dispersas em residências independentes; v) separação da habitação e dos serviços; vi) escolha do residente e autodeterminação; vii) orientação para a recuperação e viii) redução dos malefícios (Pleace, 2012).

O sucesso deste projeto nos EUA permitiu que fosse replicado internacionalmente, particularmente, em alguns Estados-membros da Europa, como a Dinamarca, Finlândia, França, Irlanda, Hungria, Países Baixos, Escócia e Portugal. Em Portugal, é implementado desde 2009, pela Associação para o Estudo e Integração Psicossocial (AEIPS), depois dessa data, pela Associação Crescer na Maior, em Lisboa, no bairro da Mouraria e, mais recentemente, desde meados de 2014, em Braga<sup>3</sup> pela CVP.

A necessidade premente de implementação em Braga surge devido aos constrangimentos causados pelas respostas tradicionais existentes, que institucionalizam a

---

<sup>2</sup> Originalmente, é utilizada a expressão “cliente”.

<sup>3</sup> Outras cidades estão em fase piloto, nomeadamente, ainda em que fases diferentes: Cascais, Coimbra, Aveiro e Barcelos e Vila Nova de Gaia.

população em situação sem-abrigo, nomeadamente, através do CAT e, incontornavelmente, a incapacidade de apoiar o universo de população em situação de sem-abrigo detalhado no capítulo que se sucede.

O presente relatório inicia-se pelo enquadramento contextual do estágio, apresentando uma sumária caracterização da instituição e das suas respostas, apresentação do diagnóstico de necessidades identificação de necessidades e caracterização do público-alvo. Segue-se o enquadramento teórico da problemática de estágio, cujas correntes e teorias mais prementes foram convocadas, especialmente, à luz da literatura internacional e europeia, fazendo, sempre que possível, um enquadramento da temática a nível nacional. Num estágio ulterior, é apresentado o enquadramento metodológico do estágio, nos moldes do paradigma investigação-ação e apresentados os respetivos objetivos, os métodos e técnicas de indole tendencialmente participativa utilizadas no período de estágio. Para finalizar, são apresentados os principais resultados da miriade de dados recolhidos de forma de acrescentar sentido à intervenção realizada e investigação proposta no âmbito do estágio profissionalizante em que a estagiária se encontra, concluindo com as considerações finais.

## 2. Enquadramento Contextual do Estágio

### 2.1. Caracterização da instituição

O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho<sup>4</sup> é a maior rede humanitária do mundo. A sua missão é aliviar o sofrimento humano, proteger a vida e a saúde e defender a dignidade humana, especialmente durante conflitos armados e outras situações de emergência. O movimento está presente em todos os países e é apoiado por milhões de voluntários.

Proclamados em Viena em 1965, existem sete princípios fundamentais: Humanidade, Imparcialidade, Neutralidade, Independência, Voluntariado, Unidade e Universalidade, que unem e garantem a coesão dos 3 órgãos do Movimento Internacional: o Comité Internacional da Cruz Vermelha, a Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho e as Sociedades Nacionais da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho.

A Cruz Vermelha Portuguesa está em Portugal, pois, desde o século XIX. É uma instituição humanitária não-governamental, de carácter voluntário, que desenvolve a sua atividade devidamente apoiada pelo Estado, reconhecida como pessoa coletiva de utilidade pública administrativa, sem fins lucrativos, com plena capacidade jurídica para prossecução dos seus objetivos.

A Delegação de Braga da CVP desenvolve atividades ao nível do apoio geral nas áreas da saúde, emergência, formação, serviços de apoio e ação social, contribuindo para melhorar a situação dos mais vulneráveis, que diariamente necessitam dos mais diversos e diferenciados suportes de saúde, sociais e formativos.

O CAT, equipamento situado na freguesia de Nogueira, local onde foi realizado o estágio, é fruto de um acordo de cooperação entre o Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social de Braga e a CVP, em funcionamento desde 2000. Esta é uma valência que prima pelo apoio à população em situação sem-abrigo, em grave situação de exclusão social e/ou em vulnerabilidade social.

Esta valência é coordenada pela Área de Intervenção para a População em situação de Sem-Abrigo e com Comportamentos Aditivos e Dependências que compreende diferentes equipas de trabalho, com um diversificado número de respostas/projetos, a saber: i) a equipa do

---

<sup>4</sup> Consultar sitio <https://www.icrc.org/en/who-we-are/movement>, acedido em 11/11/2014.

CAT, ii) a Equipa de Intervenção Social Direta (EISD), iii) a Equipa de Rua associada ao projeto “Aproximar” e iv) a equipa associada ao projeto *Housing First* - Braga, campo de ação privilegiado para o desenvolvimento do projeto de intervenção/investigação no âmbito do Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária.

i) CAT

O CAT tem como objetivos promover a satisfação das necessidades básicas dos utentes, articular e encaminhar os utentes para os diversos serviços, facilitar o acesso aos recursos existentes na comunidade, promover o treino de competências sociais, promover a reestruturação do indivíduo em crise e garantir a sua avaliação e acompanhamento psicológico (CVP, 2012). Este equipamento acolhe, temporariamente, pessoas em situação de sem-abrigo, tendo a capacidade máxima de 47 pessoas.

ii) A EISD

A EISD constitui uma resposta social concretizada através de uma equipa de proximidade junto da população em situação de sem-abrigo e ou em risco de se tornar, por não serem abrangidas eficazmente pelos restantes serviços de apoio social existentes. O seu objetivo é prestar apoio individualizado para a construção de um projeto de inserção biopsicossocial do cidadão.

iii) Equipa de Rua

O objetivo da Equipa de Rua é diminuir a prevalência e incidência quer do consumo de substâncias psicoativas, das doenças e prejuízos associados ao consumo de utentes que não estão a ser, efetivamente, abrangidos pelos serviços convencionais. Neste sentido, o projeto “Aproximar” tem estrutura móvel sócio sanitária de apoio de proximidade junto de Consumidores de Substâncias Psicoativas (SPA) e indivíduos com Problemas Ligados ao Álcool (PLA).

iv) *Housing First*

O projeto *Housing First* constitui desde o início do ano de 2014, uma resposta alternativa individualizada, humanizada para as pessoas em situação de sem-abrigo de longa duração, com doenças mentais, problemas de abuso de substâncias ou outros problemas de saúde (Zilhão, 2013). O projeto pretende promover uma situação habitacional estável, a médio e/ou longo prazo e individual, disponibilizando imediatamente uma habitação unipessoal, com base nas suas preferências – áreas/bairros onde o indivíduo tenha relações de filiação sociais protetoras e referenciadas como sendo da sua área de pertença – e não segregadores. A integração no projeto não exige o cumprimento de programas de desabitação de substâncias

psicoativas/álcool e/ou tratamentos de saúde, não sendo extraído daí algum prejuízo pessoal para o indivíduo, no que respeita aos apoios prestados. Acrescendo à habitação, o projeto dispõe de um conjunto de serviços de suporte em contexto residencial, disponibilização de um telemóvel para chamadas de emergência. Em contrapartida, os residentes deverão dar 30% dos seus rendimentos mensais para liquidar parte das despesas associadas às casas e permitir uma visita semanal por parte da equipa num dia previamente agendado. Gradualmente, as visitas poderão ser quinzenais. Após cada visita/acompanhamento a qualquer serviço (quando solicitado pelo residente) são elaborados relatórios, cujo residente tomará conhecimento/lerá quando realizados. A natureza do presente projeto pressupõe, para a sua concretização, o envolvimento e corresponsabilização de vários intervenientes da comunidade, por forma a garantir a sua viabilidade e sustentabilidade.

A equipa associada ao projeto *Housing First*, em Braga, só possuía uma técnica a trabalhar nele, permanentemente, sendo as suas tarefas/cumprimentos articuladas com técnicos pertencentes à EISD. Sem desconsiderar outras áreas igualmente proficuas e meritórias, a Educação de Adultos e Intervenção Comunitária imbuí-se nesta trama multidisciplinar que é a de intervenção junto da população em situação sem-abrigo, primeiramente por, ideologicamente, enaltecer o movimento de educação permanente que emergiu na segunda metade do séc. XX, num período pós-guerra, numa tentativa de estabelecer a cooperação internacional e enaltecer os valores do período das luzes, e ainda apelando a “aprender a ser”, ao desenvolvimento holístico da pessoa humana ao longo da sua vida, através da publicação do relatório Faure, em 1972. Segundo Canário (1999), este movimento surgiu por oposição ao modelo escolar, que privilegiava a acumulação de conhecimentos e que foi incapaz de valorizar a dimensão cívica e comunitária na formação dos cidadãos. Residiam neste conceito aspirações humanistas progressistas sedimentadas na tolerância e na perceção da diversidade do outro e, para além disso, na conceção do desenvolvimento da educação em diversos espaços da cidade.

Por último, a Educação de Adultos e Intervenção Comunitária poderá ser legitimada através de estratégias nacionais e supranacionais. A nível europeu, a panóplia é ampla, principalmente após 2010, o ano europeu de luta contra a pobreza e a exclusão social, mas dar-se-á destaque à Declaração escrita apresentada nos termos do artigo 123º do Regimento sobre uma estratégia da União Europeia para os sem-abrigo e da obra “Acabar com a situação de sem-abrigo: Um manual para decisores políticos (FEANTSA, 2010), cujo conteúdo apresenta

estratégias já tomadas e a serem reforçadas para fazer face a esta realidade, centrando-se em políticas de prevenção através de políticas de habitação, emprego, saúde e educação. A nível nacional, esta área ganha sentido, designadamente, através da Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo (2009-2015) – ENIPSA -, quando identifica a necessidade de desenvolver estratégias de prevenção, intervenção, integração e acompanhamento centradas na pessoa, das quais, intencionalmente, dar-se-á destaque (ainda que a amplitude de ação não se extinga aqui) aos princípios orientadores 9 e 10: “participação proactiva e promoção do *empowerment* da pessoa sem-abrigo em todos os níveis do processo de inserção social” e “educação e mobilização da comunidade” (Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, 2009, p.13). Num panorama local, ainda que não tendo como referente orientações atualizadas, convocando o Plano de Desenvolvimento Social (2008-2013) da Rede Social de Braga assume-se como eixo prioritário combater a pobreza e a exclusão social, proporcionando “condições para um alojamento condigno, criar condições para a obtenção de níveis de qualificação mais elevados, alargar de forma qualificada os equipamentos e respostas sociais, garantir igualdade de oportunidades e abolir as discriminações, vão-se favorecer certamente os contextos de inclusão social” (Rede Social de Braga, 2008, p.9).

## 2.2. Diagnóstico de necessidades

A necessidade premente de implementação em Braga do *Housing First surge* devido aos constrangimentos causados pelas respostas tradicionais existentes, que institucionalizam a população em situação sem-abrigo, nomeadamente, através do CAT. Estes constrangimentos prendem-se com o facto de promover a exclusão social e segregação da população abrangida (EEGTIC<sup>5</sup>, 2012), ser uma resposta temporária e não a longo prazo (Tsemberis *et al*, 2003; Pleace, 2012; Zilhão, 2013), ser um modelo progressivo (alegoricamente, como uma escada<sup>6</sup>) com regras restritas relativamente ao comportamento, consumo de álcool e outras substâncias; não haver privacidade, promover riscos para a saúde, desenvolver sentimentos de insegurança, haver falta de autonomia, controlo e escolha dos utentes (Zilhão, 2013; Ornelas *et al*, 2014) e a educação de competências ser realizado em contextos artificiais (Carling, 1990; Ridgway & Zipple, 1990; Zilhão, 2013).

---

<sup>5</sup> European Expert Group on the Transitions from Institutional to Community-based Care.

<sup>6</sup> Originalmente, denominado “*staircasemodel*”. Consultar Pleace (2012, p. 9).

Extrapolando as necessidades tácitas e descontextualizadas da conjuntura de Braga em particular, acima explícitas, outras foram identificadas, designadamente a escassez dos recursos físicos e humanos da organização, e, as abordagens desajustadas para todas as franjas e condições da população em situação de sem-abrigo, uma vez que: 10 indivíduos em situação sem-abrigo, que se mantêm na rua há vários anos; 47 indivíduos sem casa permanecem acolhidos no CAT, que não prevê capacidade de autonomização habitacional (convertendo em permanente, o que deveria ser uma opção temporária); 9 cidadãos vivem nas residências partilhadas; centenas de indivíduos a vivem em quartos alugados, tendo como único rendimento o Rendimento Social de Inserção (RSI).

No que respeita ao levantamento de necessidades centradas no grupo-alvo (projeto *Housing First*), este foi elaborado através da análise documental dos processos individuais, do preenchimento dos projetos individuais (cf. Anexos 2), do preenchimento da ficha individual de interesses/ocupação de tempos livres - proposta pela estagiária a integrar o processo individual (Cf. Apêndice 10), de conversas informais, da realização de entrevistas abertas livres exploratórias e das anotações no diário de campo.

### **2.3. Caracterização do público-alvo**

Acautela-se antecipadamente o leitor de que, intencionalmente, o grupo previsto para o desenvolvimento do projeto de intervenção/investigação era o do *Housing First*, porém, devido ao carácter diminuto e flutuante do público-alvo, como recurso teve de se recorrer a utentes do CAT para o desenvolvimento das atividades coletivas. Ainda assim, a intervenção/acompanhamento, genuinamente, individualizado (atividades individuais) e, conseqüentemente, o diagnóstico aprofundado só aconteceu junto dos residentes do projeto *Housing First*.

O público-alvo identificado pelo projeto *Housing First* Braga é uma população que não tem enquadramento em qualquer tipo de apoio/medida social, está em situação sem-abrigo de longa duração (em média, 10 anos), sofre de algum tipo de doença mental, ou é (ex)consumidor de substâncias psicoativas e/ou álcool.

O público-alvo integrado no CAT é uma “população flutuante, sem-abrigo e outros grupos em situação de emergência social”, que permanece na estrutura referenciada, por um período de tempo limitado (Chichorro, 2006, p.23).

Não obstante, como se poderá inferir, ulteriormente, através de fragmentos de narrativas autobiográficas e de evidências apresentadas ao longo da intervenção em grupo, acrescem-se

outras características desenquadradas deste panorama, dignas de associação, bem como trajetórias pessoais, aparentemente desenraizadas desta rotulagem. Um processo identitário educativo necessário a fazer-se descobrir pelos residentes e utentes e pela comunidade em geral.

Os residentes do projeto *Housing First* (na totalidade 6) serão nomeados como residentes A, B, C, D, E e F e os utentes do CAT (na totalidade 4) serão nomeados como utentes do CAT A, B, C e D<sup>7</sup>. Inicialmente, estiveram 6 residentes envolvidos no projeto, contudo, um deles viu rescindido o seu contrato, por incumprimento e subversão das condições basilares ao seu prosseguimento (residente F). Algo que na literatura não surge amiudemente, porém, não é considerado um incidente anómalo: “Three other participants also had left the program because they felt very unsatisfied with the obligation of paying the rent” (Ornelas, 2013, p.26).

Preliminarmente, apresentam-se, individualmente, algumas características sociodemográficas dos indivíduos envolvidos deste grupo-alvo, ainda que alguns, tenham estado envolvidos intermitentemente, no decorrer do estágio.

O residente A é um indivíduo do sexo masculino com 64 anos, tem o 4º ano de escolaridade, consumidor de álcool e com permanência superior a 10 anos em situação sem-abrigo; a residente B é um indivíduo do sexo feminino, com 55 anos, o 4º ano de escolaridade, vítima de tráfico humano e violência doméstica e com permanência superior a 10 anos em situação sem-abrigo e vive em união de facto com o residente C, um indivíduo do sexo masculino com 38 anos, o 4º ano de escolaridade, ex-toxicodependente, com permanência superior a 6 anos em situação sem-abrigo; o residente D é um indivíduo do sexo masculino com 39 anos, o 4º ano de escolaridade, consumidor de heroína e de álcool e com permanência de 10 anos em situação sem-abrigo; a residente E é um indivíduo do sexo feminino com 46 anos, o 4º ano de escolaridade, doente mental (esquizofrenia) e com permanência superior a 10 anos em situação sem-abrigo. Para finalizar, o residente F é um indivíduo do sexo masculino com 44 anos, analfabeto, doente mental (alteração de personalidade e défice cognitivo) e com permanência superior a 20 anos em situação sem-abrigo, ainda que descontinuamente.

Integrados no CAT estão: o utente do CAT A, utente neste equipamento desde novembro de 2014, é um indivíduo do sexo masculino com 46 anos, o ensino secundário concluído e, atualmente, um cidadão ilegal em Portugal; o utente do CAT B está nas suas instalações desde setembro de 2014, é um indivíduo do sexo masculino com 57 anos, formação

---

<sup>7</sup> A ordem apresentada não corresponde a nenhum critério previamente estabelecido, a não ser a ordem cronológica do primeiro contacto com cada um dos residentes e utentes envolvidos durante o período de estágio na instituição.

universitária e, com a situação irregularizada na sua antiga residência; o utente do CAT C encontra-se no CAT há mais de 10 anos (intermitentemente), é um indivíduo do sexo masculino com 64 anos, o 4º ano de escolaridade e com graves problemas de alcoolismo. Por último, o utente do CAT D, permaneceu neste equipamento desde agosto de 2014 até junho de 2015, tem 40 anos, o 4º ano de escolaridade e é ex-consumidor de álcool.

Algumas limitações geográficas identificadas é a localização geográfica do CAT, territorialmente tende a promover a segregação e rotulagem, vulnerabilidade dos utentes e um maior número de incidentes associados a comportamentos desviantes.



### 3. Enquadramento Teórico da Problemática de Estágio

#### 3.1. Apresentação de outras experiências e/ou investigações sobre o tema e a sua relevância para o trabalho de intervenção e investigação desenvolvido

De acordo com o mentor do projeto *Housing First* e responsável pela sua aplicação nos E.U.A., Sam Tsemberis (Tsemberis & Asmussen, 1999), diversos percursos da sua missão e finalidades e investigadores provenientes de diversas disciplinas científicas das ciências sociais (Tsemberis, Moran, Shinn, Asmussen & Shern, 2003; Tsemberis, Gulcur, Nakae, 2004), o projeto diferencia-se dos modelos de respostas sociais para pessoas em situação sem-abrigo. *Housing First* distingue-se nomeadamente, da linha vigorante de prestação de cuidados continuados<sup>8</sup>, que engloba abordagens típicas como o “tratamento primeiro” ou “em escada” (descriminados no próximo ponto). As diferenças, algumas já apresentadas na introdução, assentam no facto de: i) a habitação ser encarada enquanto Direito Humano; ii) se pautar pelo respeito, calor humano e compaixão por todos os residentes<sup>9</sup> (apesar de estas duas, na ótica da estagiária, não significar que é mutuamente exclusivo do HF); iii) dar poder de autodeterminação, escolha e controlo às pessoas em situação sem-abrigo; iv) as habitações serem dispersas em residências independentes; v) a habitação não ser condição para usufruir dos serviços; vi) se pautar pela orientação para a recuperação; vii) se focalizar na redução dos malefícios que poderão advir; viii) haver um compromisso em trabalhar com os residentes enquanto necessitarem. Neste sentido, pressupõe-se que relativamente ao ponto i) que os residentes não necessitam de completar nenhum tipo de programa formativo para estarem aptos a frequentar/gerir uma casa e integração numa casa é imediata; ii) é de realçar as atitudes das equipas técnicas que trabalham com o público-alvo em estudo, que se deverão pautar pelo respeito e ausência de juízos; relativamente ao ponto iii) o residente é que decide em que área/bairro gostaria de viver, que serviços de apoio pretende e que objetivos que são determinantes para si; no que concerne ao ponto iv) sendo que um dos objetivos do projeto é promover a inclusão social, as pessoas em situação sem-abrigo são alojadas em casas independentes (não institucionalizadas) inseridas em áreas de residenciais não-segregadas, prestando apoio no estabelecimento de (novas) relações sociais e/ou familiares positivas, na

---

<sup>8</sup> Originalmente, *Continuum of Care*, que engloba o *Treatment First* ou *Staircase Model* (tradução livre).

<sup>9</sup> Originalmente, utilizam a expressão “cliente”.

procura de emprego, acesso à educação e formação (se assim o desejarem); o ponto v) diz respeito ao facto de não ser exigido aos residentes que se submetam tratamentos psiquiátricos ou se abstenham do consumo de álcool e/ou drogas. O facto de não ser considerado pertinente a abstenção e/ou redução destas substâncias, não lhes é negado o direito à habitação. Porém, os residentes deverão concordar em receber (pelo menos) uma visita semanal para diagnosticar o bem-estar e estabilidade do residente e as condições da residência; vi) centra-se na promoção de confiança e autoestima e encorajamento pessoal dos residentes para a concretização da crença de que conseguem deixar, permanentemente, de estar em situação sem-abrigo, reduzir o consumo de substâncias aditivas e/ou álcool e viver de forma independente; o ponto vii) refere-se à minimização dos riscos para o indivíduo associados ao consumo de substâncias aditivas e minimização de um potencial agravamento dos sintomas das doenças mentais. O residente não é obrigado a parar os consumos, mas encorajado a fazer uso dos serviços disponíveis. Por último, o ponto viii) a equipa técnica deverá continuar a acompanhar/manter-se em contacto, caso algum residente regresse para a situação sem-abrigo, seja hospitalizado ou seja preso por um reduzido período de tempo.

O responsável pela sua implementação no contexto europeu e elemento do Observatório Europeu das Pessoas em Situação Sem-abrigo<sup>10</sup>, Nicholas Pleace (2011, 2012), entre outros autores, enfatizam os traços identitários do projeto acima mencionados e acrescentam também o facto de ser mais económico. Para além disso, tem em consideração a gestão de potenciais riscos (ficar gravemente doente, sobredosagem de consumos) através da disponibilidade permanente via telemóvel de equipas multidisciplinares, das visitas semanais e de haver cópias de segurança das chaves de casa; os seus residentes apresentam maior estabilidade habitacional (não regressam para situação de sem-abrigo); não produz aumento de consumos, potencia antes a sua redução, assim como possíveis danos latentes; a saúde mental dos residentes melhora; promove a inclusão social e económica, que na perspetiva de Tsemberis, é sinónimo de acesso à educação, formação ou emprego. Esta caracterização vem acompanhada de vezes mais críticas e menos ortodoxas, que se colocam em diálogo quanto à desvirtuação do modelo original, identificando algumas derivações do modelo original, mais exatamente na dispersão local de apartamentos individuais ou reunião de edifícios com unidades individuais e orientação para o alojamento de famílias (Tsemberis, 2011). No sentido de fazer uma ligeira distinção entre

---

<sup>10</sup> Originalmente, *European Observatory on Homelessness* (tradução livre). Não existe consenso relativamente à sua tradução para português.

ambos os projetos, o primeiro é conhecido como *Pathways Housing First* (PHF) – americano - e os restantes como *Housing First*.

Dissolvendo esta revisão teórica nas inúmeras interpretações e argumentações relativas aos hiatos dos modelos PHF e HF, sobressaem o risco de medicalizar e individualizar demasiado os modelos, quando existem segmentos mais representativos de pessoas em situação de sem-abrigo (Busch-Geertsema, 2012; Löfstrand, 2012); o facto de promover a solidão e o isolamento social (Johnson, 2012; Tsai & Rosenheck, 2012); não por término ao consumo de substâncias aditivas (Pleace, 2011) e o facto de que a manutenção de consumos não deverá ser aceite como objetivo último, mas antes a sua extinção (Johnsen, 2012); haver doenças mentais que não são tratadas, porque não é exigido tratamento (Pleace, 2011) e procurar, em última análise, obter os mesmos resultados que a abordagem “em escada”, dando a primazia ao poder consensual, em vez do poder coercivo (Löfstrand, 2012) e a subsidiação do alojamento poderá ser um desincentivo à obtenção de emprego (Tsai & Rosenheck, 2012).

A nível nacional, o professor e investigador José Ornelas, fundador da Associação para o Estudo e Integração Psicossocial (AEIPS) e do programa “Casas Primeiro”, pioneiro em Portugal e outros investigadores integrados em projetos de investigação neste âmbito, acrescentam que o recurso a uma abordagem ecológica e colaborativa orientada para a recuperação<sup>11</sup> e integração comunitária dos residentes, trabalhando com eles para ir de encontro às suas necessidades e interesses (gestão doméstica, cidadania e respetivos aspetos legais, saúde, rendimentos, emprego, projetos educativos, atividades de lazer e de desporto, e relação social com os vizinhos) resultou numa taxa de retenção do alojamento de 80%, diminuição do recurso aos serviços de emergência e das hospitalizações psiquiátricas, bem como significativas melhorias na sua qualidade de vida (Ornelas, 2013; Ornelas, Martins, Zilhão, 2014). Paralelamente, Zilhão (2014) na sua investigação demonstra a necessidade de se desenvolverem serviços de suporte mais focalizados na integração e envolvimento comunitário dos participantes após a sua integração na casa.

A apresentação do projeto de investigação-ação (capítulo 5) desenvolvido na Cruz Vermelha poderá ser uma das possibilidades a calcorrear (não exclusivamente, mas como complemento) para fazer face a este último repto lançado e às necessidades identificadas, na medida em que foram desenvolvidas reuniões de grupo (sessões *photovoice*) para partilha de experiências. Uma das abordagens corroboradas por Tsai e Rosenheck (2012, p.203) como

---

<sup>11</sup> Originalmente, *recovery*.

alternativa complementar: “group meetings are led by case managers, but clients act as active peers providing content and feedback to each other. This may reflect that clients were attending groups and interacting with peers in the community instead of waiting for case managers to meet them in their homes”. Uma outra estratégia passou pelo desenvolvimento de projetos e envolvimento cívico dos residentes e utentes do CAT, corroborada por Tsai e Rosenheck (2012, p.204) e outros autores:

Apart from programmes linked with supported housing, there have also been ‘citizenship’ interventions developed to encourage homeless adults with mental illness to take more active, civic roles in their communities (Rowe et al., 2001) and ‘supported socialization’ programmes to encourage interpersonal development (Fisk and Frey, 2002).

São inúmeros os projetos de investigação cujo objeto de estudo é a pessoa em situação de sem-abrigo, porém são ainda reduzidos os projetos que selecionam técnicas de abordagem participativa, particularmente, o *photovoice* (explicada no capítulo 4) para o descortinar desta complexa temática sob várias óticas. Radley, Hodgetts e Cullen, (2005); Hodgetts *et al* (2007), Bukowski e Buetow (2011) e Velasco *et al* (2014) são dos poucos autores dedicados a esta análise. Um estudo liderado por Bukowski e Buetow (2011, p.744) demonstrou a urgência de implementação de uma resposta social fidedigna aos princípios do HF através do *photovoice*: “The longer that the participants had been homeless, the greater their need was to work with state housing services in order to develop programmes that put (supported) ‘housing first’ rather than ‘treatment first’”. De acordo com estes investigadores, o *photovoice* proporciona um mecanismo para que as suas necessidades e preocupações sejam ouvidas e apela à mudança de políticas sociais (Bukowski & Buetow, 2011, p.744). Por outro lado, um estudo direcionado para crianças que viviam nas ruas de La Paz, identificou diferentes vozes/narrativas que se enquadram em discursos vinculados a visões institucionais, das ruas e sociais (Velasco *et al*, 2014).

Em Portugal, o recurso à técnica *photovoice* junto desta população, não tem sido evidenciado de uma forma sistematizada ou, pelo menos explorada numa lógica de investigação-ação, pautando-se, maioritariamente, por uma lógica pura de intervenção, o que balizou a revisão literária a nível nacional. Ainda assim, não se caiu na vacuidade. Um estudo realizado com 5 mulheres em situação de sem-abrigo, com exercícios de *photovoice*, em Lisboa, evidenciou que a relação preço-qualidade nos alojamentos apoiados é desajustada (valor é superior à qualidade, em termos de conforto e higiene); que há vontade por parte dos

participantes em viver numa habitação independente e “o estigma que existe em relação a edifícios grandes que fazem lembrar “instituições”, as pessoas são “catalogadas” por viverem em determinado sítio, daí a importância do aspecto “exterior” dos centros de acolhimento e o contexto urbano onde estes se inserem” (Barros, 2010, p.60).

Inscrevendo-se na temática das narrativas sobre a situação sem-abrigo protagonizadas pelo sujeito, no circuito da literatura internacional, May (2000) recolheu 4 narrativas junto de 4 pessoas do sexo masculino em situação sem-abrigo. As narrativas possibilitaram a caracterização das perceções dos sujeitos em situação sem-abrigo em termos espaciais (casa enquanto lugar<sup>12</sup>), tipificando-as como experiências de (des)alojamento, experiências com saudades de casa, de geografias espectrais (imateriais/locais associados a relações anteriores agora inexistentes) e as experiências de novos nómadas<sup>13</sup>. Ogden (2014) recolheu 5 narrativas com o intuito de explorar e identificar as semânticas vinculadas aos vocábulos “habitação”<sup>14</sup> e “casa” por pessoas diagnosticadas com esquizofrenia e com experiências de situação de sem-abrigo. Na mesma órbita, Padgett (2007) apresentou e analisou a subjetividade do último vocábulo referido, num universo de 39 pessoas sob a alçada do HF e da abordagem *Treatment First* (TF). Por sua vez, Patterson *et al.* (2013), através de um estudo longitudinal, segmentou trajetórias distintas (positivas, negativas, mistas ou neutras) associadas ao projeto HF e a uma abordagem *Treatment First* (TF) – *Treatment as Usual*. Na conclusão, enfatizou as trajetórias positivas e mistas dos entrevistados do HF.

Ainda a nível internacional, Kirst *et al.* (2014) categorizam as narrativas de esperança potenciadas pelo projeto. As narrativas refratam com a perspectiva de sem-abrigo crónico com doenças mental e reforçam o estabelecimento de objetivos pessoais futuros.

Uma autora lusófona, Filipa Lourenço Menezes (2012), retratou sociologicamente o fenómeno de sem-abrigo, enquanto processo, nas metrópoles de Lisboa, Londres e Paris. Através dos discursos dos sujeitos que o experienciaram e através dos discursos dos prestadores de apoio social identificou pontos de convergência e um “modelo tipo” de resposta social entre as urbes.

No território nacional, Silva (2007) através de quatro narrativas autobiográficas com pessoas em situação sem-abrigo ou que nela tinham estado, identificou instâncias de socialização marcantes. Sinonímia, neste caso, de momentos de aprendizagem experiencial, nos

---

<sup>12</sup> Originalmente, “*home as a place*”.

<sup>13</sup> Originalmente, “*(dis)placement*”, “*homesick*”, “*spectral geographies e the new nomads*” (tradução li vre).

<sup>14</sup> Originalmente, “*housing*” e “*home*”.

seus discursos: a família, a escola e o trabalho. Aludindo aos laços sociais, Rosa e Guadalupe (2015) exploraram como são vivenciadas e equacionadas as ruturas dos laços por pessoas que experienciam a situação de sem-abrigo.

Aliando as narrativas individuais ao programa *Housing First*, Zilhão (2013, p.II) recolheu narrativas de quatro pessoas antes e após a sua integração no projeto “Casas Primeiro” da AEIPS enfatizando, após esta transição, os sentimentos de “segurança, estabilidade, privacidade, de realização de rotinas, controlo sobre consumos de substâncias e aumento dos cuidados de saúde”, assim como a possibilidade de imaginar um futuro melhor, fruto da reaproximação familiar, alargamento da rede social e participação na comunidade.

A avaliação através das narrativas enquanto instrumentos de natureza simbólica e/ou metafórica, como parte integrante da aprendizagem experiencial (Dewey, 1971) é um recurso valioso para o desenvolvimento de competências introspectivas, para o desenvolvimento da reflexão, da autoanálise e para o desenvolvimento pessoal. Segundo Ogden (2014) as narrativas associadas a metáforas são as mais relevantes para as nossas identidades, refletindo a nossa perceção do *self*, valores pessoais e o significado que associamos às experiências.

### **3.2. Exploração das correntes teóricas/autores que constituíram referentes importantes na exploração da problemática do estágio**

O recurso ao paradigma da complexidade é angular para tornar inteligível a unidade (mais do que *inter, multi*) transdisciplinar e multidimensional – intra e intersistémica – (Oliveira, 2000) das ciências da educação e da problemática em estudo. Afinal,

o pensamento científico visa combinações, eu diria até a dialógica, entre ordem e desordem, acaso e necessidade. O interessante é que essa combinação, essa dialógica, constitui a própria complexidade. Complexus = aquilo que é "tecido" junto. O universo de fenômenos é inseparavelmente tecido de ordem, de desordem e de organização (Morin, 2005, p.215).

Esta essência fluida, holística e dialógica que, neste paradigma é atribuída à realidade, reforça o facto de este projeto de intervenção/investigação se nutrir de áreas do saber que, descensionalmente, se introduzirão e articularão. Reforça de igual forma o recurso a instrumentos de comparação, associação, analogia e metáfora que, ousadamente, dir-se-á, pouco provavelmente floresceriam num enquadramento puramente disciplinar (Beard, 2008).

A metáfora tem vindo a assumir mais do que *inter* e *multi*, transdisciplinarmente importância, desde a Linguística às Ciências da Educação, não se cumprindo exclusivamente na primeira, afigurando-se um princípio do pensamento e da ação. (Lakoff & Johnson, 1980; Aubusson, Harrison & Ritchie, 2006). As metáforas geradoras não são nem mais nem menos do que “how we come to see in new ways [...] we gain new perspectives on the world” (Schön, 1994, p.138). A metáfora reflete constelações mentais, potencia o diálogo reflexivo, salienta o que é importante e categoriza a experiência (Lakoff & Johnson, 1980; Aubusson, Harrison & Ritchie, 2006) e, para os facilitadores/educadores poderão constituir indicadores de possíveis intervenções:

they are important for facilitators to remain sensitive to. Indicators mentioned in the program fragments include disengagement, silences, and the short cycled repetition of events I called ‘action replay’ [...] The ‘triggering of generative metaphors’ is likely to occur in the midst of attempts to cope with the frustration that goes along with participants’ sense of stuckness – possibly jokes or breaks (Hovelynck, 1998, p. 8).

Enquanto técnica, o recurso a objetos e representações simbólicas de uma experiência ou de um atributo pessoal é uma abordagem eficiente e envolvente, pois incita “the participants to creating or choosing symbols representing a group success or individual strength or accomplishment. [...] they are not threatening to participants and facilitators, and leave the opportunities for creative and meaningful interpretation of an experience wide open” (Cain, Cummings & Stanchfield, 2004, p.6). Concomitantemente, esta abordagem, metamorfoseia o indivíduo numa arena, num contexto, possibilitando um distanciamento lúcido de si mesmo, falando do objeto/imagem em vez de si mesmo, explorando pensamentos que, de outra forma, ficariam ocultos.

Self-as-context refers to a sense of self that transcends the content of one’s experiences. In other words, there is a “you” that is observing and experiencing your inner and outer world and is also distinct from your thoughts and feelings, physical sensations and roles. [...] He may then choose his actions based on his values, rather than based on the stories he has about himself and his roles (Stoddard & Afari, 2014, p. 16).

Dadas as contingências e arriscando que se dê corpo a uma revisão teórica parcelar e infiel, apresentar-se-ão algumas correntes e concepções que sustentam este projeto, não se pretendendo mitigar ou excluir ideias e, mesmo assim, fazendo-o.

Globalmente, o compromisso em atingir os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM) de erradicação da pobreza, garantindo uma vida decente para todos em 2030<sup>15</sup> proposto pelas Nações Unidas; o respeito pelos Direitos Humanos, a prossecução dos valores europeus de igualdade e dignidade e, mais recentemente, o apelo por parte da Comissão Europeia ao crescimento inclusivo da sociedade (concertado com os ODM), conduziu ao desenvolvimento da Estratégia 2020. A estratégia 2020 prevê a integração e o sustento adequado para as pessoas que vivem em exclusão e em situação de pobreza (EEGTICC, 2012). Uma das estratégias adotadas foi a reconsideração de outros arquétipos e padrões de intervenção, surgindo com maior veemência, atualmente, a centralidade da pessoa (Rogers & Rosenberg, 1977), a desinstitucionalização e os cuidados de base comunitária, em detrimento da institucionalização. Em matéria de políticas sociais e habitação, mais concretamente, afirmam-se pressuposições, cujos semblantes eram antes discretos: “de-institutionalisation and decentralisation; normalisation of living conditions (including housing conditions); individualisation of support; move from place-centred support (supported housing) to person-centred support (support in housing)” (Edgar *et al.*, 2000 cit. Busch-Geertsema, 2012, p. 211).

### 3.2.1. Educação permanente (e comunitária)

Tendo como referente um termo já enunciado - a educação permanente (Faure, 1972; Canário, 1999) - , quase que reflexivamente surge automaticamente um outro: “sociedade educadora”, “tudo pode e deve tornar-se uma oportunidade para aprender e realizar o potencial de cada um” (Faure, 1972). Neste sentido, não se pode desconsiderar a reflexão de Alberto Melo, Licínio Lima e Mariana Almeida (2002, p.71): “A aprendizagem não se pode restringir às estruturas educativas, pois ocorre também, de maneira informal e até incidental, em diversos “contextos educadores””. É necessário explorar as características dos vários contextos de aprendizagem,

pelo reconhecimento do seu papel indirecto, mas crucial, na motivação e facilitação da participação em actividades EFA mais estruturadas (podendo, pois, contribuir para corrigir desigualdades de acesso por parte dos grupos mais desfavorecidos), e também na manutenção e potenciação das competências aí adquiridas (Melo, Lima & Almeida, 2002, p.71).

---

<sup>15</sup> European Commission. (2013). *A decent Life for All: ending poverty and giving the world a sustainable future*. Brussels: European Commission.

Em súmula,

o envolvimento em processos colectivos, frequentemente promovidos por organizações cívicas e solidárias de carácter local e definidos em torno de questões relevantes para a comunidade  com frequência a pr-condição indispensável para um ulterior percurso individual e colectivo de aprendizagem permanente (Melo, Lima & Almeida, 2002, p.72).

Princípios que foram considerados para o desenvolvimento do projeto de investigação e que são amputados se não se discutir as raízes críticas, humanistas e libertadoras que lhes do corpo, nomeadamente, as perspetivas de educação popular (Freire, 1970), feminista (Smith, 1987) e participativas (Ander-Egg, 1990; Lima, 1994; Tripp, 2005), particularmente através do desenvolvimento e aplicação do *photovoice* autointerpretado<sup>16</sup>.  *sinae qua non* dele a perspetiva de educação popular, pois “stresses the importance of people’s sharing and speaking from their own experience, creating an analytical perspective from which to relate their situations to root causes, and developing solutions and strategies for change (Wang, 2000, p.82); em igual medida  um movimento feminista, uma vez que “suggests that power accrues to those who have voice, set language, make history, and participate in decisions” (Wang, 2000, p.82) e, por último, as abordagens participativas intimamente associadas ao *photovoice*, constituem uma abordagem “to representation and demonstrate ways in which women, children, homeless, youth and others can effectively use photography as a personal voice” (Wang, 2000, p.82). Num sentido mais abrangente, não são subjacente ¢ fotografia documental/narrativas, mas transversal a todo o projeto de investigação-ação e ¢ avaliação, a abordagem participativa encerra muitas potencialidades “sobretudo no quadro de projectos de desenvolvimento comunitário em ¢reas desfavorecidas (geograficamente, culturalmente, economicamente, etc.)” (Lima, 1994, p.32).

Por último, mas não menos pertinente, na senda de alertar para dinâmicas de estigmatização evitáveis – inter e intrasistmicas -, numa perspetiva de educação comunitária indissociável do explanado conceito de educação permanente (também ¢mbito de intervenção deste projeto), a educação comunitária desenrola-se

sempre do ponto de vista da educação de todos dentro de uma comunidade específica (o país e as regiões) e, de uma maior e mais lata, a humanidade. Começa-se também a perceber que se queremos sobreviver  preciso investir nas dimensões que tornam os homens mais responsáveis pelo destino comum, sendo portanto, necessário incrementar-se a sensibilidade de cada um perante os problemas dos outros (Oliveira, 1999, p.263).

---

<sup>16</sup> Verificar no Capítulo 5 – Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação.

### 3.2.2. Centralidade da Pessoa

Sob a perspectiva da pessoa assumir centralidade, Rogers considera que

“o ser humano é, em seu cerne, um organismo em que se pode confiar” e a abordagem centrada na pessoa, nas mais diversas circunstâncias, consiste em “prover certas condições psicológicas que facilitam a liberação deste fluxo subjacente para a realização construtiva das complexas possibilidades da pessoa (Rogers & Rosenberg, 1977 *cit.*1976, p.1).

Esta assunção não ultraja a assunção e valorização da dimensão comunitária, contrariamente ao que, tendencialmente, se poderia expectar. Não se estabelece uma relação disjuntiva e policêntrica, mas concêntrica, não fosse o elemento-base da organização comunitária o indivíduo, a pessoa, pois “a complexidade lógica de *unitas multiplex* nos pede para não transformarmos o múltiplo em um, nem o um em múltiplo. (Morin, 2005, p. 180). A redução do todo às suas partes inibiria potencialidades, assim como a lógica inversa. “Como dizia Pascal, «é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, como é impossível conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes» (Morin, 2005, p.31).

### 3.2.3. Institucionalização

Algumas das opções existentes, atualmente, para a população em situação sem-abrigo são a sua institucionalização ou prestação de cuidados numa instituição. As aceções em relação as estas duas terminologias divergem de país para país, de acordo com o enquadramento legal e da cultura organizacional, porém, relevando este último aspeto, o Grupo Europeu de Especialistas sobre a Transição de Cuidados Institucionais para Cuidados Comunitários (EEGTICC)<sup>17</sup> (2012, p.25) considera que numa cultura organizacional institucionalizada:

residents are isolated from the broader community and/or compelled to live together; residents do not have sufficient control over their lives and over decisions which affect them; and the requirements of the organization itself tend to take precedence over the residents' individualised needs.

Porém, pensar uma alternativa orientada apenas para a diminuição do tamanho do espaço, por si só, não garante que a cultura organizacional ‘institucional’ naquele espaço deixa de se fazer sentir. Essa possibilidade desvanece, se se afigurarem outras variáveis, a considerar: salvaguarda de um elevado nível de escolha e autodeterminação, participação comunitária e a

---

<sup>17</sup> Originalmente, *European Expert Group on the Transition from Institutional to Community-based Care* (tradução livre).

garantia de que os sistemas de qualidade têm impacto na no nível e qualidade do serviço prestado (EEGTICC, 2012). Paralelamente, se prevalecer um registo coercivo e impositivo por parte de quem providencia/apoia os serviços, resvala-se para a permanência de laivos institucionalizantes, residindo o ponto nevrálgico nas práticas e não no espaço físico.

### 3.2.4. “Tratamento Primeiro” ou “Em Escada”

À semelhança da realidade internacional, em Portugal, prevalece uma abordagem dirigida à população em situação sem-abrigo baseada em modelos denominados por “Tratamento Primeiro” ou “Em Escada”.

Estas abordagens

disponibilizam um conjunto de programas residenciais onde são prestados serviços de tratamento e reabilitação psiquiátrica, e têm como objectivo a estabilização clínica e a funcionalidade crescente dos participantes, através do ensino de competências sociais e de gestão doméstica (Ridgway & Zipple, 1990) (Zilhão, 2013).

Segundo estes modelos e de acordo com os autores Sahlin (2005) e Benjaminsen & Dyb (2008) citados por Crane, Warnes, & Coward (2012): “homeless people move progressively through emergency accommodation and transitional housing to independent accommodation, as problems such as alcohol and drug misuse are addressed and they acquire the skills to live independently (Crane, Warnes, & Coward, 2012, p.17). É um processo faseado, durante o qual, inicialmente, têm acesso a camas, balneários, alimentação. Posteriormente, são encaminhados para casas de transição, residências comunitárias de grupo e quartos de ocupação única supervisionados. Paralelamente, no início da integração nestes modelos, a supervisão e os serviços de suporte e tratamento são intensivos e em alguns contextos habitacionais bastante restritivos. No final, os serviços de suporte são quase mínimos ou inexistentes. (Zilhão, 2013; Ornelas, 2008; Ridgway & Zipple, 1990), o que compromete o sucesso destes modelos, pois “the ultimate goal of this model is independent living, the environment fosters dependence. Residents have little choice or freedom concerning treatment or housing options and the move to independent housing may take years” (Tsemberis & Asmussen, 2009, p.116).

### 3.2.5. Os cuidados comunitários no contexto internacional<sup>18</sup>

Tradicionalmente, os cuidados comunitários eram definidos pela localização geográfica da residência dos residentes/utentes. Com o passar dos anos, alternativas foram sendo introduzidas como o sentimento de pertença numa/mais comunidades, constituindo o princípio para a integração social. Sendo, portanto, indissociável a interpenetração destes dois conceitos. Nesta linha de pensamento, no que respeita a estes cuidados são depositadas expectativas de crescentes interações sociais, maior apoio social e maior acesso a recursos de terapêuticos que contribuam para o melhoramento da qualidade de vida da pessoa, minimizem o isolamento social e previnam novas hospitalizações (Fellin, 2015).

Os cuidados comunitários compreendem um espectro de serviços (alojamento, cuidados de saúde, educação, emprego, cultura e lazer) que permitem que os indivíduos vivam em residências independentes, em comunidade e lhes tenham acesso “regardless of the nature of their impairment or the required level of support. It also refers to specialised services, such as personal assistance for persons with disabilities, respite care and others” (EEGTICC, 2012, p.27).

Como já levemente sublinhado previamente, os cuidados comunitários pressupõem i) participação plena na comunidade; ii) escolha(s) informada(s) e controlo individual, tendo em consideração as perspetivas dos residentes/utentes; iii) apoio adaptado à situação individual (centrado na pessoa); iii) continuidade do apoio enquanto necessário; iv) separação do alojamento do apoio, o que significa que o apoio não deverá ser puramente determinado pela localização do residente, mas pelas suas necessidades e características. Como corolário lógico, se este decidir mudar de residência/organização da casa, o apoio providenciado não ficará comprometido (EEGTICC, 2012).

Meta-analiticamente perspetivando, “With this formulation, the personal community serves as a context for the development of treatment and social service goals” (Fellin, 2015, p.60). Os cuidados comunitários não estão contemplados quando se vive em residências independentes, porém, “[os residentes] referem a necessidade de existirem serviços de suporte disponíveis, sempre que necessário (Goering & Durbin, 1990; Forchuck, Nelson e Hall, 2006; Harp, 1990)” (Zilhão, 2013, p.13).

---

<sup>18</sup> Tradução livre. Originalmente, *community based-care*.

### 3.2.6. Os cuidados comunitários em Portugal

A europeização das políticas nacionais de educação e sociais é uma realidade irreversível, incitada numa primeira instância supranacionalmente, particularmente, pelo Conselho Europeu e, conseqüentemente, pela Comissão Europeia (CE) através do Método Aberto de Coordenação (MAC) e, numa segunda estância, legitimadas por instâncias nacionais. O MAC é um instrumento de mudança, homogenização, comparação e identificação de melhores práticas mas, sobretudo, de regulação, neste caso em particular, das políticas educativas e sociais no espaço europeu através das *soft laws*<sup>19</sup>. Esta ambição ganhou dimensão, especialmente, no período pós-estratégia de Lisboa, a partir de 2000, ambicionando tornar a Europa no espaço mais competitivo à escala mundial, tanto económica como socialmente (Hozjan, 2009).

No que a esta matéria diz respeito, um dos objetivos da Estratégia Europa 2020 é reduzir o número de pessoas a viver em pobreza e em exclusão social para 20 milhões. Para o efeito, foi instituída a Plataforma Europeia contra a Pobreza e a Exclusão Social (PECPES), sendo, que sublinha a necessidade de

Make full use of financial instruments and in particular, the European Social Fund, the European Regional Development Fund and the European Agricultural Fund for Rural Development to support social and territorial cohesion, with a particular focus on combating urban and rural deprivation and promoting community-based approaches for local development, including urban regeneration (PECPES, 2013, p.5).

Paralelamente, a PECPES (2013) pretende desenvolver iniciativas integradas nas áreas do alojamento, educação, saúde, proteção social, emprego que conduzam à inovação social.

No território nacional, os cuidados comunitários desenvolvem-se (des)articulada e (des)fracionadamente entre campos disciplinares, particularmente, no que respeita às dominantes áreas da saúde e social. Estes cuidados, nomeadamente, os de saúde desenvolvem-se no seio da rede de cuidados primários através das Unidades de Saúde Familiar (USF) e, a um nível meso, através dos Agrupamentos de Centros de Saúde (ACES).

Uma outra dimensão de reforma estrutural do sistema de saúde refere-se aos cuidados comunitários, continuados e paliativos. Trata-se, para além de

---

<sup>19</sup> As *soft laws* ou leis brandas são *sinae qua non* do MAC, tornando as decisões tomadas a nível europeu tangíveis aos seus cidadãos, num contexto nacional, regional e local. Concretizam-se em orientações, orientações e objetivos a curto, médio e longo prazo com os respetivos calendários estabelecidos cooperativamente entre os Estados-membros, ausentes de um caráter coercivo em caso de incumprimento.

estratégias preventivas da saúde, de promover os cuidados domiciliários, de modo a que as pessoas permaneçam na sua residência sempre que possível. Note-se que o conceito de cuidados primários subjacente à Declaração de Alma Ata abrange tanto os cuidados comunitários como a intervenção curativa da clínica geral (Nunes, 2015, p. 88).

Por outro lado, os serviços sociais, prevalentemente domiciliários encontram-se sob alçada da iniciativa privada e das instituições de solidariedade social.

A competição gerada entre o Sistema Nacional de Saúde e a iniciativa privada e as instituições de cariz social (misericórdias, por exemplo) pode proporcionar uma maior flexibilidade de escolha aos utilizadores, e um aumento da sua satisfação e bem-estar, podendo os benefícios ser incrementados com uma gestão mais eficiente dos recursos humanos e materiais (Nunes, 2015, pp.88-89).

À luz dos cuidados comunitários versados na literatura estrangeira, a iniciativa tangente a ela na sua multidisciplinaridade foi a criação da rede de Cuidados Continuados de Saúde (Decreto-lei nº 281/2003, de 8 de Novembro), ainda assim bastante remota, “pretendendo precisamente reverter esta situação e articular a prestação destes cuidados – essencialmente a cargo da solidariedade social – com a rede hospitalar e de cuidados primários, integrando-a a de jure no sistema de saúde” (Nunes, 2015, p.93). Em 2006, foi levada a cabo uma reorganização da rede, convertendo na Rede Nacional de Cuidados Integrados, na tentativa de consertar atividade entre o Ministério da Saúde e o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social através da Unidade de Missão para os Cuidados Integrados Continuados (UMCIC). Embora pincelada por orientações inter e multidisciplinares, holísticas, centradas na pessoa: “Prestação individualizada e humanizada de cuidados; Proximidade da prestação dos cuidados, através da potenciação de serviços comunitários de proximidade; Multidisciplinaridade e interdisciplinaridade na prestação dos cuidados;” (UMCIC, 2007, p.5) ainda mantém um teor marcadamente patologizado, de reabilitação terciária e assistencialista constituindo como objectivo geral da Rede “a prestação de cuidados continuados integrados a pessoas que, independentemente da idade, se encontrem em situação de dependência.” (UMCIC, 2007, p.6). Fazendo um paralelismo com o modelo HF Braga, é precisamente na organização dos cuidados e intentos que se encontra o desfasamento, fomentando a autonomia dos residentes, proporcionando um espectro mais diversificado de apoio, promovendo ligações comunitárias, a outros serviços e atividades no exterior do domicílio.

### 3.3. Identificação dos contributos teóricos mobilizados para a problemática específica de intervenção/investigação

Neste ponto dar-se-á espaço à exploração de literatura relativa ao fenómeno sem-abrigo e de significações associadas aos temas convocados pelos residentes e utentes durante as sessões de *photovoice* e durante as entrevistas exploratórias, especialmente, para traduzir as suas dos mesmos, a saber: Amor, Habitação, Família, (Re)Inserção Social, Direitos Humanos e Natureza. As narrativas enquanto instrumentos de natureza simbólica e/ou metafórica foram um recurso utilizado em grande parte das atividades de intervenção e avaliação desenvolvidas (apresentadas no capítulo 5 e nos respetivos apêndices).

#### 3.3.1. O fenómeno sem-abrigo

O conceito “sem-abrigo” alberga, por excelência, heterogeneidade, tanto na sua semântica, como na sua (i) materialização/operacionalização face à multiplicidade de fatores estruturais e individuais conducentes a essa condição e catalogação. Ainda assim, são inúmeras as diligências que se têm vindo a tomar a nível europeu e a nível nacional para harmonizar a sua concetualização e, por extensão, as políticas e práticas que em torno dela orbitam. Tenta-se em igual medida não cristalizar excessivamente atributos, estigmas e estereótipos, pois estando em concordância com Pais (2006, pp.33-34), relativamente a este tema: “Embora vivamos numa sociedade que favorece a afirmação da individualidade, há claros sinais que apontam para uma dissolução das singularidades na massa pública”.

A FEANTSA (2005) estruturou um enquadrament<sup>20</sup> – ETHOS (2016) - que reporta, genericamente, para um *continuum* de quatro situações de sem-abrigo: i) sem-teto, ii) sem alojamento, iii) com habitação precária e iv) com habitação inadequada. Perseguindo uma lógica análoga e marcadamente mais parca, a ENIPSA (2009) lista características que elencam um potencial indivíduo para a situação sem-abrigo: i) (i)rregularização da situação de estrangeiros no país (autorização de residência); ii) sem-teto (pessoas que pernoitam em espaços públicos, em abrigos de emergência ou em locais precários: carros, escadas, entradas de prédios e edifícios abandonados) e iii) sem-casa (pessoas que estejam num Centro de Alojamento Temporário).

Não percecionando a condição de sem-abrigo como passível de ser redutível, sobretudo, a uma esfera física por quem nela *está* - (em situação sem-abrigo) e que alguns advogam *ser*

---

<sup>20</sup> Cfr. Anexo 5.

(sem-abrigo), remetendo o verbo *estar* para uma promessa de futuro mais auspiciosa e promissora e o verbo *ser* para um determinismo pré-declarado de insucesso rumo à (re)inserção, fruto de tentativas cumulativas de insucesso (Pereira, Barreto & Fernandes, 2000) - , afloram aceções. Estas aceções englobam, progressivamente, signos de sentimentos de pertença e posicionamentos relativamente aos sistemas onde está (des)integrado. A título de exemplo, para alguns “é uma clara sobrevivência de uma insuspeita «morte social» - estado de alienação, de afastamento das redes sociais de parentesco em ambos os sentidos genealógicos (ascendente e descendente)” (Pais, 2006, p.47); “Um Sem-Abrigo é uma pessoa que, além de não possuir um local para habitar, perdeu progressivamente os laços com a família, os amigos e a sociedade em geral. Podemos dizer que é um excluído social e, quase sempre, um pobre” (Bento & Barreto, 2002, p.205).

Na esteira destas perspetivas, é incontornável explorar o conceito de desafiliação (Castels, 2009), pois a desafiliação é perene, manifestando-se em algumas situações a montante e a jusante da situação de sem-abrigo ou escoltando toda a trajetória individual. Este conceito “descreve a situação das sociedades actuais melhor do que a ideia de exclusão, permitindo-nos apreender as alterações que estas sociedades estão a conhecer de forma dinâmica, contrapondo-se ao carácter tendencialmente estático associado à noção de exclusão social” (Aldeia, 2011, p.26).

Esta concetualização não deverá ser considerada no seu mais *stricto sensu*, deterioração dos laços familiares e pauperização e extinção das suas dinâmicas, pois em *lato sensu* representa a

redução das possibilidades de acesso aos direitos de cidadania que, *in extremis*, se traduz em exclusão política. E, de modo complementar, trata-se igualmente de uma redução da protecção e do reconhecimento que derivam dos laços com a família, os amigos, os vizinhos, os colegas de trabalho.« (Aldeia, 2011, p.11).

A este propósito, importa perceber as matizes que os laços poderão assumir e que significâncias encerram, uma vez que constituem um fundamental recurso inalienável à existência e sobrevivência do indivíduo, no fundo, inalienável ao seu processo auto-organizativo e à interação/integração em diferentes (sub)sistemas.

Os laços são múltiplos e de natureza diferente, mas eles fornecem todos aos indivíduos simultaneamente a protecção e o reconhecimento necessários à sua existência social. A protecção remete para o conjunto de suportes que o indivíduo pode mobilizar face aos acasos da vida (recursos familiares, comunitários, profissionais, sociais...), o reconhecimento remete para a

interacção social que estimula o indivíduo fornecendo-lhe a prova da sua existência e da sua valorização aos olhos do outro e dos outros. A expressão «contar com» [«compter sur»] resume bastante bem o que o indivíduo pode esperar da sua relação com os outros e com as instituições em termos de protecção, enquanto que a expressão «contar para» [«compter pour»] exprime a esperança, igualmente vital, de reconhecimento (Paugam, 2010, p.63 cit. Aldeia, 2011, p.35).

Reiterando Paugman (2014), conforme as matizes que os laços possam assumir, estes podem ser considerados primários os i) laços de filiação e, portanto, de natureza biológica, representando uma forte dimensão afetiva e de construção identitária; ii) os laços de participação eletiva, a rede de pertença selecionada pelo sujeito (cônjuges, amigos e outros próximos), representando relações que vão de encontro aos seus desejos, aspirações e valências emocionais; iii) os laços de participação orgânica são aqueles estabelecidos na esfera laboral, representando o reconhecimento social pelas funções laborais desempenhadas, mas também segurança e protecção social

caractérise par l'apprentissage et l'exercice d'une fonction déterminée dans l'organisation du travail. (...) Autrement dit, l'intégration professionnelle ne signifie pas uniquement l'épanouissement au travail, mais aussi le rattachement, au-delà du monde du travail, au socle de protection élémentaire constitué à partir des luttes sociales dans le cadre du welfare (Paugam, 2014, pp.47-48).

Para finalizar, os laços também poderão ser considerados iv) laços de participação cívica que estão, umbilicalmente associados ao reconhecimento individual enquanto cidadão e a integração numa uma/várias comunidades, revendo-se nesta matiz/categoria a protecção jurídica, sejam e termos civis, políticos ou sociais.

A apresentação e discussão empírica demonstrará como a fragilidade e rutura destes laços são determinantes para a condução à situação de sem-abrigo e, como esse enfraquecimento ou cisão não é sinonímia de desvalorização e não-lugar nas suas vidas, confirmando-se, pelo contrário, a sua omnipresença através das narrativas dos residentes do projeto HF e dos utentes do CAT.

### **3.3.2. Conceitos *Sensibilizadores***

Para a interpretação dos temas identificados pelos participantes neste projeto de investigação e intervenção, procedeu-se à convocação teórica associada a alguns conceitos, identificados nos subpontos que se seguem. A revisão literária dos mesmos apenas traduzirá

ideias *sensibilizadoras* (Blumer, 1954; Pais, 2006, p.27). Isto é, traduzirão indícios de orientação e análise que serão mais aprofundadamente discutidos no ponto “5 Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação” e não conceitos definitivos. Idealmente, estas ideias sensibilizadoras que se seguem deveriam traduzir percepções de pessoas que estiveram em situação de sem-abrigo, porém, ainda não é amplamente nem parcamente explorado na literatura científica, à exceção do conceito “habitação”.

### 3.3.2.1. Amor

A polimorfia que a palavra “amor” pode assumir, estava bem presente na Grécia Antiga, assumindo vários contornos, nomeadamente, *eunoia* (boa vontade, benevolência), *physike* (bondade, amabilidade para com pessoas de outras culturas), *xenike* (bondade, amabilidade para com convidados e estranhos), *eros* (romance, desejo sexual), *philia* (amizade), *storge* (ternura, amor entre familiares) e *agape* (afeição desinteressada, empatia, amor pela humanidade) (Post, 2003).

A aceção de “amor” primeiramente explorada, “amor simbólico” (Flanagan, 2012) surge por justaposição ao conceito de “violência simbólica” defendida por Bourdieu (1990). Flanagan desenvolveu esta percepção durante o seu estágio com população em situação de sem-abrigo, partindo do pressuposto de que a violência simbólica tem consequências tangíveis: promoção de sentimentos de medo, isolamento, culpa e alienação. “In contrast, symbolic love is overt empowerment that serves to deconstruct social hierarchies through practices that undermine authority” (Flanagan, 2012, p.126) e capaz de promover amor próprio, inclusão, auto-perdão e confiança nos outros.

### 3.3.2.2. Habitação

Ao conceito “habitação” podem estar associadas características físicas, afetivas e de afiliação (ver ponto 3.3.1. “O fenómeno sem-abrigo”), sendo digna a referência a segurança ontológica originalmente apresentado por Giddens (1990, p.92) como

the confidence that most human beings have in the continuity of their self-identity and in the constancy of the surrounding social and material environments of action. A sense of the reliability of persons and things, so central to the notion of trust, is basic to feelings of ontological security; hence the two are psychologically related.

Posteriormente, o conceito foi adaptado às vantagens de uma habitação, salientando-se a constância, a privacidade e não sujeição à vigilância, o desenvolvimento de rotinas diárias e ao facto de ser uma espécie plataforma para o desenvolvimento da identidade (Dupuis & Thorns, 1998). Estas representações foram posteriormente corroboradas no Programa *Housing First* por Padgett (2007, 2012) e outras vantagens foram salientadas como o equilíbrio das regras institucionais, apoio adequado, integração comunitária e a contemplação da autonomia do sujeito (Ogden, 2013), assim como a emergência de discursos de gratidão (Padgett, 2012) e esperança (Kirst *et al*, 2014).

### 3.3.2.3. Família

O conceito “família” tem uma teia de significâncias, uma construção social fruto de dinâmicas internas e externas nos diferentes ecossistemas em que se insere. Assim, em sentido lato, nas famílias contemporâneas surgem imagens de “refúgio, da família enquanto lugar de intimidade e da afectividade, espaço de autenticidade, arquétipo de solidariedade, de privacidade, juntam-se as imagens da família como lugar de inautenticidade, de opressão, de obrigação, de egoísmo exclusivo, a família como geradora de monstros, de violência, a «família que mata»” (Saraceno, 1992, p.13).

### 3.3.2.4. (Re)Inserção Social<sup>21</sup>

Os temas “(Re)Inserção Social” e “Direitos Humanos” são os conceitos, por excelência, mais aglutinadores em termos de ideias, percepções e sentimentos, congregando em si os temas anteriores e/ou interligando-se a eles, pois refletem o contexto individual de cada um e os projetos de vida pessoais a eles associados e autodeterminados.

(Re)inserção social surge por oposição ao conceito de exclusão social e à precarização dos Direitos Humanos. Sumariamente, pode remeter para ideias centrais como a autodeterminação, (re)construção paulatina da identidade e de um projeto de vida. No fundo o aprofundamento da já referida segurança ontológica. Segundo Capucha (1998, p. 61):

trata-se também de possuir condições para estabelecer um projecto de vida, construir um estatuto e uma identidade social, alimentar uma

---

<sup>21</sup> Inicialmente, era intuito da estagiária explorar na parte teórica percepções sobre os temas explorados no photovoice: “Habitação”, “Família”, “Amor”, “Reinserção Social”, “Direitos Humanos” e “Natureza”. Porém, de acordo com a revisão bibliográfica realizada a nível internacional e nacional não evidencia percepções acerca de todos estes temas. Adicionalmente, os temas estão demasiadamente interligados, tornando o processo de definição individual desprovido de sentido e ambicioso. “Direitos Humanos” e “Reinserção social” são, por exemplo, considerados pela estagiária termos agregadores que aglutinam todos os outros.

imagem positiva de si próprio, alargar as redes de sociabilidade, manter uma relação com instituições e serviços colectivos, adquirir direitos à saúde e à protecção social e sentir-se dono do seu próprio destino e do da sua família.

### **3.3.2.5. Direitos Humanos**

A História dos Direitos Humanos remonta à Antiguidade Clássica, porém, a emissão da Declaração dos Direitos, em 1689, em Inglaterra, e a influência dos ideais iluministas que culminaram com a Revolução Francesa, encetaram outras revoluções no mundo ocidental e a emissão a promulgação de uma série de documentos que viriam, a estabelecer as bases dos Direitos Humanos. Entre eles, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789, França) e a Carta de Direitos (1791, EUA). Em 1919 foi criada a Sociedade das Nações, primeira organização mundial que visava garantir a paz mundial, logo após a primeira guerra mundial pelo Tratado de Versalhes.

Os Direitos Humanos atingiram o apogeu no séc. XX, no período pós 2ª Guerra Mundial, com a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) que visa o “reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família Humana e da igualdade e dos seus direitos inalienáveis, constitui a fundação da liberdade, da justiça e da paz no mundo”. A Declaração nasceu no seio da Organização das Nações Unidas (ONU), edificada após a promulgação da Carta das Nações Unidas que descriminava uma série de propósitos entre os quais evitar a Guerra, reafirmar a fé nos Direitos Humanos (DH) e promover o progresso social (ONU, 1945). Porém, a promulgação destas Cartas não é garantia do reconhecimento dos DH, particularmente do direito à habitação e sinónimo de progresso social.

## 4. Enquadramento Metodológico do Estágio

### 4.1. Paradigma

Tendo em consideração a mundividência subjacente aos conceitos, às bagagens semânticas e representações que transportam, que mutam de acordo com a conceção e perceção que se tem da realidade, nesta fase, um dos corolários lógicos é esclarecer a significação das abordagens metodológicas selecionadas, apresentando, aprioristicamente, o *rationale* associado às etapas do projeto de intervenção e investigação.

Etimologicamente, o termo “paradigma”, de origem grega, traduz verbos como “mostrar, apresentar, confrontar” e também a minha ótica passará por uma confrontação de visões, especialmente, na definição deste termo.

Resumidamente, segundo Kuhn (1977, p.358): “um sentido de ‘paradigma’ é global, abarcando todos os interesses partilhados por um grupo científico”, constituindo a matriz disciplinar. Por outro lado, também pode ser “exemplar”, isolando “um género particularmente importante de interesse, e é assim um subconjunto do primeiro. É “exemplar”, pois é considerado um arquétipo, uma solução para um problema estabelecido em teoria.

Neste projeto de intervenção/investigação, perfilharemos a visão de Morin (2002, p.304) assente na ideia de que um “paradigma é de carácter, ao mesmo tempo, semântico, lógico e ideo-lógico”, que “orienta, governa, controla a organização dos raciocínios individuais e dos sistemas de idéias que lhe obedecem” (Morin, 2002, p. 304).

Tendo em consideração as finalidades e objetivos do projeto *Housing First* ao qual o plano de intervenção/investigação está subjacente, a especificidade do público-alvo a eles inerente, bem como as suas trajetórias individuais tão distintas e, portanto, imprevisíveis; e, a consideração do princípio de integração na comunidade sob uma perspetiva individualizada, autodeterminada e holística do ser humano (Oliveira, C. C, 2000), pareceu-nos que o paradigma da complexidade é aquele que mais fidedignamente legitimará todas estas características enunciadas. Esta legitimação surge em antemão por justaposição a uma conceção dicotómica (Macedo & Amaral, 2005), uma visão binária que exclui mutuamente, nega ou oprime o termo oposto, ou seja, a complementaridade disciplinar e de saberes. O paradigma da complexidade rejeita o reducionismo, o determinismo dos fenómenos e visões segmentadas acerca da(s) realidades em estudo, especialmente quando essa(s) realidade(s) são interdependentes do ser humano.

Por exemplo, se tentamos pensar no fato de que somos seres ao mesmo tempo físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou unifica-os por uma redução mutilante. (...) De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. (...) Dito isto, ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza (Morin, 2005, pp.176-177).

## **4.2. Objetivos**

Corroborando Fortin (1999, p. 100) os objetivos deverão ser “um enunciado declarativo que precisa as variáveis-chave, a população alvo e a orientação da investigação”. Atribuindo uma orientação comunitária e individual, os objetivos gerais e específicos encontram-se infra discriminados, sendo que os gerais se operacionalizam nos específicos.

### **4.2.1. Objetivos gerais**

- 1- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
- 2- Promover a integração e/ou inclusão comunitária dos residentes;
- 3- Promover a autonomização dos residentes e a sua participação social.

### **4.2.2. Objetivos específicos**

**Do Geral 1** - Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações dos residentes;

- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
- Criar um plano de desenvolvimento pessoal com e para cada residente de acordo com os objetivos estabelecidos;

**Do Geral 2** - Incentivar nos residentes comportamentos tolerantes e anti-discriminatórios;

- Incentivar nos residentes competências de resiliência e gestão emocional;
- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;
- Sensibilizar a comunidade para o perigo de discursos e comportamentos de ódio, preconceituosos, estereotipados e discriminatórios.

**Do Geral 3** - Promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e social;

- Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo;

- Ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações;

### 4.3. Métodos e técnicas

Inserimos este trabalho dentro de uma metodologia qualitativa (cf. apêndice. 3), o termo “método” tem origem grega – *methodos*, sendo uma aglutinação dos vocábulos *meta* e *odós*, reforçando a ideia de habilidade na delineação da estratégia para alcançar os objetivos projetados.

Por outro lado, o termo “técnica”, com a mesma origem *technē* (TecEduca, 2010), refere-se à criação, produção, concretização, operacionalização. Transpondo para a intervenção/investigação, a técnica concretiza-se na realização das atividades.

De acordo com Albarello *et al* (2011), a recolha de dados é *sinae qua non* de seleção materiais apropriados. Para o efeito é necessário “a) estabelecer adequadamente o «estatuto teórico» dos materiais; b) escolher os materiais apropriados; c) formar conjuntos de materiais logicamente racionais” (Albarello *et al*, 2011, pp. 166-167).

Relativamente ao aspeto a), espera-se “reunir ou fazer emergir materiais que revelem mais directamente sistemas de sentido efectivamente operantes nos sujeitos. (...) Identificar aquilo que um material revela exactamente é formular a questão do seu «estatuto teórico» aos olhos da análise.” (Albarello *et al*, 2011, p.167). No que concerne ao aspeto b), os materiais seleccionados deverão ser úteis à investigação, sendo que, segundo o mesmo autor, “os melhores materiais são aqueles em que os sujeitos se exprimem à sua maneira, com o mínimo de restrições ou induções externas e igualmente com a maior riqueza em conteúdos e em combinações de sentido” (Albarello *et al*, 2011, p.169). Respeitante ao aspeto c) “Tendo de escolher, em vez de observações numerosas e de materiais relativamente pobres, preferimos, pois, observações mais raras, mas com materiais ricos, susceptíveis de revelarem tipos ou modelos com uma densidade de informação óptima” (Albarello *et al*, 2011, p.172).

Entre os métodos empregues no projeto de investigação-ação elencamos i) a análise documental; ii) narrativas, nomeadamente, orais, escritas, pictóricas e autobiográficas; iii) a observação; iv) as conversas informais e as v) as entrevistas.

#### i) Análise documental

A análise documental é um método de investigação que recorre à informação disponível em vários tipos de fontes a partir das quais se obtêm um conhecimento do objeto a estudar, podendo estas fontes ser escritas e não escritas. As não escritas são apenas vestígios materiais, imagens e fontes áudio/vídeo; as fontes escritas, tal como o próprio nome indica, são relatos

escritos de algo, podendo ser documentos oficiais, fontes não oficiais e fontes estatísticas (Albarelo *et al*, 2011). Neste projeto em particular, centrámo-nos em todas elas, excetuando as fontes estatísticas, para obter um conhecimento mais aprofundado da(s) cultura(s) organizacionais, do projeto *Housing First* e *Housing First* Braga e dos seus utentes e respetivos processos individuais. *A posteriori* a análise documental, possibilitou o preenchimento dos projetos individuais (cf. Anexos 2, 3 e 4), onde estão contempladas as estratégias, período de tempo e resultados esperados nas seguintes dimensões: gestão da habitação, documentação e assuntos legais, acesso a serviços, rendimento e benefícios sociais, profissional e educativa/formativa, integração comunitária (lazer, desporto) e promoção de independência e bem-estar (Ornelas, 2013) e uma proposta pela estagiária a integrar o processo individual (Cf. Apêndice 12).

O propósito fundamental da análise documental consiste em apurar a veracidade e autenticidade dos documentos e promover uma análise posterior das práticas socioculturais a que se referem, para encontrar congruências ou incongruências entre o modo de fazer e as racionalidades dos atores sociais, de modo a ser possível detetar as discrepâncias entre o discurso e a ação e a perceber as lógicas subjacentes às práticas. (De Ketele, 1999)

## ii) Narrativas

A ubiquidade temporal e transdisciplinar ao longo da história do método narrativo é algo que o caracteriza, permitindo o desenvolvimento de algumas premissas estruturantes, nomeadamente, a contextualização do discurso, a sequência dos acontecimentos num decurso temporal e apresentação de algum tipo de rutura (Todorov, 1968) ou construção relativamente ao contexto da história narrada (real, ficcional, recordada ou sonhada), bem como o sentimento/consciência associada à experiência narrada (Herman, 2009).

Canonicamente, as narrativas são artefactos, primordialmente, de natureza oral e escrita, porém, não se esgotam nesse espectro, assumindo também configurações pictóricas.

Barthes's larger point here is that narrative is not (or rather, not only) something in the text. To the contrary, stories are cognitive as well as textual in nature, structures of mind as well as constellations of verbal, cinematic, pictorial, or other signs produced and interpreted within particular communicative settings (Herman, 2009, p.8).

As distintas naturezas da narratividade foram utilizadas, valorizando-se sobremaneira a natureza pictórica, devido às particularidades sociodemográficas e pessoais do público-alvo (ver capítulo 2) e devido a evidentes e potenciais embargos de expressão.

A valorização dos discursos e das representações de diferentes naturezas desenvolvidas pelo público-alvo em análise, bem como das suas narrativas autobiográficas, torna-se estrategicamente incontornável para uma estratégia de auscultação de discursos, tipicamente, silenciosos ou silenciados; para uma desrotulagem dominante, percepção das trajetórias individuais, caracterização pessoal, construção e (re)definição identitária dos sujeitos. “Narrative research is therefore seen as providing opportunities and spaces for research participants as well as researchers. Riessman (2008) suggests that encouraging and allowing people to tell their narratives to us as researchers allows participants to negotiate their identities and to make meaning of their experience” (Bathmaker & Harnett, 2010, p. 3).

No processo de (re)definição identitária, a percepção do self do sujeito vê-se a assumir novos contornos, influenciando os papéis assumidos, conseqüentemente, as suas práticas. Ação necessária num prisma de empoderamento e de desenvolvimento pessoal dos sujeitos, mas também a ser desenvolvida e interpretada criticamente pela esfera pública/comunidade.

Em última análise, as narrativas ajudam a associar “problemas pessoais” a “problemas públicos” (Mills, 1959, p.248 cit. por Bathmaker & Harnett, 2010), mais precisamente, “how the connections between personal and public concerns may be understood and interpreted are important questions for narrative and life history research” (Bathmaker & Harnett, 2010, p. 1).

### iii) Observação

A observação, enquanto etapa do procedimento de investigação representa a “etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados para as testar, por outro” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 155). Este método diz respeito a um conjunto de procedimentos que possibilitam a recolha de dados para abordar uma determinada realidade; consiste na sua captação no preciso momento em que os factos ocorrem.

Quanto ao modo de realização, a observação, pode ser direta, implicando a presença física do observador, e indireta, feita recorrendo a intermediação. Quanto à postura do investigador pode ser participante, havendo interação estreita com os sujeitos, e não-participante havendo distanciamento e não interferência deliberada. Durante o período de intervenção/investigação a postura da estagiária foi, predominantemente, participante e operacionalizada através da construção de um diário de bordo, fonte de uma significativa parte dos dados (cfr. Apêndices 5 a 11, 14 e 16). Segundo Bogdan e Biklen (1994), este instrumento permite “uma descrição das pessoas, objectos, lugares, acontecimentos, actividades e conversas. Em adição e como parte dessas notas, o investigador registará ideias, estratégias,

reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem” (p.150). Paralelamente, permite o acompanhamento do desenvolvimento do projeto, evidenciando entradas de cariz descritivo e reflexivo.

É axiomático, nesta etapa, clarificar o posicionamento/relação do investigador com o objeto de estudo (neste caso, da estagiária), aquilo a que Bordieu (1978) denominou de *objetivação participante*. Nesse sentido, revendo e partilhando afinidade nas palavras de José Machado Pais (2006, p.24), não se poderia deixar de designar as descrições e reflexões manifestas de “narrações sofridas”, devido à inevitabilidade “de me distanciar daquelas vidas que reclamam a minha proximidade afectiva para melhor as entender”.

#### iv) Conversas informais

Sucintamente, as conversas informais para além de permitirem uma socialização secundária no seio da instituição e um conhecimento mais aprofundado do(s) seu(s) grupo(s) , “significa abertura, sensibilidade para sua lógica e sua cultura, lembrando-se de que a interação social faz parte da condição e da situação de pesquisa” (Pimenta & Severino, 2008, p.195). Excertos das conversas decorridas em diversos contextos, foram anotadas no diário de bordo.

#### v) Entrevistas

Relativamente às entrevistas, optou-se por recorrer a entrevistas exploratórias abertas e a entrevistas semiestruturadas. As primeiras direccionadas aos residentes do projeto *Housing First* permitiram conhecer fragmentos das histórias pessoais e as trajetórias dos indivíduos e fazer um levantamento de perceções acerca do projeto. As últimas, direccionadas para os utentes do CAT, permitiram conhecer fragmentos das histórias pessoais e as trajetórias dos indivíduos e fazer um levantamento acerca do CAT.

As entrevistas exploratórias ajudam a construir a problemática de investigação uma vez que pretende economizar tempo na leitura para a construção de hipóteses e na observação. Estas entrevistas “têm, portanto, por função revelar luz sobre certos aspectos do fenómeno estudado, nos quais o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo, e assim completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras” (Quivy & Campenhoudt, 1995, p. 67).

A entrevista semi-estruturada não é uma entrevista inteiramente livre, contudo, também não é orientada por um leque inflexível de perguntas estabelecidas *a priori*. Neste tipo de entrevista o investigador deixará entrar o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar, e pela ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á

simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado dele se afastar (Quivy & Campenhoudt, 1995).

As técnicas empregues no projeto de investigação-ação foram o i) *photovoice*, que se edificou de tal forma imponente e monopolizador ao longo do período de estágio que lhe foram acrescentadas novas nuances (autointerpretado<sup>22</sup>); o ii) *brainstorming*, o iii) grupo focal e iv) instrumentos simbólicos/metafóricos.

*i) Photovoice*

O *photovoice* é uma técnica utilizada na investigação-ação para o desenvolvimento comunitário, para o fomento do diálogo crítico e emancipação de grupos minoritários através da partilha de experiências vivenciadas por esses mesmos grupos, registadas através de fotografias, no seu dia-a-dia. Segundo Wang (1999, p.186) “as imagens contribuem para a forma como nós nos vemos, como nos definimos e relacionamos com o mundo e como nós nos apercebemos como significantes ou diferentes”.

Na perspetiva da mesma autora, a esta técnica estão associadas cinco ideias centrais: 1) as imagens ajudam a interpretar a realidade retratada; 2) as imagens conseguem influenciar a política; 3) as pessoas da comunidade devem participar na criação e na definição de imagens que moldem uma política pública saudável; 4) o processo exige que os planeadores envolvam os decisores políticos e outras pessoas influentes como audiência das perspetivas da comunidade e 5) o *photovoice* enfatiza a ação individual e coletiva.

A primeira fase do *photovoice* centrou-se no desenvolvimento de uma ação de informação para os participantes com o objetivo de os introduzir ao conceito, à técnica, ao poder a ela associado, propósitos, questões éticas e potenciais riscos para os participantes (residentes do projeto *Housing First* utentes do CAT, neste caso). Numa segunda fase, distribuíram-se e testaram-se as máquinas fotográficas. Numa terceira marcou-se uma reunião para selecionar as fotos, contextualizá-las, partilhar as experiências/histórias associadas, (des)construir os seus significados, identificar problemas ou preocupações e, sobretudo, potencialidades; para codificar os temas, problemas e/ou teorias, para possibilitar a proposta de soluções e/ou ações co-partilhadas/coparticipadas. A quarta fase representou a repetição da terceira fase quantas vezes necessária e/ou desejada. Na última fase, a quinta, procedeu-se à planificação com os

---

<sup>22</sup> Verificar no Capítulo 5 – Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação.

participantes acerca do formato de apresentação publicados registos fotográficos, histórias e recomendações discutidas à comunidade, diferentes organizações e decisores políticos, através da inauguração da exposição fotográfica “Olhares Sentidos”.

ii) *Brainstorming*

O *brainstorming* é provavelmente uma das mais afamadas ferramentas de resolução de problemas com recurso ao pensamento criativo (Isaksen, 1998). Incorporado no *photovoice*, o *brainstorming* afigurou-se como uma técnica essencial ao levantamento de perceções e ideias e discussão e categorização das mesmas.

Its popularity stems from the long-standing and pervasive need to improve the productivity of groups. It is simple, easy to learn, and has potential to dramatically improve group idea generation and enjoyment with the activity itself. Brainstorming's widespread familiarity is also explained by the fact that it was introduced in 1939 by an advertising executive who had expertise and experience with the process of selling ideas (Isaksen, 1998, p.3).

iii) Grupo focal

O *focus group* ou grupo focal é um método que pressupõe a discussão controlada focalizada num tema, tendo como participantes pessoas que partilhem características socioeconómicas, experiências ou vivências. Um objetivo fundamental deste método é fomentar um espaço e momento dialógico entre os participantes, de forma a facilitar a afloração das suas perceções sobre o tema em discussão e potenciar o desenvolvimento comunitário. A sua aplicação pode assumir-se vantajosa em grupos pré-existentes, quando se pretende potenciar uma discussão em profundidade e para identificar ou clarificar contradições entre as perceções e a realidade. Barbour (2009, pp. 31-32) alerta para o seguinte:

Os grupos focais podem estimular mudanças significativas e levar participantes a redefinirem seus problemas de uma forma mais politizada. Entretanto, um pouco de cautela é apropriado [...]. Verbalizar e compartilhar suas experiências pode muito bem ser catártico para as “classes agitadoras”. Todavia, suspeito que os benefícios das discussões focais sejam menos tangíveis para aqueles cujas vidas e possibilidades para efetuar mudanças são mais estritamente governadas por restrições estruturais. [...] se realmente fortalecem ou não um indivíduo depende do que acontecer depois da discussão grupal.

Neste sentido, recorreu-se ao grupo focal para proceder ao levantamento de percepções sobre as categorias *a priori* estabelecidas como prioritárias pelo grupo<sup>23</sup> e para que este se debruçasse na discussão e reflexão de recomendações a implementar na condição da população em situação de sem-abrigo e, particularmente, no CAT.

iv) Instrumentos simbólicos e/ou metafóricos

Os princípios intrínsecos do paradigma da complexidade não se extinguem por si só no domínio da abstração, reclamando em igual medida a sua operacionalização, intentos prevalentes, longitudinalmente, neste projeto de investigação-ação. Por outras palavras, tentando produzir o que Maria Manuel Araújo Jorge (1996) apelidou de *ciência-cultura*, superando a dialética senso comum *versus* conhecimento científico, recorrendo aos instrumentos simbólicos e/ou metafóricos. Os instrumentos metafóricos, a que particularmente Schön (1994) apelidou de *metáforas geradoras*<sup>24</sup>, são um veículo de expressão espontâneo e inalienável do grupo-alvo envolvido no estágio e, sincronamente, uma estratégia reforçada pela estagiária, uma vez que a explicação simbólica “não [é] puramente local, mas global, procura um sentido comum entre o mundo científico e os outros saberes. [...] Aí, o desafio que alguns sentirão, é o pensar conjuntamente a sua ciência com toda a experiência humana concreta, com aquilo que os filósofos chamam o “vivido” (Jorge, 1996, p.225). Algo a que a estagiária enquanto educadora e investigadora tentou responder e sistematizar.

O “vivido” é uma área sistematizada desde o séc. XX sobre a qual Dewey (1971) através do pragmatismo filosófico, Lewin através da psicologia gestáltica, Piaget através da psicologia do desenvolvimento se debruçaram desde o século XX, denominando-a de aprendizagem experiencial. Também Jung através da teoria de adaptação ao mundo e de individuação, Rogers através da psicologia humanista e Kolb com a sua abordagem eclética (1984) contribuíram para uma visão mais holística da aprendizagem experiencial, entre outros:

Learning is the major process of human adaptation. It occurs in all human settings [...] it encompasses all life stages [...]. Therefore, it encompasses other, more limited adaptive concepts, such as creativity, problem solving, decision making and attitude change that focus heavily on one or another of the basic aspects of adaptation. [...] tolerance for ambiguity, metaphorical thinking, and flexibility. (Kolb, 1984, p.33)

---

<sup>23</sup> Conferir Capítulo 5 – Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação, p. 89.

<sup>24</sup> Originalmente, generative metaphors: Schon, 1994.

Corroborando o quadro teórico mencionado, este ciclo na estruturação das atividades, os conceitos de adaptação acima mencionados, nomeadamente, o pensamento metafórico, foram concebidos/adaptados a variados instrumentos de avaliação<sup>25</sup> de natureza simbólica e/ou metafórica.

O tratamento e análise dos dados das entrevistas exploratórias, das entrevistas semiestruturadas e das fotografias foi feito com recurso à análise temática.

Thematic analysis is a method for identifying, analysing, and report patterns (themes) within data. It minimally organises and describes your data set in (rich) detail. However, it also often goes further than this, and interprets various aspects of the research topic. (Boyatzis, 1998 cit. Por Braun & Clarke, 2006, p.6)

#### 4.4 Avaliação

A avaliação é uma componente do processo de planeamento. Todos os projectos contêm necessariamente um “plano de avaliação” que se estrutura em função do desenho do projecto e é acompanhado de mecanismos de autocontrolo que permitem, de forma rigorosa, ir conhecendo os resultados e efeitos da intervenção e corrigir as trajetórias caso estas sejam indesejáveis. Esta tarefa, já de si difícil, é complexificada devido à grande diversidade de modelos e processos de avaliação (Guerra, 2002, p. 175).

No espectro da avaliação apresentadas pela autora supracitada encontram-se funções de: medida; utensílio de apoio à tomada de decisão; processo de formação e de aprofundamento da democracia participativa, foi nosso desígnio desenhar um projeto assente em pilares com matizes formativas (não estivesse o projeto inscrito numa abordagem de investigação-ação) e com matizes de aprofundamento da democracia participativa.

As matizes formativas traduzem-se num “processo de aprendizagem, tratando-se de um instrumento de reflexão e de racionalização face a contextos e resultados da acção (e uma forma de investigação colectiva permanente)” (Guerra, 2002, p.187). Por outro lado, as matizes de aprofundamento da democracia participativa traduzem-se numa ação coletiva de “reflexão e de ação dos diferentes parceiros sobre as causalidades dos problemas e os efeitos das ações, bem como sobre as decisões sobre a melhor forma de agir” (Guerra, 2002, p.187). Por esta ordem ideias, a autora ressalva para a tentação de atribuir fins subversivos à avaliação, nomeadamente, delimitá-la à quantificação ações, a práticas de controlo, à concretização de objetivos em vez dos processos, *checklist* de concordância com as normativas institucionais.

---

<sup>25</sup> Conferir ponto 5.2 – Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação, p. 73. e apêndices 15 e 16.

Segundo a autora, a avaliação múltipla é aquela que se distancia desta tendência, pois “é aquela que procura entender os múltiplos pontos de vista das pessoas que integram o programa de intervenção. Pressupõe-se que não há uma resposta única que possa ser encontrada” (Guerra, 2002, p.194). Esta avaliação múltipla compreenderá diversos momentos, temporalmente, *ex-ante* o projeto de intervenção, *on-going* e *ex-post*, referindo-se o primeiro momento a uma avaliação diagnóstica, que comporta o “conhecimento da amplitude do problema; a definição, em termos operativos, dos participantes do projeto; fornece elementos que permitem concebê-lo nas melhores condições de intervenção graças a um bom conhecimento do problema a resolver e do seu contexto” (Guerra, 2002, p.196). O segundo momento, de acompanhamento, pretende verificar “se os projectos de intervenção estão a atingir os grupos-alvo e se estão a assegurar os recursos e serviços previstos” (Guerra, 2002, p.196). O último momento, de avaliação de impacte cumpre-se percecionando “em que medida o projecto produziu as mudanças que se tinha desejado e quais os resultados não esperados (benéficos ou perversos)” (Guerra, 2002, p.197).

A avaliação *ex-ante* (diagnóstica) consumou-se através i) da análise documental e bibliográfica (explicitada anteriormente), ii) das conversas informais (explicitada anteriormente), da iii) observação participante (com recurso ao diário de campo como instrumento) e através iv) das entrevistas exploratórias.

Por outro lado, a observação participante afigurou-se um método indispensável e transversal a todo o projeto, na medida em que permitiu a apropriação das dinâmicas pessoais e interpessoais do público-alvo, dos contextos e adaptação da atividade de intervenção e investigação ao longo do decorrer do período de estágio.

A avaliação *ongoing* (de acompanhamento) ganhou sentido através) da análise documental e bibliográfica (explicitada anteriormente), ii) das conversas informais (explicitada anteriormente), da iii) observação participante (com recurso ao diário de campo como instrumento) e iv) dos instrumentos simbólicos e/ou metafóricos.

A avaliação *ex-post* (de impacte) foi realizada no final do projeto de intervenção através de entrevistas vi) semi-estruturadas e vii) dos instrumentos simbólicos e/ou metafóricos.

#### **4.5. Limitações e recursos convocados**

Sumariamente, as mais importantes limitações do processo identificadas pela estagiária foram a necessidade de maior número de recursos humanos e financeiros, porém, este facto não se concretizou numa barreira, antes numa clara força motriz de apoio incondicional de todas as equipas da CVP Braga durante a intervenção/investigação. Todos os recursos materiais foram proporcionados para a concretização das atividades desde carrinhas para transporte dos utentes, máquinas fotográficas, material consumível, refeições e salas.

## 5. Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação

Convocando o referencial apresentado no capítulo anterior, nomeadamente, a investigação-ação, o processo de intervenção/investigação passou pelas fases de planeamento, implementação, descrição e avaliação, mais particularmente, pela identificação de um problema, pelo planeamento de uma solução, monitorização e avaliação da mesma (Tripp, 2005), cujas fases e listagem das atividades são apresentadas nesta secção.

### 5.1 Descrição das atividades da estagiária

Na tentativa de ir de encontro aos objetivos estabelecidos e ao referencial teórico, para uma melhor compreensão de todas as fases e da distinta índole das atividades, estas estão organizadas segundo diferentes dimensões, nomeadamente, em atividades organizacionais, em atividades individuais e em atividades coletivas (grupo-alvo). Transversal a estas dimensões, encontra-se a dimensão comunitária, para a qual convergirão e contribuirão atividades de origens organizacional, coletiva (com o grupo-alvo) e, necessariamente, de origem individual. Foi privilegiada esta estruturação lógica, em consequência de no projeto *Housing First* se almejar e operacionalizar uma abordagem individualizada e diferenciada com os residentes. Só preconizando este pressuposto se tornou uma realidade a diligente nutrição de uma relação de confiança entre a estagiária e os indivíduos e, subseqüentemente, o vislumbre da possibilidade intervir em grupo.

Inicialmente, estava previsto a intervenção do estágio ser direcionada para o público-alvo do *Housing First*, porém, devido à inconstância e imprevisibilidade comportamental do grupo-alvo, tornou-se recomendável envolver mais indivíduos, recorrendo, desta forma, ao CAT, como já referido anteriormente.

Por atividades organizacionais deve-se entender as atividades nas quais a estagiária participou/desenvolveu no seio da organização (CVP), mas que não correspondem a intervenção direta junto do grupo-alvo do projeto de investigação-ação; por individuais aquelas que a estagiária desenvolveu/acompanhou individualmente cada residente do projeto HF (que pressupõe acompanhamento individualizado); por coletivas, aquelas desenvolvidas com o grupo-alvo.

Relativamente à descrição das atividades individuais e coletivas, fez-se alusão aos residentes do projeto HF (na totalidade 6), que serão nomeados como residentes A, B, C, D, E e

F<sup>26</sup> e, far-se-á também alusão a utentes do CAT (na totalidade 4) que serão nomeados como utentes do CAT A, B, C e D<sup>27</sup>.

### 5.1.1. Atividades organizacionais

As atividades organizacionais realizadas pela estagiária estão listadas de seguida e foram realizadas em articulação com outros técnicos. Para consultar a descrição destas atividades conferir apêndice 4.

Quadro 1 - Atividades organizacionais da estagiária

Atividades <sup>28</sup>	Objetivos
i) Reunião com a coordenadora da área de intervenção para as pessoas em situação de sem-abrigo e/ou com comportamentos aditivos e dependências da CVP e com a coordenadora do projeto <i>Housing First</i> .	- Conhecer as respostas sociais para a população em situação sem-abrigo; - Conhecer o projeto <i>Housing First</i> ;
ii) Reunião com Coordenadora do projeto <i>Housing First</i> Braga e com a coordenadora do projeto “Casas Primeiro” da AEPIS, em Lisboa.	- Partilhar experiências e boas práticas no âmbito dos projetos; - Disponibilizar bibliografia e material útil para a realização do projeto de intervenção/investigação da estagiária;
iii) Formação de capacitação no âmbito do projeto “Alternative <sup>29</sup> ” na sede da CVP., em Lisboa (Cfr. Anexo 6).	- Promover encontro de formação facilitador da partilha de experiências de voluntários e técnicos da C.V.P., com intervenção em meio prisional e toxicodependências <sup>30</sup> ; - Fomentar o <i>empowerment</i> da rede C.V.P. ao nível do trabalho com toxicodependentes nos Estabelecimentos Prisionais, com base nas boas práticas proporcionadas pelo projeto “Alternative”;

<sup>26</sup> O residente F viu rescindido o seu contrato, por incumprimento e subversão das condições basilares ao seu prosseguimento.

<sup>27</sup> A ordem apresentada não corresponde a nenhum critério previamente estabelecido, a não ser a ordem cronológica do primeiro contacto com cada um dos residentes e utentes envolvidos durante o período de estágio na instituição.

<sup>28</sup> A avaliação das atividades do quadro 2 pode verificar-se pelo parecer da instituição onde este estágio teve lugar, de modo explícito.

<sup>29</sup> *Promoting alternatives to imprisonment for drug offenders*.

<sup>30</sup> Objetivos extraídos do Programa remetido em anexo.

Atividades <sup>28</sup>	Objetivos
iv) Visita a diferentes espaços	- Conhecer valências da delegação de Braga.
v) Formação institucional, na delegação de Braga	- Conhecer história mundial e nacional do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho;
vi) Seminário “Pobreza e exclusão em Portugal: fatores e políticas sociais”, em Braga.	- Aprofundar o conhecimento de perspetivas e políticas de combate à pobreza e exclusão;
vii) Ida à comemoração de abertura de um agrupamento de escolas	- Conhecer as instalações renovadas da escola e a sua cultura organizacional;
viii) Participação na “Missão Sorriso (novembro)”	- Recolher produtos alimentares e de higiene;
ix) Participação na Campanha de Embrulhos de Natal	- Recolher donativos para a Delegação de Braga da Cruz Vermelha;
x) Apresentação do <i>photovoice</i> , numa Escola Secundária	- Sensibilizar a comunidade para o perigo de discursos e comportamentos de ódio, preconceituosos, estereotipados e discriminatórios.
xi) Participação na “Missão Sorriso (abril)”	- Recolher produtos alimentares e de higiene;
xii) Apresentação do <i>photovoice</i> a uma estagiária de Sociologia	- Partilhar experiências, estratégias e atividades;
xiii) I Jornadas da Saúde de Escola Profissional de Braga, “Saúde mental: um desafio aos profissionais e sociedade”	- Aprofundar os conhecimentos acerca da saúde mental, comportamentos e patologias associadas.
xiv) Ronda com a “Equipa de Rua”	- Aprofundar o conhecimento acerca da população em situação sem-abrigo e com dependências.
xv) Passagem de inquéritos por questionário aos utentes das respostas da área de intervenção para as pessoas em situação de sem-abrigo e/ou com comportamentos aditivos e dependências da Delegação de Braga da C.V.P.	- Perceber o grau de satisfação dos utentes relativamente aos serviços prestados.
xvi) Frequência da formação “Planeamento e	- Aprofundar os conhecimentos na área do

Atividades <sup>28</sup>	Objetivos
avaliação: planejar e avaliar projetos de intervenção”, na Delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa (12h)	planeamento e avaliação de projetos de intervenção, sobretudo, direcionada à candidatura de fundos.

### 5.1.2. Atividades individuais por utente

A descrição das atividades **individuais** planeadas pela estagiária para a **residente A** podem ser conferidas no e no apêndice 5 - Descrição das atividades individuais – Residente A, listadas abaixo:

Quadro 2 - Atividades individuais - Residente A

Atividades	Objetivos
i) Visita residencial.	- Conhecer o residente e a sua residência;
ii) Entrevista oral aberta exploratória <sup>31</sup>	- Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações do residente; - Registrar perceções acerca do projeto “ <i>HousingFirst- Braga</i> ”;
iii) Acompanhamento ao Centro de Saúde	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Estabelecer uma relação de confiança;
iv) Conversa	
v) Acompanhamento ao Magusto no Museu	- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários; - Estabelecer uma relação de confiança;
vi) Acompanhamento a uma Associação Portuguesa	- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;
vii) Acompanhamento a outro museu	- Promover ligações significativas do residente a serviços comunitários;
viii) Visita domiciliária	- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
ix) Conversa	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da

<sup>31</sup> Cfr. consentimento informado (apêndice 1).

Atividades	Objetivos
	população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
x) Conversa	Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
xi) Atendimento – delineação e preenchimento do projeto individual	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Criar um plano de desenvolvimento pessoal com e para cada residente de acordo com os objetivos estabelecidos;
xii) 2 Visitas domiciliárias	- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
xiv) Conversa	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
xv) 2 Visitas domiciliárias	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Desenvolver nos residentes competências de resiliência e gestão emocional;

As descrições das atividades **individuais** planeadas pela estagiária para a **residente B** podem ser conferidas no apêndice 6 –Descrição das atividades individuais – Residente B, listadas na página que se segue:

Quadro 3 - Atividades individuais – Residente B.

Atividades	Objetivos
i) Entrevista oral aberta exploratória	- Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações do residente; - Registrar percepções acerca do projeto “ <i>HousingFirst- Braga</i> ”;
ii) Preenchimento ficha interesses/ocupação de tempos livres	- Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações do residente;
iii) Almoço de Natal - Entrevista Porto Canal	
iv) Acompanhamento a padaria/pastelaria	- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;
v) Conversa telefónica	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;

As descrições das atividades **individuais** planeadas pela estagiária para o **residente C** podem ser conferidas no apêndice 7 - Descrição das atividades individuais – Residente C, listadas abaixo:

Quadro 4 - Atividades individuais residente C.

Atividades	Objetivos
i) Entrevista oral aberta exploratória	- Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações do residente; - Registrar percepções acerca do projeto “ <i>HousingFirst- Braga</i> ”;
ii) Preenchimento ficha interesses/ocupação de tempos livres	- Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações dos residentes; - Criar um plano de desenvolvimento pessoal com e para cada residente de acordo com os objetivos estabelecidos;
iii) Golfe	- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente; - Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;
iv) Reunião – trabalhar	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da

registos para o <i>photovoice</i>	população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
-----------------------------------	---

As descrições das atividades individuais planeadas pela estagiária para os **residentes B e C, conjuntamente**, podem ser conferidas no apêndice 8 - Descrição das atividades individuais – Residentes B e C, listadas abaixo:

Quadro 5 - Atividades individuais Residente B e C .

Atividades	Objetivos
i) Visita domiciliária	- Conhecer os residentes e a sua residência;
ii) Visita domiciliária	
iii) Atendimento – delineação e preenchimento do projeto individual	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Criar um plano de desenvolvimento pessoal com e para cada residente de acordo com os objetivos estabelecidos;
iv) 4 Visitas domiciliárias, inclusive trabalhar nos registos para o <i>photovoice</i>	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
viii) [Conversa com a enfermeira]	- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
ix) 5 Visitas domiciliárias	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
x) Aula de percussão	- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente; - Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;

As descrições das atividades **individuais** planeadas pela estagiária para o **residente D** podem ser conferidas no apêndice 9 - Descrição das atividades individuais – Residente D, listadas na página que se segue:

Quadro 6 - Atividades individuais residente D.

Atividades	Objetivos
i) Visita domiciliária	- Conhecer o residente e a sua residência;
ii) Acompanhamento ao IEFP	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Estabelecer uma relação de confiança;
iii) Entrevista aberta oral exploratória	- Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações do residente; - Registrar percepções acerca do projeto “ <i>Housing First-Braga</i> ”;
iv) Visita domiciliária	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
v) Acompanhamento a Centro de Apoio a Toxicodependentes	- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
vi) 4 Conversas	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente; - Desenvolver nos residentes competências de resiliência e gestão emocional;
x) 2 Visitas domiciliárias	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
xi) Apresentação do photovoice – ar livre	
xii) Ronda	

A descrição das atividades **individuais** planejadas pela estagiária para a **residente E** podem ser conferidas no e apêndice 10 - Descrição das atividades individuais – Residente E, listadas abaixo:

Quadro 7 - Atividades individuais residente E.

Atividades	Objetivos
i) Abordagem na rua	- Propor a integração no projeto <i>Housing First</i> ;
ii) Visita domiciliária	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
iii) Acompanhamento para realização de análises	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Promover a autonomização dos residentes e a sua participação social.
iv) Acompanhamento 1º levantamento do RSI	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Promover a autonomização dos residentes e a sua participação social.
v) Visita domiciliária	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
vi) Entrevista oral aberta exploratória	- Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações dos residentes;
vii) Acompanhamento ao Centro de Saúde	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;
xiii) Conversa	- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente; - Promover ligações significativas dos residentes a serviços

Atividades	Objetivos
	comunitários;
ix) Visita domiciliária	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias; - Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
x) <i>Workshop</i> de literacia financeira	- Promover a autonomização dos residentes e a sua participação social.
xi) Visita domiciliária	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias.

As descrições das atividades **individuais** planeadas pela estagiária para a **residente F** podem ser conferidas no e apêndice 11 – Descrição das atividades individuais – Residente F, listadas abaixo:

**Quadro 8 - Atividades individuais - Residente F.**

Atividades	Objetivos
i) Atendimento	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;
ii) Entrevista oral aberta exploratória	- Conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações dos residentes;
iii) Acolhimento na residência do projeto HF	- Promover a integração e/ou inclusão comunitária dos residentes;
iv) Atendimento	- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias
v) Visita domiciliária	
vi) Visita domiciliária	
vii) Atendimento	
viii) Visita domiciliária	
ix) Atendimento	

Atividades	Objetivos
x) Visita domiciliária	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;</li> <li>- Promover a autonomização dos residentes e a sua participação social.</li> <li>- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;</li> </ul>
xi) Atendimento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a autonomização dos residentes e a sua participação social.</li> <li>- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;</li> </ul>
xii) Sessão de alfabetização	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a autonomização dos residentes e a sua participação social.</li> <li>- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;</li> </ul>
xiii) [Reunião]	-
xiv) 2 Atendimentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias;</li> </ul>

### 5.1.3. Atividades coletivas

A descrição das **atividades coletivas** planeadas pela estagiária para o **os participantes do projeto HF e do CAT** podem ser conferidas no no apêndice 14 (descrição das atividades coletivas). Devido a constrangimentos de formatação, apenas será apresentada a descrição da atividade xvii) Inauguração da exposição fotográfica “Olhares sentidos”, o culminar das atividades desenvolvidas coletivamente.

Quadro 9 - Atividades coletivas e seus objetivos, com grupo-alvo específico deste projeto (*Housing First* e CAT)<sup>32</sup>

Atividades	Objetivos
Visita várias lojas de equipamentos tecnológicos	- Solicitar orçamentos de máquinas fotográficas;
Reunião com profissionais de <i>Marketing</i>	- Discutir ideias acerca do vídeo de sensibilização;
i) Acompanhamento ao Jantar Humanitário	- Promover a integração e/ou inclusão comunitária dos residentes;
ii) 1ª Reunião com os residentes	- Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo; - Desenvolver nos residentes comportamentos tolerantes e anti-discriminatórios;
iii) 1ª Sessão <i>Photovoice</i>	- Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo; - Ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações;
ii) 2ª Sessão <i>Photovoice</i>	
iii) 3ª Sessão <i>Photovoice</i>	
iv) 4ª Sessão <i>Photovoice</i>	
vii) 5ª Sessão <i>Photovoice</i>	
viii) 6ª Sessão <i>Photovoice</i> – visita de campo ao centro da cidade	- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;
ix) 7ª Sessão <i>Photovoice</i>	- Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo; - Ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações; - Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
x) 8ª Sessão <i>Photovoice</i>	- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;
xi) <i>Workshop</i> de culinária	
xii) 9ª Sessão <i>Photovoice</i> – visita de campo ao Bom Jesus	- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;
xiii) 10ª Sessão <i>Photovoice</i>	- Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo; - Ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações; - Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;

<sup>32</sup> Fazemos notar que algumas destas atividades coincidem com atividades individuais, dado o público alvo das coletivas ser constituído por pessoas das atividades individuais.

Atividades	Objetivos
xiv) Espetáculo de fado – Casa do Povo de Ronfe	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a integração e/ou inclusão comunitária dos residentes;</li> <li>- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;</li> </ul>
xv) 11ª Sessão <i>Photovoice</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e social;</li> <li>- Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo;</li> <li>- Ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações;</li> <li>- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;</li> <li>- Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo;</li> </ul>
xvi) 12ª Sessão <i>Photovoice</i>	
xvii) 13ª Sessão <i>Photovoice</i> – sessão de avaliação contínua	
xviii) 14ª Sessão <i>Photovoice</i>	
xix) 15ª Sessão <i>Photovoice</i>	
xx) 16ª Sessão <i>Photovoice</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;</li> <li>- Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo;</li> </ul>
xxi) Formação de iniciação à informática	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;</li> </ul>
xxii) Confeção de bolos – Comemoração do “Dia Internacional do Vizinho”	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver nos residentes comportamentos tolerantes e anti-discriminatórios;</li> <li>- Sensibilizar a comunidade para o perigo de discursos e comportamentos de ódio, preconceituosos, estereotipados e discriminatórios.</li> </ul>
xxiii) Comemoração do “Dia Internacional do Vizinho”	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver nos residentes comportamentos tolerantes e anti-discriminatórios;</li> <li>- Desenvolver nos residentes competências de resiliência e gestão emocional;</li> <li>- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;</li> <li>- Sensibilizar a comunidade para o perigo de discursos e comportamentos de ódio, preconceituosos, estereotipados e discriminatórios.</li> </ul>
xxiv) Visita à Biblioteca para ver a Peça de teatro “O Manual da	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente;</li> </ul>

Atividades	Objetivos
Felicidade” de João Negreiros	- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários;
xxv) 17ª Sessão <i>Photovoice</i>	- Promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e social; - Estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo; - Ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações;
xxvi) 18ª Sessão <i>Photovoice</i> – preparação da exposição	-
xxvii) Inauguração da exposição fotográfica “Olhares sentidos”	- Promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários; - Sensibilizar a comunidade para o perigo de discursos e comportamentos de ódio, preconceituosos, estereotipados e discriminatórios. - Promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e social;
xxviii) 19ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final	- Promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e social;
xxix) Preparação de Campanha de sensibilização	- Sensibilizar a comunidade para o perigo de discursos e comportamentos de ódio, preconceituosos, estereotipados e discriminatórios.
xxx) Sessão fotográfica da campanha de sensibilização	- Sensibilizar a comunidade para o perigo de discursos e comportamentos de ódio, preconceituosos, estereotipados e discriminatórios.
xxxi) 20ª Sessão <i>Photovoice</i>	- Ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações;
xxxii) 21ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final II	- Promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e social;
xxxiii) Sessão <i>Photovoice</i> –avaliação final III	- Avaliar as atividades desenvolvidas.

## xxvii) Inauguração da exposição fotográfica “Olhares Sentidos”

A exposição fotográfica “Olhares sentidos” produto de um trabalho participativo e de educação para a consciência crítica, esteve em exibição durante cinco dias, nas instalações do GNRation, em Braga. Para a sua inauguração foram endereçados convites (consultar Figura 29 - Convite para a exposição fotográfica “Olhares Sentidos”) à autarquia de Braga, à rede social do município, a entidades locais, às relações pessoais dos participantes do projeto, aos vizinhos das comunidades onde se inserem e a serviços de apoio que frequentam, à comunidade bracarense em geral e, ainda, às organizações implementadoras do projeto *Housing First* em Portugal (a Associação para o Estudo e Integração Psicossocial e a associação Crescer na Maior), sendo a primeira consultora do projeto *Housing First* Braga.

No dia da inauguração contou-se com a presença dos autores/fotógrafos envolvidos no projeto, desde técnicos pertencentes à equipa do projeto *Housing First*, bem como de outras equipas da Delegação de Braga da Cruz Vermelha até ao adjunto executivo da organização; com a presença do vice-presidente da Câmara Municipal de Braga, técnicos da Segurança Social de Braga, professores e investigadores, técnicos de acompanhamento dos residentes/utentes de outras organizações, elementos da rede de relações dos residentes/utentes, interessados e curiosos acerca do projeto e elementos da comunidade em geral.

No centro da sala cedida pela Câmara Municipal de Braga, onde se encontrava a exposição em exibição, os visitantes deparavam-se com uma mesa que dava visibilidade a uma casa em *k-line* elaborada especialmente para o evento, assumindo-se como o seu objeto-chave. Neste objeto-chave, a casa, como se pode observar na Figura 1 - Casa (objeto-chave da exposição), numa das arestas da sua parte superior (o telhado) encontrava-se o cartaz de divulgação do evento; na outra aresta superior uma genérica e sintética explicação dos propósitos da abordagem *photovoice* e os contornos assumidos neste projeto em particular, relevando que os temas apresentados foram selecionados pelos autores das fotografias e considerados para a exposição os mais significativos, aqueles dignos de partilha e reflexão (cfr. páginas que se seguem).



Figura 1 - Casa (objeto-chave da exposição)



Figura 2 - Fotos exposição "Olhares Sentidos"

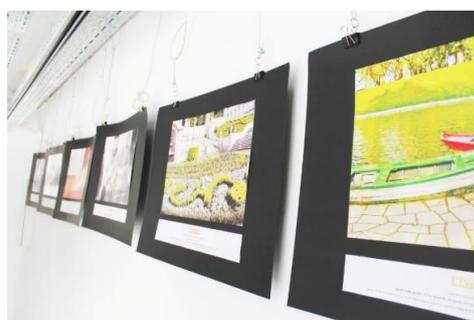


Figura 3 - Fotos exposição "Olhares Sentidos".

Nas restantes arestas da casa encontravam-se a ficha técnica (respeitando o anonimato dos residentes/utentes), os agradecimentos dignos de serem remetidos e ilustrados os seis temas/categorias das fotografias e o respetivo conteúdo dos registos escritos selecionado e analisado pelo grupo/utentes, a relembrar: Direitos Humanos, Amor, Habitação, Natureza, Família e (Re)Inserção Social. A cada um dos temas/categorias mencionadas correspondia uma cor: azul para os Direitos Humanos, vermelho para o Amor, amarelo para a Habitação, laranja para a Família, verde para a Natureza e castanho para a (Re)Inserção Social. Subjacente a cada tema/categoria do acervo tirado, cada fotógrafo (residente/utente) seleccionou uma fotografia<sup>33</sup> e estas estavam organizadas por categorias/cores para proporcionar aos visitantes um circuito que facilitasse uma apreensão e interpretação global contígua e significativa do conteúdo

<sup>33</sup> Dois fotógrafos (residentes/utentes) seleccionaram duas fotografias para dois temas, por não conseguirem eleger apenas uma e considerarem ambas as fotografias e mensagens igualmente pertinentes de serem partilhadas.

apresentado (cfr. nas páginas que se seguem alguns exemplares das fotografias e as respectivas narrativas, apresentadas por categoria). Devido a constrangimentos de espaço e formatação, a totalidade das fotografias não se encontra no presente relatório.

### 5.1.3.1. Fotografias e Narrativas - Direitos Humanos

Fotógrafo: Residente A



Figura 4 - Direitos Humanos - Residente A

#### DIREITOS HUMANOS

*Vejo o tempo que passei (dois anos) a dormir atrás desta torre e onde eu guardava os meus haveres (roupa de cama e algum vestuário), porque de resto, roubavam-me tudo, todos os dias.*

Consegui com a ajuda de certas pessoas este Direito Humano que é ter uma habitação digna de qualquer pessoa.  
A falta de reconhecimento dos Direitos Humanos é como uma prisão, sentimo-nos **aprimados**.

Fotógrafo: Residente B

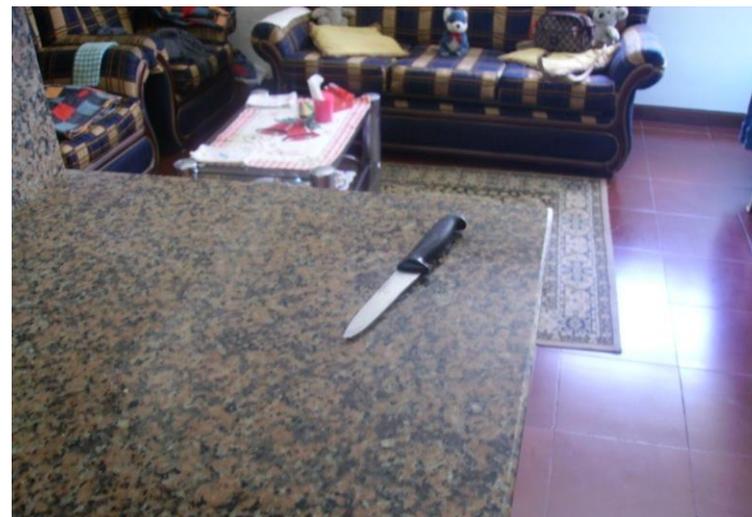


Figura 5 - Direitos Humanos - Residente B

#### DIREITOS HUMANOS

*A violência contra as mulheres é cada vez maior.*

Certos homens sem coração batem até à morte ou até elas ficarem em coma profundo. O meu caso foi igual ao de tantas mulheres...**fui maltratada e violentada** pelo meu ex-marido que me espetou nas costas por causa do divórcio, mas resisti e consegui o que queria, que era precisamente o divórcio.  
O que gostaria de partilhar com todas as mulheres que sofreram ou sofrem em situações parecidas, é que **tenham força e coragem** para resistir a essas pessoas sem coração. Sejam felizes!

Fotógrafo: Utente do CAT A



Figura 6 - Direitos Humanos - Utente do CAT A

## DIREITOS HUMANOS

*Acho que a atitude de defender os Direitos Humanos deve ser sólida como uma rocha.*

Os Direitos Humanos são o produto da nossa História evolucionária e foi o respeito pelos seus valores que ajudou a sobrevivência da nossa espécie. Por isso, não há nada mais profundo ou fundamental que a defesa dos Direitos Humanos em qualquer lugar, em qualquer circunstância. Abdicar de defendê-los por um segundo é dar luz verde à violação dos mesmos.

*Paz, democracia e liberdade deveriam ser pilares indissociáveis uns dos outros e da existência humana.*

Fotógrafo: Utente do CAT C



Figura 7 - Direitos Humanos - Utente do CAT C

## DIREITOS HUMANOS

*Gosto desta foto por causa do dragão e da fonte. Os Direitos Humanos são fonte de vida e o dragão é uma figura mítica que penso que terá mais força do que os humanos para defender tais direitos.*

*Ao mesmo tempo, esta foto transmite-me um sentimento positivo.*

*Otimismo de que hei poder ter direito à vida privada*

*porque, neste momento, estou num Centro de Acolhimento Temporário e não tenho esse direito.*

### 5.1.3.2. Fotografias e Narrativas - Categoria Amor

Fotógrafo: Residente A



Figura 8 - Amor - Residente A

#### AMOR

Nesta foto está a minha televisão, três barcos de pesca, um quadro da nossa Senhora e o meu feijão mágico e é o que eu mais gosto de ver em minha casa. Tenho muito carinho e amor ao feijão mágico, porque está ao meu lado quando estou a ver televisão, sentado no meu cadeirão. É a minha companhia.  
*Todos os objetos aqui presentes foram dados ou achados e, para mim, são toda a minha fortuna.*

Fotógrafo: Residente C



Figura 9 - Amor - Residente C

#### AMOR

Conheci o António na Amadora. Estava a divorciar-me.  
**Quando me divorciei fui para Quarteira e ao fim de 12 anos vim para Braga à procura dele.**  
Foi aí que começou a nossa história. Quando passei na Igreja de Santa Cruz, vi o meu amor. Faz 7 anos que estamos juntos e felizes com muito amor nos nossos corações.

Fotógrafo: Utente do CAT A



Figura 10 - Amor - Utente do CAT A

### AMOR

Nesta fotografia vejo uma estátua parecida com **Vênus**. Vênus é o segundo planeta do sistema solar e, na mitologia antiga, simboliza o amor e a beleza. Esta deusa da Antiguidade Clássica é de uma anatomia divina, daí ser considerada pelos antigos gregos a deusa da beleza e do amor. Um dos temas deste projeto é o amor e, portanto, decidi falar sobre Vênus. Foi a deusa do Panteão Romano, equivalente a Afrodite no Panteão Grego e foi uma das divindades mais veneradas, possuindo muitas formas de representação artística.

*É claro que na vida real o amor manifesta-se de diversas formas e um dos lados mais sublimes do amor é quando este está ao serviço dos seres humanos mais vulneráveis. São em atitudes semelhantes que se revê nas pessoas a mais verdadeira e genuína beleza.*

Fotógrafo: Utente do CAT C



Figura 11 - Amor – Utente do CAT C

### AMOR

Adoro tirar fotos a flores e a jardins pela apreciação da sua beleza, porque na Ucrânia não existe estes tipos de jardins. Aqui as temperaturas são mais agradáveis.

*A rosa é um símbolo de romance, amor e tem espinhos, tal como estes sentimentos.*

### 5.1.3.3. Fotografias e Narrativas - Categoria Habitação

Fotógrafo: Residente A



Figura 12 - Habitação - Residente A

#### HABITAÇÃO

*Associo esta foto a noites horríveis marcadas por uma certa violência. Era aqui que pernoitava e era obrigado a dormir com um pau ao meu lado para me proteger.*  
*Agora estou noutras condições para melhor, graças à ajuda de pessoas com boa vontade. Só assim é que consegui ter uma habitação digna desse nome. Só tenho algumas palavras a acrescentar: o meu muito obrigado!*

Fotógrafa: Residente B

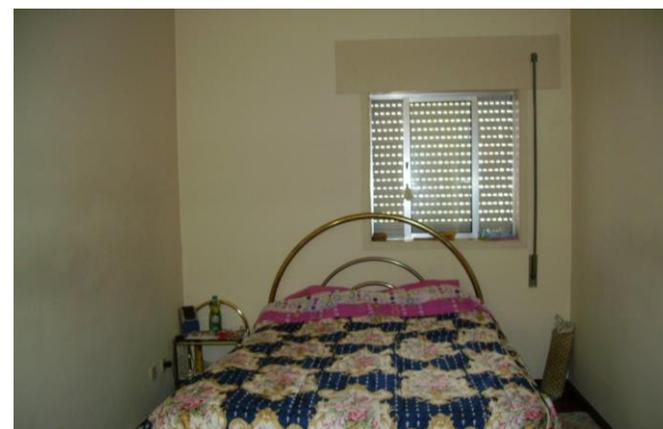


Figura 13 - Habitação - Residente B

#### HABITAÇÃO

*Quando estávamos na rua durante muitos anos **sohávamos ter uma casa**. Finalmente, o sonho tornou-se realidade. Hoje, temos a nossa casa que tratamos com imenso amor e carinho e é o espaço onde nos sentimos bem.*  
*A nossa casa é o nosso ninho do amor, do carinho, ternura e paz.*  
*Obrigado à Cruz Vermelha por nos ter ajudado.*

Fotógrafo: Residente C



Figura 14 - Habitação - Residente C

### HABITAÇÃO

Esta foto é muito importante para mim, porque **representa a nossa casa e tudo o que temos** e, para além disso, no móvel está o Santo António, um santo que me diz muito, porque é o santo casamenteiro.

Fotógrafa: Residente E



Figura 15 - Habitação – Residente E

### HABITAÇÃO

A habitação é o principal para se viver. Sem a habitação não se consegue viver para ter o essencial: dormir, tomar banho, estar em harmonia e estar bem com as pessoas. Durante muitos anos vivi na rua e para tomar banho e ter comida era preciso uma burocracia, que era uma coisa louca!

***Tinha de esperar três semanas para ter autorização para tomar banho e só depois é que podia tomar banho...duas vezes por semana.***

A fotografia da Praça da República, em Braga, para mim representa o tempo em que eu dormia na rua. Eu ficava lá, mas era muito perigoso estar lá sozinha, porque passava sempre gente não muito boa.

A sociedade está mais perigosa para se viver sozinha. Os cidadãos não têm tanta proteção por parte das autoridades. As pessoas devem ser protegidas pelas autoridades locais de cada lugar para que elas se sintam melhor, como se estivessem em casa.

***As vezes sofríamos de violência por parte das pessoas que passavam nas ruas onde dormíamos e em alguns lugares da cidade.***

Fotógrafo: Utente do CAT A



Figura 16 - Habitação - Utente do CAT A

### HABITAÇÃO

O direito à habitação devia ser um direito humano básico. Está contemplado na Declaração Universal dos Direitos do Homem, mas nem sempre uma pessoa usufrui dele. A habitação é o sonho de qualquer pessoa que num dado momento se vê na condição de sem-abrigo. E um espaço nosso onde podemos ser nós mesmos, mas para muitos isso **não passa de um sonho inatingível. Ninguém pede um palácio, apenas um espaço para se viver a vida com o mínimo de dignidade.**

E pedir muito? Nenhuma sociedade deveria permitir ter cidadãos seus a viverem ao relento ou em infraestruturas devolutas.

Fotógrafo: Utente do CAT C



Figura 17 - Habitação - Utente do CAT C

### HABITAÇÃO

Acho esta foto bonita, porque tem o prato, a faixa dourada e estão bem posicionados.

**O vermelho significa o calor humano que a Cruz Vermelha me dá e o outro prato significa companhia.**

Acabo por nunca estar sozinho, mas sinto falta disso.

Este foi o meu primeiro Natal passado na Cruz Vermelha, onde estou desde julho de 2014.

**O Natal também me faz lembrar a família e a estrela que aparece no prato faz-me lembrar a estrela que o meu pai tinha na sua farda e também o meu filho que é capitão, na Ucrânia.**

O meu pai era militar e, por esses motivos, fazia muitas viagens com ele: chegamos a estar na Alemanha, Rússia e no Cazaquistão, onde vivi 12 anos.

#### 5.1.3.4. Fotografias e Narrativas - Categoria Família

Fotógrafa: Residente B

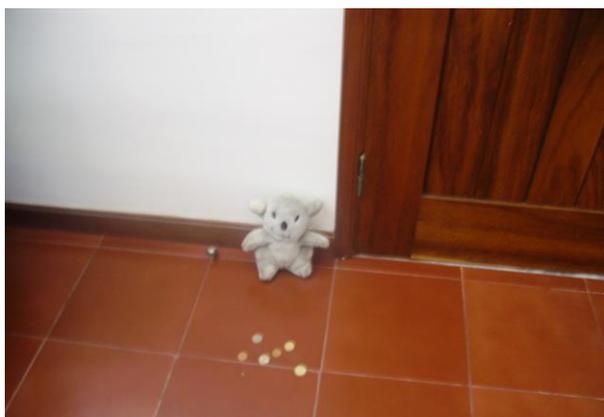


Figura 18 - Família - Residente B

### FAMÍLIA

*O peluche da fotografia representa a infância e as moedas, o tráfico humano, uma realidade muito próxima de mim.*

*Quando uma família tem uma criança, é para ser bem tratada, acarinhada e nunca deverá ser violentada.*

*É pena que muitas famílias tenham crianças e as vendam como mercadoria.*

*As crianças são uma dádiva de Deus. Por favor, não vendam as crianças. Deixem-nas viver com dignidade, pois só assim teremos pessoas felizes.*

Fotógrafa: Residente E



Figura 19 - Família - Residente E

### FAMÍLIA

*A família é muito importante na vida de cada ser humano, é parte da vida da pessoa humana. A família também é importante em momentos em que se precisa de ajuda e também para ser ajudada, para conviver, visitar, passear ou simplesmente estar, mas às vezes não é possível...*

*Eu gosto do Bom Jesus e sempre que lá ia era com a minha família. Há mais de 15 anos que lá não ia.*

*Fico com tristeza por não ter mais familiares presentes.*

### 5.1.3.5. Fotografias e Narrativas - Categoria Natureza

Fotógrafo: Residente C



Figura 20 - Natureza - Residente C

#### NATUREZA

Esta foto representa a natureza de um local onde já não ia há mais de 10 anos, porque tenho andado sempre a remar contra a maré... apesar de me transmitir paz e alegria. Para mim, a natureza significa **calma e tranquilidade**. Foi aqui que aprendi a andar de barco com uma colega de infância.

Fotógrafo: Utente do CAT C



Figura 21 - Natureza - Utente do CAT C

#### NATUREZA

Gosto desta fotografia, porque tem uma rosa muito bonita e muita luz, transmitindo-me boas sensações e um bom sentimento interior. **Associo as cores a calor, aconchego, segurança e bem-estar, sensações que tinha quando trabalhava como jardineiro.**

### 5.1.3.6. Fotografias Categoria (Re)Inserção Social

Fotógrafo: Residente A



Figura 22 - (Re)Inserção Social - Residente A

#### **(RE)INSERÇÃO SOCIAL**

Vejo nesta foto a representação da minha vida.

***Sinto-me como este candeeiro – isolado no meio da escuridão -, mas com a esperança sempre viva no meu espírito, tal e qual como a luz que ilumina a noite.***

E um caminho difícil para a reinserção social, mas possível. Para além disso, não me posso esquecer que estou rodeado de flores, que representam a alegria de viver e são um símbolo da força da natureza, onde vou buscar parte do meu alento.

Toda a gente gosta de flores.

Fotógrafa: Residente B

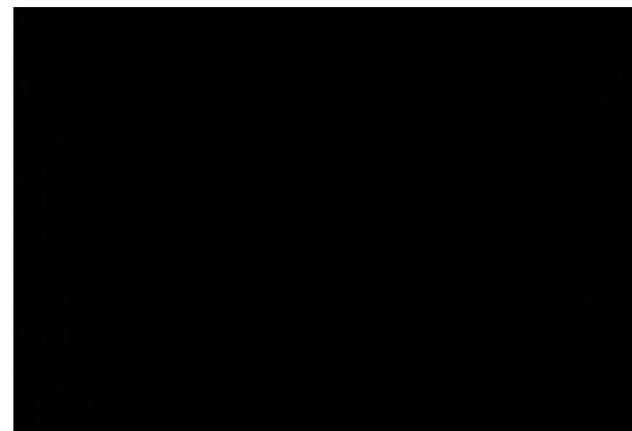


Figura 23 - (Re)Inserção Social – Residente B

#### **(RE)INSERÇÃO SOCIAL**

Quando me divorciei fui para Quarteira, no Algarve e, fui diretamente falar com uma assistente social para me pedir apoio, uma vez que não tinha nem dinheiro, nem casa e se queria comer, pedir. Ela negou-me ajuda.

***Fui dormir para o pinhal, um sítio muito isolado e escuro,*** numa caravana abandonada, o único sítio que tinha para dormir. Estava sempre com medo que me fizessem mal ou que me violassem. Felizmente, não aconteceu nem uma coisa, nem outra. Esta foto representa esse ***período negro da minha vida.***

As pessoas apontam o dedo aos sem-abrigo, mas não sabem o porquê de estarem na situação em que estão. Se todos ajudassem, as coisas seriam bem melhores. Dizem que os sem-abrigo são pessoas à margem da lei, ou seja, são excluídos da sociedade. Na minha opinião, são humanos que merecem uma oportunidade na vida.

***Antes de se falar ou apontar o dedo, deveria-se tentar perceber as razões pelas quais estão na rua.***

Se todos ajudarem, a sociedade será diferente.

Fotógrafo: Residente C



Figura 24 - (Re)Inserção Social - Residente C

### **(RE)INSERÇÃO SOCIAL**

Tirei esta fotografia, porque gosto da **construção civil**, é uma área em que já trabalhei e em que gostaria de voltar a trabalhar.

***O emprego, na minha opinião, é um passo para a reinserção social.***

Vemos muitas gruas por aí, que transportam os materiais para os andares mais altos, mas a nós não nos transportam...

***estamos sempre cá em baixo e em construção...***

Fotógrafa: Residente E



Figura 25 - (Re)Inserção Social – Residente E

### **(RE)INSERÇÃO SOCIAL**

Reinserção social quer dizer arranjar tudo o que é preciso para um ser humano viver. No meu caso, reinserção social quer dizer, por exemplo, ter habitação, um sítio para viver.

***Na minha casa, posso viver melhor do que antes, não estar em perigo, estar mais sossegada, com mais conforto e bem-estar. Não preciso de correr perigo de vida. Tenho passado os meus dias melhor e de forma mais bonita com as pessoas que estão à minha beira.***

Mesmo assim, eu vejo um caminho longo a aparecer, longo como o tempo. Este caminho é uma estrada a percorrer, com certas dificuldades difíceis de ultrapassar com as pessoas. As pessoas ignoravam-me e em qualquer estabelecimento colocavam-me de parte.

Fotógrafo: Utente do CAT A



Figura 26 - (Re)Inserção Social - Utente do CAT A

### REINSERÇÃO SOCIAL

*O elevador é um símbolo de esperança*, sobretudo, para pessoas que vivem numa fase de exclusão social, pelas mais variadas razões. Muitas vezes e para muitas pessoas a *exclusão não é uma opção deliberada*. Por vezes, essa circunstância de vida apenas significa obstáculos inesperados, não previstos durante o seu percurso. Assim, a reinserção social é a segunda oportunidade que a vida proporciona. A busca dessa segunda oportunidade é um sonho nem sempre fácil de alcançar, sendo necessária ajuda de outras pessoas com boa vontade, *humanistas*, que colocam os Direitos Humanos em primeiro lugar. Essas

*peças andam por aí, são visíveis ou invisíveis, são guardiãs da Humanidade, naquilo que ela tem de mais saudável.*

Desta forma, o elevador do Bom Jesus simboliza a esperança de um dia sermos transportados para a reinserção social e vivermos numa sociedade com deveres e direitos.

Fotógrafo: Utente do CAT C



Figura 27 - (Re)Inserção Social - Utente do CAT C

### (RE)INSERÇÃO SOCIAL

Gosto muito de viajar de comboio por causa da temperatura agradável que está lá dentro e de me sentar a apreciar as paisagens através da janela. Faz-me recordar a Ucrânia, onde nasci e vivi e faz-me pensar nas semelhanças e diferenças entre o meu país de origem e Portugal.

*Cada viagem de comboio é como se fosse uma viagem ao meu passado, mas agora não o posso fazer, porque não tenho dinheiro para comprar um bilhete.*

A foto também representa a primeira vez que cheguei a Braga há 15 anos atrás.

Para além das fotografias subordinadas a cada tema/categoria, na exposição, estavam contempladas fotografias não enquadradas em tema/categoria alguma, porém, providas de beleza, estética e artisticamente observando, devido às suas perspetivas e enquadramentos. Este escrutínio contou com o contributo e opinião de um fotógrafo amador. Outros contributos propiciaram uma ambiência mais acolhedora, os aperitivos e bebidas disponíveis; e uma atmosfera introspetiva que dignificou a inauguração, a música ao vivo que acompanhou o desenrolar do evento.

Os visitantes que assim entendessem, podiam deixar registado o seu “Olhar sobre a exposição”, isto é, o seu *feedback*, apreciações, contributos, pensamentos, avaliações e o que mais considerassem oportuno acerca do conteúdo e organização da mesma, num caderno disponibilizado ao público.



Figura 28 - Cartaz da exposição fotográfica “Olhares Sentidos”



Figura 29 - Convite para a exposição fotográfica “Olhares Sentidos”

# PHOTOVOICE

O photovoice é uma técnica utilizada na investigação-ação para o desenvolvimento comunitário, para o fomento do diálogo crítico e emancipação de grupos minoritários através da partilha de experiências vivenciadas por esses mesmos grupos, registadas através de fotografias, no seu dia-a-dia. Segundo Wang (1999, p.186) "as imagens contribuem para a forma como nós nos vemos, como nos definimos e relacionamos com o mundo e como nós nos apercebemos como significantes ou diferentes" (Wang, 1999, p.186). A esta técnica estão associadas cinco ideias centrais:

- 1) as imagens ensinam a interpretar a realidade retratada;
- 2) as imagens conseguem influenciar políticas;
- 3) as pessoas da comunidade devem participar na criação e na definição de imagens que moldem uma política pública saudável;
- 4) o processo exige que os planeadores envolvam os decisores políticos e outras pessoas influentes como audiência das perspetivas da comunidade e
- 5) o photovoice enfatiza a ação individual e coletiva.

Os temas apresentados foram selecionados pelos autores das fotografias e considerados os mais significativos, dignos de partilha e reflexão.

Wang, C. (1999). Photovoice: A participatory action research strategy applied to women's health. *Journal of Women's Health, 8*(2), 185-192.

Figura 30 - Explicação do *photovoice* na exposição

## Diário de bordo

*A inauguração foi, inexplicavelmente, emocionante para mim. Fui buscar alguns utentes a casa, porque estava a chover e ia com um atraso de 15 minutos. Quando cheguei lá a música já estava a decorrer, a sala estava preenchida e um ambiente envolvente mesmo acolhedor.*

*Estavam todos presentes menos a residente E. Compareceram professores, familiares, a "família" da Cruz Vermelha, técnicos da Segurança Social e o vice-presidente da Câmara Municipal, entre outros. O feedback que me foi dado, individualmente, também foi extraordinário. Os utentes estavam radiantes e ninguém os identificou no meio dos visitantes, excetuando os residentes B e C. Ficaram desmotivados com o facto de a maioria das pessoas a quem entregaram os convites, das redes pessoais deles não terem aparecido na inauguração.*

*A residente B esteve a enaltecêr-me à minha mãe e família. Referiu que eu era excelente, impecável e que muitas vezes eles não se portavam bem, não correspondiam. Depois disso, chamou-me à parte, pediu-me desculpa por tudo, mas deu a entender que ia manter o mesmo comportamento.*

## 5.2. Avaliação das atividades pelos utentes

A satisfação dos participantes que estiveram envolvidos no *photovoice*, ininterruptamente, (6 participantes) foi auscultada, através da avaliação das suas atividades em diversos momentos do projeto através das atividades apresentadas na imagem infra e descritas cada uma delas no apêndice 16 – Descrição das atividades de avaliação. Posteriormente, através uma atividade de avaliação global, a atividade “Porto de Mar” permitiu analisar o nível de satisfação dos participantes relativamente às atividades coletivas, apresentada na imagem que se segue.



Figura 31 - Avaliação das atividades final II - "Porto de Mar"

De acordo com a imagem 24 – “Porto de Mar” o verde representa “Gostei muito”; amarelo – “gostei mais ou menos”; vermelho – “não gostei” e o padrão castanho claro – “sem opinião”, sinónimo de ausência/não participou na atividade.

No que respeita ao “Jantar Humanitário” foram contabilizados 3 participantes que “gostaram muito” e 3 “sem opinião”; no que respeita à visita de campo ao centro da cidade todos os participantes (6) “gostaram muito”, porém, ao desafio daí decorrente, a plantação do feijão, 1 participante “não gostou”, 1 “gostou mais ou menos” e 4 “gostaram muito”; relativamente à visita de campo ao Bom Jesus, foram contabilizados 4 participantes que “gostaram muito” e 2 “sem opinião”; no que à formação de iniciação à informática diz respeito, 2 participantes “gostaram muito” e contabilizados 4 “sem opinião”; relativamente à “Noite de fado” foram contabilizados 5 participantes que “gostaram muito” e 1 “sem opinião”; por sua vez, no que diz respeito ao *workshop* de culinária, fora contabilizados 3 participantes que “gostaram muito” e 3 “sem opinião”; no que concerne à confeção de bolos para o “Dia

Internacional dos Vizinhos”, 2 participantes exprimiram que “gostaram mais ou menos”, 2 “gostaram muito” e 2 “sem opinião”; por outro lado, no que diz respeito à comemoração do “Dia Internacional dos Vizinhos”, 1 participante demonstrou ter “gostado mais ou menos”, sendo que os restantes 3 “gostaram muito” e 2 manifestaram-se “sem opinião”; a peça de teatro “Manual da Felicidade” somou 4 participantes que “gostaram muito” e 2 “sem opinião”; e, simultaneamente, na visita à Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, 1 participante manifestou ter “gostado mais ou menos”, 4 manifestaram terem “gostado muito” e 1 participante posicionou-se como “sem opinião”; por fim, a inauguração da exposição “Olhares Sentidos” contabilizou 5 participantes que “gostaram muito” e 1 participante “sem opinião”. As restantes atividades de avaliação podem ser consultadas no apêndice 16 - Descrição das atividades de avaliação e no apêndice 15 podem ser consultadas os Instrumentos de avaliação atividades coletivas e o respetivo número de participantes.

Numa visão lata, as atividades desenvolvidas em grupo nas reuniões relativas ao *photovoice* foram do agrado de todos os participantes, tendo os 6 participantes manifestado que “gostaram muito”.

A interpretação/discussão dos dados foi orientada segundo três fases. Numa primeira fase, foram confrontados os objetivos gerais; de seguida os específicos, designados pela estagiária para o seu período de intervenção, com os dados recolhidos. Por fim, serão analisados os dados recolhidos à luz das teorias e revisão de literatura convocadas.

Assim, quanto aos objetivos gerais enunciados: 1. “Desenvolver um acompanhamento individualizado da população saída da situação de sem-abrigo nas suas residências e nas atividades comunitárias” pode-se afirmar que foi uma premissa presente ao longo de todas as atividades, desde a sua planificação à avaliação. Concretizou-se mais detalhadamente, por exemplo, através de momentos individualizados aquando do desenvolvimento de um projeto individual, da concretização de atividades de acordo com os interesses de cada residente e utente, das conversas informais, das visitas domiciliárias, e do acompanhamento nas atividades/frequência de serviços integrados na comunidade, sempre que necessário. Sumariamente, foi de encontro aos princípios do *Pathways to Housing* e *Housing First* e ainda permitiu caminhar no sentido de contornar algumas limitações do programa identificadas, nomeadamente, intervenções cívicas de apoio ao desenvolvimento interpessoal, integração, socialização (Tsai & Rosenheck, 2012). Paralelamente, o acompanhamento individual foi crucial

à sustentação de uma relação de confiança com todos os residentes-utentes necessária ao desenvolvimento das atividades coletivas.

Quanto ao objetivo geral 2. “Promover a integração e/ou inclusão comunitária dos residentes” refletiu-se na maioria das atividades coletivas, tendo sido o busílis de uma abordagem *intra e intersistémica* (Oliveira, 2000) com sentidos de ação bilaterais: residente/utente – residente/utente; residente – vizinhança; residente/utente – comunidade alargada; comunidade – residente/utente). O objetivo em análise culminou com a exposição fotográfica “Olhares Sentidos”, embora tenha sido também sustentado pelas atividades individuais e, inclusivamente, as atividades organizacionais da estagiária.

O objetivo geral 3. remete para “Promover a autonomização dos residentes e a sua participação social” foi o mais impalpável e diligente de ser reclamado, devido à corrosão dos laços de filiação, eletivos, orgânicos e cívicos (Paugman, 2014) dos residentes, isto é, sobretudo devido à rutura dos laços familiares, cônjuges, laborais e de proteção jurídica e sociais; devido à ausência de segurança ontológica (Giddens, 1990) ou ainda em (re)construção, isto é, devido à falta de segurança que relativamente à estabilidade da sua identidade, por motivo da inconstância material e social dos contextos onde estão inseridos. Neste caso, as trajetórias pessoais dos residentes e utentes, primordialmente, a ausência de uma situação de habitação estável e os direitos a ela inerentes (ter uma morada). Ainda assim, genericamente, este objetivo foi que se operacionalizou em atividades individualizadas e próximas do público de todas das atividades associadas ao *photovoice*, em particular aos momentos de registo fotográfico, de registo escrito, de discussão dos temas e da reflexão sobre recomendações a fazer associadas à sua condição. De forma mais expressiva e tangível este objetivo, especialmente a fração da autonomização (aprender a ser) esteve mais ligado a atividades individuais dos residentes E e F, pessoas com doenças do foro psiquiátrico diagnosticadas, relações dependentes e de grande vínculo à organização, situações de sem-abrigo muito prolongadas e com algumas fragilidades em termos de faculdades sociais.

Consciente de que os princípios não garantem por si só os fins; de que o ritmo próprio do desenvolvimento humano e pessoal não acompanha a rigidez de períodos limitados no tempo, sobretudo quando não se pretende desvirtuar o propósito da intervenção, muito haveria ainda por concretizar de forma a garantir uma maior sustentabilidade dos resultados alcançados se o natural” desvinculo e *desafiliação* subsequente ao fim do período de estágio.

Os objetivos específicos decorrentes e interdependentes dos objetivos supra elencados, estão ligados às atividades já mencionadas e tornaram operacionalizáveis os primeiros. Os objetivos específicos mais directamente vinculados à concretização do objetivo geral 1 são os seguintes: conhecer as histórias de vida, interesses e (ex)ocupações dos residentes; criar um plano de desenvolvimento pessoal com e para cada residente de acordo com os objetivos estabelecidos; potenciar o desenvolvimento de objetivos pessoais autopropostos por cada residente; promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações”. A concretização desses objetivos pode ser espelhada especialmente através das atividades individuais, nomeadamente as conversas informais, das entrevistas exploratórias abertas e de todas as atividades associadas ao *photovoice*. Neste ponto, os instrumentos simbólicos e/ou metafóricos foram sobejamente relevantes enquanto veículo de expressão para pensar o vivido, para um necessário distanciamento dos acontecimentos, para a autoanálise identitária e construção de narrativas:

“[estou] Em baixo, mas sinto que “estou a subir no balão, a ir para o céu. Vai tudo correr bem e todos vamos conseguir alcançar os objetivos que cada um tem. Vamos todos chegar ao topo de balão” (Residente B); “O elevador é um símbolo de esperança, sobretudo, para as pessoas que vivem numa fase de exclusão social, pelas mais variadas razões. Assim, a reinserção social é a segunda oportunidade que a vida proporciona. A busca dessa segunda oportunidade é um sonho nem sempre fácil de alcançar, sendo necessária a ajuda de outras pessoas com boa vontade, humanistas, que colocam os Direitos Humanos em primeiro lugar. Essas pessoas andam por aí, são visíveis ou invisíveis, são guardiãs da Humanidade, naquilo que ela tem de mais saudável. Desta forma, o elevador do Bom Jesus simboliza a esperança de um dia sermos transportados para a reinserção social e vivermos numa sociedade com deveres e direitos” (Utente do CAT A).

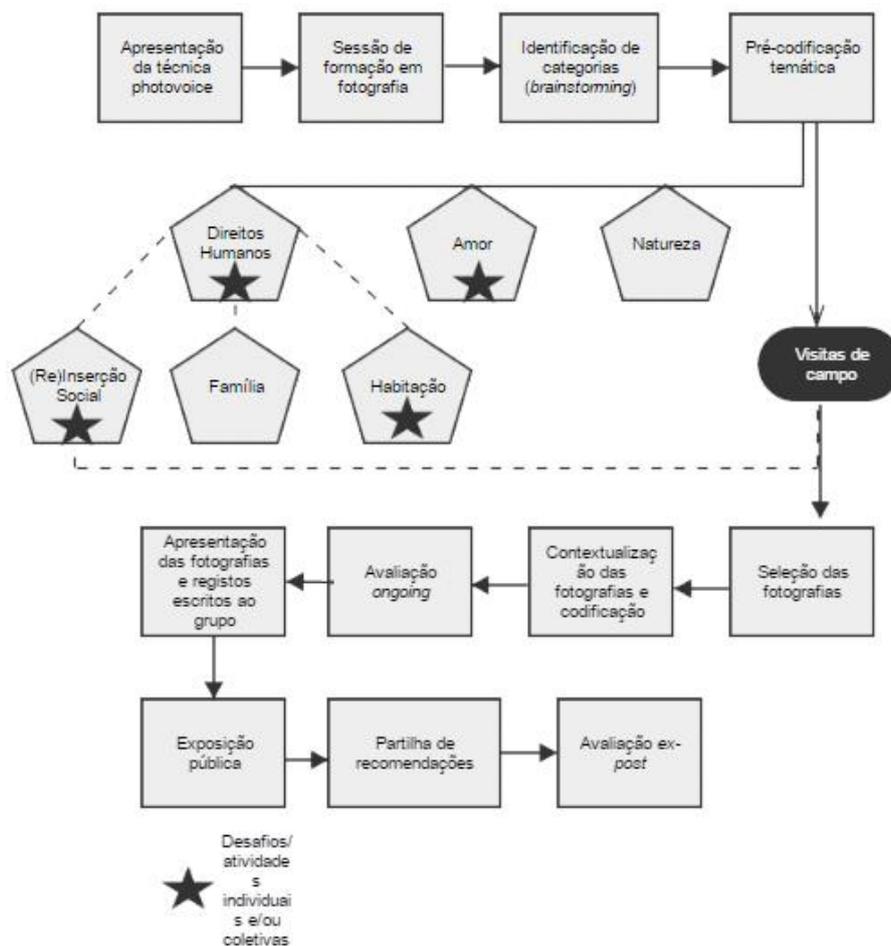
Por sua vez, os objetivos específicos mais vinculados ao objetivo geral 2 são os seguintes: “Incentivar nos residentes comportamentos tolerantes e anti-discriminatórios; incentivar nos residentes competências de resiliência e gestão emocional; promover ligações significativas dos residentes a serviços comunitários; promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e social; estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo e ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações”. A concretização destes objetivos operacionalizou-se através das atividades coletivas, sobretudo do

*photovoice* e das individuais por eles propostas ligadas a serviços ou espaços comunitários. Apesar de o segundo objetivo específico não ter sido muito evidente, todas as sessões coletivas e atividades desenvolvidas foram de encontro a ele, nomeadamente devido ao estabelecimento de uma rotina, horários, tarefas, participação em atividades em contextos que não estavam no âmbito dos seus circuitos e devido a situações de conflito interpessoais pré-existentes entre utentes/residentes. Será digno de nota que as atividades foram sempre sujeitas ao livre arbítrio e não-obrigatórias:

*O utente do CAT D, uma vez que não quis tirar fotos, não tinha registos para partilhar, desembaraçadamente, disse: “posso falar agora eu?”. Apreciei a atitude pelo esforço de partilhar experiências, contribuir para os temas abordados e por começar a demonstrar, ainda que não de forma usual, alguma cordialidade. Dantes não pedia, interrompia, corrompendo as regras estabelecidas no grupo (Diário de bordo).*

Por último, os objetivos específicos mais vinculados ao objetivo geral 3 são os seguintes: “Promover nos residentes a reflexão sobre a sua situação pessoal e social; estimular o desenvolvimento de um espaço de diálogo; ouvir as propostas dos residentes acerca da sua condição e registar as suas recomendações”. Estes objetivos foram concretizados através das atividades individuais e das atividades inerentes ao *photovoice* (Wang, 1999), sendo um dos seus corolários. Mais uma vez, a exposição foi o elevar de um hibridismo de objetivos e o registo das suas recomendações mais oficiais numa das últimas sessões do *photovoice* (cfr. Quadro 10, nas páginas que se seguem), também exploradas em detalhe nos registos fotográficos e respetivas narrativas apresentadas anteriormente.

A secção que se segue, incide sobre a discussão dos dados à luz da revisão bibliográfica conduzida. O processo de desenvolvimento das actividades coletivas recorrendo à técnica do *photovoice* (autointerpretado) extrapolou as fases sugeridas na literatura (ver figura 33), alongando-se no âmbito de intervenção e nas estratégias utilizadas, fomentando o desenvolvimento de projetos pessoais e conjuntos, o envolvimento cívico dos participantes e uma socialização com apoio de retaguarda e que se desenrolou em diversos espaços públicos e privados (Tsai & Rosenheck, 2012). As atividades desenvolvidas no âmbito do *photovoice* autointerpretado foram adaptadas à heterogeneidade do grupo, às suas necessidades e propostas, privilegiando em todos os momentos a matriz participativa.



**Figura 32 - Fases da técnica photovoice (autointerpretada)**

De uma forma geral, as atividades exigiram a submersão constante da estagiária e dos participantes nos ciclos próprios da investigação-ação, desde a concepção, à implementação e à avaliação e aprimoração das mesmas, sendo adágio disso mesmo as atividades referidas.

A 2ª Sessão e a 13ª Sessão de *Photovoice* sustentaram num contexto coletivo a importância da centralidade da pessoa (Rogers & Rosenber, 1977) para o desenvolvimento de um projeto de educação de adultos e comunitário e o relevo de dar sentido à aprendizagem experiencial e ao vivido, recorrendo a instrumentos simbólicos e metafóricos para um alinhamento e valorização de linguagens e percepção do *self* e meta-análise e atribuição de sentido das experiências individuais.

A partir da 4ª Sessão *Photovoice* em diante, no concerne ao *brainstorming* acerca dos problemas, preocupações, áreas mais e prioritárias e/ou representativas para os participantes. A partir desse momento, procedeu-se à categorização e codificação das áreas, claramente atribuindo uma dimensão pessoal dos temas/problemas pessoais a problemas públicos e/ou sociais (Mills, 1959 por Bathmaker & Harnett, 2010; Bukowski & Buetow, 2011) através das

narrativas recolhidas (fotográficas e registos escritos associados). A categorização/codificação levada a cabo foi temática (Braun & Clarke, 2006) estabelecendo 6 categorias/temas, conforme apresentado na figura 32: Direitos Humanos, Amor, Natureza, (Re)Inserção Social, Família e Habitação, estando os três últimos temas por inerência ao abrigo do primeiro, conforme a Declaração dos Direitos Humanos (ONU, 1948).

O processo de codificação/categorização foi participativo e discutido ao longo do processo, particularmente aquando da contextualização dos registos fotográficos e escritos (ver diários de bordo nos apêndices 5 a 11, 14 e 16). Adicionalmente, foram desconstruídos os temas e as suas potenciais significâncias/representações para cada um dos participantes, potenciando percursos individuais e colectivos de aprendizagem permanente (Melo, Lima & Almeida, 2002) através da partilha, e diversificando o contexto educador, aproximando-se significativamente dos princípios de educação popular (Freire, 1970).

Várias ideias sensibilizadoras (Blumer, 1954; Pais, 2006, p.27) surgiram, algumas delas alinhadas com a revisão de literatura, utilizando o método narrativo (Herman, 2009), usualmente dignificando os princípios do *Housing First* e outras evidenciando conteúdo emergente, não decorrente de revisões teóricas antes feitas. De uma forma generalizada, os participantes recorreram a uma linguagem simbólica e/ou metafórica para expressarem a sua situação, anseios e expectativas.

Os registos fotográficos e escritos (narrativas) sob a categoria “Amor”, evidenciaram a desafiliação dos laços especialmente com a família (laços de afiliação e laços de participação eletiva) salientando a nostalgia/esperança relativamente a um sentimento etimologicamente falando (Post, 2003) associado à ternura (*storge*) e ao romance, desejo sexual (*eros*): “Para mim, simboliza o início de uma vida a dois, a vida em família que é a base, a fundação da nossa vida” (Residente A), “Esta fotografia representa o reencontro inesperado com o meu amor na Igreja de Santa Cruz, depois de ficarmos sem nos ver durante mais de sete anos.” (Residente C), “Nesta fotografia vejo uma estátua parecida com Vénus (...) simboliza o amor e a beleza. Esta deusa da Antiguidade Clássica tem uma anatomia divina, daí ser considerada pelos gregos a deusa da beleza e do amor” (Utente do CAT C). Por outro lado, tacitamente evidenciam a desafiliação da comunidade (laços de participação cívica) (Paugman, 2014), salientando a afeição desinteressada, a empatia e amor pela humanidade (*agape*) e o amor simbólico (Flanagan, 2012): “É claro que na vida real o amor manifesta-se de várias formas e um dos lados mais sublimes do amor é quando este está ao serviço dos seres humanos mais

vulneráveis. São em atitudes semelhantes que se revê nas pessoas a mais verdadeira e genuína beleza” (Utente do CAT C). Em linha com *agape*, é convocado um dos princípios do HF, o compromisso de trabalhar com os residentes enquanto necessitarem (Tsemberis, Moran, Shinn, Asmussen & Shern, 2003; Tsemberis, Glucur, Nakae, 2004): “A Cruz Vermelha tem um compromisso connosco. (...) Ajuda os sem-abrigo a melhorarem as suas condições de vida para viverem mais dignamente” (Residente B). Ainda nesta categoria, são evidentes alguns resquícios de sintomas de solidão, um dos sentimentos de risco identificado nos programa HF (Johnson, 2012; Tsai & Rosenheck, 2012): “Tenho muito carinho e amor ao feijão mágico, porque está ao meu lado quando estou a ver televisão (...). É a minha companhia”. (Residente A)

As narrativas associadas à “Natureza” é como se espelhassem a centralidade da pessoa, que eles enquanto seres humanos deveriam ter, a humanização necessária para um maior equilíbrio, convocando frequentemente de valores como o respeito, a integração e a justiça social e utilizando o verbo ativo “cuidar”: “Vejo nesta foto todo o fervor e felicidade que sinto quando vejo a natureza, que tanta gente despreza. (...) As pirâmides, apesar de não serem um elemento da natureza, para mim, nesta perspetiva, parecem-no, pois estão muito bem enquadradas. A fotografia representa o equilíbrio entre os dois mundos, natural e humano, que muitas vezes não é conseguido.” (Residente A), “Ela deve ser tratada como as pessoas, com carinho proteção para não ser estragada e para o ser humano viver num mundo mais limpo e bonito.” (Utente do CAT A), “À semelhança do barco, ela [natureza] pode fazer-nos flutuar, mas também nos pode afundar, havendo nesse comportamento um pressuposto de justiça social, algo que todos ambicionamos” (Utente do CAT C). Simultaneamente, elas revelam alguma segregação geográfica na própria cidade de “residência”, fenómeno estudado por May (2010) e apresentado como as “microgeografias” dos sem-abrigo: “representa um local onde já não ia há mais de 10 anos, porque tenho andado sempre a remar contra a maré...” (Residente E). Nesta categoria, ilações poderiam extraídas relativamente à correspondência com os princípios do *Housing First* por uma pessoa que não está abrangida pelo programa: “Associo as cores a calor, aconchego, segurança e bem-estar, sensações que tinha quando trabalhava como jardineiro.” (Utente do CAT C). Um dos princípios é o do calor humano (Tsemberis, Moran, Shinn, Asmussen & Shern, 2003; Tsemberis, Glucur, Nakae, 2004), bem como a segurança, um sentimento enfatizado no âmbito da literatura internacional e pelos utentes do projeto “Casas Primeiro”, em Portugal (Zilhão, 2013).

Como já explanado, as narrativas associadas à (Re)Inserção representam uma amálgama de perceções e sentimentos, dando corpo a um conceito tanto de plural como de abrangente, inclusive de outras categorias, dando corpo às “condições para estabelecer um projecto de vida” (Capucho, 1998, p.61). Porém, de uma forma geral, as narrativas surgem por antinomia a perceções e experiências de exclusão e desafiliação, realidades indissociáveis: “Muitas vezes e para muitas pessoas a exclusão não é uma opção deliberada. Por vezes, essa circunstância de vida apenas significa obstáculos inesperados” (Utente do CAT A), “Dizem que os sem-abrigo são pessoas à margem da lei, ou seja, são excluídos da sociedade. Na minha opinião, são humanos que merecem uma oportunidade na vida” (Residente B); “Sinto-me como este candeeiro – isolado no meio da escuridão” (Residente A). Podendo também esta última afirmação representar uma das contrapartidas associadas ao programa *Housing First*. O emprego foi salientado como factor determinante para a (re)inserção, estando alinhado com as prioridades do programa HF e Casas Primeiro “O emprego, na minha opinião, é um passo para a reinserção social” (Residente C).

Foram enfatizados sentimentos associados a saudades de casa (May, 2000): “Gosto muito de viajar de comboio por causa da temperatura agradável que está lá dentro e de me sentar a apreciar as paisagens através da janela. Faz-me recordar a Ucrânia, onde nasci e vivi” (Utente do CATC) e a necessidade de serem recuperados e reconhecidos os laços de participação cívica (Paugman, 2014), representando o reconhecimento individual e a integração numa ou várias comunidades: “(...) Desta forma, o elevador do Bom Jesus simboliza a esperança de um dia sermos transportados para a reinserção social e vivermos numa sociedade com deveres e direitos” (Utente do CATA). Ideia esta que foi enfatizada por José Machado Pais (2006), como que um estado de “morte social” e alienação percecionada pelas pessoas em situação sem-abrigo.

Ainda assim, de uma forma genérica, foi reforçada a ideia da habitação como espaço basilar para a segurança ontológica (Giddens, 1990) e a integração: “Reinserção social quer dizer arranjar tudo o que é preciso para um ser humano viver. No meu caso, reinserção social quer dizer, por exemplo, ter habitação, um sítio para viver” (Residente E), “Fui dormir para o pinhal, um sítio muito isolado e escuro, numa caravana abandonada, o único sítio que tinha para dormir. Estava sempre com medo que me fizessem mal ou que me violassem” (Residente B), “Na minha casa, posso viver melhor do que antes, não estar em perigo, estar mais sossegada, com mais conforto e bem-estar. Não preciso de correr perigo de vida.” (Residente E).

Paralelamente, estas narrativas fazem depreender sentimentos positivos em relação à situação atual (residentes do Programa HF da Cruz Vermelha), que foram também traduzidos e reforçados pelos residentes do projeto “Casas Primeiro”: a segurança e estabilidade. (Zilhão, 2013)

Simultaneamente, os residentes expressaram discursos de esperança em relação ao futuro (Kirst *et al*, 2014) e de imaginar um futuro melhor (Zilhão, 2013): “(...) mas com a esperança sempre viva no meu espírito, tal como a luz que ilumina a noite. (...) não me posso esquecer que estou rodeado de flores, que representam a alegria de viver e são um símbolo da natureza, onde vou buscar parte do meu alento” (Residente A), “(...) tenho passado os meus dias de forma mais bonita com as pessoas que estão à minha beira.” (Residente B).

Encerrando esta categoria, globalmente, esta facilita alguns princípios do HF, nomeadamente, o da inclusão social, de dar poder e autodeterminação, o de fomentar uma imagem positiva de si próprio e o desenvolvimento de projetos pessoais individuais. (Tsemberis, Moran, Shinn, Asmussen & Shern, 2003; Tsemberis, Glucur, Nakae, 2004).

No que respeita à categoria “Família”, os sentimentos e perceções expressados e latentes nas narrativas são plurais. Também estas representam situações de desafiliação e inclusive segregação espacial, quando em situação sem-abrigo, como já foi referido anteriormente. A título de exemplo: “Eu gosto do Bom Jesus e sempre que lá ia era com a minha família. Há mais de 15 anos que lá não ia” (Residente E). A desafiliação assume proporções tais, concretizando-se no afastamento dos familiares a nível ascendente e descendente (Pais, 2006): “Nesta foto estão representados os meus queridos netos, que são tudo o que mais gosto no mundo, assim como os meus filhos” (Residente A). Em contrapartida, a condição de ser residente do programa HF, parece fomentar a reaproximação familiar, corroborando as conclusões de Zilhão (2013) relativamente ao projeto “Casas Primeiro”, apesar de não ser totalmente explícito através do registo que se segue: “Tirei uma fotografia aos meus pais, porque são tudo para mim e sou muito feliz, porque os tenho vivos” (Residente C).

Simultaneamente, se por um lado o conceito de família é sinónimo de (desejo de) afetividade e intimidade, a sua ambivalência também permite que seja um sinónimo de opressão e violência (Saraceno, 1992): “A família é um espaço de afeto, um jardim. Qualquer ser humano sonha um dia constituir a sua própria família (...) este é um desejo que almejo” (Utente do CAT A), “O peluche da fotografia representa a infância e as moedas o tráfico humano, uma realidade

muito próxima de mim. (...) É pena que muitas famílias tenham crianças e as vendam como mercadoria.” (Residente B)

A habitação para esta população (experienciou a situação sem-abrigo) representa um sonho: “A habitação é o sonho de qualquer pessoa que num dado momento se vê na condição de sem-abrigo (...) mas para muitos não passa de um sonho inatingível” (Utente do CAT A), “Quando estávamos na rua durante muitos anos sonhávamos ter uma casa” (Residente B). Por esta ordem ideias, tem a habitação tem uma relação umbilical com os Direitos Humanos, impulsionando o questionamento acerca da condição humana, da dignidade e destas premissas em geral: “O direito à habitação devia ser um direito humano básico. Está contemplado na Declaração Universal dos Direitos do Homem, mas nem sempre uma pessoa usufrui dele. (...) Ninguém pede um palácio, apenas um espaço para se viver a vida com o mínimo de dignidade” (Utente do CAT A), “(...) Só assim é que consegui ter uma habitação digna desse nome” (Residente A).

As narrativas também refletem *a priori* ausência de segurança ontológica (Giddens, 1990) e a sua gradual conquista no programa HF: “Associo esta foto a noites horríveis marcadas por uma certa violência. (...) era obrigado a dormir com um pau ao meu lado para me proteger.” (Residente A), “(...) representa a nossa casa e tudo o que temos” (Residente C). Nesta linha, por inerência, representa também o estabelecimento de rotinas, aumento dos cuidados de saúde, quando abrangidos pelo programa (Zilhão, 2013): “Sem a habitação não se consegue viver para ter o essencial: dormir, tomar banho, estar em harmonia e estar bem com as pessoas (...) Dantes tinha de esperar três semanas para ter autorização para tomar banho e só depois é que podia tomar banho...duas vezes por semana” (Residente E). Ainda associado à segurança ontológica, está a necessidade de privacidade e estabilidade (para os utentes do CAT): “Acabo por nunca estar sozinho, mas sinto falta disso” (Utente do CAT C) e o reconhecimento dessa privacidade e estabilidade (Tsemberis *et al*, 2004; Padget, 2007, 2012; Zilhão 2013): “A nossa casa é o nosso ninho do amor, do carinho, ternura e paz” (Residente B) e da nutrição dos afetos: “(...) no móvel está o Santo António, um santo que me diz muito, porque é o santo casamenteiro” (Residente C).

Citando Verónica Tiengo (2018, p. 149) é um “grupo populacional cuja marca predominante é a heterogeneidade, que partilha fatores comuns (...) tais como: a pobreza, o desemprego, a fragilização de vínculos familiares, a migração e utilização da rua e de albergues como local de moradia”.

Sumaria e globalmente, os residentes do programa HF expressaram sentimentos de gratidão, à semelhança de estudo desenvolvido anteriormente (Padgett, 2012): “Agora estou noutras condições para melhor, graças à ajuda de pessoas com boa vontade. (...) Só tenho algumas palavras a acrescentar: o meu muito obrigado!” (Residente A), “Finalmente o sonho tornou-se realidade. Hoje temos a nossa casa que tratamos com imenso amor e carinho (...) Obrigado à Cruz Vermelha por nos ter ajudado” (Residente B).

A Carta das Nações Unidas (ONU, 1948) enfatiza a reafirmação na fé nos Direitos Humanos e a promoção do progresso social princípios orientadores para a era que se seguiu, porém as narrativas dos participantes relativas à categoria “Direitos Humanos” revelam um grande distanciamento deles, nomeadamente a falta de reconhecimento dos mesmos nas suas vidas diárias. Em algumas situações os DH assumiam contornos de um sonho mesmo que almejavam concretizar. Fazendo uma breve referência das narrativas ao conteúdo da Declaração Universal dos Direitos do Homem, a falta de reconhecimento dos Direitos identificados pelos participantes incide sobre o preâmbulo: “o reconhecimento da dignidade inerente e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo” (ONU, 1948): “paz, democracia e liberdade deveriam ser pilares indissociáveis uns dos outros e da existência humana” (Utente do CAT A), “A falta de reconhecimento dos Direitos Humanos é como uma prisão, sentimo-nos aprisionados” (Residente A); incide sobre a falta de segurança pessoal (artigo 3º) e de bem-estar (alimentação, vestuário, alojamento, assistência médica e serviços sociais) (artigo 25º): “Vejo o tempo que passei (...) a dormir atrás desta torre e onde eu guardava os meus haveres (roupa de cama e algum vestuário), porque de resto, roubavam-me tudo, todos os dias.” (Residente A), “O ser humano tem que ter direito à vida, à habitação, à alimentação, a ter liberdade e a sentir bem-estar com as pessoas com quem está” (Residente E); incide sobre a não submissão a tratamentos desumanos, cruéis ou degradantes (artigo 5º): “A violência contra as mulheres é cada vez maior. (...) O meu caso foi igual ao de tantas mulheres...fui maltratada e violentada. Até uma faca o meu ex-marido me espetou nas costas por causa do divórcio” (Residente B); incide sobre a falta de emprego (artigo 23º): “O elevador leva-nos onde queremos ir. Neste caso, gostaria de sair numa paragem onde houvesse emprego” (Residente C). Por último, mas não menos importante foi feita alusão ao direito à vida privada (artigo 12º): “Otimismo de que irei poder ter direito à vida privada porque, neste momento, estou num Centro de Acolhimento Temporário e não tenho esse direito” (Utente do CAT C). A este propósito, é oportuno salientar

os princípios iii) dar poder de autodeterminação, escolha e controlo às pessoas” e o v) as residências serem independentes inerentes ao HF, constituindo uma alternativa a considerar.

Ainda a este propósito, vale a pena atentar às recomendações elaboradas pelos participantes (residentes HF e utentes do CAT) para a melhoria de ambas as respostas sociais. Digno de nota, o facto de as recomendações estarem alinhadas com as perceções partilhadas num estudo desenvolvido por Barros (2010), recorrendo à técnica *photovoice*, nomeadamente a o estigmatismo/“catalogação” a que os utentes de centros de acolhimento temporários estão sujeitos: “Instituir mecanismos de prevenção, porque esta é uma experiência de humilhação extrema” (Utente do CAT A), “Haver outras instituições que forneçam comida para além de uma, porque há pessoas que não se sentem bem em determinados locais” (Residente E); a necessidade de viver em habitações independentes: “Estou morto por sair de lá. Antes quero viver sozinho” (Utente do CAT C), “Termos mais privacidade” (Utente do CAT B), “Haver mais apoios, maior oferta de habitação social em vez do CAT” (Residente A). Adicionalmente, foram dadas as seguintes recomendações de acordo com as categorias que se encontram no quadro que se segue:

Quadro 10 - Categorização das recomendações

Recomendações	
Categorias	Narrativas
<b>Novas valências</b>	“Ter alojamentos temporários para mulheres que são violentadas” (Residente B); “Dar poder à Cruz Vermelha, mas legislado”; “Deve ser destinada [à CVP] a administração de agrupamentos sociais, como prédios e apartamentos a nível municipal para, progressivamente, poder encaminhar pessoas em situação sem-abrigo para habitações. Tudo isso dentro de um programa bem estudado e com protocolos a nível municipal” (Utente do CAT A);
<b>Regras</b>	“Horários mais flexíveis (entrega de roupa para lavar, horários de refeições, etc.) para aqueles que se encontram a frequentar formação. Assistir a um bom evento cultural, faz bem ao espírito e implica chegar um pouco mais tarde.” (Utente do CAT A), fazendo referência ao Regulamento Interno do CAT.; “Mais disciplina para os que se portam mal ou são reincidentes em comportamentos agressivos com os utentes.” (Residentes A e B, Utente do

Recomendações	
Categorias	Narrativas
	CAT A);
<b>Acompanhamento individualizado</b>	“Criar departamento direcionado para a inclusão com mais técnicos para fazer acompanhamento individualizado” (Residente A), “Identificar perfis com características semelhantes antes de distribuírem os utentes pelos quartos. Por exemplo, fumadores com fumadores, pessoas que não bebem com pessoas que não bebem...assim evitavam-se conflitos” (Residente B); “Por causa de uns, pagam todos” (Residente C);
<b>Atividades</b>	“Haver um projeto de fotografia” (Utente do CAT A); “Fazer mais uma exposição” (Residente E); “Trabalhar na agricultura” (Residente C); “Frequentar alguma formação”, “Mais atividades de <i>fitness</i> ” (Utente do CAT B), “Colocar os equipamentos de ginásio que estão na biblioteca nouro espaço, ao ar livre “(Utente do CAT B);
<b>Documentação</b>	“Ter acesso a formação, mesmo que um sem-abrigo tenha ficado com os documentos caducados, (...) porque se tive de esperar por exemplo 10 anos pela resolução do caso, isto pode impossibilitar qualquer sonho de reinserção” (Utente do CAT A); “Emitir um cartão para os utentes do CAT. Ajudaria a controlar melhor e seria potencialmente integrador, potenciando o acesso a alguns organismos estatais e possibilitando frequentar cursos, bibliotecas, museus, eventos culturais, quando não havia possibilidade de apresentar outros documentos” (Utente do CAT A); “No que respeita ao artigo 14º do Capítulo V “Regime de Participação”, os utentes deveriam ter direito a assistência médica e medicamentosa sempre que necessário. (...) O Cartão de Saúde para um excluído é de extrema importância, é o único que permite ao excluído estar ligado à vida” (Utente do CAT A);
<b>Recursos Físicos</b>	“Ter uma sala com mais computadores cedidos pela autarquia para que os utentes não caiam totalmente na exclusão informática” (Utente do CAT A); “Mais livros. Não tem Dostoiévski e Tolstói. Acho que só tem uma enciclopédia em russo” (Utente do CAT B); “Haver cabines telefónicas dentro do Centro para poder comunicar com a família ou amigos” (Utente do CAT B);

Todos os participantes das atividades *photovoice* deram as suas opiniões/recomendações relativamente ao CAT, uma vez que todos tinham experienciado estes serviços ainda que alguns em situações temporárias.

Fazendo um paralelismo, com algumas conclusões já extraídas na matéria, há por parte dos utentes uma vontade de viver numa habitação independente (Barros, 2010), a par de um maior acompanhamento individualizado (Tsemberis *et al*, 2004), flexibilidade nas regras (adaptadas a cada pessoa e contexto) e proposta de recomendações a nível de possíveis novas valências, documentação a ser criada, atividades e recursos físicos a serem incluídos e/ou reorganizados para um maior aproveitamento dos utentes. Independentemente da sua possível operacionalização e implementação futura, revelou um grande desenvolvimento da expressão, do espírito crítico ao longo das atividades desenvolvidas durante o período de estágio.

Os instrumentos de avaliação utilizados visaram recolher impressões dos participantes e potenciar a reflexão, indo de encontro à diversidade de especificidades do público-alvo. Por esse motivo, foram valorizados instrumentos com uma dimensão simbólica, que potenciassem o desabrochar de representações pessoais e um distanciamento das vivências e situações, abordando os factos na terceira pessoa. Como referem Bukowski & Buetow (2011, p. 744): “Evidence for this observation varied by level of abstraction, sometimes revealing symbolic meanings beneath the image surface.” (Bukowski & Buetow, 2011, p. 744)

Para a discussão dos resultados das atividades de avaliação, serão analisadas as perceções/categorias apresentadas por cada participante aquando da utilização de instrumentos metafóricos/pictóricos (cfr. quadro 11), sendo que as atividades que foram avaliadas quantitativamente (através da atividade “o porto de mar”) não estarão contempladas (cfr. apêndice 16 e apêndice 15).

Quadro 11 - Discussão resultados – Atividades de avaliação

Atividades	Categorias e Representações
v) 3ª Sessão <i>Photovoice</i>	<p>“Livro no Parque” – Regresso da visão (Residente A); “Açores” – Viagem e tranquilidade (Residente B); “Carro” – Mobilidade (Residente C); “Café” – Conforto (Residente E)</p> <p>“Cinzento” – Nostalgia, incerteza, horizonte para novas perspetivas (Utente do CAT A); “Mar” – Tranquilidade (Utente do CAT C)</p>

Atividades	Categorias e Representações
xvi) 12ª Sessão <i>Photovoice</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Saúde - 4 (Residente B, Residente C, Utente do CAT, Utente do CAT C)</li> <li>- Emprego – 3 (Residente C, Utente do CAT A, Utente do CAT C)</li> <li>- Vida cultural – 2 (Residente B, Residente C)</li> <li>- Habitação – 2 (Residente B, Utente do CATA)</li> <li>- Vida Privada – 2 (Utente do CAT, Utente do CAT C)</li> <li>- Liberdade – 2 (Utente do CAT, Utente do CAT C)</li> <li>- Nacionalidade – 2 (Utente do CAT, Utente do CAT C)</li> <li>- Vida – 2 (Utente do CAT, Utente do CAT C)</li> <li>- Educação – 1 (Utente do CAT A)</li> <li>- Casamento – 1 (Residente B)</li> <li>- Segurança social – 1 (Utente do CAT C)</li> <li>- Reunião/associação – 1 (Residente C)</li> <li>- Segurança pessoal – 1 (Utente do CAT A)</li> </ul>

No que respeita à análise das narrativas expressadas durante a 3ª Sessão de *Photovoice*, parece haver pendor para valorização de questões de aparência, material, reforçando a necessidade de se aprofundar o estudo da identidade daqueles que estão em situação sem-abrigo e investigar como as identidades suportam, mantêm ou restituem os efeitos da situação social em que se encontram. (Radley, Hodgetts & Cullen, 2005, p.293). De uma forma geral, as narrativas revelam a valor associado a bens materiais que possibilitam a experiência de sensações de proteção, conforto e controlo sobre as próprias vidas. (Zilhão, 2013).

De uma forma geral, demonstraram sentimentos de insegurança incerteza e expectativa relativamente ao projeto e às suas próprias circunstâncias. (Zilhão, 2013)

Relativamente às narrativas expressadas durante a 12ª Sessão de *Photovoice*, o tema “Saúde” foi transversalmente valorizado pelos participantes enquanto Direito Humano, potencialmente devido ao facto de todos terem experienciado problemas deste foro, que agravaram a sua identidade enquanto pessoa em situação sem-abrigo (Zilhão, 2013) e devido a progressiva perda do papel social de utente. Da mesma forma, foi claramente expressa a valorização do “Emprego”, refletindo a necessidade de envolvimento na comunidade e de

integrar contextos normalizantes e a necessidade de alargamento do espectro de serviços de apoio comunitários a prestar a esta população.

Por outro lado, o direito à Vida Privada, Liberdade, Nacionalidade, Vida, Segurança Social e Segurança Pessoal foi apenas enfatizado pelos residentes no CAT, sustentando a necessidade de resposta para este público enquadrada nos princípios do programa HF. O Direito à Vida Cultural, ao Casamento e à Reunião/Associação foi enfatizado apenas pelos residentes abrangidos pelo programa HF, confirmando as perspetivas de necessidade crescente de desenvolver sentimentos de pertença em relação à comunidade (Zilhão, 2013), participando em atividades culturais, associativas, de voluntariado, entre outras. Por outro lado, demonstra a consolidação de sentimentos de independência, liberdade, privacidade, segurança e motivação para desenvolver interesses próprios. (Yanos, Barrow & Tsemberis, 2004)

O Direito à Habitação surgiu como algo enaltecido por ambos os segmentos de participantes. Para os Utentes do CAT como um meio para colmatar todas as privações e problemas que gostariam de superar (já identificados nesta atividade); para os residentes como representação da gratidão e de uma grande conquista (Padgett, 2012).

Relativamente à 22ª Sessão *Photovoice* – avaliação final III, a avaliação foi bastante positiva, tendo sido todas actividades, globalmente, avaliadas positivamente, como já apresentado.

De ressaltar que a Exposição “Olhares Sentidos” foi motivo de satisfação da parte de todos os envolvidos, o culminar de projecto de concretização individual para cada um deles, organizacional e também ele comunitário, não defraudando o seu propósito: a sensibilização da comunidade para o perigo de discursos e comportamentos de ódio, preconceituosos, estereotipados e discriminatórios. Os comentários dos visitantes à exposição (cfr. Quadro 12), registados voluntariamente num caderno, espelham o despertar, para o que Pais (2006, p. 24) designou de “desatenção cívica”. Este sustentou, irónica e curiosamente, que “Não há compreensão sem se *olhar de frente* o que normalmente se olha de lado”.

Quadro 12 - Percepções dos visitantes da Exposição

Percepções Visitantes da Exposição “Olhares Sentidos”	
“O meu olhar sobre...”	
Visitante 1	“Gostei da exposição.”
Visitante 2	“Muito bom! Parabéns pelo trabalho, continuem da mesma forma a dar a quem mais necessita. Por pouco que seja podemos sempre mudar algo na vida de alguém”.
Visitante 3	“Aceitar desafios! Tudo começou na aula de investigação em educação que a estagiária me desafiou a trabalhar outras metodologias/métodos/técnicas...e aqui está todo um caminho percorrido ao ter colocado esse desafio. Continua a “desafiar” a rotina, o já conhecido para ir caminhando por outros caminhos! Parabéns!”
Visitante 4	“Parabéns!”
Visitante 5	“Um trabalho maravilhoso! As imagens e reflexões são tocantes! Me emocionei!”
Visitante 6	“Uma exposição fantástica a todos os níveis: na atitude, nos valores e no acolhimento que transmite. Resume aquilo que é o mais fundamental na vivência humana: dignidade. Parabéns!”
Visitante 7	“Marcante, profunda, não deixando ninguém indiferente. Parabéns!”
	“Uma exposição que retrata muito bem os sentimentos e as experiências vividas por estas pessoas, que merecem uma segunda oportunidade para serem felizes. Parabéns por não terem deixado passar despercebido este evento importante.”
Visitante 8	“Sem dúvida que esta exposição nos fez olhar para os sem-abrigo de uma maneira diferente. Foi muito importante conhecer as suas histórias e o seu novo modo de vida com a grande ajuda desta instituição. Parabéns por terem dado uma segunda oportunidade a quem mais precisa.”
Visitante 9	“Parabéns pela exposição e pelo projeto!!! Está uma exposição de “Olhares Sentidos”, aos fotógrafos e principais intervenientes desejo uma vida cheia de coisas boas, saúde e muito sucesso. Parabéns a todos.”
Visitante 10	“A maioria de nós, quando passa, na rua, por pessoas sem casa, e que ali dormem e vivem, desvia-se, vira a cara, finge que não vê. O que fizeram as

Percepções Visitantes da Exposição “Olhares Sentidos”	
“O meu olhar sobre...”	
	<p>peessoas que desenvolveram este projeto foi o oposto. Foi ir ao encontro dessas pessoas, ouvi-las, compreendê-las (em vez de as julgar), ajudá-las, dar-lhes uma casa. O Humanismo é isso, parece-me. Parabéns pelo projeto, pela sensibilidade e pela coragem.</p>
<b>Visitante 11</b>	<p>Experiências de que marcam os passos de tantas vidas, muitos não sabem quantos sorrisos e quantas lágrimas estão escondidas...Este projeto reflete a expressão sem “vida” a integridade...Este projeto é digno de ser honrado!!! Muitos parabéns!!”</p>
<b>Visitante 12</b>	<p>“Parabéns a toda a equipa e a todos os participantes e a esta iniciativa que nos mostra certos pontos de vista...felicidades!”</p>
<b>Visitante 13</b>	<p>“Parabéns pela iniciativa! Não só pela exposição, mas por todo o trabalho anterior e que com certeza continuará!”</p>
<b>Visitante 14</b>	<p>“Esta exposição faz-nos refletir um bocado sobre nosso presente. As pessoas que aqui foram retratadas são humanos, pessoas como qualquer um. Às vezes, passamos na rua e viramos as costas a muitos destes casos como se não se passasse nada. Merecem ser tratados com bons modos e maneiras e devem usufruir dos mesmos direitos. São pessoas que com certeza não desejavam isto para elas nem para ninguém, não tiveram culpa das coisas fluírem desta maneira.Força para todas as pessoas que passam ou passaram por estas situações. Parabéns à instituição pela iniciativa.”</p>
<b>Visitante 15</b>	<p>“Excelente iniciativa. Às vezes é importante colocarmo-nos na visão dos outros para podermos perceber os seus sentimentos. Obrigado pela exposição e uma boa sorte para todos.”</p>
<b>Visitante 16</b>	<p>“Esta exposição é fruto de um trabalho excelente de promoção da dignidade humana. Parabéns a todos aqueles que connosco partilham o seu “Olhar Sentido”. Votos de muito sucesso!!!”</p>
<b>Visitante 17</b>	<p>“Iniciativa de louvar! Aqui paramos, refletimos e pensamos que há coisas importantes esquecidas como os sem-abrigo. Os textos fizeram-me ver que o ser humano é o bem mais importante do mundo e da vida! Tudo de bom a todos!”</p>

Percepções Visitantes da Exposição “Olhares Sentidos”	
“O meu olhar sobre...”	
<b>Visitante 18</b>	“Enquanto percorria as fotografias expostas, o “mundo” lá de fora continuava com o seu frenesim e agitação habituais...o vir aqui ver esta exposição fez-me parar e refletir. Confesso que o fazemos cada vez menos, nós todos adultos. Vivemos a nossa realidade e avaliamos e julgamos os outros de acordo com a mesma. Iniciativas como estas servem para tocar a nossa consciência e confrontarmo-nos com outras realidades. Aumentar a compreensão pela vida dos outros é passarmos a agir de forma menos pretensiosa e distante para com o outro. Deverão/deveriam ser consequências lógicas e naturais desta visita aqui. Parabéns aos autores das fotos e dos textos! Parabéns à organização!”
<b>Visitante 19</b>	“Eu, amigo do Residente A, fiquei muito feliz de ver o trabalho teve e a força que tem. Que continue assim que merece.”
<b>Visitante 20</b>	“Parabéns à organização e a todos os grandes artistas que nos proporcionaram as preciosidades aqui expostas.”

Retomando a citação acima apresentada: "Não há compreensão sem se *olhar de frente* o que normalmente se olha de lado". Olhando agora em retrospectiva, esta citação é também transferível e válida para o processo de intervenção e investigação que aqui foi apresentado, mas também mais imagetivamente para as circunstâncias que hoje para mim se deslindam.

*Olhar de frente* para um período e experiência que ficaram à espera de atribuição de sentido e compreensão, perdidas nas brumas do tempo durante três anos. Por outro lado, esse período permitiu de igual forma um maior distanciamento útil à compreensão e atribuição de sentido do mesmo. Se por um lado, um sentimento de realização se aproxima, associado ao fecho de um ciclo, por outro lado, sobressai ainda mais o sentimento de incompletude, de limitação e de um dever que ainda não se cumpriu na totalidade que é dar voz a este público, que é reconhecer o trabalho desenvolvido por esta instituição, que é regressar aos caminhos da educação de adultos e intervenção comunitária. Volvidos estes anos, enquanto observadora de mim mesma, não há como não reparar na paixão embrenhada em cada palavra de cada narrativa que acompanhava cada atividade, cada conquista alcançada por cada uma destes adultos. Volvidos estes anos, o parcial tratamento de dados que ainda era necessário fazer, foi

algo feito a compassos nos escassos momentos de disponibilidade mental a que o exercício profissional assim exigiu, entre viagens internacionais, reuniões e conceção de projetos. Ainda assim, possível devido à estruturação da escrita realizada até então e persistência da orientadora. Volvidos estes anos é evidente a grande ambição e carinho depositado neste documento, assim como na intervenção, que seriam merecedoras de maior exploração. Volvidos estes anos, é também notório o mote de aprendizagem futura, como a elevada exigência pessoal e os já consolidados laivos de perfeccionismo são contraproducentes e sempre motivo de delonga. Volvidos estes anos, citando as palavras de um amigo aquando da conclusão da minha licenciatura em Educação: “ser feliz” é *sinae qua non* de “ser útil” e, na realidade, são expressões indicissociáveis que estes anos de pausa se encarregaram de tornar evidente. Ser feliz é estar ao serviço, numa perspetiva de intervenção intersistémica na comunidade.

## 6. Considerações finais

Alcançado um significativo distanciamento ulterior ao percurso de estágio, refletido no presente relatório de investigação/intervenção, é notório o impacto do mesmo a nível pessoal, tendo sido naquele que, seguramente, deixou registos mais profundos. Dando sentido às teorias da individuação, à aprendizagem experiencial de Kolb (1984) e convocando o elemento de linguagem de eleição, a metáfora, figurativamente, representou o reconhecimento da luz interior. Dentro da infinita teia de significações a elencar, representou sobretudo a *conscientização* (Freire, 1970) em sentido lato da humildade científica acompanhada do reconhecimento e valorização da *centralidade da pessoa* (Rogers & Rosenberg, 1977), das pessoas (termo deliberadamente aplicado), dos seus percursos e potencialidades, com quem a estagiária teve a lisonjeira oportunidade de trabalhar, aprender e aumentar a sua bagagem experiencial, absorver a verdadeira aceção da educação do adulto que é; representou o reconhecimento das potencialidades e poder pessoal de cada um, da luz que cada um e todos são; significou a elementaridade de trabalhar essa percepção do *self* para a intervenção e desenvolvimento coletivo e comunitário. Por outro lado, o estágio alertou para potenciais riscos intrínsecos ao do trabalho humanitário, como o *burn-out* profissional, o perigo de um sentimento desmedido de compromisso, assim como a transferência e vinculação emocional por parte do público-alvo. As fronteiras são ténues. Indiscutivelmente, representou o reconhecimento do sentido de utilidade interdependente da qualidade que é *ser humano*.

O projeto de investigação/intervenção trouxe a noção clara de que a investigação-ação é um *continuum* sem termo, havendo ainda um amplo espaço para futuras intervenções e investigação, tendo em consideração as limitações de tempo e espaço a que um relatório de estágio obriga e os dados não contemplados neste documento. Fez lapidar algo tão elementar como respeito pelos ritmos assíncronos do público-alvo, delongando substancialmente e ascrecendo o número de atividades realizadas.

A nível institucional, o contributo da estagiária permitiu dar continuidade e corpo a um projeto relativamente recente e experimental a nível nacional e, sobretudo local, que se encontra em expansão na Europa. Paralelamente, contribuiu para a consolidação de um paradigma de resposta tendencialmente descentralizado e centrado na pessoa. Acresceu através da sua intervenção uma componente comunitária, firmado em respostas individualizadas para promover a integração e combate à solidão corolário evidenciado pelas investigações produzidas no âmbito

do

programa

HF.

Ainda neste ponto, parafraseado Zimmerman (1995) convocado por Jesus e Meneses (2010), de salientar a abertura da instituição para promover o empoderamento psicológico, comunitário e organizacional, dando precisamente voz aos seus utentes.

À luz da educação permanente e comunitária, o conhecimento evidenciado na área de especialização, permitiu calcorrear um caminho de encontro à realização potencial de cada um (Faure, 1972).

Bebendo um pouco dos princípios e modelo HF, a intervenção da estagiária alargou o o espectro e tipo de intervenção, com o intuito de contornar as fragilidades do programa HF original, promovendo atividades para potenciar a “socialização apoiada”, lembrando certos laivos a intervenção realizada no seio do HF Australiano. O *photovoice* dada a sua periodicidade de reunião semanal, originou espaço(s) e tempo(s) fundamentais para a estruturação de rotinas, para a construção de um grupo de apoio, crucial para deixar cair o anonimato, típico da impessoalidade experienciada na rua, cujo nome lembra a desfiliação relativamente à ancestralidade (Pais, 2006). Algo frequente mesmo por aqueles que partilham a rua e são conhecidos de longa data, caso do público em análise. O *photovoice*, paulatinamente, também permitiu que se construíssem relações de confiança, o desenvolvimento interpessoal e progressão em relação à integração comunitária (cultural, emprego, educação, saúde), mas, sobretudo, uma maior consciência de si mesmos e das suas causas, sendo atores do seu processo – *advocacy*. O envolvimento individual e significativo é necessário e desejável a par de uma resposta estratégica pública relativamente a este tema, o HF sendo um programa de base comunitária, não está ainda previsto como uma resposta possível e implementada pelos serviços públicos.

O projeto de investigação/intervenção desafiou alguns pressupostos com sucesso ao promover melhores relações de vizinhança, em cujo processo os residentes foram agentes ativos; ao instigar todos os abrangidos nas atividades da estagiária, especialmente os residentes do CAT a fazer propostas de melhoria para esta valência.

De uma forma global, promoveu a mudança do paradigma da medicalização para um paradigma de empoderamento e de certa forma alcançou-se uma “integração relativa” (Busch-Geertsema, V., 2012, p. 214) dos residentes. Manter perspetivas utópicas alicia a lutar pela persecução de realidades melhores, o que, de forma concumitante salienta a necessidade dar continuidade à investigação-ação neste espaço territorial e com este público-alvo. Numa primeira

instância, entrevistas de *follow-up* para consolidar as narrativas e resultados seria aconselhável, apesar das inúmeras notas registradas.

Metodologicamente, a metaestratégia conduzida, fruto deste percurso serpenteado, foi baseada numa estratégia de conquista de confiança individualmente com cada pessoa, conduzindo à partilha de narrativas pessoais servindo de substrato para posteriormente se potenciar a reflexão e o desenvolvimento de recomendações e atividades verdadeiramente coletivas.

De uma forma particular e meritória, o projeto e o programa de estágio desafiaram alguns pressupostos, ao apoiarem a integração numa habitação de uma pessoa dependente de drogas e álcool e o respetivo desenvolvimento de sentimentos de pertença pelo espaço e bens neles incluídos. Um elemento singular, mas que sendo melhor explorado poderá, eventualmente, fazer emergir evidências dissonantes à abordagem em escada (*staircase model*) para a promoção da autonomia e responsabilidade.



## 7. Bibliografia Referenciada

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D., Saint-Georges, P. (2011). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva (3ª edição).
- Aldeia, J. (2011). *“A Barraca do Rui”*. *Os laços sociais no fenómeno dos sem-abrigo*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- Ander-Egg, E. (1990). *Repensando la Investigación-Acción – Participativa*. México: El Ateneo.
- Aubusson, P. J., Harrison, A. G. & Ritchie, S. M. (2006). Metaphor and Analogy: Serious thought in Science Education. In P. J. Aubusson, A. G., Harrison & S. M. Ritchie (Eds.), *Metaphor and Analogy in Science Education* (pp.1-10). Dordrecht: Springer.
- Bathmaker, A. & Harnett, P. (2010). (Ed.). *Exploring Learning, Identity & Power through Life History and Narrative Research*. New York: Routledge.
- Barbour, R. (2009). *Grupos Focais*. São Paulo: ArtMed Editora.
- Barros, R. (2010). *Contributos de Mulheres Sem-Abrigo para a Construção de Respostas Habitacionais/Serviços de Apoio*. *Dissertação de Mestrado em Serviço Social*. Lisboa: Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Beard, Colin M. (2008). Space to Learn: The Development and Evolution of New Learning Environments in Higher Education, in *Enhancing Student-Centred Learning*, Higher Education Academy, Oxford, Threshold Press.
- Bento, A. & Barreto, E. (2002). *Sem-Abrigo Sem-Amor*. Lisboa, Climepsi.
- Blumer, H. (1954). What is wrong with social theory?. *American Sociological Review*, 19(1), 3-10.
- Bogdan, R.; Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora.
- Bourdieu, P. (1990). *The Logic of Practice*. Stanford: Stanford University Press

Brander, P., de Witte, L., Ghanea, N., Gomes, R., Keen, E., Nikitina, A., Pinkeviciute, J. Chapter 2 – Practical Activities and Methods for Human Rights Education. In Rui, G. (Ed. and coord.) (2012). *Compass: manual for human rights education with young people* (pp.72-350). Strasbourg: Council of Europe Publishing. Disponível em: [http://www.coe.int/t/dg4/eycb/Source/Compass\\_2012\\_FINAL.pdf](http://www.coe.int/t/dg4/eycb/Source/Compass_2012_FINAL.pdf).

Busch-Geertsema, V. (2012). The Potential of Housing First from a European Perspective. *European Journal of Homelessness*, 6(2), 209-216.

Cain, J., Cummings, M. & Stanchfield, J. (2004). *A Teachable Moment: a Facilitator's Guide to Activities for Processing, Debriefing, Reviewing, and Reflecting*. Dubuqu: Kendall Hunt Publishing.

Canário, R. (1999). *Educação de Adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

Capucha, L. (1998). Exclusão Social e Acesso ao Emprego: Paralelas que podem convergir. *Sociedade e Trabalho*, 3, 60-69.

Castel, R. (2009). *Les metamorphoses de la question sociale: Une chronique du salariat*. Paris: Gallimard.

Castleden, H. & Garvin, T. (2008). Modifying Photovoice for Community-based Participatory Indigenous Research. *Social Science and Medicine*, 66, 1393-1405.

Chichorro, A.M. (Coord.). (2006). *Respostas Sociais: nomenclaturas/conceitos*. Lisboa: Direcção-Geral da Segurança Social, da Família e da Criança.

Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde (1978). *Declaração de Alma-Ata*. União das Repúblicas Soviéticas Socialistas.

Crane, M., Warnes, A. M. & Coward, S. (2012). Preparing Homeless People for Independent Living and its Influence on Resettlement Outcomes. *European Journal of Homelessness*, 6(2), 17-45.

De Ketele, J-M., & Roegiers, X. (1999). Metodologia da Recolha de Dados. In *Fundamentos dos Métodos de Observações, de Questionários, de Entrevistas e Estudos de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Dewey, J. (1971). *Experiência e Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- Dupuis, A., & Thorns, D. C. (1998). Home, home ownership and the search for ontological security. *Sociological Review*, 46(1), 25–47.
- Edgar, B., Doherty, J. & Mina-Coull, A. (2000). *Support and Housing in Europe: Tackling Social Exclusion in the European Union*. Bristol: Policy Press.
- European Commission. (2013). *A decent Life for All: ending poverty and giving the world a sustainable future*. Brussels: European Commission.
- EEGTICC (2012). *Common European Guidelines on the Transition from Institutional to Community-based Care*. Brussels. Disponível em: <http://deinstitutionalisationguide.eu/>.
- FEANTSA (2005). *ETHOS: European Typology on Homelessness and Housing Exclusion*. Disponível em: <http://www.feantsa.org/spip.php?article120&lang=en>.
- FEANTSA (2010). *Ending Homelessness: a Handbook for Policy Makers*. Brussels: FEANTSA. Disponível em: <http://www.kraljiulice.org/library/381/ending-homelessness-a-handbook-for-policy-makers.pdf>.
- Fellin, P. (2015). Reformulation of the Context of Community Based Care. *The Journal of Sociology & Social Welfare*, 20 (2), 57-67.
- Flanagan, M. (2012). *Where There is No Love, Put Love”: Homeless Addiction Recovery Perspectives and Ways to Enhance Healing”*. Dissertação de Mestrado. Georgia State University.
- Freire, P. (1970). *A Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação da concepção à realização*. Lisboa: Lusociência.
- Fulcher, J. & Scott, J. (2007). Surveys, ethnography, and documents. *In Sociology* (pp.77-86). Oxford: Oxford University Press (3rd ed.).
- Giddens, A. (1990). *The Consequences of Modernity*. England: Polity Press.
- Guerra, I. C. (2002). A avaliação de um projecto de intervenção. *In I. C. Guerra, Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção – o Planeamento em Ciências Sociais* (pp. 175-207). São João do Estoril: Príncipeia, Publicações Universitárias e Científicas.

Herman, D. (2009). Getting Started: A Thumbnail Sketch of the Approach Toward a Working Definition of Narrative. *In Basic Elements of Narrative* (pp.1-22). Malden: Wiley-Blackwell.

Hodgetts, D., Radley, A., Chamberlain, K. & Hodgetts, A. (2007). Health Inequalities and Homelessness: Considering Material, Spatial and Relational Dimensions. *Journal of Health Psychology*, 12(5), 709-725.

Hozjan, D. (2009). Key competences for the development of lifelong learning in the European Union. *European Journal of Vocational Training*, vol. 46(1), 196-207.1

Hovelynck J. (1998). Facilitating experiential learning as a process of metaphor development. *Journal of Experiential Education*, 21(1), 6-13.

Isaksen, S., (1998). *A Review of Brainstorming Research: Six Critical Issues for Inquiry*. Buffalo: Creativity Research Unit. Disponível em: <http://www.cpsb.com/resources/downloads/public/302-Brainstorm.pdf>.

Jesus, M. F., Menezes, I. (2010). A experiência de sem-abrigo como promotora de empoderamento psicológico. *Análise Psicológica*, 3(XXVIII), 527-535.

Johnson, G. (2012). Housing First 'Down Under': Revolution, Realignment or Rhetoric?. *European Journal of Homelessness*, 6(2), 183-191.

Johnsen, S. (2012). Shifting the Balance of the Housing First Debate. *European Journal of Homelessness*, 6(2), 193-199.

Jorge, M. M. A. (1996, outubro). Complexidade e Mecanicismo. *In Seminário Internacional de Estudos da Complexidade* (pp.211-250). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Brasil.

Kirst, M., Zerger, S., Wise Harris, D., Plenert, E. & Stergiopoulos, V. (2014). The promise of recovery: narratives of hope among homeless individuals with mental illness participating in a Housing First randomised controlled trial in Toronto. *BMJ Open*, 4, 1-8. DOI: 10.1136/bmjopen-2013-004379.

Kuhn, T. (1977). *A tensão essencial*. Lisboa: Edições 70, 1977. Obra original: *The essential tension*. Chicago: University of Chicago Press.

Lakoff, G. & Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: Univ. of Chicago Press.

- Lima, C. L. (1989, outubro). Investigação participativa e Desenvolvimento Comunitário: da Reciprocidade na Prestação de Serviços. *In* Federação Nacional dos Professores (Org.), / *Conferência Nacional do Ensino Superior* (pp. 1-6). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Lima, C. L. (1994). Organização e Administração de Projectos de Investigação e Desenvolvimento em Educação de Adultos. *Educação de Adultos: Forum I*, 1, 27-46.
- Löfstrand, C. H. (2012). On the Translation of the Pathways Housing First Model. *European Journal of Homelessness*, 6(2), 175-182.
- Macedo, A. G., Amaral, A. L. (2005). *Dicionário da crítica feminista*. Porto: Edições Afrontamento.
- May, J. (2000). Of nomads and vagrants: single homelessness and narratives of home as a place. *Environment and Planning D: Society and Space*, 18, 737 -759.
- Melo, A., Lima, L.C., & Almeida, M. (2002). *Novas Políticas de Educação e Formação de Adultos*. Lisboa: Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos.
- Menezes, F. L. (2012). *Percursos Sem Abrigo. Histórias das Ruas de Paris, Lisboa e Londres*. Lisboa: Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL.
- Miguel, M.C. T. (2007). *Prevalência de Sem-abrigo ao Longo da Vida e Atitudes Face aos Sem-abrigo em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Comunitária. Lisboa: Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.
- Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (2009). *Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-Abrigo: Prevenção, Intervenção e Acompanhamento (2009-2015)*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Segurança Social. Disponível em: [http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13334/enipsa\\_2009\\_2015](http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13334/enipsa_2009_2015).
- Morin, E. (2002). *O método 5: A humanidade da humanidade – identidade humana*. Porto Alegre: Sulina.
- Morin, E. (2005). *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Edição revista e modificada pelo autor).

Nunes, R. (2015). A Reforma Estrutural. In R. Nunes, *Regulação da Saúde* (3ª Edição revista) (pp. 75-116). Grupo Editorial Vida Económica. ISBN: 9789897680687.

Ogden, L.P. (2014). "Waiting to go home": Narratives of homelessness, housing and home among older adults with schizophrenia. *Journal of Aging Studies*, 29, 53-65.

Oliveira, C. C. (1999). Educação e Enacção. In Clara Costa Oliveira, *A Educação como Processo Auto-organizativo: fundamentos teóricos para uma educação permanente e comunitária*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Oliveira, C. C. (2000, maio). Holismo: Aprender e Educar. In *Diversidade e Identidade: 1ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação* (pp.287-292). Porto: Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Ornelas, J., Martins, P., Zilhão, M.T. & Duarte, T. (2014). Housing First: An ecological approach to promoting community integration. *European Journal of Homelessness*, 8(1), 29-56.

Ornelas, J. (2013). Housing First Europe: Local Evaluation Report Lisbon. *European Commission's Directorate General for Employment, Social Affairs & Inclusion Programme*. Disponível em: <http://www.socialstyrelsen.dk/housingfirsteurope>.

Padgett, D. K. (2007). There's no Place Like (a) Home: Ontological Security Among Persons with Serious Mental Illness in the United State. *Social Science & Medicine Journal*, 64(9), 1925-1936.

Padgett, D. K. & Henwood, B. (2012). Qualitative Research for and in Practice: Findings from Studies with Homeless Adults Who Have Serious Mental Illness and Co-Occuring Substance Abuse. *Clinical Social Work Journal*, 40, 187-193.

Pais, J. M. (2006). *Nos Rastos da Solidão: Deambulações Sociológicas*. Porto: Ambar.

Patterson, M. L., Rezansoff, S., Currie, L. & Somers, J. M. (2013). *Trajectories of recovery among homeless adults with mental illness who participated in a randomised controlled trial of Housing First: a longitudinal, narrative analysis*. *BMJ Open*, 3, 1-8. DOI: 10.1136/bmjopen-2013-003442.

Paugam, S. (2010). *Que sais je?: Le lien social*. Paris: PUF.

Paugam, S. (2014). *Vivre Ensemble Dans un Monde Incertain*. Aube: Éditions de l'Aube.

Pereira, A., Barreto, P. & Fernandes, G. (2000). *Análise Longitudinal dos Sem-Abrigo em Lisboa: a situação em 2000*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Lisboa: Departamento de Acção Social da Câmara Municipal de Lisboa.

Pimenta, S. G. & Severino, A. J. (Orgs.) (2008). *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez.

Pleace, N. (2011). The Ambiguities, Limits and Risks of Housing First from a European Perspective. *European Journal of Homelessness*, 5(2), 113-127.

Pleace, N. (2012). *Housing First*. Brussels: European Federation of National Organisations working with the Homeless.

Post, S. (2003). *Unlimited Love: Altruism, Compassion and Service*. Pensilvania: Templeton Foundation Press.

Quiwy, R. & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Radley, A., Hodgetts, D. & Cullen, A. (2005). Visualizing Homelessness: A Study in Photography and Estrangement. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 15, 273-295.

Rede Social de Braga (2008). *Plano de Desenvolvimento Social de Braga (2008-2013)*. Disponível em: [http://www.cm-braga.pt/wps/wcm/connect/cd423a80401429989bd1db12df43e782/ATAS\\_RS\\_PDS03PlanoD S.pdf?MOD=AJPERES](http://www.cm-braga.pt/wps/wcm/connect/cd423a80401429989bd1db12df43e782/ATAS_RS_PDS03PlanoD S.pdf?MOD=AJPERES).

Ridgway, P. & Zippel, A. M. (1990). The paradigm shift in residential services. From the linear continuum to supported housing approaches. *Psychosocial Rehabilitation Journal*, 13(4), 11-31.

Ridgway, P. & Zippel, A. M. (1990). Ibid. Tsemberis, S. (2010). *Housing First: The Pathways Model to End Homelessness for People with Mental Illness and Addiction Center City*. Minnesota: Hazelden.

Rogers, C. & Rosenberg, R. (1977). *A Pessoa como Centro*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, Lda.

Rosa, V. & Guadalupe, S. (2015). A Rutura dos Laços Sociais nas Narrativas da Pessoa em Situação de Sem-abrigo. *Intervenção Social*, 42/45, 155-174.

Saraceno, C. (1992). *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.

Schön, D. (1994). Generative metaphor: a perspective on problem setting in social policy. In A. Ortony (Ed.) *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.

Silva, P. S. (2007). *Identidades e Narrativas Sem-Abrigo*. Lisboa: Educa | Unidade de Investigação e Desenvolvimento de Ciências da Educação.

Stoddard, J. A., & Afari, N. (2014). *The Big Book of ACT Metaphors: A Practitioner's Guide to Experiential Exercises and Metaphors in Acceptance and Commitment Therapy*. Oakland, CA: New Harbinger Publications.

Tiengo, V. M. (2018). O Fenômeno População em Situação de Rua Enquanto Fruto do Capitalismo. *Textos & Contextos*, 17(1), 138-150.

Todorov, T. (1968). *La Grammaire du récit*. Langages, 12 94–102.

Tripp, D. (2005). *Pesquisa-ação: uma introdução metodológica*. Educação e pesquisa, vol.31(3). 443-466.

Tsai, J. & Rosenheck, R. A. (2012). Considering Alternatives to the Housing First Model. *European Journal of Homelessness*, 5(2), 201-208.

Tsemberis, S. (2012). Housing First: basic tenets of the definition across cultures. *European Journal of Homelessness*, 8(1), 169-173.

Tsemberis, S., Moran, L., Shinn, M., Asmussen, S. M. & Shern, D. L. (2003). Consumer preference programs for individuals who are homeless and have psychiatric disabilities: a drop-in center and a supported housing program. *American Journal of Community Psychology*, 32(3/4), 305-317.

Tsemberis, S. & Asmussen, S. (1999). From Streetsto Homes: the pathways to housing consumer preference supported housing model. *Alcoholism Treatment Quarterly*, 17 (1/2), 113-131.

UMCCI (2007). *Orientações Gerais de Abordagem Multidisciplinar e Humanização em Cuidados Continuados Integrados*. Disponível em: [http://www.acss.min-saude.pt/Portals/0/ori\\_2007.pdf](http://www.acss.min-saude.pt/Portals/0/ori_2007.pdf).

Velasco, M. L., Berckmans, I., O'Driscoll, J. V. & Loots, G. (2014). A Visual Narrative Research on Photographs Taken by Children Living on the Street in the City of La Paz - Bolivia. *Children and Youth Services Review*, 42, 136-146.

Wang, C. (1999). Photovoice: A participatory action research strategy applied to women's health. *Journal of Women's Health*, 8(2), 185-192.

Wang, C., Cash, J. & Powers, L. (2000). Who Knows the Streets as Well as the Homeless? Promoting Personal and Community Action through Photovoice. *Health Promotion Practice*, 1 (1), 81-89.

Zilhão, M.T. (2013). *Uma perspetiva qualitativa das experiências de transição de pessoas sem-abrigo para uma habitação independente e permanente*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Comunitária. Lisboa: Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

#### **Legislação:**

Decreto-lei n°281/2003, de 8 de Novembro, consulta a 10 de agosto de 2015.

#### **Outros documentos consultados:**

Cruz Vermelha Portuguesa (2012). *Regulamento Interno do CAT*. (n/a).

#### **Sites consultados:**

ConceitoDe (2014). Disponível em: <http://conceito.de/metodologia#ixzz3Nxy4OzT9>, acedido em 3 de Janeiro de 2014.

ETHOS (2016). European Typology on Homelessness and Housing Exclusion. Disponível em: <http://www.feantsa.org/spip.php?article120&lang=en>, acedida a 4 de abril de 2015.

Salto Youth (n.a.) Disponível em: <https://www.salto-youth.net/tools/toolbox/tool/emotional-feedback-tool-for-introverts-and-others.1618/>, acedido a 3 de abril de 2015.

<http://astd2008.astd.org/PDF/Speaker%20Handouts/ice08%20handout%20M312.pdf>, acedido a 3 de abril de 2015.

TecEduca (2010). Disponível em: <http://teceduca010.blogspot.pt/2010/03/as-palavras-tecnica-e-tecnologia-tem.html>, acedido em 3 de Janeiro de 2014

ONU (1948). Disponível em: <http://www.un.org/en/sections/un-charter/preamble/index.html> ,  
acedido a 13 de setembro de 2016).

ONU (1945). Disponível em: <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/index.html> ,  
acedido a 13 de Setembro de 2016).

**Recursos audiovisuais:**

(Cutts, M., 2011, março). *Experimenta algo novo durante 30 dias*. [podcast vídeo]. Retirado de  
[http://www.ted.com/talks/matt\\_cutts\\_try\\_something\\_new\\_for\\_30\\_days?language=pt](http://www.ted.com/talks/matt_cutts_try_something_new_for_30_days?language=pt).

## 8. Anexos e Apêndices

### Anexos

#### 1. Programa da Formação institucional



Projeto ALTERNATIVE  
*Promoting alternatives to imprisonment for drug offenders*



#### CAPACITAÇÃO INTERNA PARA A REDE CVP

##### Objetivos

1. Promover encontro de formação facilitador da partilha de experiências de voluntários e técnicos da CVP, com intervenção em meio prisional e toxicodependências.
2. Fomentar o *empowerment* da Rede CVP ao nível do trabalho com toxicodependentes nos Estabelecimentos Prisionais, com base nas boas práticas proporcionadas pelo Projeto Alternative.

**Local:** Sala Henry Dunant - Sede Nacional da CVP

**Data:** 26/09/2014

**Horário:** 09:30-12:30 e 14:00-16:30

##### Programa

09:30-09:40 - Receção dos participantes

09:40-09:45 - Abertura dos trabalhos pelo Senhor Presidente Nacional, Luís Barbosa

09:45-10:00 - Miguel Lago: Alternative: objetivos do projeto

10:00-10:30 - Nuno Miguel: Noções básicas e evidências de comportamentos dependentes; como determinar/diagnosticar a dependência

10:30-11:00 - José Quaresma: enquadramento legal das medidas alternativas para toxicodependentes e trabalho feito/articulado com as organizações em meio livre

11:00-11:30 - Intervalo

11:30-12:00 - Ludgero Paninho: primeiros passos no trabalho dos voluntários dentro dos Estabelecimentos Prisionais e o trabalho de reinserção social feito dentro dos mesmos

12:00-12:30 - Discussão

12:30-14:00 - Almoço de trabalho (CVP)

14:00-14:20 - Miguel Lago: Alternative: componente prática do Projeto

14:20-14:40 - Filomena Espírito Santo: Revive+ Perspectiva da Intervenção da CVP nos Estabelecimentos Prisionais

14:40-15:40 - Apresentação de Boas Práticas pelas Estruturas Locais da CVP:

- José Tadeu de Freitas, Centro Humanitário de Beja

- Paula Rodrigues, Delegação de Braga

15:40-16:30 - Discussão e encerramento dos trabalhos pela Senhora Vice Presidente, Cristina Louro



Grant JUST2013/OPEN/AG2959

1

## 2. Projeto Individual- Residente A



Projecto Individual	HousingFirst Braga
	Código: Imp310/HF.0

### IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS

NOME:

DOMÍNIO	SUB-DOMÍNIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA
RECOVERY	Bem-estar (físico e material)	Cuidar da condição física: saúde, alimentação, higiene pessoal, prevenção de comportamentos de risco	Ser operado à visão.	
		Integridade e segurança pessoal na Comunidade e na casa		
		Formas de lazer		
		Segurança material		
	Bem-estar mental	Ter objectivos futuros		
		Gerir as próprias necessidades de suporte		
Lidar com as emoções		Extinguir determinados que "me ocorrem", "ter paz".		

Assinatura do(a) Participante: \_\_\_\_\_ Assinatura do(a) Técnico: \_\_\_\_\_ Data: 20/01/2015

Projecto Individual	HousingFirst Braga
	Código: Imp310/HF.0

**IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS**

NOME: .....



DOMÍNIO	SUB-DOMÍNIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA
INCLUSÃO COMUNITÁRIA	Relações interpessoais	Estabelecer relações significativas com pessoas e ambientes da comunidade,	“Entrar em contacto com a juventude e com pessoas adultas que sabem aquilo que dizem.”	
			Passar a Páscoa com familiares.	
	Desenvolvimento de rede de suporte e de rede comunitária			
	Gestão do tempo	Estabelecer ritmos, definir prioridades, cumprir horários		
	Produtividade (trabalho, voluntariado ou estudo)	Exercer o potencial individual	Ter uma ocupação para não recorrer à mendicidade. Aprender a tocar guitarra. Frequentar casas de fado e assistir a concertos de fado.	
	Atividades desafiantes na comunidade	Exercer o potencial individual através da prática de actividades culturais e de lazer		

Projecto Individual	HousinaFirst Braga
	Código: Imp310/HF.0

Assinatura do(a) Participante:..... Assinatura do(a) Técnico:..... Data:.....

**IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS**

NOME:.....

DOMINIO	SUB-DOMINIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA
<b>EMPOWERMENT</b>	Reflexão crítica	Refletir sobre as situações onde está inserido, ter informações		
		Tomar decisões, identificar recursos para alcançar objectivos		
	Participação	Definir e desenvolver um projecto pessoal		
		Contribuir para a implementação de acções colectivas (organizacionais ou comunitárias)		
	Cidadania e Direitos	Participar em actividades, assuntos políticos e/ou cívicos (ex: campanhas, votar, etc)	"Contribuir para a paz no mundo". Associar-se à Amnistia Internacional (depois de estar recuperado da visão).	

### 3. Projeto Individual - Residente B



Projecto Individual	 Código: Imp310/HF.0
---------------------	----------------------------

#### IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS

NOME:

DOMÍNIO	SUB-DOMÍNIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA
RECOVERY	Bem-estar (físico e material)	Cuidar da condição física: saúde, alimentação, higiene pessoal, prevenção de comportamentos de risco		
		Integridade e segurança pessoal na Comunidade e na casa	Colocar os cortinados.	
		Formas de lazer		
		Segurança material	- Ter ocupação como brunideira.	
	Bem-estar mental	Ter objectivos futuros	Deixar de recorrer à mendicidade. Ter um computador.	
		Gerir as próprias necessidades de suporte		
		Lidar com as emoções		

Assinatura do(a) Participante: ..... Assinatura do(a) Técnico: ..... Data: .....



Projecto Individual	HousingFirst Braga
	Código: Imp310/HF.0

**IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS**

NOME: .....

DOMÍNIO	SUB-DOMÍNIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA
INCLUSÃO COMUNITÁRIA	Relações interpessoais	Estabelecer relações significativas com pessoas e ambientes da comunidade,	Rever a filha.	
			Visitar o Nuno Gomes e a família (amigo de Quarteira)	
		Desenvolvimento de rede de suporte e de rede comunitária		
	Gestão do tempo	Estabelecer ritmos, definir prioridades, cumprir horários		
	Produtividade (trabalho, voluntariado ou estudo)	Exercer o potencial individual	Frequentar curso de computadores.	
			Frequentar curso de arte floral	
Atividades desafiantes na comunidade	Exercer o potencial individual através da prática de actividades culturais e de lazer	Praticar desporto. Frequentar biblioteca/mediateca. Ver um espetáculo de fado de Coimbra.		



Projecto Individual	HousingFirst Braga
	Código: Imp310/HF.0

Assinatura do(a) Participante: \_\_\_\_\_ Assinatura do(a) Técnico: \_\_\_\_\_ Data: 27-1-2015

### IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS

NOME: \_\_\_\_\_



DOMINIO	SUB-DOMINIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA
EMPOWERMENT	Reflexão crítica	Refletir sobre as situações onde está inserido, ter informações		
		Tomar decisões, Identificar recursos para alcançar objectivos		
	Participação	Definir e desenvolver um projecto pessoal		
		Contribuir para a implementação de acções colectivas (organizacionais ou comunitárias)	Participar nas campanhas de sensibilização da CVP.	
Cidadania e Direitos	Participar em actividades, assuntos políticos e/ou cívicos (ex: campanhas, votar, etc)			

#### 4. Projeto Individual - Residente C



Projecto Individual	HousingFirst Braga
	Código: Imp310/HF.0

#### IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS

NOME:

DOMÍNIO	SUB-DOMÍNIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA	
RECOVERY	Bem-estar (físico e material)	Cuidar da condição física: saúde, alimentação, higiene pessoal, prevenção de comportamentos de risco	Recorrer à fisioterapia para tratar problema das costas		
	Bem-estar mental		Integridade e segurança pessoal na Comunidade e na casa	Colocar placa e máquina de lavar roupa a funcionar.	
Bem-estar mental		Ter objectivos futuros	Aumentar a escolaridade.		
			Frequentar curso de informática.		
Bem-estar mental		Gerir as próprias necessidades de suporte			
			Lidar com as emoções		



Delegação de Braga

Projecto Individual	HousingFirst Braga
	Código: Imp310/HF.0

Assinatura do(a) Participante: ..... Assinatura do(a) Técnico: ..... Data: 27/01/2015

### IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS

NOME: .....

DOMÍNIO	SUB-DOMÍNIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA
INCLUSÃO COMUNITÁRIA	Relações interpessoais	Estabelecer relações significativas com pessoas e ambientes da comunidade,	Frequentar o Parque da Ponte para fazer picnics.	
		Desenvolvimento de rede de suporte e de rede comunitária		
	Gestão do tempo	Estabelecer ritmos, definir prioridades, cumprir horários		
	Produtividade (trabalho, voluntariado ou estudo)	Exercer o potencial individual	Aumentar a escolaridade.	
			Frequentar curso de teatro.	
	Atividades desafiantes na comunidade	Exercer o potencial individual através da prática de actividades culturais e de lazer	Ir a Leiria e ao Algarve. Frequentar biblioteca/mediateca. Ir ao cinema. Jogar golfe.	



Projecto Individual	HousingFirst Braga
	Código: Imp310/HF.0

Assinatura do(a) Participante: ..... Assinatura do(a) Técnico: ..... Data: .....

**IDENTIFICAÇÃO DOS OBJECTIVOS**

NOME: .....

DOMÍNIO	SUB-DOMÍNIO	DEFINIÇÃO DE GANHOS DE CAPACIDADE/ POTENCIALIDADE	OBJECTIVO GERAL	DATA
<b>EMPOWERMENT</b>	Reflexão crítica	Refletir sobre as situações onde está inserido, ter informações		
	Participação	Tomar decisões, Identificar recursos para alcançar objectivos		
		Definir e desenvolver um projecto pessoal		
	Contribuir para a implementação de acções colectivas (organizacionais ou comunitárias)			
Cidadania e Direitos	Participar em actividades, assuntos políticos e/ou cívicos (ex: campanhas, votar, etc)			

5. ETHOS – Tipologia Europeia de Exclusão Relacionada com Habitação

**ETHOS Tipologia europeia de Exclusão relacionada com Habitação**

Categoria conceptual		Categoria Operacional		Definição geral
SEM ABRIGO	1	Pessoas que vivem na rua	1.1	Dormir na rua (sem acesso a alojamento de emergência) / Sem Abrigo
	2	Pessoas em alojamento de emergência	2.1	Alojamento de emergência
SEM ALOJAMENTO	3	Pessoas em lares de alojamento, para pessoas sem domicílio	3.1	Lar de alojamento em fase de inserção
			3.2	Alojamento provisório
	4	Pessoas em lar de alojamento para mulheres	4.1	Lar de alojamento para mulheres
	5	Pessoas em alojamento para imigrantes	5.1	Alojamento provisório/ Centro de Acolhimento (requerentes de asilo)
			5.2	Lar para trabalhadores migrantes
	6	Pessoas que saíram de instituições	6.1	Instituição penal
			6.2	Instituição médica
7	Beneficiários de um acompanhamento em alojamento	7.1	Instituição de cuidados destinada às pessoas sem domicílio	
		7.2	Alojamento acompanhado	
		7.3	Alojamento de transição acompanhado	
		7.4	Alojamento assistido	
HABITAÇÃO PRECÁRIA	8	Pessoas em habitação precária	8.1	Provisoriamente alojado pela família ou amigos
			8.2	Sem arrendamento (sob)location
			8.3	Ocupação ilegal de uma construção
			8.4	Ocupação ilegal de um terreno
9	Pessoas à beira de despejo	9.1	Aplicação de uma decisão de expulsão (aluguer)	
		9.2	Pareceres de apreensão (propriedade)	
10	Pessoas vítimas de violência doméstica	10.1	Incidentes registados pela polícia ligada à violências domésticas	
HABITAÇÃO INADEQUADA	11	Pessoas que vivem em estruturas provisórias e não se adequam às normas sociais	11.1	Habitação móvel/caravana
			11.2	Construção não conforme com as normas
			11.3	Estrutura provisória
	12	Pessoas em alojamento indigno	12.1	Habitação (ocupado) declarada inabitável em conformidade com a legislação nacional
	13	Pessoas vivem em condições de sobrepopulação severa	13.1	Normas nacionais mais severas

## 6. Programa de formação de capacitação no âmbito do projeto “Alternative”



Projeto ALTERNATIVE  
*Promoting alternatives to imprisonment for drug offenders*



### CAPACITAÇÃO INTERNA PARA A REDE CVP

#### Objetivos

1. Promover encontro de formação facilitador da partilha de experiências de voluntários e técnicos da CVP, com intervenção em meio prisional e toxicodependências.
2. Fomentar o *empowerment* da Rede CVP ao nível do trabalho com toxicodependentes nos Estabelecimentos Prisionais, com base nas boas práticas proporcionadas pelo Projeto Alternative.

**Local:** Sala Henry Dunant - Sede Nacional da CVP

**Data:** 26/09/2014

**Horário:** 09:30-12:30 e 14:00-16:30

#### Programa

09:30-09:40 - Recepção dos participantes

09:40-09:45 - Abertura dos trabalhos pelo Senhor Presidente Nacional, Luís Barbosa

09:45-10:00 - Miguel Lago: Alternative: objetivos do projeto

10:00-10:30 - Nuno Miguel: Noções básicas e evidências de comportamentos dependentes; como determinar/diagnosticar a dependência

10:30-11:00 - José Quaresma: enquadramento legal das medidas alternativas para toxicodependentes e trabalho feito/articulado com as organizações em meio livre

11:00-11:30 - Intervalo

11:30-12:00 - Ludgero Paninho: primeiros passos no trabalho dos voluntários dentro dos Estabelecimentos Prisionais e o trabalho de reinserção social feito dentro dos mesmos

12:00-12:30 - Discussão

12:30-14:00 - Almoço de trabalho (CVP)

14:00-14:20 - Miguel Lago: Alternative: componente prática do Projeto

14:20-14:40 - Filomena Espírito Santo: Revive+ Perspectiva da Intervenção da CVP nos Estabelecimentos Prisionais

14:40-15:40 - Apresentação de Boas Práticas pelas Estruturas Locais da CVP:

- José Tadeu de Freitas, Centro Humanitário de Beja

- Paula Rodrigues, Delegação de Braga

15:40-16:30 - Discussão e encerramento dos trabalhos pela Senhora Vice Presidente, Cristina Louro



Grant JUST0111/FPN/AG2959

1

7. Programa da Palestra no Agrupamento de Escolas

Palestra

150 Anos  
CRUZ  
VERMELHA  
PORTUGUESA

17 04 2015  
10H05 | AUDITÓRIO | ESCCB

Oradores

Dr. David Rodrigues  
Dra. Isadora Barbosa  
CVP Delegação de Braga.  
Dra. Raquel Silva  
Estagiária

## 8. Autorização Identificação Instituição

**CRUZ  
VERMELHA  
PORTUGUESA**

**Delegação de Braga**  
Av. 31 de Janeiro, 317  
4715-052 BRAGA  
Tels.: (+351) 253 208 870/79  
Fax: (+351) 253 208 871  
E-mail: [dbraga@cruzvermelha.org.pt](mailto:dbraga@cruzvermelha.org.pt)

### Declaração

Eu, Armando Maria da Cunha Osório Araújo, na qualidade de Presidente da Delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa, sita na Av. 31 de Janeiro nº 317 4710-052 Braga, declaro, para os devidos efeitos, autorizar Elvira Raquel Almeida Silva, no âmbito do estágio académico integrado no Mestrado em educação, área de especialização Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, a identificar no seu relatório de estágio o nome da instituição, salvaguardando a privacidade e confidencialidade dos participantes.

Por ser verdade e me ter sido solicitado, assino a presente declaração.

Braga, 31 de Agosto de 2018

O Presidente da Delegação  
  
Delegação de Braga  
(Armando Maria da Cunha Osório Araújo)

[www.cruzvermelha.pt](http://www.cruzvermelha.pt)

HUMANIDADE   IMPARCIALIDADE   INDEPENDÊNCIA   NEUTRALIDADE   VOLUNTARIADO   UNIDADE   UNIVERSALIDADE

## Apêndices

### 1. Consentimento Informado *Housing First – Residentes Housing First*



#### Consentimento de participação

Data:     /     /

Eu, Elvira Raquel Almeida da Silva, no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária ministrado na Universidade do Minho, sob orientação da Prof. Doutora Clara Costa Oliveira e acompanhamento da técnica Dra. Isadora Barbosa, venho convidá-lo/la a participar nesta investigação: “*Housing First*: dar casa e voz à população em situação sem-abrigo”. Através da utilização da técnica *photovoice*, pretendemos auscultar suas preocupações, propostas e recomendações direcionadas para o “*Housing First – Braga*”, para que possamos melhorar o seu acompanhamento.

A sua participação neste estudo é inteiramente voluntária e não influenciará o apoio que recebe da Cruz Vermelha Portuguesa. Pode desistir de participar na investigação a qualquer momento e, caso o faça, os dados que já nos tiver fornecido não serão usados nesta investigação. Todas as informações que nos prestar são confidenciais, não havendo divulgação de nomes ou dados individuais.

Se concordar em participar, agradecemos que assine este formulário. Em caso de qualquer dúvida contacte 91xxxxxx.

Assinatura do/a participante \_\_\_\_\_

Assinatura da estagiária \_\_\_\_\_

Nota: Uma cópia do consentimento será entregue ao/à participante e o original será arquivada.

## 2. Consentimento Informado *Housing First – Utentes CAT*



### Consentimento de participação

Data:    /    /

Eu, Elvira Raquel Almeida da Silva, no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária ministrado na Universidade do Minho, sob orientação da professora Doutora Clara Costa Oliveira e acompanhamento da técnica Dra. Isadora Barbosa, gostaria de convidá-lo/la a participar nesta investigação. Com esta investigação pretendemos conhecer a sua história de vida e as suas perceções acerca do Centro Alojamento Temporário, para melhorar o seu acompanhamento.

A sua participação neste estudo é inteiramente voluntária e não influenciará o apoio que recebe da Cruz Vermelha Portuguesa. Pode desistir de participar na investigação a qualquer momento e, caso o faça, os dados que já nos tiver fornecido não serão usados nesta investigação. Todas as informações que nos prestar são confidenciais, não havendo divulgação de nomes ou dados individuais.

Se concordar em participar, agradecemos que assine este formulário. Em caso de qualquer dúvida contacte 91xxxxxx.

Assinatura do/a participante \_\_\_\_\_

Assinatura da estagiária \_\_\_\_\_

Nota: Uma cópia do consentimento será entregue ao/à participante e o original será arquivada

### 3. Metodologia

No que respeita à investigação social, Quivy e Campenhoudt (1995, p.13) salientam

que o investigador seja capaz de conceber e de pôr em prática um dispositivo para a elucidação do real, isto é, no seu sentido mais lato, um método de trabalho. Este nunca se apresentará como uma simples soma de técnicas que se trataria de aplicar tal e qual se apresentam, mas sim como um percurso global do espírito que exige ser reinventado para cada trabalho.

Tendo em consideração a citação precedente, com a qual nos identificámos, tentámos dar resposta a este repto mais fidedignamente possível, expondo a metodologia e técnicas utilizadas.

Recorrendo, mais uma vez, às raízes das palavras, de origem grega, a palavra metodologia (ConceitoDE, 2014) decompõe-se em três vocábulos: *metá* (“para além de”), *odòs* (“caminho”) e *logos* (“estudo”), sendo, talvez, na nossa aceção, o último vocábulo o mais pertinente, pois evidencia a ideia de um processo de atribuição de sentido, decisão e sistematização dos métodos e sua consecutiva interpenetração, coerência para a percussão da meta e dos objetivos determinados.

A metodologia a utilizar durante o projeto de intervenção/investigação foi de cariz qualitativa, pois perfilhamos características enunciadas por Bogdan e Biklen (1994) a saber: i) a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; ii) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; iii) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; iv) os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; v) o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Dentro da metodologia qualitativa demos primazia à investigação-ação-participativa. A investigação-ação é uma abordagem metodológica, recorrentemente, citada e explorada na literatura, contudo, esse facto não lhe traz maior definição do campo, tornando-a aplicável a diversos contextos e legitimando o uso de diversos métodos e técnicas de investigação. Como a designação indica, pressupõe a orientação para um duplo objetivo: ação e investigação. Focaliza-se na ação para obter mudança numa comunidade ou organização ou programa e na investigação sentido de aperfeiçoar as práticas ou ações precedentes.

Segundo Tripp (2005, pp.445-446), a investigação-ação é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeia-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação.

Genericamente, a investigação-ação organiza-se num ciclo que se pretende contínuo e sem termo, tendo em consideração as seguintes fases: planificação (para melhoria da prática), ação para a melhoria desejada, monitorização e descrição dos efeitos da ação e avaliação dos resultados da ação (Tripp, 2005). A vertente participativa revê-se em todas as fases deste ciclo, é omnipresente, a partir do momento em que se reconhece a autonomia, poder de decisão e reflexão de todas as partes interessadas envolvidas no projeto. Neste seguimento, na opinião de Licínio Lima (1989, pp.5-6):

Trata-se de reunir, em projectos, as dimensões da formação e educação, da investigação e do trabalho de desenvolvimento. O investigador não é já o actor principal do processo, mas um recurso disponível e, sobretudo, um orientador e animador do grupo ou sector da comunidade que está envolvido no estudo e na tentativa de resolução dos problemas.

#### 4. Descrição das atividades organizacionais da estagiária

- i) Reunião com a coordenadora da área de intervenção para as pessoas em situação de sem-abrigo e/ou com comportamentos aditivos e dependências da C.V.P e com a coordenadora do projeto *Housing First*.

##### Diário de bordo

*Falta de privacidade/sobrelotação das camaratas; presença de seguranças; confluência e convivência de pessoas com diversos problemas associados; horta; local de lavagem de carros; ateliers.*

*Deveriam permanecer 6 meses, mas há pessoas que se prolongam no CAT cerca de 8 anos (deixa de ser temporário); têm resposta de emergência; fazem trabalho de prevenção de rua, pagando 150€ pelo quarto. Recebem acompanhamento em entrevistas, medicação, apoio médico, etc. ; Têm utentes entre os 25-65 anos, mas a moda é entre os 40-65 anos.*

- ii) Apresentação do *photovoice* num Agrupamento de Escolas

No âmbito das comemorações dos 150 anos da Cruz Vermelha Portuguesa foi realizada uma palestra na Escola Secundária, em Famalicão, direcionada à comunidade escolar, particularmente aos estudantes do ensino básico (4º ano) e secundário (10º, 11º e 12º anos). Para algumas turmas a atividade foi parte integrante do projeto curricular desenvolvido no decurso do ano letivo, na disciplina Área de Projeto. Para a Delegação de Braga da CVP foi um momento de divulgação da sua história e, particularmente, para o projeto *Housing First* um momento de sensibilização relativamente à população em situação sem-abrigo e de ligação comunitária. Paralelamente, uma oportunidade de retorno, partilha e de transparência acerca da melhoria das condições de habitabilidade e da qualidade vida dos utentes, para com um agrupamento que tem vindo a apoiar entusiasticamente o projeto com atividades e campanhas de sensibilização próprias, desenvolvidas com bastante autonomia pelos alunos. Entre essas atividades, está contemplada a recolha de papel e cartão, fonte de receita para os gastos correntes das habitações.

Após uma declamação acompanhada por uma guitarra e um baixo ao vivo, seguiu-se a apresentação do adjunto executivo da Delegação de Braga acerca da história do Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, bem como do movimento a nível

nacional. Nesta sequência, a coordenadora do projeto *Housing First* introduziu o projeto e, para finalizar, a estagiária deu a conhecer o trabalho desenvolvido com o público-alvo em análise através da técnica *photovoice* (para consultar o programa, ver o anexo x e para consultar a apresentação realizada pela estagiária, aceder ao *link*: <https://prezi.com/hqolxl1ruv3h/housing-first/><sup>34</sup>).

### **Diário de bordo**

*Da parte da manhã, mostrei a apresentação à coordenadora do Projeto Housing First antes de irmos para Famalicão. Ela gostou bastante e ela incentivou-me a apresentá-la na escola. Fomos para a escola com o Adjunto Executivo da Delegação de Braga.*

*Só quando cheguei lá é que tomei consciência da pertinência e dimensão do evento. Estava um auditório cheio com alunos do 4º ano e secundário, com os professores a receberem-nos num ambiente formal.*

*Na primeira parte houve uma declamação/representação de um poema de António Lobo Antunes organizado por um grupo de estudantes, acompanhado por um baixo e uma guitarra. De seguida, o adjunto executivo fez a apresentação da origem da Cruz Vermelha dos 150 anos com bastante interação com os miúdos e a coordenadora fez uma apresentação do Housing First.*

*Por último, foi a minha vez. Fiz uma apresentação do photovoice e com algumas impressões dos utentes. Os alunos estavam entusiasmados, fizeram várias questões, quiseram saber mais acerca do projeto; perguntaram como poderiam ajudar e quiseram saber como poderiam tornar-se voluntários e diversas turmas ficaram com marcadores de livros para vender e ajudar o projeto. O balanço foi muito positivo.*

### **iii) Apresentação do projeto *photovoice* a uma estagiária de sociologia**

No seguimento da apresentação da área de intervenção para as pessoas em situação de sem-abrigo e/ou com comportamentos aditivos e dependências e respetivos projetos a uma estagiária da licenciatura em sociologia, a coordenadora do projeto *Housing First* solicitou à estagiária que introduzisse o *photovoice* e explicasse o trabalho desenvolvido nesse âmbito até ao

---

<sup>34</sup> Para o efeito, os residentes assinaram um consentimento informado de autorização de utilização da imagem, que prevalecerá para outras atividades realizadas (cfr. Apêndice 13).

momento. Para o efeito, a estagiária do projeto em análise expôs, resumidamente, as atividades realizadas e as atividades futuras, assim como os seus objetivos.

#### **Diário de bordo**

*No seguimento da receção de uma nova estagiária de sociologia, a coordenadora do projeto pediu-me para apresentar o photovoice. Descrevi tudo o que tinha feito até agora e o que ainda pretendia realizar. Mostrei alguns materiais, inclusive a apresentação feita na escola e disponibilizei-me para que ela frequentasse as minhas atividades, para ganhar a confiança deles. O tema dela são as trajetórias da população em situação sem-abrigo.*

#### **iv) Passagem de inquéritos por questionário**

Com o intuito de recolher *feedback* dos utentes relativamente ao grau de satisfação relativamente aos serviços prestados pela área de intervenção para as pessoas em situação de sem-abrigo e/ou com comportamentos aditivos e dependências da Delegação de Braga da C.V.P, foram passados inquéritos por questionário a utentes abrangidos à área, que se encontram em diferentes tipos de alojamento, a saber: i) Centro de Alojamento Temporário, ii) residências partilhadas, iii) cantina social e iv) *Housing First*.

## 5. Descrição das atividades individuais - Residente A

Ressalva-se que na apresentação das atividades desenvolvidas na dimensão individual, devido a constrangimentos formais do relatório, apenas constarão momentos-chave, pertinentes no acompanhamento do desenvolvimento pessoal, biopsicossocial, cultural, formativo-educacional dos indivíduos.

As atividades aqui apresentadas tiveram em conta a especificidade dos sujeitos, anteriormente assinaladas.

### i) Entrevista oral aberta exploratória

#### Diário de bordo

*O residente A ficou notoriamente sensibilizado com a entrevista. Direcionei-me para pontos de interesse, desejos, etc. Gosta de Braga, tem boa rede de suporte (ofereceram-lhe microondas); gosta de jogar à sueca e de conviver com jovens. Mencionou que viajou por todos os países da Europa, menos a Islândia quando trabalhava na empresa de publicidade e que Itália é o seu país favorito. Acrescentou ainda que chegou a pagar uma operação de milhares de euros em Londres, para o filho (sendo um indicador da condição socioeconómica em que vivia). Já estava visivelmente recuperado do seu processo de alcoolémia e determinado em manter-se assim.*

### ii) Acompanhamento ao Centro de Saúde

#### Diário de bordo

*O residente A quer fazer cartão de saúde europeu para ir a Zaragoza (trabalhou lá vários anos na construção civil, em Madrid e em Barcelona). Gostaria de dar uma volta ao mundo em iate, gosta de andar de barco. Esteve a trabalhar em Roma num convento (visitou Veneza, Bordéus). Em Itália, foi visitar túmulo de S. Francisco de Assis.*

### iii) Conversa

#### Diário de bordo

*O residente A revelou muito entusiasmo acerca da sua ida a Lisboa para visitar os filhos e mencionou que não gostaria que dissessem que era utente da Cruz Vermelha e que viveu na rua.*

#### **iv) Acompanhamento ao Magusto no Museu**

##### **Diário de bordo**

*Falou bastante dos seus filhos, da sua ex-mulher (“interesseira e possessiva”) na perspetiva dele. Disse que o seu grande amor foi a sua primeira esposa e que comprou uma menina de 14 anos, quando esteve em Angola, de quem tem um filho que nunca chegou a conhecer.*

*No Museu, inicialmente, esteve muito dependente de mim e posteriormente foi-se sentindo mais confortável. Disse que gostaria de ter aulas de guitarra e fiquei de ir com ele à Associação dos Veteranos de Guerra para conhecer a sede e falar com uma técnica.*

#### **v) Acompanhamento à Associação**

##### **Diário de bordo**

*Relatou a sua viagem a Lisboa (revelou comportamentos xenófobos). Teve comportamentos muito desadequados e violentos verbalmente. A caminho da associação de veteranos de guerra, cruzamo-nos com a residente B (fizeram de conta que não se conheciam) e também ela foi intrometida em relação a outros utentes.*

*Ele disse-me que não se falavam por terem tido discussões em tempos passados, devido a disputa de espaços públicos para mendigar, em que a polícia teve de intervir.*

*Ficou agendada uma ida ao Museu e começar a ter aulas de guitarra e isento de quota.*

#### **vi) Acompanhamento ao Museu**

##### **Diário de bordo**

*Gostou do Museu, mais do que do anterior. Identificou-se muito com ele. Pediu desculpa pelos comportamentos inadequados que tem tido e disse, peremptoriamente, que não queria participar em mais nenhuma reunião com a residente B.*

#### **vii) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*A casa estava desarrumada, o residente A estava com falta de hábitos de higiene pessoais e ele estava alcoolizado (tem estado ultimamente) e reconheceu que necessitava de ajuda, que estava em profunda tristeza. O contacto com os filhos e netos deixou-o mais sensível, mexeu emocionalmente com ele. Referiu que não acreditava que voltasse a ser feliz, o cérebro*

*dele estava alterado (como se tivesse uma voz maldosa dentro dele). Ainda não tinha feito o luto e mencionou que o deixava assim o falecimento do grande amor da vida dele (primeira esposa) e a situação mal resolvida de relacionamento com o filho mais novo.*

*Demonstrou ainda que tinha uma relação demasiado vinculada a mim e à coordenadora do projeto HF e que inclusive sonhava connosco. Posto tudo isto, reconheceu que necessitaria de ajuda, possivelmente de falar com um psicólogo. Apagou as minhas fotos do telemóvel a meu pedido.*

#### **viii) Conversa**

##### **Diário de bordo**

*O residente A estava bastante 'lúcido', consciente das suas emoções e as suas causas. Chorou. Esta época pré-natalícia influencia os sentimentos. Referiu, mais uma vez, que ainda não tinha ultrapassado a morte da sua primeira esposa. E que ela quando faleceu, lhe tinha pedido para encontrar uma esposa que o estimasse e tratasse bem do filho deles. Era aviadora da força aérea americana, durante os anos 70. "Uma mulher muito à frente", como ele dizia. Nunca mais amou ninguém. Mexe com ele o facto de o filho dele mais novo ainda o culpar e não lhe dirigir a palavra. "É orgulhoso, como o pai". Mencionou que não gostaria de ir passar o almoço de Natal ao CAT, porque é um ambiente muito pesado e "esse dia quero estar em paz". Gostaria que o filho dele lhe fizesse uma surpresa e o viesse ver a Braga.*

*Adiantou que estava desiludido com todos, apesar de continuar a acreditar, acreditar sim e que as pessoas "só se lembravam dos outros no Natal e no resto do ano?". Adicionou ainda que me via como a filha que nunca teve e entregou-me um presente.*

#### **ix) Conversa**

##### **Diário de bordo**

*O residente A mostrou-se entusiasmado por ir à consulta de psicologia, por ir à consulta de oftalmologia no final do mês e por ir ao museu. Apesar de não poder estar presente na minha atividade, ainda ia tentar passar por lá. As restantes consultas foram marcadas à segunda-feira para poder vir às minhas sessões.*

#### **x) Atendimento—delineação e preenchimento do projeto individual**

##### **Diário de bordo**

*O residente A esteve a delinear objetivos a concretizar, nos próximos tempos. Entretanto, fomos refletindo sobre várias esferas da sua vida, disse que gostaria de “promover a paz no mundo”. Neste seguimento, considerou a hipótese de se juntar à Amnistia internacional após a cirurgia às cataratas. Demonstrou muito entusiasmo em ir ajudar a APVG na exposição de uns mosaicos na quinta-feira e disse que saía “mais leve” da psicóloga e que gostava bastante dela. Segundo ela, ele “não tinha de ter sentimentos de culpa”. Referiu ainda com agrado que um dia destes ia ter a visita da associação de Prado que lhe ofereceu a televisão, costumam ir a casa dele uma vez por mês. Um comerciante da Rua dos Chãos deu-lhe um sobretudo e ele demonstrou ter uma boa relação com ele. Para além disso, mencionou que gostaria de ter um trabalho para não ter de pedir. Cfr. projeto individual (Anexo 2).*

#### **xi) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*Relembramos a data da próxima consulta no hospital por causa da próxima cirurgia às cataratas; ele, voluntariamente, esteve-me a mostrar as fotografias que tirou entretanto. Estavam muito bem tiradas. De seguida, esteve a mostrar-me carinhosamente o feijão e as fotos que já lhe tinha tirado também. Entre essas, tinha outras da cidade, da APVG e de atividades no Museu. Referiu também que a família já não podia vir cá na para vê-lo, porque havia um torneio em que o neto iria participar em Ibiza. A esse propósito, referiu que no dia de aniversário dele, viriam os “miúdos” de uma associação de Prado que o apoiam, cantar-lhe os parabéns.*

#### **xii) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*À tarde, nas visitas, o residente A estava em baixo, desmotivado e senti-o inibido em partilhar as emoções dele como o costume, possivelmente porque eu estava acomoanhada por uma técnica que não costuma fazer as visitas. Ainda assim, falou da consulta de oftalmologia (pré operatório), entregou-me o novo projeto individual preenchido, que eu tinha lhe dado anteriormente para ele preencher sozinho. Ele disse que tinha entregado a máquina, na quinta-feira passada à Residente E. Isso quer dizer que já tem mais facilidade em partilhar, não monopolizar tanto a máquina mas, por outro lado, revela mesmo que anda desmotivado. Confirmou-me mesmo isso, dizendo que estava desmotivado com a APVG e com o photovoice. No final, perguntei-lhe do que precisava e respondeu-me que precisava era do meu carinho.*

### xiii) Conversa

#### Diário de bordo

*O residente A (notavelmente embriagado) falou que ficou ofendido pelo facto de o senhorio ter perguntado se ele tinha urinado nas escadas, e que ele teria de repetir isso em frente à coordenadora do projeto HF, caso contrário, preferiria ir dormir para a rua novamente. Eu disse-lhe para ter cuidado com as suas atitudes, que nem sempre eram as mais adequadas (não dar motivos para a vizinhança o culpabilizar, ainda que possivelmente injustamente, pela forma como lhes respondia) e para não ser orgulhoso.*

### xiv) Visita domiciliária

#### Diário de bordo

*O residente A estava alcoolizado. Perguntámos-lhe se ele tinha estado a beber e ele disse que não. Como sabíamos que não estava a ser honesto, perguntei-lhe se podia fazer uma gravação da sua voz para que depois ele a ouvisse. Ele disse que sim e assim o fiz. Disse que tinha contactado com o filho mais novo, com o qual não tem relação próxima. Segundo o residente A, ele questionou-o por que é que o abandonou e ele “mandou-o dar uma volta”. Na perspetiva do residente, ele não era e não é criança nenhuma (o filho tinha 18 anos) e ele não o tinha abandonado. O telefonema terminou de forma abrupta e ele sentia-se profundamente triste por isso. Apesar do sentimento de tristeza, reconheceu que era orgulhoso e que não ia telefonar-lhe de volta a pedir-lhe desculpa.*

*Terminado este assunto, mostrou-se muitíssimo feliz por ter sido operado às cataratas e que via tão bem que até nos leu a sina.*

*Entretanto, disse-nos que tinha uma “notícia feliz” para nos contar. Disse-nos que se tinha reconciliado com residente B. Um dia destes, encontrou-a na rua, disse-lhe que não lhe queria mal e que lhe pedia desculpa. Ela sorriu e deram um abraço. “Do residente C nunca tive queixa, sempre foi meu amigo e é bom moço”. Disse que teria atividades da APVG na semana seguinte e que, uma delas, coincidiria com as nossas reuniões, mas que já tinha dito que não ia.*

*Perguntou quando seria a exposição do photovoice e quando seria o início do curso de computadores. A coordenadora do projeto perguntou-lhe se queria uma prótese dentária, ele disse que não, que já se tinha habituado a comer sem dentes.*

## xv) Visita domiciliária

### Diário de bordo

*O residente A pediu desculpa. Estava alcoolizado desde aquele dia em que disse que a coordenadora do HF estava a mentir sobre o facto de há uns meses atrás, um polícia o ter trazido a casa por estava muito alcoolizado. Disse que tinha sido por causa desse motivo que tinha entrado neste ciclo, por ter reconhecido que ela tinha razão. Depois lembrou-se que tinha pedido ao polícia para o levar a casa.*

*Tem andado num ciclo de álcool tão grande que não foi à consulta de psicologia e a casa dele na segunda-feira estava tão suja como nunca viram.*

*O residente A disse que não percebe o porquê da falta de respeito que a residente B tinha para comigo ao faltar às sessões marcadas. Tinham mais tempo livre e não custavam nada aquelas horas passadas lá. Pediu mais convites para a exposição. Entreguei-lhe, na totalidade, quase 20 convites.*

## 6. Descrição das atividades individuais – Residente B

### i) Entrevista oral aberta exploratória

#### Diário de bordo

*Conversa muito esclarecida e pormenorizada com a residente B. Disponibilizou-se para ser voluntária na missão Sorriso. Paralelamente, referiu que gostaria de fazer crochet, decoupage e ler alguns livros. Acerca da situação pouco amigável com o residente A, referiu que ele a humilhou num local público, quando estava alcoolizado e desde então, não lhe dirige a palavra, porém, foi ela que demonstrou publicamente essa inimizade. Ainda assim, referiu que, futuramente, isso não comprometerá as atividades comuns realizadas. Para terminar, mencionou que gostaria de estabelecer contacto novamente com a sua filha.*

### ii) Almoço de Natal - Entrevista Porto Canal

#### Diário de bordo

*O almoço de Natal no CAT teve diversos representantes de entidades presentes como a Câmara Municipal, Segurança Social, da Junta de Freguesia de S.Victor, a Igreja e várias empresas e cobertuara de alguns media, incluindo o Porto Canal. Nessa sequência, a residente B deu uma entrevista para o Porto Canal*

### iv) Acompanhamento à Padaria/pastelaria

#### Diário de bordo

*Uma padaria/pastelaria contactou a Cruz Vermelha para oferecer os bolos e pães não vendidos ao fim do dia. Combinámos ir lá com os residentes que assim entendessem paara os proprietários os conhecerem e poderem passar lá diariamente. A residente A foi a única que se mostrou interessada e foi connosco à pastelaria.*

*Ainda demonstra relações de posse e controlo em relação aos técnicos. Isto porque a coordenadora do projeto não lhe disse que iria tirar uns dias de férias. Combinamos com a dona da pastelaria as horas a que poderia ir buscar os produtos. O marido da senhora, também proprietário teve um discurso de controlo e conservador, em relação aos beneficiários de RSI (“não nos traga gente feia”, “se for preciso ainda vem aqui lavar uma loiça”, como se fosse uma obrigação) o que estava a fazer, deixando a residente A muito desconfortável.*

## v) Conversa telefónica

### Diário de bordo

*Liguei à residente B para saber se ela vinha à atividade do photovoice. Ela está cada vez mais resistente. A fase da conquista e persuasão em relação a mim já passou, sente que todos os contextos são ameaçadores para ela e para o residente C (já atingiu a estabilidade que pretendia ter casa e uma relação estável com o companheiro e já não quer progressos, sendo muitas vezes agressiva). Nota-se que quer que ele dependa dela e fique em casa; ela é que vai para a rua recorrer à mendicidade e lhe dá algum dinheiro, não quer que estabeleça relações de amizade para além dela, mesmo com homens, nem relações laborais, ocupações de tempos livres. Dantes controlava essas suas atitudes obsessivas, agora manifesta-as com muita regularidade. Acho que também me vê como uma ameaça para a relação deles e uma promotora da autonomização do residente C, que ela não quer. Nas sessões de photovoice isso está bem presente. É sempre resistente, resmungava, provoca-me reações em assuntos que não valem a pena para mostrar que tem razão sem a ter e quando a confronto, pede-me desculpa. Para a envolver nas atividades, tenho de lhe dar estímulos, elogios, para ela se sentir imprescindível e participar e não andar constantemente em confrontos ou optar por ignorar.*

*A sua linguagem verbal e não-verbal é intimidatória e controladora em relação ao residente C, não o deixa participar durante as sessões nas atividades, mesmo assim, ele ainda vai participando e demonstrando interesse, contrariando-a, mas apercebo-me que ele vive grandes dilemas interiores.*

*Nesse telefonema que lhe fiz, propus-lhe, uma vez que não podia vir, porque estava indisposta (foi uma desculpa da parte dela), que nós fossemos buscá-lo e ouvi a voz dele ao fundo, (a dizer que sim, que concordava), mas ela impediu-o, dizendo que precisava dele em casa, caso lhe acontecesse alguma coisa.*

*Quando telefono para ele, diretamente, se ela estiver ao lado, pega logo no telemóvel dele e assume ela o controlo da chamada, não o deixando ter voz e poder de decisão (e anteriormente ele nunca teve oportunidade, porque andava completamente apático, só agora é que se começa a exprimir). Chegamos a ponderar se ela não o doparia com medicação.*

## 7. Descrição das atividades individuais – Residente C

### iii) Golfe

#### Diário de bordo

*O residente C foi ao golfe e adorou a experiência, tendo ficado em segundo lugar na competição. Pretende ir mais vezes.*

### iv) Reunião – trabalhar registos para o *photovoice*

#### Diário de bordo

*Estive com o residente C a selecionar fotos para a exposição. Só falta ajudá-lo a fazer os registos. A residente B apareceu e regressou ao registo antigo comigo e já estava a reclamar que não podia esperar mais, porque tinha muitas tarefas para fazer e queria ver não sei quantas novelas. Só mudou o tom de voz e o discurso quando lhe disse que eu tinha marcado com tempo este dia com ele e que tinha vindo de propósito de da minha terra para estar com ele.*

## 8. Descrição das atividades individuais – Residentes B e C

### ii) Visita domiciliária

#### Diário de bordo

*O residente C hoje relatou uma história. A residente B não monopolizou a conversa. Disse que assistiu a um acidente na rampa da Falperra e descreveu-o. Isto a propósito de eu ter dito para terem pensado nos seus objetivos para 2015. A residente B mencionou que gostaria de aprender a trabalhar com computadores.*

### iii) Atendimento – delineação e preenchimento do projeto individual

#### Diário de bordo

*A residente B deixou de ir à pastelaria, telefonaram para a coordenadora da Área a notificá-la do sucedido e quando a coordenadora do projeto HF telefonou à residente, ela mentiu e depois disse que não tinha percebido.*

*O perfil controlador e manipulador da residente B está cada vez mais saliente. Ficou mais evidente que faz chantagem/manipula o companheiro (residente C) e, desta vez, ao contrário das vezes anteriores (e do que eu acharia) ela não é o elemento desinibidor dele, muito pelo contrário, é o elemento inibidor. Ele disse que gostaria de jogar futebol e ela sobrepunha-se a dizer que ele não podia, porque tinha problemas nas costas. Então ele dizia que gostava de ir a um fisioterapeuta, e ela dizia que ela era a melhor fisioterapeuta do mundo, que já tinha curado pessoas. Ele dizia que gostava de fazer teatro e ela dizia que só se ia se não fosse à noite (porque está frio) e que tinham de estar sempre juntinhos. Até que ele regressou aos diálogos monossilábicos. Será que por ela ter sido explorada, dominada e oprimida, que está a querer sentir o poder de ser um opressor e a replicar os referenciais que tem relativamente a uma relação?*

### iv) Visita domiciliária

#### Diário de bordo

*Tivemos de confrontar os residentes de uma forma mais assertiva para o facto de darem desculpas para não participarem nas atividades. O residente C, que normalmente já nos olha nos olhos, não o fez desta vez e permaneceu cabisbaixo. Estava com olhar de comprometido, de quem estava a compactuar com alguma coisa e não se sentia confortável. Só no final da*

*conversa mais séria, acerca das suas responsabilidades enquanto seres adultos (que têm de ter capacidade de dizer que sim ou não pretendem continuar, para não andar a fazer ninguém perder tempo) é que o ambiente ficou menos tenso e o residente C também. Começámos a falar de culinária e foi este que nos convidou para jantar lá em casa. Eu propus que a residente B dinamizasse um workshop de culinária, que fosse ela a formadora, ela aceitou com muito entusiasmo.*

*Entretanto, ficaram de pensar sobre o assunto, se iriam vir à sessão de campo do photovoice ou não. Passados 20 minutos, ligaram para a coordenadora do HF a dizer que por acaso o cunhado da residente B lhe tinha telefonado há 5 minutos e a festa na terra era dali a 8 dias, confirmando presença na atividade.*

#### **v) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*A visita a caso dos residentes foi rápida. O residente C estava mais falador do que o costume, à vontade e já não se calava quando a residente B começava a falar. O residente C foi-me mostrar os feijões e mostrou-se muito motivado com o photovoice, com as fotos que iriam tirar no fim-de-semana das festas. Mostrou-se ainda disponível para comprar pilhas para a máquina (quando até então, isso seria um entrave para não tirarem fotos). Contudo, ficou combinado eu passar por lá para as entregar.*

#### **vi) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*Quando chegámos a residente B estava arrumar a casa e queixou-se que tínhamos chegado mais cedo. Entregámos o cabaz de mercearia. Em conversa disseram-nos que eram capazes de ir passar a Páscoa a casa dos pais do Residente C, ofereceram-nos amêndoas e chocolates e mostraram-nos o que iria fazer para o jantar (frango frito), o frigorífico tinha alface e já se viam laranjas na fruteira. Foi uma tentativa de mostrar que já têm uma alimentação mais diversificada. Na semana passada, a coordenadora do HF fez um comentário “quase inocente” acerca do fígado ter muito ferro e que poderia ser prejudicial para a saúde comer isso todos os dias.*

*O residente C está mais preocupado com a sua imagem. Cortou a barba e pediu para agendarmos um dia para ele cortar o cabelo no CAT. A residente B pediu para agendarmos um dia para ela ir pintar o cabelo. As expressões do residente C são cada vez mais vivas, intervêm mais (foi ele que tomou a iniciativa de ir buscar a carta da luz para nos mostrar) e em conversa,*

*foi ele que começou a chamar a atenção à companheira por ter partido uma vassourinha pequena.*

#### **vii) Visita domiciliária – trabalhar nos registos para o *photovoice***

##### **Diário de bordo**

*Fui à casa dos residentes B e C e foi ótimo o que consegui com a residente B. Ela esteve a falar-me mais pormenorizadamente da história de vida dela, desde a infância, casamento e da passagem pelo Algarve com bastante pormenor. Conseguimos encontrar focos/ temas pertinentes para fazer-se revelar na exposição: desde o tráfico humano, tráfico de droga, violência doméstica, etc. A partir daí, surgiram ideias interessantes para as fotos. Tive de adotar o processo inverso com ela: estimular que uma narrativa/parte escrita e só depois dar ideias para fotografias que complementassem os registos escritos. Ela não esteve resistente, disse que ia escrever os registos e tirar as fotos até terça-feira. Fiquei mesmo satisfeita.*

*No final, eu disse que não tinha tempo para trabalhar com o residente C e marcámos encontrarmo-nos na segunda-feira à tarde no CAT para trabalharmos juntos, uma vez que eles já iam ter que estar lá para cortar o cabelo. Neste sentido a residente B comenta: “Tomas conta dele, Raquel? Em ti, eu confio. Não gosto que ele esteja pelo CAT”. Este foi o melhor reconhecimento, exemplo de conquista e confiança que, finalmente a residente B me podia dar ou...uma tentativa de me persuadir/conquistar novamente.*

#### **viii) [Conversa com enfermeira]**

##### **Diário de bordo**

*A enfermeira que acompanha os residentes, à tarde, veio falar comigo para me questionar se a residente B tinha falado comigo acerca do exercício físico. Pelos vistos, naquela manhã, ela falou-lhe da necessidade de ela e o companheiro começarem a fazer exercício, porque estavam muito fortes e o residente C estava com índices de gordura muito elevados no fígado. Tanto que o médico chegou a pensar que ele estivesse a consumir álcool, contudo, tudo se deve ao tipo de alimentação que têm. O residente C em qualquer circunstância que esteja, mesmo sentado, costuma transpirar copiosamente.*

*Depois de algum tempo a falar com a enfermeira, a residente B, aparentemente, concordou com a ideia do exercício físico e ficou de me falar sobre isso, nessa tarde. Ocultou completamente o assunto. Eu já tinha abordado essa questão e a coordenadora do HF também, mas ela foi sempre intransigente relativamente a esse assunto.*

### **ix) Visita domiciliária**

#### **Diário de bordo**

*Eles disseram que gostariam de ir ver o teatro no dia 29 à noite. Relativamente à exposição, comuniquei quando estava prevista a inauguração e questionei-os se gostariam de fazer uma visita guiada, disseram ambos que sim.*

*Pedi-lhes para votarem nos títulos que mais gostavam, conforme as regras ditadas anteriormente, no grande grupo. O residente C mimetizou as escolhas da residente B.*

### **x) Aula de percussão**

#### **Diário de bordo**

*À tarde, telefonei ao residente C para saber se queria ir tocar os bombos, uma atividade no Centro Comunitário. A chamada caiu e depois a residente B devolveu a chamada. Perguntei-lhe se ela queria ir e ela disse: “não sei, fala com o residente C”. Falei com ele, ele disse que sim, que queriam ir e marcou-se a data e hora. Surpreendeu-me o facto de ela lhe ter dado poder de decisão.*

### **xi) Visita domiciliária**

#### **Diário de bordo**

*Durante a visita, expus-lhes tudo o que tinha a dizer antes da exposição. A falta de interesse, de respeito, o facto de estarem sempre a faltar; foram os colegas deles que cortaram e meteram nos envelopes os convites. A residente B quase nunca tirou fotos e ignorámos esse facto, inclusive, nesse mesmo dia, tirei uma foto da internet e fui imprimi-la para que o registo escrito dela pudesse aparecer; a forma como muitas vezes fala também não consigo compadecer. Não comparecerem nas aulas de informática, sabendo que contactámos a junta de freguesia imensas vezes para que pudessem ir, mesmo não sendo residentes daquela freguesia. Acrescentei que estava desmotivada e que não via reciprocidade, só falta de respeito. A coordenadora do HF interveio dizendo que nunca tinham tido uma estagiária como eu e que, realmente, eu não fazia isto por mim, era por eles e pelo projeto e que deviam ter uma atitude de gratidão, para que ficasse com uma experiência positiva. Um pedido de desculpa era o mínimo. Mantenho isto a amarelo? Não me compromete? Eles ficaram sempre em silêncio, sem dizer uma palavra. Na fase final, para desviar as atenções, a residente B começou a tossir e acrescentou atrapalhadamente que devia ter entrado pela janela polén e que ela tinha alergias.*

*O residente C concordava, visivelmente, com cada palavra que eu tinha dito, teve uma relação empática comigo e quando me fui despedir, pediu-me desculpa. A residente B não emitiu nenhuma palavra.*

#### **xii) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*Na visita aos residentes, não fiz questão de ser muito afável e comunicativa. Têm falhado imenso, não se responsabilizando pelas decisões que tomam. Já os abordei imensas vezes sobre essa questão e os comportamentos não mudam. O residente C, hoje, controlou por completo a visita, foi ele que descreveu todos os acontecimentos da semana e com detalhe a situação da inundação e do problema de canalização. Ria-se imenso, estava bastante comunicativo. Desta vez, a residente B teve de pedir licença para falar. Foi bom ver que ele está a mudar, a relação de poder está a mudar. Apesar de não me apetecer, vou ter de fazer mais uma vez o esforço, para os conseguir convencer, ou melhor, convencer a residente B a vir às reuniões para terminar as atividades. Mantenho?*

#### **xiii) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*Estão com uma relação cada vez mais equilibrada. O residente C já está mais empoderado, emite com muito mais regularidade a sua opinião, mesmo que seja divergente da da companheira. Avisei o residente C de que segunda à tarde tínhamos de ir à fábrica experimentar os fatos. A residente B não estava contemplada em ir connosco, porque a fábrica só tinha modelos de homem, nem podia porque tem de ir ao IEFP mas não emitiu nenhuma opinião acerca de ele ir sem ela.*

*O residente C controlou a conversa, falando dos pais, das tarefas deles no dia-a-dia, de questões de saúde, sorrindo e brincando.*

*Para além disso, a mobilidade da residente B está cada vez mais condicionada, devido ao problema que tem na perna. Estivemos a alertá-la para o facto de pensar consciente nas decisões que quer tomar em relação à sua saúde, porque tem excesso de peso, mal consegue andar e não quer ser intervencionada de nenhuma forma.*

#### **xiv) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*Em conversa sobre em que atividades gostariam de participar, o residente C, mais uma vez, vontade de participar no projeto Fénix (projeto musical em parceria com a Casa da Música), mas a residente B esteve sempre contra. Chegou ao ponto, por saturação, em que ela disse: “então ele vai ter de ir sozinho”, não esperando que ele dissesse que ia. Ele aproveitou a oportunidade e disse que ia, que queria mesmo. Apesar de tudo, a relação deles está cada vez mais equilibrada e nunca tanto como agora, ouvimos tanto a voz do residente C e a sua opinião. E contrariamente ao expectável, até nos parecem mais afetuosos e cúmplices um com o outro.*

## 9. Descrição das atividades individuais – Residente D

### i) Visitadomiciliária

#### Diário de bordo

*O residente D esteve internado e tinha regressado do hospital. A casa estava limpa. Tinha estado a limpá-la depois de sair do hospital. Estava sensibilizado com as atitudes da equipa [coordenadora do HF e EISD], pelo facto de o terem acompanhado ao hospital em diversos momentos. Ficou reconhecido por todo o apoio que lhe tinham dado e disse-me que eu iria adorar trabalhar neste projeto.*

*Estivemos a confirmar as prescrições médicas, entregámos um telemóvel, roupas e verificámos o esquentador que não funcionava.*

*Marcou-se um dia para se ir fazer o cartão de cidadão.*

### ii) Acompanhamento ao IEPF

#### Diário de bordo

*O residente D referiu que sente se sente isolado e que gostaria de arranjar um emprego na área da construção civil ou da serralharia. Referiu ainda que tinha uma vizinhança acolhedora e muito preocupada com ele, dando exemplos que quando esteve internado foram procurá-lo ao CAT. Mencionou ainda que está desde 2004, em Braga, “na vagabundice”.*

*Tanto no dia anterior, como neste, o residente D mostrou-se muito cooperante, conversador e resiliente em relação ao tempo de espera. Mostrou preocupação de como poderia controlar a ansiedade, pois notava que ao fim do dia costumava andar muito nervoso e era rude com as pessoas [consome álcool e heroína]. Preocupou-se também com o tratamento/lavagem da roupa, grandes passos para alguém que vivia na rua, sem quaisquer cuidados de higiene básica/saúde. Disse ainda que nos primeiros tempos tinha medo. Os barulhos assustavam-se. Agora é um palácio.*

### iii) Entrevista oral aberta exploratória

#### Diário de bordo

*A entrevista decorreu no café. Foi muito completa e o residente foi muito colaborante, explicando todas as fases com muito detalhe, inclusive a descrição de uma situação de crime.*

*Voluntariou-se para participar em ações de sensibilização junto de jovens e nas escolas e deseja vir a ter uma tv (ter acesso às notícias e cultura) e constituir família.*

*Falou com um locus de controle interno acerca da razão pela qual está nesta situação, bem evidente.*

#### **iv) Visita domicliária**

##### **Diário de bordo**

*O residente D apropria-se cada vez mais da casa e é cada vez mais preocupado com a sua imagem. Demonstrou muito interesse em aprender/manter as rotinas de limpeza da mesma (após um descuido com o lixo).*

#### **v) Acompanhamento ao Centro de Apoio a Toxicodependentes de Braga**

##### **Diário de bordo**

*O residente D estava muito entusiasmado e determinado com a ideia de iniciar o tratamento e referiu diversas vezes que agora sim, se sentia apoiado e que tinha valor para o mundo. Anteriormente, já tinha pensado em se suicidar.*

#### **vi) Conversa**

##### **Diário de bordo**

*O residente D ressaltou que estava num período menos bom, que não queria ser contactado com tanta frequência. Entrou num período em que não conseguia gerir bem emocionalmente a resiliência e a frustração por não ser internado no tempo esperado (nossa interpretação).*

#### **vii) Conversa**

##### **Diário de bordo**

*O residente D referiu que estava com dificuldade em lidar com a ansiedade de ser submetido a tratamento. Estava a ter um desgaste físico, emocional e psicológico muito grande. Precisava de ter uma data. Acrescentou que até seria melhor para ele ter acompanhamento psicológico para ter com quem falar acerca dos seus problemas. Com o passar dos anos tinha aprendido a lidar bem com a solidão e que, nesta época festiva, isso não o afetava. Aliás, nem queria muito se aproximar da família nesta fase. Não fazia sentido e, para além disso, já não via os irmãos há mais de 10 anos.*

### **viii) Conversa**

#### **Diário de bordo**

*O residente D confirmou que vinha à atividade do Photovoice, que tinha presenciado um assalto num supermercado [local onde costuma ajudar as pessoas a arrastar as compras] e que estava triste por causa do que tinha acontecido. Deu uma “lição de moral e ética” aos polícias, porque sentiu-se discriminado (foi a primeira pessoa que abordaram, quando chegaram ao local, pensando que poderia estar envolvido no sucedido). Ele disse que se deveria dirigir ao gerente de loja, segurança e funcionários da loja.*

### **ix) Conversa**

#### **Diário de bordo**

*O residente D estava bem apresentado. Reconheceu que faltou à sessão anterior e que estava “naqueles dias maus” e que gostaria muito de participar. Lembrou mais uma vez a necessidade de transmitir o seu testemunho à sociedade [sensibilização contra o consumo de drogas]. Demonstrou muito interesse em vir à sessão na parte da tarde. Contudo, não apareceu e desligou o telemóvel.*

### **x) Visita domiciliária**

#### **Diário de bordo**

*Dentro de uma semana e meia o residente D vai ser internado numa Unidade de Desabituação, em Coimbra, e fomos tentar perceber se ele gostaria de integrar uma comunidade terapêutica, após o tratamento de duas semanas.*

### **xi) Apresentação do photovoice – ar livre**

#### **Diário de bordo**

*O residente D estava motivado, com bom aspeto e estável. Estivemos a conversar sobre o seu processo de desabituação. Expliquei-lhe em que consiste o photovoice, resumidamente, e disse-lhe que gostava muito que ele pudesse participar nele de alguma forma. Caso ele pudesse utilizar o telemóvel na comunidade terapêutica, seria ótimo se pudesse tirar algumas fotos. Ele disse que não tinha telemóvel, tinha caído e deixado de dar, por isso é que estava incontactável. Ainda assim, foi-lhe arranjado outro telemóvel.*

### **xii) Ronda**

#### **Diário de bordo**

*De manhã fomos fazer uma ronda pelos locais onde o residente D costuma andar durante o dia, mas não o encontramos. Ele desistiu da comunidade terapêutica. Foi uma derrota enorme para os técnicos dado o esforço, envolvimento emocional e recursos mobilizados, muitas vezes fora de timing (questão de proposta para comunidade e a questão do RSI que tinha sido recusado porque ele não tinha dado importância à carta), para conseguir concretizar um projeto que foi proposto pelo próprio. Agora decidiu que quer antes metadona de baixo limiar para ir diminuindo os consumos, porém, continua a beber álcool, mesmo depois de ter ido para a unidade de desabituação.*

### **xiii) Visita domiciliária**

#### **Diário de bordo**

*Fomos entregar uma nova televisão ao residente D, porque a dele se tinha estragado e funcionou como um reforço por ele estar a cumprir o plano da metadona. O residente D estava plenamente integrado no plano de metadona e a sentir-se bem. Contudo, no dia da visita estava alcoolizado. Em contrapartida, a casa estava impecável e, pela primeira vez, percebemos que já não dormia no sofá, mas na sua cama (algo que já era aconselhado a fazer durante as visitas há quase um ano). Referiu que era muito mais confortável e que tinha noites muito mais descansadas.*

## 10. Descrição das atividades individuais residente E

### i) Abordagem na rua

#### Diário de bordo

*A residente E estava com dificuldades em respirar e alterada. Por esse motivo, alguns transeuntes e funcionários de negócios locais tinham chamado uma ambulância para ela ser diagnosticada. Recusou-se a ir ao hospital. Mais calma, quando a abordámos e começámos a falar da proposta, começou a insultar-nos e a circular de forma desnorteada. Estava a ter um surto psicótico (esquizofrenia). Alguns transeuntes sentiram-se incomodados com o que estavam a presenciar e começaram a dirigir-se a nós, pedindo desculpa pelo sucedido e explicando resumidamente a história de vida dela (como se não a conhecessemos,)*

### ii) Visita domiciliária

#### Diário de bordo

*A residente E esteve internada e agora está medicada. Já está numa casa e está muito mais calma, com discurso coerente. Ainda assim permanece confusa e com dificuldade em perceber onde teria de fazer as refeições e afins.*

### iii) Acompanhamento para realização de análises

#### Diário de bordo

*Durante o período de espera, a residente E disse que esteve a fazer terapia ocupacional na Casa de Saúde de Bom Jesus, enquanto esteve internada. Disse que gostaria de ler livros e de ver televisão. Realizou as análises sem o meu acompanhamento. Já em casa, enquanto estive a preparar a medicação dela, esteve preocupada em saber para que é que a medicação serviria e quais os efeitos secundários. Para isso, leu as bulas e compreendeu-as bem.*

### iv) Acompanhamento 1º levantamento do RSI

#### Diário de bordo

*A residente E demonstrou uma autonomia exemplar nos correios, no relacionamento interpessoal e durante o atendimento, não tendo sido necessário, em momento algum, a nossa intervenção. Também nos surpreendeu o facto de ter lidado bem com o facto de estar num ambiente movimentado e algo confuso.*

#### **v) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*A residente E está muito responsável e consciente das suas responsabilidades. Estava à nossa espera. Ajudou-nos a preparar a medicação e sabia exatamente o nome dos medicamentos e para que sintomatologia os estava a tomar. Também demonstrou saber como se proteger (a sua vida e intimidade) dos outros. Referiu que pessoas conhecidas suas da rua lhe pediam dinheiro e ela recusava, dizendo que não estava a receber nada.*

#### **vi) Entrevista oral aberta exploratória**

##### **Diário de bordo**

*Reposição da medicação, aviso das atividades e realização da entrevista oral aberta exploratória. A residente E falou da sua infância, dos seus relacionamentos e receios. Disse que gostaria muito de casar, mas que tinha receio devido à relação violenta que teve com um ex-companheiro. Reflete muito sobre a sua vida pessoal, prós e contras da sua relação (já reparou que o companheiro dela bebe algumas cervejas e já o alertou para esse facto). Mencionou a sua filha, com a qual não tem contacto. Referiu ainda que gosta de estar sozinha, em sítios calmos e de ler. Mencionou que gostaria de fazer alguns serviços de limpeza.*

#### **vii) Acompanhamento ao Centro de Saúde**

##### **Diário de bordo**

*Tínhamos combinado com a residente E às 11h na delegação para irmos à consulta. Esperamos e ela não apareceu. Fomos para o Centro de saúde e ela estava lá. Disse que já tinha tirado o bilhete e que estava à espera de ser chamada. Disse-nos que o percurso se tinha lembrado do caminho para o centro de saúde que tinha de ter vindo ter à delegação. Estava muito contente e orientou-se bem sozinha, pedindo tudo o que era necessário ao médico.*

#### **viii) Conversa**

##### **Diário de bordo**

*Fui ter com a residente E, porque ela disse que não viria à atividade à tarde à tividade, porque estava indisposta. Tentei persuadi-la e convencê-la a participar na atividade, mas ela está muito vinculada à casa. Se antes ela saía todos os dias e passava a maior parte do tempo fora de casa na cidade, desde que teve televisão (não via há mais de 10 anos), fica a usufruir do conforto da casa, da televisão todo o dia. O provoca maior desvinculação comunitária (já não vai*

*buscar comida ao restaurante que lhe costuma oferecer e pede recorrentemente leite ao residente A.*

*Não quis vir, mesmo após de todo o esforço. Fomos ao GIS para inscrever a Residente E em atividades ocupacionais, não em regime a tempo inteiro e institucionalizado, mas de acordo com os seus interesses (gestão do dinheiro, culinária, etc.). Ela já referiu que sentia dificuldades em gerir o dinheiro do RSI (gastava-o todo em cafés e meias de leite) e que gostaria de aprender a cozinhar, quando até lá, nunca tinha mostrado interesse, motivação ou necessidade.*

#### **ix) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*A residente E mostrou estar a tomar consciência de muitos embargos/situações que tem de melhorar na sua vida e tem feito bastantes progressos. Referiu que lia com frequência o horóscopo (hábito de leitura que não tinha) e que dizia para ter cuidado com atitudes depressivas, corroborando a nossa dica para sair de casa e os conselhos do médico. Mostrou-se alerta/com atenção em relação à violência de género a vários níveis na relação que mantinha. Disse que reparou que o companheiro estava muito interessado no dinheiro dela e nas relações sexuais, apenas, mas que ela tinha estratégias para ele não ser tão abusivo. Revelou também que tinha de aprender a gerir melhor o seu dinheiro (não sabe o que o dinheiro representa em euros, só associando aos escudos); que tinha de ter uma ocupação e de aprender/praticar a mexer com a máquina fotográfica. De relevar ainda, que para diminuir os gastos dinheiro, começou a tomar o pequeno-almoço em casa, a ter ainda mais cuidados de segurança com os equipamentos elétricos e eletrónicos e a comprar fruta.*

*Entrega de livros para ela ler.*

#### **x) Workshop de literacia financeira**

##### **Diário de bordo**

*No final da sessão de photovoice fiquei a sós com a residente E e estive a ensiná-la a confirmar trocos e a dar trocos, uma vez que ela tinha dito à coordenadora do HF que sentia essa necessidade. Ainda não sabia bem o valor do dinheiro que às vezes tinha e tinha receio de ser enganada.*

#### **xi) Visita domiciliária**

## **Diário de bordo**

*A residente E está cada vez mais consciente acerca do que pode gastar, de quanto tem e de quanto representam os euros. Já se nota que para além dos pequenos-almoços, já aquece as refeições à noite, em casa e é uma grande preocupação dela a gestão do dinheiro. Nesse sentido, disse toda entusiasmada que o dono do restaurante onde vai buscar o almoço lhe tinha dado uma tarefa esta semana que foi ir destrocas as moedas ao banco. Para além disso, propôs-lhe que este fim de semana fosse fazer umas horas na copa e que lhe pagaria por isso. Ela assumiu com grande seriedade a proposta dele e partilhou connosco que o companheiro dela não tinha gostado muito da ideia, mas que ele não tinha nada a ver e que ela precisava do dinheiro. Foi mais um momento de grande orgulho e conquista este, com o que a residente E partilhou.*

### **xii) [Constatações]**

## **Diário de bordo**

*A Residente E como não tem tido dinheiro viu-se obrigada a aceitar a proposta do proprietário do restaurante e a fazer uns serviços de limpeza em troca de dinheiro. Foi as duas primeiras vezes às atividades do GIS e faltou na última segunda-feira.*

## 11. Descrição das atividades individuais – Residente F

### i) Atendimento

#### Diário de bordo

*O residente F teve um discurso coerente e demonstrou-se muito interessado em participar na investigação.*

### ii) Entrevista oral aberta exploratória

#### Diário de bordo

*O residente F está desde os 20 e poucos anos na rua, ou seja, há mais de 20 anos (intermitentemente). Referiu que gostaria de ir a Santiago de Compostela (Agosto de 2015), aprender a ler e a escrever e de ser pastor novamente. Um dos seus passatempos favoritos é andar de autocarro pela cidade.*

### iii) Acolhimento na residência do projeto HF

#### Diário de bordo

*O residente F estava muito entusiasmado com a localização da casa por estar perto dos serviços que ele costuma frequentar. Demonstrou-se muito ávido nas limpezas, na arrumação e em obter os seus eletrodomésticos (comprá-los). Referiu nesse mesmo dia que ia comprar carnes e queria fazer as suas refeições e que o próximo passo seria arranjar um emprego. Passadas umas horas, já tinha limpado a casa e os vidros, tomado banho e estava com um aspeto muito asseado.*

### iv) Atendimento

#### Diário de bordo

*O residente F veio entregar uma carta positiva e muito elogiosa a agradecer o acompanhamento da equipa do projeto Housing First.*

### v) Visita domiciliária

#### Diário de bordo

*O residente F não estava em casa e não atendia o telemóvel, apesar de o senhor do café ter referido, que ele saiu de casa pouco tempo depois.*

#### **vi) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*O residente F não estava em casa.*

#### **vii) Atendimento**

##### **Diário de bordo**

*O residente F após a conversa que foi tida com ele, tem-se demonstrado mais atento e responsável. Ficou responsável por receber a cópia das chaves e entregar-nos e fê-lo com sucesso. Para além disso, ficou ele responsável por receber o senhorio em casa dele no dia seguinte.*

#### **viii) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*O residente F não estava e não notificou ninguém acerca da sua ausência.*

#### **ix) Atendimento**

##### **Diário de bordo**

*O residente F apareceu à hora combinada para a atividade e estava muito simpático e afável. Pediu-me que lhe redigisse uma carta para entregar no tribunal. Disse que o faria na condição de comparecer na atividade como estava estipulado. Concordou e depois de redigida, disse que não iria, que a tinha de entregar no tribunal. Relembrei-o das suas responsabilidades, disse que não queria saber, que ele tinha de tratar da vida dele, o resto não interessava. Foi-se embora e não compareceu mais.*

#### **x) Visita domiciliária**

##### **Diário de bordo**

*O residente F, mais uma vez, não estava em casa. Falhou ao compromisso e como estratégia, pensámos em fazer um plano semanal com imagens dos seus compromissos e colocar bolinhas coloridas como reforço (positivo ou negativo) na casa dele, caso ele cumprisse as suas responsabilidades (para o caso de todas as falhas estarem associadas ao facto de ser analfabeto).*

## **xi) Atendimento**

### **Diário de bordo**

*Depois da chamada de atenção por parte da coordenadora do HF de manhã, ficou decidido que se iria marcar uma reunião com a Segurança Social para definir o que fazer em relação ao residente (se se dava mais uma oportunidade.) Ele levou na mesma a chave de casa e ficou de vir cá à tarde trazer a carta com a conta da água. Depois de ter estado com ele, uma forma que encontrei para o motivar a cumprir o que tinha sido combinado com o projeto foi falar-lhe da possibilidade de se vir a tirar fotografias. Mostrei-lhe parte do documentário para o cativar e tentei marcar a sessão de alfabetização para o dia seguinte, na tentativa de o segurar. Ele disse prontamente que apareceria no dia seguinte.*

## **xii) Sessão de alfabetização**

### **Diário de bordo**

*Estive na delegação para a sessão de alfabetização, mas o Carlos não apareceu. A coordenadora do HF foi fazer a visita de manhã, mas ele não estava em casa, não cumprindo mais uma vez, com o compromisso.*

## **xiii) [Reunião]**

### **Diário de bordo**

*Após sucessivas tentativas de integrar o residente F, integralmente, neste projeto, foi decidido entre a CVP e a Segurança Social que ele tinha esgotado todas as suas oportunidades. Já retirou as coisas dele da casa e já entregou as chaves. Contudo, hoje apareceu na delegação, não querendo falar com a Isa, porque “tinha medo” e dirigiu-se presidente da Delegação para obter outra resposta e alternativa da parte dele. Voltou a vestir o casaco refletor de “deficiente”, com o nome dele (quando até então nestes meses em que esteve no projeto nunca o tinha utilizado) e começou a fazer-se acompanhar de uma carta do Ministério Público que recomenda a procura de um tutor (até agora recusou preementemente ter um tutor e ser considerado inimputável, porque dizia se conseguir gerir sozinho).*

## **xiv) Atendimento**

### **Diário de bordo**

*Referiu que estava a viver em Gaia. Está outra vez numa fase de conquista, mostrar que é capaz de integrar o projeto novamente, porque pelos vistos foi propor novamente à Seg. Social*

*o apoio e reinserção no projeto. Irão ter reunião conjunta terça-feira e ele terá de pagar o que deve até à data e depois, sim, reconsidera-se novamente. Está a manipular completamente os serviços e os serviços querem resolver a situação dele, porque estão completamente saturados.*

#### **xv) Atendimento**

##### **Diário de bordo**

*O residente F queria regressar à casa e dormir lá já esta noite porque, segundo ele, já não tinha casa. Ficou assente que só ficaria alguma coisa decidida depois da reunião de terça-feira.*

## 12. Ficha individual de Interesses/ocupação dos tempos livres

### 5. INTERESSES E/OU OCUPAÇÃO DE TEMPOS LIVRES

Interesses	Fases		
	Infância	Adolescência	Adulthood
Praticar desporto Qual/Quais? _____			
Caminhar			
Viajar			
Visitar cidades, museus e monumentos			
Ver filmes			
Fazer teatro			
Ler			
Fazer trabalhos manuais (croché, bordados, marcenaria, escultura, etc.) Exemplo(s): _____			
Desenhar, pintar			
Dançar			
Fazer puzzles			
Jogar jogos de tabuleiro, de lógica, cartas			
Jogar jogos multimédia (computador, <i>playstation</i> , etc.)			
Coleccionar objetos			
Jardinar/ fazer agricultura			
Cozinhar/ fazer bolos			
Pescar			
Acampar			
Conviver com família e amigos			
Fazer voluntariado			
Participar em celebrações religiosas			

Figura 33 - Ficha individual de Interesses/ocupação dos tempos livres

### 13. Consentimento Informado de autorização de uso da imagem



#### Autorização de uso da imagem

Data:    /    /

Eu, \_\_\_\_\_

autorizo o uso da minha imagem em fotos e documentos para ser utilizada em campanhas promocionais institucionais e de sensibilização do Projeto “*Housing First – Braga*” da Delegação de Braga da Cruz Vermelha Portuguesa, com sede na Rua 31 de Janeiro nº317, 4715-052, Braga, que sejam destinados à divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: i) *outdoor*, ii) *busdoor*, iii) *flyers*, iv) apresentações, (v) anúncios em revistas e jornais, vi) sítio da internet da Delegação, vii) cartazes, viii) programas de televisão e rádio, entre outros.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos relacionados com a minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

A sua participação neste estudo é inteiramente voluntária e não influenciará o apoio que recebe da Cruz Vermelha Portuguesa. Pode desistir de participar na investigação a qualquer momento e, caso o faça, os dados que já nos tiver fornecido não serão usados nesta investigação. Todas as informações que nos prestar são confidenciais, não havendo divulgação de nomes ou dados individuais.

Se concordar em participar, agradecemos que assine este formulário. Em caso de qualquer dúvida contacte 91xxxxxx.

Assinatura do/a participante \_\_\_\_\_

Assinatura da estagiária \_\_\_\_\_

Nota: Uma cópia do consentimento será entregue ao/à participante e o original será arquivada.

## 14. Descrição das atividades coletivas

### i) Acompanhamento ao Jantar Humanitário

Acompanhamento do residente A, residente B, residente C, residente D e do utente do CAT D ao Jantar Humanitário, um jantar de gala de angariação de fundos para a Delegação de Braga da Cruz Vermelha com personalidades da cidade de Braga e do seio empresarial, no Sameiro eventos. O evento contou ainda com a presença do cantor Tony Carreira que apadrinhou o evento. A noite iniciou-se com a atuação de grupos culturais e musicais, o jantar numa mesa redonda rodeada por outras mesas com convidados não pertencentes à Cruz Vermelha, o leilão de obras de arte e, para finalizar o concerto do cantor referido.

#### Diário de bordo

*Foi uma noite muito desafiante para mim, porque com pouco tempo de contacto com este público, insuficiente conhecimento acerca dos seus comportamentos e personalidades, fui desafiada a acompanhá-los, num espaço e ambiente fora da minha zona de conforto mas, principalmente, da deles, o que poderia desencadear reações imprevistas. De ressaltar, que até então, nunca tinha tido contacto prévio com alguns deles.*

*Todos eles ficavam visivelmente desconfortáveis/incomodados quando eu me ausentava, principalmente a residente B, questionando sempre onde eu ia.*

*O residente A esteve muito calado e aborrecido e com olhares acutilantes, em muitos momentos, censurando alguns comportamentos excessivos de outros utentes durante o Jantar.*

*A residente B demonstrou várias vezes censurar algumas atitudes do residente A, inclusive, fez pressão para que eu me sentasse ao lado dela, em vez de ter ficado perto do residente A (num tom de disputa e numa tentativa de demonstrar quem detinha poder). A meio do concerto, a residente B levantou-se e foi ter com o cantor, a meio do concerto e deu-lhe um beijo. Posteriormente, em conversa, referiu que tinha sido bombeira durante vários meses nos Bombeiros da Amadora e, de regresso a casa, chorou durante a viagem toda. Não sei se pela emoção proporcionada pela noite (ela disse que sim), se pelo embaraço e constrangimento do que se tinha passado: um elemento do grupo ter vomitado ao lado da mesa, na sala de jantar.*

*O residente C estava mais comunicativo, sorridente do que o habitual e conversou bastante com o residente A, o que não é um comportamento habitual dado o afastamento, resistência e aversão imposto pela sua companheira (a residente B) relativamente ao residente A. A partir de determinado momento, estava visivelmente, embriagado. Penso que foi ele que*

*vomitou, quando me ausentei, apesar de nunca o ter admitido e de alguns elementos do grupo terem culpado outro utente ou terem dito que não tinham visto. No final da noite, beijou-me a mão como que a pedir desculpa e em sinal de respeito.)*

*O residente D esteve durante todo o jantar bastante entusiasmado e interessado em conversar com outro utente, que tinha passado por um processo de desintoxicação alcoólica. Perdeu a bateria do telemóvel e no final da noite estava embriagado. No final, levei-os todos de regresso às suas casas e dei mais atenção ao Adriano, acompanhando-o até ao interior da sua casa, dado o estado em que estava.*

## **ii) 1ª Reunião com os residentes**

A reunião foi marcada com os residentes do projeto *HousingFirst* com intuito de propiciar um espaço de partilha e diálogo e, simultaneamente, educativo, com lugar para o desenvolvimento do *photovoice*. Assim, nesta reunião, foram definidos o dia para as visitas semanais às casas (quintas-feiras) e o dia semanal para as reuniões (terça-feira) e desenvolvimento do *photovoice*.

## **Diário de bordo**

*A reunião com os residentes, exceto com o residente D, foi turbulenta. O residente A estava alcoolizado e foi demasiado inconveniente, fazendo considerações acerca do casal residente e fazendo comentários acerca de um utente do CAT. Foi bastante arrogante com acompanhante, tendo demonstrado ter dificuldades na gestão emocional, separação dos assuntos e fragilidades éticas.*

*De uma forma geral, os residentes estão a desenvolver relações possessivas connosco e a intrometerem-se na vida dos outros residentes, fazendo considerações acerca dos seus comportamentos. Assim, definimos fazer visitas com dias estipulados (quinta-feira) e começar a desenvolver ações de formação (de 15 em 15 dias) que lhes permitam desenvolver atitudes mais adequadas e menos preconceituosas.*

## **iii) 1ª Sessão Photovoice**

Na primeira sessão do *photovoice* estiveram presentes três residentes, nomeadamente, o B, o C e o E. O residente A não pode estar presente, porque tinha agendada

uma consulta de psicologia, o residente D desligou o telemóvel, estando incontactável e o residente F, veio avisar à Delegação que não poderia vir à atividade.

Inicialmente, foi realizada como atividade “quebra-gelo”, “A teia”.

Numa roda, cada elemento fez uma apresentação de si mesmo, incluindo a estagiária (nome, idade e interesses) e a mesma apresentou, sumariamente, o projeto. Quando da sua apresentação individual, a estagiária segurava um rolo de fio e quando a terminou, deu um nó ao dedo com o fio e passou o rolo a um residente. Eles repetiram os passos. No final, formou-se uma rede constituída com ligações (nós) e foram questionados acerca do significado desta atividade.

De seguida, foi apresentado com mais detalhe o *photovoice* e projetado um documentário de 2005, vencedor de um Óscar: “Nascidos em Bordéis”, de Zana Briski e Ross Kauffman. Este documentário dá enfoque ao *photovoice* como estratégia de emancipação e conscientização das crianças e suas famílias, oriundas de bordéis, em Calcutá, Índia.

No final, foi dado espaço para que se pronunciassem acerca do documentário e partilhassem dúvidas acerca do projeto. Para terminar, foi solicitado que fizessem uma avaliação quantitativa da sessão, numa escala de 0 a 10, colocando uma marca na circunferência/número da escala correspondente à sua compreensão/satisfação num alvo. Posteriormente, tiveram de justificar essa avaliação, escrevendo o porquê do valor atribuído, num papel em anónimo.

Após a estagiária os ter questionado o que representavam aqueles nós e, figurativamente, o que viam, responderam que era “uma rede”, “a amizade”, “que estavam presos uns aos outros”. A mesma acrescentou que, poderia representar o compromisso e envolvimento individual de cada um no projeto que estava a ser apresentado e que todos tinham concordado em participar. Essa rede ou teia por todos formada, estava interdependente do envolvimento de cada sujeito em particular.

### **Diário de bordo**

*Uma vez que só falta apresentar o photovoice ao residente A (o residente F tem dificuldades com os compromissos e o residente D também) e eu não quero ter uma sessão só com o residente A, porque é demasiado intimista e ele está a ficar muito vinculado – estabeleceu relações platónicas connosco -, propus apresentar noutros contextos, com mais utentes. Assim, ficou definida a próxima sessão com elementos do CAT, na quarta, dia 28.*

*Na reunião de hoje houve paragem para um lanche e as seguintes seguirão este padrão.*

#### iv) 2ª Sessão Photovoice

Foi replicada a parte inicial da sessão anterior, uma vez que os participantes eram diferentes e foi acrescentada uma atividade introdutória, pois a estagiária ainda não tinha impressões acerca de alguns participantes. Assim, foi-lhes pedido que se apresentassem/representassem de forma livre, sem categorias ou limites através de um desenho.

De seguida, foi apresentado o projeto *photovoice* e projetado o documentário já mencionado e dado espaço para que se pronunciassem acerca do documentário, do projeto e fizessem a avaliação da sessão, em moldes iguais aos utilizados na sessão anterior. O utente do CAT A desenhou um cubo e, imediatamente, os outros elementos replicaram a mesma ideia. Para ele representava um labirinto, as várias arestas da vida, algumas abertas, outras por abrir. Acrescentou ainda que traduzia o facto de estar preso/acorrentado e ter perspetiva do mundo lá fora ou haver portas que se abriam. Por sua vez, o utente do CAT C desenhou uma flor e disse que representava “a paz, a pureza, a beleza da vida, a simplicidade” e, por último, o residente A desenhou uma flor e mencionou “que representava a infância, gostava de tudo puro e da natureza”.

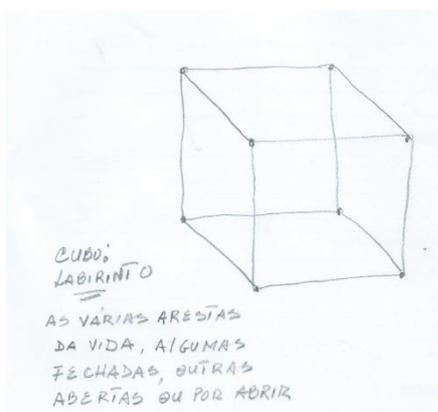


Figura 1 - Ilustração do utente do CAT A

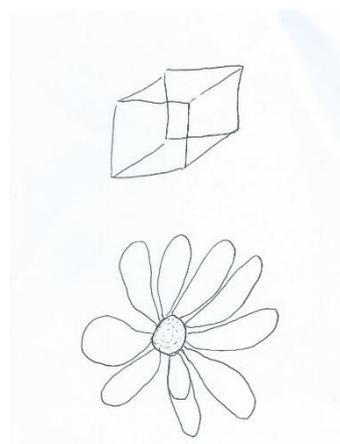


Figura 2 - Ilustração do utente do CAT C



Figura 3 - Ilustração do residente A

## Diário de Bordo:

*Demonstraram-se muito interessados, especialmente, o utente do CAT A, que tem uma capacidade de reflexão e abstração acima da média, comparativamente, com os restantes participantes (avaliaram com 10, 7 e 5). Conseguiram fazer bem o paralelismo entre o documentário e o que se pretendia do projeto photovoice.*

### v) 3ª Sessão *Photovoice*

Nesta sessão, foi convidado um fotógrafo para fazer uma introdução à fotografia e ensinar algumas técnicas aos presentes (perspetivas, composição, luz, entre outros aspetos).

No início da sessão, de forma a se fazer uma apresentação individual de cada pessoa ao fotógrafo, a estagiária solicitou que cada pessoa se apresentasse, dizendo o seu nome e associando um gesto a ele. A pessoa seguinte teria de repetir os nomes dos anteriores e os gestos correspondentes e assim, sucessivamente.

De seguida, o fotógrafo apresentou/simulou alguns exercícios de composição e perspetivas fotográficas e apresentou fotografias da sua autoria.

## Diário de bordo

*Quando fui buscar a residente E, ela mostrou muita reflexão e noção da evolução das relações pessoais. Disse que apanhou o companheiro dela mexer-lhe na carteira e que não gostou da atitude dele. Já demonstra ter noção de segurança pessoal e da necessidade de não misturaras relações pessoais com outros assuntos.*

*A residente B apresentou-se com um nome que não o habitual com que se costuma apresentar, demonstrando resistência e o facto de não querer dar confiança ao grupo, apesar de alguns elementos já a conhecerem. Desde o início que mostrou relutante em seguir as orientações que eu dava: tirar os casacos, entrar na sala, fazer avaliação através da imagem, entre outras instruções.*

*O utente do CAT C, mostrou-se desmotivado para vir à atividade quando o fui buscar ao CAT, só depois de o encorajar e dar alguns reforços positivos é que me acompanhou. O utente do CAT B já estava no local de formação antes da hora marcada e o utente do CAT A mostrou-se muito entusiasmado. De uma forma geral, este sentimento foi partilhado, menos pelo utente do CAT B, tendo tido a estagiária de lhe fazer questões de vez em quando, de lhe chamar a atenção para que prestasse mais atenção ao trabalho que estava a ser apresentado e desenvolvido.*

#### vi) 4ª Sessão *Photovoice*

Nesta sessão, foi iniciado o processo de seleção das categorias/temas objeto de reflexão durante as reuniões/formação e temas condutores e transversais aos registos fotográficos e, conseqüentemente, registos escritos associados a cada fotografia. Neste sentido, a estagiária questionou os presentes sobre quais as áreas prioritárias/importantes para eles, que necessitariam de desenvolver ou aquelas que, por outro lado, eram do seu interesse e com as quais se identificavam.

De seguida, foi-lhes solicitado que pensassem durante 10 minutos nos temas que gostariam de abordar/desenvolver com os propósitos já elencados e os escrevessem num papel cenário, onde estava desenhada a “árvore dos temas”, onde nos ramos colocariam respetivos os temas. A residente B escreveu natureza, boa vontade, discriminação, paz e justiça; o residente C saudade, ternura, amizade, carinho e aprendizagem; o utente do CAT A habitação, Direitos Humanos, emprego, integração e liberdade; o utente do CAT C flores, cozinha, roupa e desporto; o utente do CAT D saúde, família, convívio e céu (aviões) e, por último, o utente do CAT E propôs natureza, pobreza, trabalho, aprendizagem e curiosidades.

Numa fase final, foram abordados cuidados e questões éticas a ter em consideração quando se tira fotografias, tendo sido apresentados alguns exemplos próximos de alguns deles.

Sendo que a sessão decorreu em fevereiro e o “Dia de S. Valentim” já era referido pelos presentes com alguma ansia, a estagiária fez a proposta do primeiro de seis temas a trabalhar conjuntamente: o amor.

Paralelamente, no sentido de operacionalizar os temas e de não os deixar numa esfera abstrata e meramente concetual, a estagiária propôs que a cada categoria/tema se associasse um desafio, estabelecendo-se, conjuntamente um cronograma para a sua realização (ver apêndice). Esses desafios, potencialmente, estimulariam o desenvolvimento pessoal, a autoconfiança, incentivariam a assunção de responsabilidade e o desenvolvimento de relações de compromisso, a aquisição de hábitos e rotinas, o desenvolvimento das relações interpessoais de forma colaborativa e, ainda, a criação de projetos e momentos significativos e positivos. Para o efeito, foi apresentado o discurso de Matt Cutts, numa conferência TED<sup>35</sup> intitulado “Experimente algo novo durante 30 dias”<sup>36</sup> através da projeção de um vídeo<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup>“TED is a platform for ideas worth spreading. Started in 1984 as a conference where technology, entertainment and design converged, TED today shares ideas from a broad spectrum – from science to business to global issues – in more than 100

Segundo MattCutts (2011), a ideia subjacente à sua comunicação e experiência é concretizar algo que sempre quisemos fazer, experimentando-a durante 30 dias. Este(s) desafio(s) podem assumir duas vertentes distintas: subtraindo algo das nossas rotinas (o consumo de açúcar, diminuir número de horas que vemos televisão), ou adicionando algo às nossas rotinas (escrever um romance, tirar uma fotografia todos os dias, ler as notícias diárias, entre outros exemplos sujeitos à imaginação de casa um).

Uma vez que os contextos e as trajetórias pessoais individuais são, neste trabalho, de privação, na sua maioria, e os recursos deste público-alvoparcos, optou-se por incluir desafios associados a cada tema que adicionassem algo aos participantes.

#### vii) 5ª Sessão *Photovoice*

Na primeira parte, foi terminado o *brainstorming* acerca dos temas. Foi-lhes solicitado que relacionassem os temas sugeridos e anotados por eles na árvore, durante a sessão anterior, desenhando setas no papel cenário. De seguida, foi solicitado que eliminassem aqueles que não achavam pertinentes/que se enquadravam em temas mais abrangentes. Depois desse exercício, o próximo passo, foi chegar a um consenso relativamente às categorias mais pertinentes para eles, cerca de 6. Número de categorias necessárias para serem trabalhadas até ao final de maio.

Após discussão no grupo definiram-nas e depois ordenaram por prioridades, associando um desenho a cada tema.

Para o grupo, um dos temas pertinentes era a reinserção social, por isso, optaram por colocá-lo em segundo lugar, uma das prioridades a trabalhar. Apesar de considerarem, globalmente, os Direitos Humanos como uma prioridade, decidiram enfatizar algumas subcategorias associadas a eles, nomeadamente, a família e a habitação.

Assim, os temas definidos e ordenados pelo grupo foram o amor (já definido na sessão precedente), a (re)inserção social, os Direitos Humanos, a família, a habitação e a natureza. Posteriormente, foi apresentado um vídeo baseado no conto “O Príncipezinho” de Antoine de

---

languages. Meanwhile, independent TEDx events help share ideas in communities around the world.”. Fonte: [www.ted.com](http://www.ted.com), acessado em 3 de julho de 2015.

<sup>36</sup>Originalmente, em inglês: “Try something new for 30 days”.

<sup>37</sup>Vídeo disponível em [http://www.ted.com/talks/matt\\_cutts\\_try\\_something\\_new\\_for\\_30\\_days?language=pt](http://www.ted.com/talks/matt_cutts_try_something_new_for_30_days?language=pt), acessado em 3 de Julho de 2015.

Saint-Exupéry, mais precisamente, o diálogo com a raposa. Após esse momento, foi pedido que partilhassem com o grupo quais as ideias que sobressaíam no diálogo. Eles referiram o amor, o verbo “cativar” e que isso implicava e responsabilidade. O vídeo foi mote introdutório para que começassem a pensar sobre o desafio (individual) que gostariam de desenvolver relacionado com o amor. Ficaram de pensar sobre isso e escrever na próxima sessão.

### **Diário de bordo**

*A residente E não apareceu, porque, aparentemente, se esqueceu.*

*A residente B esteve sempre relutante e implicante com todas as tarefas até que, no final, me veio pedir desculpas e disse que estava com aquele humor devido à tendinite na mão.*

*O residente C quis participar, mesmo com a relutância e ‘não-consentimento’ e oposição da sua companheira, a residente B, que queria que ele permanecesse sempre ao seu lado, sem poder dar um passo noutra direção e participar nas atividades. Fiquei satisfeita por ele começar a conquistar pequenos espaços e momentos, contrariando a opinião dela.*

*O utente do CAT D também amou, tentando chamar a minha atenção e tentando que eu cedesse à sua vontade. Não cedi, estava a alterar a dinâmica da sala, apesar de o ambiente ser flexível e eles terem permissão para sair a qualquer momento, desde que estejam concluídas as tarefas. Acabou por se ir embora quase no final da sessão e não fui atrás dele.*

*Fiquei indescritivelmente orgulhosa pela atitude e participação do grupo em todo o processo e pelas categorias finais a que chegaram.*

### **viii) 6ª Sessão Photovoice – visita de campo ao centro da cidade**

Neste sábado, a estagiária acompanhou o grupo de residentes e utentes envolvidos neste projeto pelo centro da cidade, conjuntamente com o fotógrafo que lhes deu a formação de fotografia anteriormente. O objetivo primordial foi experimentar as máquinas fotográficas, praticar e receber algumas dicas técnicas de fotografia, em contexto real.

Os presentes, a pedido da estagiária, agruparam-se aos pares, com as pessoas que nutriam maior afinidade, partilharam uma máquina fotográfica e tiraram fotos, individualmente, alternadamente, uma vez que só foram conseguidas uma máquina para cada duas pessoas. A residente E juntou-se com o residente A, a residente B ao companheiro, o residente C e o utente do CAT D juntou-se ao utente do CAT A, o seu colega de quarto. De seguida, conjuntamente, o grupo decidiu qual o roteiro a percorrer, visitando alguns espaços públicos no centro da cidade.

No jardim de Santa Bárbara, a estagiária pediu que todos se sentassem. Nesse espaço, entregou os *logbooks* com um documento (ver imagem Figura 34 - Logbook) um a cada presente, onde registariam as entradas das fotos tiradas, com diversos campos a preencher. Para além disso, uma vez que o grupo não teve ideias para o desafio a cumprir relacionado com a categoria “Amor”, a estagiária tomou a iniciativa de entregar um feijão mágico a cada um, do qual teriam de cuidar e nutrir com responsabilidade, durante este projeto.

Fotógrafo: \_\_\_\_\_  
Fotografia

**Tema:**

- Amor
- (Re)inserção social
- Direitos Humanos
- Habitação
- Família
- Natureza

- Pessoal
- Institucional - Cruz Vermelha
- Sociedade

O que vejo nesta fotografia:

---

---

---

Esta fotografia é importante, porque:

---

---

---

---

---

---

Boa sorte e muita inspiração!  
Com muito orgulho,  
Raquel

Figura 34 - Logbook

## Diário de bordo

*Quando cheguei à praça da República, para meu deleite toda a gente já lá estava.*

*Depois de ter falado, mais uma vez, com a residente E, ela saiu de casa e apareceu às horas combinadas. Enquanto esperávamos, ela abordou-me e disse-me que tinha pedido ao utente A para guardar o seu dinheiro, porque ainda não o sabia gerir muito bem e tinha medo que o companheiro o roubasse. Deu a entender também, que não se sentia confortável com uma pessoa que lá estava presente, o utente do CAT D. Pelos vistos, namoraram há cerca de dois anos atrás, durante 4/5 meses.*

*O residente A conversava ao sol com o utente do CAT D. A residente B, o residente C e o utente do CAT A conversavam em grupo e a residente E deambulava pela Praça. O utente do CAT D estava entusiasmado por ter vindo e por poder estar perto da residente E.*

*Como o fotógrafo estava atrasado, propus que começassem a tirar fotos uns aos outros. A residente B retorquiu imediatamente, dizendo que não iria tirar fotos a ninguém, só ao “seu” e amuou. Perguntei-lhes qual o roteiro que gostariam de fazer no centro para tirar fotos. Todos eles foram dando propostas muito educadamente e a Residente B gritou, literalmente: “QUERO IR À IGREJA DE SANTA CRUZ, porque foi lá que conheci o meu!”. De seguida, veio-me perguntar quando seria o workshop e eu disse-lhe que ainda tinha dese verificar se havia disponibilidade no espaço e se tínhamos os recursos e ingredientes necessários; que seria uma experiência e depois via-se se dava continuidade. Ela responde-me: “Eu quero sempre”. Se dissesse que os workshops dinamizados por ela eram todas as semanas, ela arranjaria desculpas, que não teria tempo e que seria maçador. Está, constantemente, no registo do contra.*

*A meio do percurso, a mesma residente começou a ofender o residente A sem motivo aparente, ele disse-me que não estava para aturar aquilo e que se iria embora e eu impedi-o de o fazer, trocando umas palavras com ele.*

*Sempre que eu dava indicações reagiam todos muito bem, inclusive o residente C, que esteve sempre muito sorridente e com um comportamento bastante prestável. Inclusive, não se sentou intimidado pela companheira e tirou-me uma foto (o que tentei evitar para que não se criassem mais conflitos). A residente B durante todo o passeio fez-lhe olhares de reprovação e dava reprimendas, chegando mesmo ao ponto de gritar com ele. No final do dia, houve uma altura em que ele não acedeu às ordens dela, ela amuou, ficou para trás e ele seguiu-me a mim e ao grupo, não lhe dando atenção. Ela ficou furiosa.*

*No final da tarde, perguntei quem gostaria de tirar ficar com a máquina primeiro, ele ou ela. Ele disse que ficaria ele e eu reforcei, mais uma vez, a ideia de que teria de ser um processo individual (o que eles já sabiam desde o início). Ela disse que assim não queria, amou. Eu perguntei-lhe se queria ser ela a primeira, respondeu que não. Pelo contrário, ele respondeu sempre positivamente aos desafios, tentando até, encontrar soluções para os entraves que iam aparecendo.*

*O residente A andava feliz, muito sorridente. Parecia rejuvenescido e, simultaneamente, protetor em relação à residente E. Ficou de partilhar a câmara com ela, guardá-la durante a noite (ela não se sentia segura com ela e pediu-lhe para ele guardar) e ajudá-la a plantar o feijão.*

*A residente E nunca tinha pegado numa máquina, como nunca tinha tido contacto com algum equipamento eletrónico (daí ela ficar tão vidrada na televisão). Estive a ensiná-la a utilizar a máquina fotográfica, enquanto o fotógrafo não chegava e a conversar sobre o utente do CAT D. Explicou-me a razão pela qual não se sentia muito confortável perto dele, porém, nunca se recusou a tirar fotos com ele. Fui eu que tive de ser a intermediária algumas vezes para ele não ser impertinente. Muitas vezes encontrava-se meia perdida/distraída e era eu que a tinha de chamar à atenção para ouvir as orientações do fotógrafo.*

*Quando nos sentámos no Jardim de Santa Bárbara, pedi voluntários para além o que eu tinha colocado nos cadernos (o logbook) e ela começou imediatamente a ler em voz alta perante o grupo. Ela tem muita confiança no residente A e ele, apesar das brincadeiras e provocações, protege-a muito (dá-lhe bens alimentares, guarda-lhe o dinheiro, a máquina fotográfica e transmite-lhe os recados).*

*O utente do CAT D andava entusiasmado pelo passeio, pela possibilidade de poder tirar fotografias mas, sobretudo, por estar perto da residente E. A determinada altura, tive que ir atrás dele, porque já se ia embora sem avisar, porque “tinha compromissos”, mas consegui trazê-lo de volta para perto do grupo e acabou por valer a pena.*

*O residente do CAT A estava deliciado, mostrava as fotografias, pedia conselhos, um perfeccionista exemplar. As fotos que tirava já eram uma tentativa de as enquadrar no tema. Recorria com frequência ao fotógrafo para pedir conselhos. Quando pedi para tirarem fotografias de rosto uns aos outros, notei que essa situação não o deixou muito confortável, pois tinha receio que a sua identidade fosse revelada, nomeadamente, na exposição final.*

*O utente do CAT C não veio, porque foi suspenso, durante 7 dias do CAT, segundo me disseram. Porém, transmitiram-me que ele se mantinha muito interessado e que perguntava com regularidade quando era a próxima atividade;*

*O utente do CAT E também não pode vir, porque está a frequentar uma formação (procura ativa de emprego) através do IEF, que coincide em termos de dia e horário, com as nossas atividades. Porém, quando terminasse, ele disse-me que gostava de poder continuar a participar.*

#### **ix) 7ª Sessão Photovoice**

Nesta sessão, foram projetadas fotos da visita de campo e, nessa sequência, a estagiária solicitou que cada um fosse partilhando com o grupo impressões sobre a tarde e sobre o primeiro desafio: a plantação do feijão mágico, tendo apresentando como exemplo, um feijão mágico crescido plantado por um familiar. Para além disso, a estagiária expôs que os desafiava daquela altura em diante, a registar a evolução do seu feijão fotograficamente e com apontamentos escritos. Logo de seguida, foi agendada a próxima visita de campo e o grupo sugeriu, unanimemente, que se realizasse um passeio ao Bom Jesus do Monte de Braga ou ao Santuário do Sameiro, na mesma cidade. Nessa sequência, a estagiária sugeriu que se realizassem *workshops* de culinária, uma vez que havia vários elementos no grupo que eram dotados nessa área e poderiam partilhar esse conhecimento com os restantes, que não sabiam cozinhar. A residente B seria o primeiro elemento a dinamizar um *workshop* de culinária. A estagiária sugeriu que o seguinte fosse dinamizado pelo residente A, mas ele recusou a proposta e adicionou que se fosse para ensinar a residente E a cozinhar, ele estava disponível para ela ir a casa dele aprender.

Seguidamente, foram projetadas novamente as fotografias da visita de campo e foi solicitado que seleccionassem, individualmente, aquela que foi mais marcante, representativa do dia ou que gostassem mais. Cada participante escolheu uma e a estagiária ajudou-os, individualmente, a fazer o registo escrito delas, conforme o modelo (ver apêndice) que lhes tinha entregado no *logbook*.

O residente C seleccionou uma foto da Igreja de Santa Cruz e a sua companheira, a residente B, também; a residente E escolheu uma foto que focava as árvores e o jardim na Avenida da República e descreveu que a mesma lhe dava uma sensação de liberdade e que lá

encontrava muitas pessoas conhecidas, sensações que tinha quando estava nesse espaço, na rua. O utente do CAT D selecionou uma foto do Jardim de Santa Bárbara, porque lhe fez lembrar o dia de casamento (está divorciado), dia em que tiraram fotografias num jardim semelhante. Analogamente, o residente A também selecionou uma foto desse espaço público, por razões semelhantes.

O utente do CAT A selecionou quatro a cinco fotos e disse que faria uma descrição das mesmas quando estivesse sozinho em e que me mostraria no fim.

## **Diário de bordo**

*Eu cheguei 10 minutos atrasada, mas já estavam todos presentes e prontos para entrar na sala, mesmo a residente E, que chegou logo a seguir.*

*Durante a sessão, a residente E mencionou com um ar embaraçado e a rir-se da própria situação, que o feijão e a terra caíram ao chão. Distraidamente, ela pegou na pá do lixo e deitou-o ao lixo, em vez de colocar na lata novamente. Foi um momento de descontração e risota no seio do grupo, tendo todos os elementos do grupo dado conselhos e alternativas pelas quais ela poderia ter optado.*

*O residente A estava muitíssimo satisfeito. A sua operação às cataratas tinha corrido bem, no dia anterior, e ele dizia que estava a ver o mundo com outros olhos. O facto de ter sido operado no dia anterior, não foi impedimento para que viesse à minha atividade.*

*Algum sentimento e perspetiva do projeto mudou desde sábado para a residente B, porque ela tinha uma consulta no dia da atividade ao fim do dia e já não queria ir à consulta por causa da sessão de photovoice. Claramente, que a sessão tinha-se tornado uma prioridade para ela, ao contrário das últimas sessões em que tentava arranjar sempre desculpas para não vir. O seu comportamento também estava bem mais tolerante e aberto à minha intervenção, sugestões, etc.. Tanto que, na hora do lanche, quando viu que eu não tinha leite achocolatado, veio me oferecer o dela (o que também me deixa ainda mais alerta para comportamentos manipuladores). Ainda assim, não quis dar o feedback dela perante o grupo e disse que depois mo dava pessoalmente. Com o decorrer das atividades, não me recordo de ela o ter feito e, sinceramente, esqueci-me de lhe pedir que o fizesse.*

*No que concerne à escrita dos registos escritos relacionados com as fotografias, envolveram-se todos. O residente A escolheu uma foto do Jardim de Santa Bárbara (e quando me mostrou o registo estava quase a chorar), porque lhe fazia lembrar o dia do casamento do*

*seu filho, porque se tinha casado no Sameiro e algumas fotos foram tiradas no Jardim de Santa Bárbara.*

*O residente C apesar da sua dificuldade em escrever, escreveu da melhor forma que pode, o que representava a foto da Igreja de Santa Cruz que, sumariamente, simboliza o reencontro com residente B).*

*O utente do CAT D lá conseguiu escrever a ideia, apesar da sua atitude extremamente relutante e resmungona tão natural dele, que mesmo quando não está a resmungar, parece que o está a fazer com um volume da voz acima da média. Ajudei-o a escrever, dei-lhe um abraço, olhei-o nos olhos e disse: “tem razões para não confiar em mim? Alguma vez trai a sua confiança? A partir desse momento, pode ter relutância em relação a mim”. Ele sorriu e disse: “Ó, você sabe que gosto de si, senão, não estava aqui.”.*

*Fomos lanchar, dei os meus parabéns a todos pelo resultado alcançado e pelo esforço, porque tinha sido realmente significativo o que expuseram da vida deles e dos seus sentimentos/afeições. Contrariamente às minhas expectativas, responderam muito bem ao desafio, partilhando histórias/sentimentos que eu até então desconhecia.*

*Na pausa do lanche, reparti o pão-de-ló por todos e estive a observá-los. Vi o utente do CAT A e o residente C a pedirem conselhos à funcionária de limpeza da Delegação acerca de plantas, terra e cuidados a ter, pois ela estava a cuidar de umas plantas perto de nós. No final, ajudaram-me a arrumar e a levar as coisas, como sempre, e fomos embora.*

#### **x) 8ª Sessão Photovoice**

Na primeira parte da sessão, foram identificadas dificuldades sentidas no registo fotográfico e na plantação e cuidados a ter com o feijão. Partilhados alguns contratempores e dúvidas, foi levado a cabo uma atividade de *brainstorming* para fazer o levantamento do que eles entendiam por (re)inserção social, o próximo tema a ser trabalhado. Na fase final, lancei o repto associado à (re)inserção social: lançamento de uma campanha de sensibilização, cujos protagonistas seriam eles, assumindo o papel de modelos.

Durante o processo de *brainstorming* emergiram ideias bastante variadas, a saber: “darmos bem com o próximo”, “valorizar o pobre que cada vez está mais rico”, “uns têm tudo e não merecem e outros merecem e não têm”, “acabar com a desigualdade”, “a imagem influencia a nossa inserção”, “acabar com os corruptos que estão a governar” (residente A); “valorizar o

pobre, que a sociedade está mais para o rico”, “Por eu andar limpa, as pessoas pensam que estou rica (residente E); (re)inserir-se na sociedade”, “não faz sentido as pessoas estarem à espera de um papel para ter apoio para sobreviver. Parece que o papel é mais importante do que a pessoa”, “valorizar os Direitos Humanos” (utente do CAT A); “estou com muita tristeza. É triste. Queria estar junto dos meus filhos”, “ao CAT, vão comer pessoas com carros”, “gostava de sair do CAT. Antes quero ir viver sozinho. Estou lá há 11 anos, desde 2004. Sou o mais velho. Nem uma mulher posso levar lá”, “injetam-se, fumam nos quartos. Se querem, que o façam lá fora”, “Com o utente A é uma maravilha, no quarto. Não há álcool, não há drogas”, “eu gostava de aprender inglês e alemão”(utente do CAT D).

### **Diário de bordo**

*Os residentes B e C não apareceram e não avisaram. O utente do CAT C avisou-me no CAT que gostava muito de ir, mas tinha compromissos relacionados com o IEFP nesse dia. Ia tentar ir sábado à visita de campo. O residente do CAT E, apesar de não vir às sessões há muito tempo por ter outros compromissos, fez questão de me abordar e explicar que gostava muito de continuar, mas que estava a frequentar uma formação obrigatória no IEFP e depois iria começar um curso.*

*Na primeira parte da reunião, partilharam as dificuldades que sentiam até então com o photovoice e com o primeiro desafio – cultivo do feijão. O residente A tinha colocado mal as pilhas e por isso nos últimos dias não tinha tirado fotos e, por consequência, a residente E também não, pois partilham a máquina fotográfica. Esta residente ainda sentia dificuldades em tirar fotos e estivemos a praticar.*

*A máquina dos utentes do CAT A e D estava a dar problemas e teríamos de formatar o cartão de memória, correndo o risco de perder todas as fotos e se colocássemos novamente o cartão na máquina e tentássemos passar com o cabo, perderíamos tudo. Eles estavam desgostosos. Exprimiam grande orgulho no trabalho desenvolvido e tinham reconhecimento no CAT, dizendo que já os apelidavam de “fotógrafos” e que os outros utentes estavam desejosos de ver as fotos que eles tiravam.*

*Acerca dos feijões, o utente do CAT D referiu que tinha entregado o feijão a uma senhora, na Rua dos Barbosas, que cuidava dele muito bem e que essa senhora iria até tirar fotos para me mostrar como o feijão estava a ser bem cuidado. Tentei lhe explicar qual o objetivo desse processo assim como o resto do grupo e que aquele não tinha sido o comportamento mais adequado. Mesmo assim, considereei um comportamento digno de memória, muito cómico*

*até, e de grande aprendizagem para mim, permitindo-me lidar com uma reação completamente inesperada e plausível. Este exercício da plantação do feijão, em particular, fez sobressair muito acerca das personalidades de cada um, resultados completamente imprevistos para uma atividade que, aparentemente é tão simples, como se posicionam enquanto cuidadores, como cada um assume as responsabilidades e o que se torna prioritário para cada um (resultado final neste caso e não o processo, a aprendizagem).*

*Na fase de brainstorming discutiram animadamente o conceito e relacionaram com a sua vida, com os entraves que sentiam. O utente do CAT D deu o exemplo da sua experiência de vida, que a sua tentativa de ir de encontro à reinserção, foi deixar o álcool (há 3 meses e mantém a abstenção) para obter o Rendimento Social de Inserção. Neste sentido, o residente A, também conseguiu assumir perante o grupo que tinha problemas com álcool e que nutria um sentimento de empatia com o utente mencionado anteriormente. Partilhou experiências e estratégias que utiliza. Para resumir e finalizar disse mesmo: “o que conta é a vontade”.*

*Acerca do workshop, a residente E, talvez influenciada pelo grupo, que dá feedback de não gostar especialmente da sua presença e de determinados comportamentos da residente B, disse que não queria aprender a cozinhar, porque ia buscar a comida; deu contributos muito importantes no brainstorming e esteve a treinar como tirar fotografias com o meu auxílio;*

*O utente do CAT D referiu que gostaria de aprender inglês e alemão, porque lhe ia ajudar a encontrar emprego no estrangeiro, principalmente na Alemanha, onde trabalhou algum tempo. Também mencionou que relacionado com a inserção social, gostaria de ver os filhos e sair do CAT. Para além disso, gostaria de estar com a residente E e de ensinar outras pessoas a soldar. Está sempre a repetir com emoção a conversa que tivemos lá fora, quando tive de o “ir resgatar”, acho que foi isso que conquistou para vir e ter motivação às sessões.*

*O residente A também se mostrou muito entusiasmado em ter a máquina com ele, mais uma vez, para poder fotografias, quando fosse à quinta pedagógica e escrever o poema através da APVG. A propósito de eu ter dito que estávamos a fazer todos os esforços para que tivessem aulas de informática, ele disse que queria muito participar, assim como o utente do CAT A.*

*Durante o período de tempo em que estivemos a discutir as representações da (re)inserção social, todos contribuíram com testemunhos e perspetivas muito pertinentes. O que concerne aos desafios temáticos, na opinião do utente do CAT A. O desafio seguinte deveria ser individual devido às suas diferentes identidades e percursos de vida. Eu respondi-lhe que essas diligências estavam a ser tomadas, paulatinamente, com os utentes do HousingFirst,*

*contudo, como ele não estava a ser acompanhado por mim, a situação dele tornava-se ligeiramente diferente. Nesta perspetiva, estes reptos que eu lançava eram de natureza coletiva. Neste seguimento, lancei um desafio, cuja ideia-base surgiu do fotógrafo que tem acompanhado o photovoice: a realização de sessão fotográfica nos espaços públicos onde tinham dormido, mas com uma imagem cuidada, com o intuito de lançar uma campanha de sensibilização. Reforçando esta ideia, lembrei que eles tinham concordado que a imagem era determinante para a reinserção social. Para os residentes A e E fez imenso sentido, estavam com as lágrimas nos olhos e mostraram-se mais do que interessados.*

*No final, como sempre, ajudaram-me a arrumar.*

#### **xi) *Workshop* culinária**

Foi realizado um *workshop* de culinária nas instalações do CAT para os utentes dessa valência e para os residentes do projeto *HousingFirst* dinamizado pela residente B, tendo selecionado, autonomamente, previamente a ementa.



**Figura 35 - Ementa confeccionada no workshop**

#### **Diário de bordo**

*Esta atividade surgiu com a finalidade de potenciar o desenvolvimento pessoal, partilha de conhecimentos e, sobretudo, como uma estratégia de lhes atribuir protagonismo de forma controlada e de a motivar para a participação nas atividades. Porém, inicialmente, a residente B teve atitudes muitíssimo arrogantes com toda a gente, especialmente no início com as senhoras da cozinha: “o frango não está temperado?!”; “quero isto, quero aquilo, já!” e elas acederam aos pedidos sempre com atitudes prestáveis e cordiais. Depois estava irritada porque ninguém do photovoice estava lá, só o utente do CAT D. Na verdade, ninguém se sente confortável na sua presença e no CAT e não quiseram ir. Ainda assim, a atividade correu bem, fomos estimulando a participação de todos os presentes e incentivando a que ela desse a sua aula de culinária, orientando o seu comportamento de uma forma formativa e subtil. O seu maior auxiliar foi o seu*

*companheiro e o residente do CAT D, que prima por ser tão relutante e crítico, foi inesperadamente prestável do início ao fim, tendo solicitado mais atividades semelhantes.*

*As equipas técnicas do CAT passaram pelo espaço onde estava a decorrer a atividade para provar os petiscos, presenciando-se expressões de satisfação por parte da cozinheira pelo reconhecimento. No final, todos os utentes presentes gostaram de ter participado e dos sabores dos seus cozinhados que foram esparguete cozida com panados de frango e arroz doce.*

## **xii) 9ª Sessão Photovoice – visita de campo ao Bom Jesus**

A estagiária acompanhou o grupo de residentes e utentes envolvidos neste projeto ao Bom Jesus do Monte, em Braga, conjuntamente com o fotógrafo que acompanha, voluntariamente, este projeto. O objetivo primordial, à semelhança da visita de campo anterior, foi promover ligações a espaços significativos, melhoradas técnicas de fotografia e a recolha de algumas fotografias para o projeto.

### **Diário de bordo**

*Após duas viagens consegui levar todos os elementos para o Bom Jesus, para uma sessão de fotografia de campo, exceto o utente do CAT C e o residente A, o mais assíduo dos utentes. Após o procurar em vários locais/esperar por ele, os residentes B e C disseram-me que o tinham visto alcoolizado no centro da cidade.*

*O utente do CAT C também era para ter vindo e estava muito interessado (após me ter questionado sobre isso várias vezes que o encontrei no CAT). O utente do CAT A confirmou isso mesmo, dizendo que lhe tinha perguntado várias vezes durante a semana quando seria o dia das fotografias e...inclusive nesse mesmo dia de manhã. Esperámos e procurámos por ele no CAT, mas não estava.*

*O problema da máquina fotográfica do residente do CAT A já estava resolvido, tinha de novo o cartão; levei mais pilhas e começaram a tirar fotografias. Dei mais atenção à residente E, porque ainda revelava dificuldades em trabalhar com a máquina e ainda não tinha tirado fotografias, desde que tinha estado com ela. Apesar das suas dificuldades, os registos eram muito bons.*

*O residente C tinha muita iniciativa a tirar as fotografias e estava radiante, inserido no grupo. Um conflito entre o casal surgiu, quando a residente B se recusou a subir até ao lago e o primeiro foi na mesma. Quando regressou, a companheira estava amuada e instalou-se muita*

*tensão entre eles, porque ele tinha estado ausente e não tinha querido saber dela. Ameaçou-o de que não iria ter jantar.*

*Por volta das 15.30h o fotógrafo apareceu e esteve a dar dicas sobre as suas fotografias a todos eles, individualmente. Depois disso, estive a tirar fotos a todos. Segundo o feedback do grupo, este foi um dia muito especial para eles, pois já há muitos anos que não iam ao Bom Jesus, apesar de viverem na cidade, o que demonstra algumas das barreiras e segregação que eles enfrentam. Alguns desde criança, outros há mais de 10 anos.*

### **xiii) 10ª Sessão Photovoice**

Nesta sessão, foram propostas algumas atividades de cariz formativo e cultural, nomeadamente, a frequência de aulas de teatro e de informática, através da Junta de Freguesia de São Victor e a ida a um espetáculo de fado, em Guimarães. Mostraram-se bastante interessados, especialmente no espetáculo de fado e nas aulas de informática.

De seguida, a estagiária esteve a apoiar cada participante, individualmente, na interpretação/realização dos registos escritos de algumas fotos que tinham tirado, questionando-os sobre o significado delas e das frases que iam escrevendo, de forma a desenvolver um raciocínio coerente e significativo para os participantes. Sinteticamente, fez uso do instrumento, cujo acrónimo é SHOWeD (Wang, 1999; Wang, Cash, Powers, 2000, p.84): “What do you see here? What is really happening here? How does this relate to your/our lives? Why does this problem concern, or strength exist? What can we do about it?”.

No final, os presentes, bem como alguns técnicos e elementos da direção da Delegação cantaram os parabéns ao residente A, que tinha feito anos durante o fim-de-semana.

### **Diário de bordo**

*Nesta sessão faltou a residente E, porque no dia anterior tinha chegado atrasada à consulta e, por esse motivo, perdeu-a, tendo obrigatoriamente de ir no dia seguinte. A residente B ligou ao meio-dia e meio a dizer que só estava a ir a essa hora para casa, que ainda tinha de preparar o almoço, arrumar, a cozinha e ir e que iria ser complicado chegar a horas. Foi uma desculpa para faltar. Só estava a vir às atividades que lhe eram mais prazerosas e apetecíveis, pois na semana passada também faltou na terça-feira. Decidi que não iria realizar o seguinte workshop de culinária dinamizado por ela, porque também não tinha vindo hoje para me dizer quais os ingredientes de que necessitava.*

*Pelos vistos, o utente do CAT C, perguntou hoje, mais uma vez, ao residente do CATA quando se realizaria a atividade (é sempre ao mesmo dia, no mesmo local, à mesma hora) e exprimiu vontade de vir, mas não apareceu.*

*No início perguntei ao grupo quem se queria inscrever nos cursos de informática e de teatro: na informática inscreveram-se o residente A e o utente do CAT A. Ninguém demonstrou interesse pelo teatro. Relativamente ao fado, todos ficaram entusiasmados, inscrevendo-se de imediato na atividade.*

*No resto da sessão, estive novamente a explicar ao utente do CAT D a pertinência de ele tirar fotos. Ele não sente vontade e é inconcebível gostar de fotos tiradas por ele, porque na realidade aquelas que lhe são tiradas (em que ele aparece) são aquelas mais significativas para ele, o que enviesa o propósito do photovoice. Ainda assim, quando ele estava a fazer o registo escrito de uma fotografia, quase se emocionou, porque a foto por ele selecionada (lago) fazia-lhe lembrar a família e estava-me a culpar por o fazer lembrar essas coisas. Na verdade, ele é que associa todas as fotos a momentos passados em família.*

*Posteriormente, estive a ajudar todos os outros a fazer os registos das fotos e no final, convidámos o presidente da Delegação de Braga, a coordenadora do projeto Housing First e uma técnica da EISD e cantámos os parabéns em tom de surpresa ao residente A, que tinha feito anos, no domingo. A reação dele foi de emoção, com as lágrimas nos olhos.*

#### **xiv) Espetáculo de fado – Caso do Povo de Ronfe**

No âmbito do 81º Aniversário da Casa do Povo de Ronfe, os participantes do projeto *Photovoice* participaram na celebração, assistindo à “Noite de Fado” (ver anexo), nas instalações do espaço referido, acompanhados pela estagiária e uma técnica da Delegação de Braga da CVP.

#### **Diário de bordo**

*Uma vez que várias pessoas tinham referido no seu plano de desenvolvimento pessoal que gostariam de assistir a fado, tentei proporcionar essa vontade.*

*A coordenadora do projeto Housing First ligou-me a dizer que o utente do CAT D ficou muito ressentido, porque não o avisei que o workshop de culinária não se iria realizar, na quinta-feira passada. Contactou todos os técnicos a dizer que tinha esperado toda a tarde e que eu não tinha aparecido e isso não se fazia. Porém, da última vez que estive comigo disse que não*

*estava interessado em participar e quando as atividades decorrem, é um dos que tem a postura mais desinteressada.*

*Telefonei para o CAT duas vezes e recusou-se a falar comigo. Passei pela casa dos residentes E e A (na mesma zona residencial) e o último disse-me que a primeira tinha-lhe pedido para me avisar que se sentia mal, não estava em condições para ir ver o espetáculo. Eu sei que era uma desculpa para poder passar mais algum tempo com o seu companheiro. Fui buscar os residentes B e C (não trouxeram a máquina fotográfica e não os lembrei).*

*No CAT, encontrei o utente C e ele disse que também gostava de ir. Nesse espaço, antes de irmos, conversei com o utente do CAT D e, apesar de eu achar que ele estava ligeiramente alcoolizado, a seu pedido, foi connosco à noite de fado.*

*Chegámos meia hora mais tarde, mas ainda não tinha começado. Durante o espetáculo, estavam todos animados. A residente B gritava “viva a fadista!”. O residente C sorria continuamente e os dois abraçavam-se. O residente A emocionou-se quando a fadista disse: “Esta música vou dedicá-la a um senhor muito especial que veio de Braga”. O utente do CAT C estava um bocado apático, como sempre, e tirava fotografias. O utente do CAT A sorria, batia palmas e ficava envergonhado cada vez que o seu colega de quarto, o utente do CAT Drejubilava, gritando “só mais uma!”; “vimos de Braga para ter fado a noite todaaa!”; “Os de Guimarães têm duas caras!”. Se tentávamos abordá-lo ou chamá-lo a atenção, tinha reações mais efusivas (comportamentos que eu já sabia serem característicos dele). Tendo em consideração que a fadista respondia aos reptos dele, a única forma de terminar o concerto, foi convidá-lo para fumar e mesmo assim, até com o convite para ir fumar, teve de dar resposta em sentido contrário.*

*Surpreendeu-me o facto da residente B não ir para o palco cantar com a fadista, principalmente, quando uma senhora também foi. No final comemos bolo, tiramos uma foto de grupo e viemos embora repletos.*

#### **xv) 11ª Sessão Photovoice**

Durante a sessão os participantes foram partilhando impressões acerca da “Noite de Fado” e, de seguida, a estagiária esteve a dar apoio individualizado na interpretação, reflexão e redação dos registos escritos de algumas fotografias tiradas por eles.

## Diário de bordo

*À tarde decorreram os nossos encontros semanais de photovoice e foi a sessão em que tive mais participantes presentes. Desta vez, tive de fazer um acompanhamento ainda mais individualizado, porque estavam todos em níveis diferentes do projeto, devido à assiduidade intermitente.*

*O utente do CAT C tem tirado fotos, apesar de não ter estado presente nas nossas reuniões desde janeiro, portanto, não estava enquadrado acerca do que tínhamos feito. Entreguei-lhe o feijão, explicando o propósito e pedi ao residente C que lhe desse algumas dicas para o plantar. Seguindo esta lógica, pedi-lhe também que começasse do início, tirando fotos relacionadas com o primeiro tema: o amor. Entretanto, por vontade própria, escreveu um registo acerca de uma que tinha tirado em São Petersburgo.*

*Terminado aquele acompanhamento, estive a ajudar o residente A e o utente do CAT A a escreverem o registo da noite de fado. Relativamente à residente E, estive a ajudá-la a escrever os registos acerca do Bom Jesus.*

*Com uma postura dissonante dos restantes, o utente do CAT D, teve um comportamento desadequado e tentava distrair os outros a todo o custo, não realizando nenhuma tarefa. Também me parece que será um dos poucos momentos e espaços em terá um convívio 'saudável'. Mais uma vez, não trouxe o caderno e ficou chateado porque não o avisei para o trazer, quando de manhã estive no CAT. Disse-lhe que ele era adulto, tinha de ser responsável e que se ele reparasse, era o único que estava a ter aquela atitude. Para além disso, esta era norma que todos já tinham conhecimento há muito.*

*Fui para a beira dos residentes B e C e fui-lhes dando orientações relacionadas com as fotografias do Bom Jesus. Acabámos tocarnum tema frequente. Informei-a, mais uma vez, de que ela não poderia seleccionar as mesmas fotos que o companheiro e que tinham sido tiradas por ele; que eram pessoas distintas, com percursos e identidades próprias. Por sua vez, o residente C estava todo entusiasmado com o tema – reinserção social – e sugeriu ir ao sítio onde tinham dormido, tirar uma foto. A companheira contrapôs, afirmando peremptoriamente que ele iria sozinho, porque ela não queria ir para o meio dos “gandulos”, que lhe fariam mal. Mesmo assim, ele insistiu na ideia e afirmou que tiraria só algumas.*

*Para finalizar, a residente B apercebendo-se que estava um pouco à parte do grupo, não escrevendo nada acerca da noite de fado, porque não tinha tirado fotografias, fez um registo mesmo sem a foto para me tentar agradar, com algumas palavras de carinho.*

## xvi) 12ª Sessão *Photovoice*

No início da sessão a estagiária, em conjunto com os participantes presentes, esteve a fazer um balanço de como estavam a decorrer as capturas fotográficas e apoiou o grupo no desenvolvimento de alguns registos escritos relacionados com as fotografias. Concluída a tarefa, realizou-se um *brainstorming* com o intuito de fazer um levantamento das perceções individuais acerca dos Direitos Humanos, o tema precedente. Tendo em consideração o levantamento, foi projetado um vídeo que versava sobre a História dos Direitos Humanos, dado espaço para comentários, e entregue a Declaração Universal dos Direitos do Homem a cada um dos presentes para análise, interpretação e discussão conjunta seguida da realização de uma versão adaptada da atividade original “*Flower Power*”<sup>38</sup>, infra discriminada.

### Diário de bordo

*Na sessão estiveram presentes cinco participantes. A residente E não veio, porque se esqueceu e o residente A, devido ao consumo de álcool. Tinha planeado realizar a atividade num espaço diferente, no Parque São João da Ponte, porque estava um excelente dia de sol, mas o grupo não quis ir para lá e preferiu ficar na sala habitual.*

*No início da sessão, fizemos um balanço de como estavam a correr as fotografias, ajudei em alguns registos e avançamos para o tema seguinte: os Direitos Humanos. Tentei fazer um levantamento de quem tinha alguma impressão acerca do tema e apenas a residente B e o utente do CAT possuíam. Entretanto, quando ia começar a abordar o tema, o utente do CAT D interrompeu-me, mais uma vez, com a sua postura característica, com laivos de alguma arrogância e desafiadora e afirmou que ia fumar, sendo que deveria ser um dos mais interessados em ouvir, pois não tinha conhecimento algum. O facto de ele ir fumar, já estava a fazer com que a sessão parasse novamente, porque o residente C também já tinha intenções de o acompanhar.*

*Abordei-o expondo, assertivamente, isso mesmo e fazendo-o refletir sobre o tempo que restava para terminar a sessão, sabendo que ele também gostaria de ir embora a horas. Aproveitei e lembrei-o acerca da sua falta de interesse, uma vez que nunca trazia o material,*

---

<sup>38</sup> Brander, P., de Witte, L., Ghanea, N., Gomes, R., Keen, E., Nikitina, A., Pinkeviciute, J. Chapter 2 – Practical Activities and Methods for Human Rights Education. In Rui, G. (Ed. and coord.) (2012). *Compass: manual for human rights education with young people* (pp.72-350). Strasbourg: Council of Europe Publishing. Disponível em: [http://www.coe.int/t/dg4/eycb/Source/Compass\\_2012\\_FINAL.pdf](http://www.coe.int/t/dg4/eycb/Source/Compass_2012_FINAL.pdf)

*nem participava nas atividades. Ele desculpou-se dizendo que não tinha máquina (o que não é verdade), que eu não avisava que era para trazer caderno e que dali a 15 dias iria permanecer um período de tempo numa unidade de desabilitação.*

*À semelhança das atitudes habituais, chantageou-me dizendo que se iria embora. Eu respondi-lhe que não queria que ninguém estivesse lá por obrigação e que se tivesse mesmo vontade de ir que fosse. Ele retorquiu “e vou e vou” pensando que eu iria atrás dele. Regressa para dizer que ia mesmo embora, e diz-me “Eu só venho por causa da residente Ee por sua causa, estou apaixonado por si, gosto dos seus olhos, mas não meto mais cá os pés”. E foi-se embora.*

*Após este acontecimento, projetei o vídeo sobre a história dos Direitos Humanos, discutimos o vídeo e as percepções que tinham acerca dos mesmos, entreguei a Carta Universal dos Direitos Humanos a cada um, analisámo-la ainda que superficialmente e iniciámos a última atividade. O residente C foi o mais rápido a concluir a “flor” dele. A residente B iniciou a atividade contrariada, depois apercebeu-se que a “flor” dela tinha poucas pétalas comparativamente com as restantes, quando começou a observar a dos colegas e acrescentou uma última pétala, a do direito às atividades culturais.*

*Quando o grupo se apercebeu que um elemento estava a desenhar uma árvore, reproduziram o desenho e o que supostamente iria ser uma flor, converteu-se numa árvore.*

*No final, a residente B convidou-me para ir ao aniversário dela, a casa deles, no dia de aniversário dela.*

#### **xvii) 13ª Sessão Photovoice -sessão de avaliação contínua**

Sendo a génese do projeto de cariz de investigação-ação-participativa, esta sessão foi direcionada, primordialmente, para o levantamento de *feedback* acerca das reuniões e atividades desenvolvidas até ao momento e para o levantamento de percepções acerca da vontade do grupo em trabalhar, comprometidamente, em torno de um objetivo comum a todos os participantes: a exposição final do *photovoice*.

#### **Diário de bordo**

*No início da sessão informei o utente do CAT A que não tínhamos boas notícias para ele, não tínhamos conseguido recuperar as fotografias dele. Ainda no rol das informações, comuniquei qual a data prevista para a realização da exposição do *photovoice* e tentei perceber se estavam e estariam motivados, envolvidos e empenhados em trabalhar para ela, seriamente.*

*Para o efeito, desenvolvi um exercício de avaliação de “colorir” uns bonequinhos que representavam diferentes estados de espírito. Cada elemento pintou dois bonequinhos, algumas pessoas até mais e depois explicaram ao grupo, um de cada vez. Eu também fiz esse exercício, iniciando a atividade e expliquei quais os meus estados de espírito e foi assim que começou a conversa “profunda” e emotiva. Até a residente B que, inicialmente, tinha dito que não ia tirar o caderno e que não ia fazer, participou de bom grado. Foi um diálogo emotivo acerca das relações humanas, acerca deles, acerca da empatia, da humildade, do dar voz, da emancipação, da participação, da honestidade. De sermos claros, de partilharmos aquilo que pensamos, transparentes, da interpretação da linguagem, dos sentimentos, de darem voz a este projeto, “gritarem ao mundo” o que pensam e que nunca são ouvidos; que eles são os especialistas desta realidade e não os técnicos, não os trabalhadores da área social; que este projeto foi pensado por eles e para eles, os temas foram escolhidos por eles, a sua discussão, como conduzi-lo, as atividades culturais e recreativas a fazer. E nunca, nunca deveriam fazê-lo por mim, mas por eles, só assim poderiam sair beneficiados. Estavam todos atentos, num estado empático e alguns deles emocionados.*

*Pela primeira vez, vi a residente B realmente envolvida pelas minhas palavras, com o estado de espírito positivo, curioso e com vontade. Pela primeira vez não condicionou o seu companheiro a participar e a dar a sua opinião, tanto que a determinada altura disse: “fala, apresenta, amor” e deu oportunidade para ele decidir se se seria iriam reunir comigo para trabalhar para a exposição, terminando: “O residente B já respondeu”.*

*Dei oportunidade ao grupo para decidir o que queriam fazer, e expliquei que esta era a oportunidade que tinham para se pronunciarem e que as decisões que tomassem, tinham de as encarar, futuramente, com responsabilidade, sem criticar, pois iria ser uma tomada de decisão puramente deles. Decidiram trabalhar para a exposição.*

*No final, o residente A disse com tristeza que o feijão dele tinha morrido, tinha bolor e que não percebia porquê, uma vez que tinha regado sempre conforme as indicações. Para além disso, perguntou quando iríamos iniciar o curso de informática.*

#### **xviii) 14ª Sessão Photovoice**

Na primeira parte da sessão, a estagiária solicitou que cada um dos participantes presentes terminasse os registos escritos acerca das suas fotos e, no final, realizasse uma apresentação para o grupo das fotos seleccionadas e os excertos intrínsecos a cada uma delas.

Para além de ser um momento de reconhecimento do empenho e trabalho realizado até ao momento, pretendeu-se que fosse mais um momento de partilha de experiências, para que não ficassem apenas num registo individual, naquele que se pretendeu ser um trabalho coletivo e com forte sentimento de pertença.

Paralelamente, assumiu-se, uma vez mais, como um espaço para auscultar opiniões/reações, trabalhar competências de comunicação e o sentido crítico.

### **Diário de bordo**

Quando cheguei à Delegação o residente C estava a tentar, subrepticamente, levar um objeto (candeeiro infantil) que tinha perto do contentor de doações à Cruz Vermelha. Ele e a companheira discutiam por causa disso (ela não queria andar com peso) e eu chamei-o à atenção de que, aquela atitude não era correta e que, muito provavelmente, aquele objeto já tinha destinatário. Ele manteve a posição e continuou com o objeto. À entrada, chamei-o, novamente à atenção e a companheira envergonhada, afastou-se e ficou num canto, isolada, virada para a parede, fazendo lembrar uma criança amuada ou de castigo. Depois de resolver esta situação com ela e a convencer a entrar, já dentro da sala, vendo que ele ainda permanecia com o objeto, chamei-o novamente à atenção e ele respondeu-me furioso: “Não tem nada. Parto-te toda!”. Eu reagi dizendo que nunca em momento algum lhe tinha faltado ao respeito e, portanto, ele não tinha o direito de o fazer. No final, num tom voluntarioso, prestável e até submisso, veio arrumar as minhas folhas e organizar a minha capa, para se tentar redimir.

A residente E continua muito resistente a tirar fotografias. Contudo, durante a sessão, quando viu que estava toda a gente de alguma forma a trabalhar, estava constantemente a perguntar-me o que tinha de escrever nas folhas de registo. Eu expliquei-lhe que só ela poderia escrever depois de tirar as fotos. Mesmo assim, ela foi escrevendo frases sozinha.

Para rentabilizar o tempo e poder dar atenção a toda a gente, pedi que desenvolvessem trabalho colaborativo: a residente B ajudava o companheiro a fazer o resto dos registos e o residente A ajudava a residente E a tirar algumas fotos, mas ele não quis. Sugeri que o utente do CAT A viesse me ajudar a trabalhar com o utente do CAT C.

### **xix) 15ª Sessão *photovoice***

Na tentativa de manter as sessões, as iniciativas e as avaliações o mais coniventes possível com estratégias participativas, a estagiária deu abertura para que os participantes envolvidos se pronunciassem relativamente aos contornos que gostariam que a exposição

assumisse. Neste sentido, foi realizado um levantamento dos participantes que gostariam de fazer visitas guiadas aos convidados durante a cerimónia de inauguração da exposição e daqueles que não se sentiam tão confortáveis nesse papel. Seguidamente, a estagiária desafiou-os a sugerirem nomes para a exposição, uma vez que eram eles os protagonistas e, melhor do que ninguém, saberiam que designação traduziria a ideia a transmitir. Manifestados diversos títulos, os mesmos foram submetidos a votação, porém, não foi alcançado consenso, emergindo 4 comumente apreciados por todos. Assim, foram atribuídas pontuações (de 1 a 4) de acordo com a preferência dos quatro títulos finalistas, para assim, se conseguir apurar um, que foram ordenados pela votação pela ordem que se procede:

- 3º - “Olhares sem teto” (7 pontos);
- 2º (*ex aequo*) - “Olhares fotográficos e reinserção social” e “vontade de vencer” (10 pontos);
- 1º - Olhares sentidos (13 pontos).

Posteriormente, a estagiária deu a conhecer a sinopse por ela escrita acerca da exposição e abordou o grupo, tentando perceber se se sentia injustiçado ou legitimado, ou se feria suscetibilidades com o conteúdo apresentado. Nesse seguimento, para além da realização da exposição, a estagiária propôs que se realizassem algumas atividades para celebrar o dia Internacional do Vizinho e todos assentiram. Em termos culturais, a estagiária questionou quem gostaria de ir ver a peça de teatro “Manual da Felicidade” (consultar apêndice x) e todos demonstraram interesse em ir.

#### **xx) 16ª Sessão *Photovoice***

No início, o grupo foi lembrado relativamente à data e hora de início do curso de informática, que se iniciaria no mesmo dia e lembradas as mesmas informações relativamente à peça de teatro “O Manual da Felicidade”. No âmbito da celebração do “Dia Internacional do Vizinho” foram definidas as atividades a realizar, conjuntamente. Proximamente do término da reunião, a estagiária pediu o parecer pessoal aos presentes acerca de uma possível campanha de sensibilização baseada numa sessão fotográfica, cujos modelos/protagonistas seriam eles.

#### **xxi) Formação de iniciação à informática**

Em parceria com a Junta de Freguesia de S. Victor, decorreu, nas instalações do Agrupamento de Escolas, o curso de iniciação à informática. O órgão de administração local

recebeu os participantes do *photovoice*, mesmo sendo um público que não possuía, à partida, requisitos para a sua inscrição.

#### **Diário de bordo**

*Os residentes B e C deram a entender que estiveram, antes da sessão de apresentação da formação de informática, a conversar com o residente A. Fiquei muito agradada por isso. Já têm uma relação que supera a cordialidade.*

#### **xxii) Confeção de bolos – Comemoração “Dia Internacional do Vizinho”**

Nas instalações do CAT foram confeccionados os bolos, em grupo, pelos participantes para a comemoração do “Dia Internacional do Vizinho”, nas suas residências, cujos destinatários seriam os seus vizinhos.

#### **Diário de bordo**

*Apreciei o facto de a residente B entrar no carro, quando a fui buscar dizer “Boa tarde, residente A”, um sinal de respeito, de reconciliação.*

*Ficaram no CAT a fazer os bolos e ainda ajudaram a embalar compotas. Gostaram da tarde, empenharam-se bastante e que foram bastante perfeccionistas no embalamento das compotas, apesar do seu constante “espírito reivindicativo”.*

*A residente B queria estabelecer as suas regras, exigindo levar o bolo naquela tarde para casa, quando não tinha sido esse a negociação feita. Amouu, uma vez que não cedemos.*

#### **xxiii) Comemoração do “Dia Internacional do Vizinho”**

Tinha sido combinado, antecipadamente, que, durante as visitas habituais e durante aquele dia, cada um dos participantes do projeto *Housing First* iria entregar a pessoas da vizinhança (com relações muito ou mesmo pouco significativas ou que tivessem contribuído para um sentimento de pertença e não estigmatizado) bolo confeccionado por eles e endereçar-lhe algumas palavras de apreço/agradecimento, se assim entendessem, de acordo com o vínculo prevalecente.

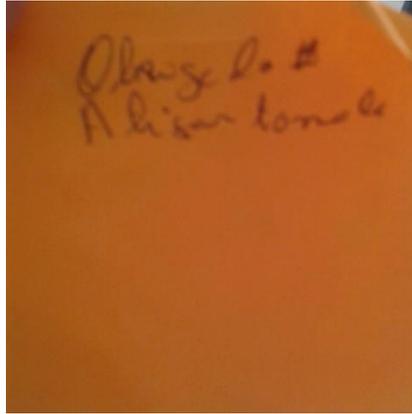


Ilustração 4 - Nota deixada a um vizinho

## Diário de bordo

*O residente A encontrava-se alcoolizado, apesar de não o ter reconhecido e, como estava nessas circunstâncias, fez insinuações despropositadas e que não correspondiam à realidade, acerca de circunstâncias e acontecimentos passados. Apesar do nosso conselho em não levar a cabo o gestopensado com os vizinhos, ele fez questão de proceder com a ação. Entregou bolo ao senhorio com quem tem uma relação saudável, ao tio do senhorio e a um vizinho. O vizinho bem integrado e autónomo (que por acaso esteve, transitoriamente, no CAT) teceu elogios ao residente A e aproveitou para nos mostrar a casa dele e agradecer ao CAT algumas palavras de gratidão, devido a ensejos benéficos que se tinham proporcionado na sua vida.*

*Por sua vez, de uma forma mais tímida e com gestos reservados, a residente E também quis entregar bolo ao senhorio e ao seu tio e ficou de dar a outro vizinho, juntamente com um bilhete, que lhe prestou alguns serviços de pichelaria. Também referiu que gostaria de dar ficou de dar ao dono do restaurante que lhe oferecia as refeições ao almoço.*

*Na visita à habitação dos residentes B e C, demonstraram-se bastante satisfeitos pela forma como tinha decorrido a reunião de apresentação do curso de informática, na Junta de Freguesia de S. Victor, salientando a acessibilidade do Presidente de Junta.*

### **xxiv) Visita à Biblioteca / Peça de teatro “O Manual da Felicidade” de João Negreiros**

Na Biblioteca, onde iria decorrer o espetáculo, primeiramente, o grupo fez uma visita pelos diferentes espaços da mesma, contactando com os seus serviços e percecionando o alargado espectro de iniciativas que a estrutura pode proporcionar, incluindo uma exposição temporária.

O intuito foi aligeirar a introdução a um espaço público cultural, tradicionalmente, alheio aos seus espaços de frequência privilegiados, na tentativa de fomentar a sua familiarização e posterior utilização.

De seguida, o grupo assistiu à peça de teatro de João Negreiros “O Manual da Felicidade”, registando-a com algumas fotos e trocando impressões, quando terminada. Já na saída, foram vários aqueles que quiseram fazer o seu cartão de utilizadores.

### **Diário de bordo**

*O residente A não foi ver a peça de teatro, porque me telefonou antes e eu percebi que estava alcoolizado. Aconselhei-o a não vir e ele não apareceu.*

*A peça era contemporânea, sem cenários e com monólogos. Mesmo assim, foi do agrado de todos, contrariamente ao que estava à espera. O residente C e o utente do CAT A foram os que expressaram mais satisfação e entusiasmo.*

#### **xxv) 17ª Sessão *Photovoice***

Numa primeira instância, foi dado espaço para a partilha de impressões acerca da peça de teatro. Posteriormente, a estagiária apresentou o cartaz relativo à exposição fotográfica “Olhares sentidos”, que se iria realizar no âmbito do *photovoice* (consultar apêndice x). Foram revistos, novamente, os registos escritos pelos participantes e registadas recomendações acerca da sua situação por parte de um utente.

Relativamente aos registos escritos associados às fotografias para a exposição, o utente do CAT A fez questão de tecer elogios ao grupo, exprimindo que “os textos são muito eruditos, muito bonitos. Mesmo que as fotos não estejam, eles safam-se. Pelo tempo que passamos aqui, as palavras foram muito bem trabalhadas. As duas coisas estão bem ligadas. As palavras são fortes e foram bem conseguidas.”

#### **xxvi) 18ª Sessão *Photovoice* – preparação da exposição**

Durante a reunião a estagiária e os presentes estiveram a ultimar os preparativos para exposição. Ida ao Ponto Vermelho (loja social) com os participantes para escolher emroupas para vestirem no dia da inauguração da exposição.

**[Reunião planeada, mas não realizada]**

### **Diário de bordo**

*Não houve reunião. O utente do CATC não estava no Centro. Telefonei à residente B, disse que não ia. Apeteceu-me desistir da residente B. Já utilizei todas as estratégias e mais alguma para que ela tenha um compromisso com as atividades e com o seu presente/futuro. Falei com o utente do CAT A e antevendo que não ia estar ninguém, avisei-o dessa possibilidade.*

*Telefonei ao residente A e disse-lhe para não vir, porque percebi que estava alcoolizado. Apareceu na mesma, foi o único e no meio da conversa (queixar-se do barulho no prédio, do facto de ter sido roubado em 5 euros, pelo facto de o filho dele não vir vê-lo no São João) acabou por me dizer que me amava, que estava apaixonado por mim, mas sabia que era um amor impossível. Eu expliquei-lhe que não deveria confundir as coisas, o apoio técnico que lhe era dado com outros sentimentos. Perguntou-me se ia fazer-lhe a visita na quinta-feira e acrescentou que tinha sonhado comigo na última noite, que eu tinha sido assaltada. No final queria me dar um beijo e um abraço e eu recusei e queria mo dar à força.*

### **xxviii) 19ª Sessão photovoice – avaliação final**

Descrita na atividade anterior.

### **Diário de bordo**

*Durante esta sessão trocámos impressões acerca da exposição. O utente do CAT C veio me entregar algumas fotos da mesma e, de seguida, procedemos à avaliação do photovoice.*

*Houve um trabalho de colaboração muito próximo, essencialmente, entre os utentes do CAT. Quase no final, o utente do CAT A perguntou-me se haveria mais cursos. Quando tocou nesse assunto, dirigi-me ao grupo e disse, mais uma vez, que não sabia se iria haver, uma vez que estavam todos a faltar e podia ser uma porta que se fechava, pois houve muita insistência da nossa parte para que eles o pudessem frequentar.*

*O residente A lembrou-se da BLCS e pediu-me para lhe entregar os documentos, que ele terminaria o registo na biblioteca. Agora que ia ter óculos, queria requisitar livros para ler em casa. Entreguei-lhe a ele e, posteriormente, os residentes B e C disseram que iriam lá terminar o registo deles. Continuando a conversa, o residente A partilhou comigo que tinha ido fazer visitas guiadas à exposição com um amigo e com a psicóloga que o acompanha e nessa tarde estavam 4 pessoas a vê-la.*

### **xxix) Preparação da campanha de sensibilização**

O dia foi dedicado à operacionalização da campanha de sensibilização, assunto já abordado e discutido em sessões precedentes. Os participantes que mostraram interesse e motivação em participar na campanha de sensibilização acerca da sua própria condição, das suas trajetórias, acompanharam a estagiária às instalações de uma indústria têxtil de fatos reconhecida, patrocinadora desta iniciativa, para fazerem a prova dos fatos de cerimónia que iriam utilizar na sessão fotográfica.

O propósito da campanha de sensibilização, a realizar na cidade de Braga, passa por desconstruir estereótipos associados a perfis, características e comportamentos das pessoas que estiveram/estão em situação sem-abrigo. A campanha terá como substrato fotografias tiradas nas residências/espço de alojamento dos indivíduos e nos espaços públicos onde dormiram, com uma imagem cuidada, incitando à reflexão do observador/comunidade bracarense. A campanha pretende um questionamento acerca dos segmentos de pessoas que ficam em situação sem-abrigo, demonstrando a fragilidade dessa possibilidade e, simultaneamente, demonstrar a mudança, a (re)construção identitária após estas pessoas terem integrado respostas e projetos da Cruz Vermelha, que vão de encontrar à dignificação da pessoa humana.

### **xxx) Sessão fotográfica – campanha de sensibilização**

A sessão fotográfica foi acompanhada pelo fotógrafo que deu formação e acompanhamento nessa área, alguém com quem já estavam, minimamente, familiarizados. Foram fotografados os residentes A, B e C e o utente do CAT C, aqueles que, voluntariamente, quiseram dar corpo e voz à campanha. Foram feitos registos fotográficos nas suas residências e no CAT, no caso do utente que lá reside e em espaços públicos da cidade por eles selecionados vinculados ao seu percurso pessoal.

### **xxxi) 20ª Sessão *photovoice***

Nesta sessão foi privilegiada a análise e reflexão sobre os temas/categorias da exposição e anotadas recomendações. Paralelamente, foram analisados alguns documentos institucionais disponibilizados, como o Regulamento Interno do Centro de Alojamento Temporário e a

Instrução de Trabalho de Integração na Casa do projeto *Housing First* e ouvidas e anotadas as propostas dos *participantes*.

#### **Diário de bordo**

*Gostaram de ver as fotografias da exposição e de ler o feedback dos visitantes à exposição. O residente A emocionou-se ao ler. Fiquei de lhes entregar a todos uma fotocópia do que está escrito.*

*Perguntei quem gostaria de ir à piscina com um técnico do CAT, a partir do dia 20. A residente B iria com o residente C se arranjassemos fato de banho, o residente A também e o utente do CAT A.*

*Relativamente ao projeto “Fénix”, realizado em colaboração com o GNRation para a Noite Branca, os residentes A e E expressaram que gostariam de participar. O residente C também ficou muito entusiasmado, mas a residente B disse que não ia aos ensaios, porque ia chegar muito tarde a casa, mas ele também não a podia deixar sozinha. Ele contrapôs e esteve a contraargumentar a opinião dela. Ficaram de chegar a um consenso e me dar uma resposta mais tarde.*

*O utente do CAT A, que é o mais reflexivo dos utentes, evidenciou sentir um dilema nestas discussões, porque se por um lado estava muito grato à CVP, não se sentia com legitimidade para identificar as fragilidades da mesma. Estive-lhe a explicar a origem do projeto do Housing First, como resposta alternativa ao CAT e o sentido crítico que os próprios técnicos têm em relação ao mesmo. É de valorizar as propostas feitas por eles e sentido crítico, para legitimar também estas e outras alternativas.*

#### **xxii) 21ª Sessão Photovoice – avaliação final II**

*Conferir apêndice 16 - Descrição das atividades de avaliação.*

Nesta sessão desenvolveu-se uma atividade de avaliação já realizada, anteriormente, para obtenção de perceções individuais acerca do seu *self*, da sua condição e envolvimento no *photovoice*. Comparativamente com o exercício anterior, nesta fase, os participantes tinham apenas de se reportar ao presente, selecionando o desenho de uma pessoa que melhor representava os seus sentimentos/emoções e sentimentos, no momento.

#### **xxiii) 22ª Sessão Photovoice – avaliação final III**

Conferir apêndice 14 - Descrição das atividades de avaliação.

## 15. Atividades coletivas, respetivos instrumentos de avaliação e número de participantes

Quadro 9 – Instrumentos de avaliação atividades coletivas e respetivo número de participantes , com grupo-alvo específico deste projeto (HF e CAT)

Atividades	Nº de participantes	Técnicas e instrumentos de avaliação
i) Acompanhamento ao Jantar Humanitário	7 <sup>39</sup>	Conversas informais; observação participante (diário de bordo); instrumento simbólico/metafórico pictórico “O porto de mar”, desenvolvido na 22 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III
ii) 1 <sup>a</sup> Reunião com os residentes	4	Observação participante (diário de bordo); conversas informais;
iii) 1 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i>	3	Escala (0-10);
iv) 2 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i>	3	Escala (0-10);
v) 3 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i>	6	Instrumento simbólico/metafórico pictórico (seleção de fotografia);
vi) 4 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i>	6	Conversas informais (Apreciação da sessão numa palavra/frase);
vii) 5 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i>	6	Observação participante (anotação de perceções do grupo-alvo em diário de bordo); conversas informais;
viii) 6 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i> – visita de campo ao centro da cidade	6	Observação participante (anotação de perceções do publico alvo em diário de bordo); conversas informais;
ix) 7 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i>	6	Observação participante (diário de bordo); conversas informais;
x) 8 <sup>a</sup> Sessão <i>Photovoice</i>	4	Observação participante (diário de bordo); conversas informais;
xi) <i>Workshop</i> de culinária	5 <sup>40</sup>	Instrumento simbólico/metafórico pictórico “O porto de mar”, desenvolvido na 22 <sup>a</sup>

<sup>39</sup> 7 utentes foram ao Jantar, sendo apenas 3 dos envolvidos neste projeto (*photovoice*).

<sup>40</sup> 5 utentes participaram no workshop, sendo apenas 3 envolvidos nesta atividade (*photovoice*).

Atividades	Nº de participantes	Técnicas e instrumentos de avaliação
		Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III
xii) 9ª Sessão <i>Photovoice</i> – visita de campo ao Bom Jesus	5	Instrumento simbólico/metafórico pictórico “O porto de mar”, desenvolvido na 22ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III
xiii) 10ª Sessão <i>Photovoice</i>	3	Observação participante (diário de bordo); conversas informais;
xiv) Espetáculo de fado – Casa do Povo de Ronfe	6	Instrumentos simbólicos/metafóricos pictóricos “O porto de mar”, desenvolvido na 22ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III e narrativas (registos fotográficos e escritos)
xv) 11ª Sessão <i>Photovoice</i>	7	Conversas informais; Narrativas (registos fotográficos e escritos) fotos comentadas tiradas pelo grupo-alvo
xvi) 12ª Sessão <i>Photovoice</i>	5	Instrumento simbólico/metafórico pictórico “ <i>Flower Power</i> ”
xvii) 13ª Sessão <i>Photovoice</i> – sessão de avaliação contínua	6	Instrumento simbólico/metafórico pictórico “ <i>Emotional feedback for introverts (and others)</i> ”
xviii) 14ª Sessão <i>Photovoice</i>	5	Observação participante (diário de bordo); Informação oral por parte do público alvo
xix) 15ª Sessão <i>Photovoice</i>	6	Observação participante (diário de bordo); Informação oral por parte do público alvo
xx) 16ª Sessão <i>Photovoice</i>	6	Observação participante (diário de bordo); Informação oral por parte do público alvo
xxi) Formação de iniciação à informática	5 <sup>41</sup>	Conversas informais; instrumento simbólico/metafórico pictórico “O porto de mar”, desenvolvido na 22ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III

<sup>41</sup> Foram 5 participantes à apresentação da formação, mas apenas 1 concluiu.

Atividades	Nº de participantes	Técnicas e instrumentos de avaliação
xxii) Confeção de bolos – Comemoração do “Dia Internacional do Vizinho”	4	Conversas informais; observação participante (diário de bordo); instrumento simbólico/metafórico pictórico “O porto de mar”, desenvolvido na 22ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III
xxiii) Comemoração do “Dia Internacional do Vizinho”	4	Instrumento simbólico/metafórico pictórico “O porto de mar”, desenvolvido na 22ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III
xxiv) Visita à Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva/Peça de teatro “O Manual da Felicidade” de João Negreiros	4	Conversas informais; observação participante (diário de bordo); instrumento simbólico/metafórico pictórico “O porto de mar”, desenvolvido na 22ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III
xxv) 17ª Sessão <i>Photovoice</i>	5	Conversas informais (informação oral por parte do público alvo); observação participante (diário de bordo).
xxvi) 18ª Sessão <i>Photovoice</i> – preparação da exposição	3	Conversas informais (informação oral por parte do público alvo); observação participante (diário de bordo).
xxvii) Inauguração da exposição fotográfica “Olhares sentidos”	5	Registos escritos de visitantes da exposição e do público-alvo; Conversas informais; observação participante (diário de bordo); instrumento simbólico/metafórico pictórico “ <i>Gingerbread man</i> ” e “O porto de mar”, desenvolvido na 22ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final III
xxviii) 19ª Sessão <i>Photovoice</i> – avaliação final	5	Observação participante (diário de bordo); instrumento simbólico/metafórico pictórico “ <i>Gingerbread man</i> ”.

Atividades	Nº de participantes	Técnicas e instrumentos de avaliação
xxix) Preparação de Campanha de sensibilização da comunidade para <i>sem abrigo</i>	4 <sup>42</sup>	Conversas informais (informação oral por parte do público alvo); observação participante (diário de bordo);
xxx) Sessão fotográfica da campanha de sensibilização	4 <sup>43</sup>	Observação participante (diário de bordo); conversas informais (informação oral informal por público alvo);
xxxi) 20ª Sessão <i>Photovoice</i>	6	Grupo focal.
xxxii) 21ª Sessão <i>Photovoice</i> – <i>avaliação final II</i>	6	Instrumento simbólico/metafórico pictórico “ <i>Emotional feedback for introverts (and others)</i> ”
xxxiii) 22ª Sessão <i>Photovoice</i> – <i>avaliação final III</i>	6	Instrumento simbólico/metafórico pictórico “O porto de mar”,

---

<sup>42</sup> Disponibilizaram-se 4 participantes para participarem; contudo, devido a contratempos logísticos, só 3 puderam participar, até ao momento.

<sup>43</sup> Disponibilizaram-se 4 participantes para participarem; contudo, devido a contratempos logísticos, só 3 puderam participar, até ao momento.

## 16. Descrição das atividades de avaliação

### i) 1ª Sessão *Photovoice*

A residente B atribuiu 9 à sessão e escreveu que “As crianças são uma dádiva de Deus, deveriam ser tratadas e estimadas, terem tempo suficiente para brincar, tempo suficiente para estudar e depois...terem um futuro, não é para presenciarem violência dos pais [...]. As crianças ficam marcadas para o resto da vida. O filme está a ser [foi] espetacular e era bom que a nossa própria sociedade visse isto, visse este filme, para sentirem que há pessoas piores do que elas [...] e saberem que nós somos seres humanos. Todos somos seres humanos, independentemente de A, B, C, D.”

O residente C atribuiu 8 e escreveu que o documentário era “muito parecido com a realidade” e a residente E atribuiu 7 e escreveu que tinha gostado muito porque “foram retirados da pobreza”.

### ii) 2ª Sessão *Photovoice*

Similarmente, à sessão anterior, os participantes avaliaram a sessão quantitativamente, numa escala de 0 a 10, colocando uma marca na circunferência/número da escala correspondente à sua apreciação num alvo e justificaram a sua avaliação escrevendo num papel.

O utente do CATA atribuiu 8 valores e escreveu: “Gostei da sessão, sobretudo, do documentário sobre a realidade de algumas crianças na Índia, que nasceram em bordéis. Uma realidade dramática, porque são crianças cujo destino é sombrio, sem esperança. O documentário também mostrou que através de um projecto ligado à fotografia, algumas crianças foram capazes de alterar o seu destino, sobretudo, o jovem Avijit, que ganhou um prémio e foi recebê-lo a Amesterdão, Holanda.”. Por sua vez, o utente do CAT D atribuiu 10 valores e escreveu “porque já está nos meus [filmes] favoritos”. Por último, o residente A atribuiu 5 valores e escreveu: “Ao princípio não percebi, mas com o correr do documentário, fui chegando à conclusão do crer destas crianças”.

### iii) 3ª Sessão *Photovoice*

No final, a estagiária solicitou que folhassem as revistas que tinham sido levadas para a sessão e escolhessem uma imagem que os tivesse cativado, representasse o seu dia ou, de

alguma forma, lhes tivesse despertado sentimentos para que começassem a aprender/treinar o olhar ao observar as imagens; refletissem e começassem a extrair significados e o porquê da escolha da imagem. Depois de a estagiária apresentar a sua imagem e significado, os restantes participantes fizeram o mesmo, individualmente, com o grupo, oralmente.

O residente A escolheu a do livro no Parque, pelo espaço em si e pelo livro (de certa forma, representaria o regresso da sua visão, uma vez que este tem problemas oftalmológicos); a residente B apresentou uma foto dos Açores, pois representava uma viagem de tranquilidade; o residente C selecionou a foto de um carro, porque o sonho dele era ter um, partilhou com o grupo, com um sorriso e brilho nos olhos; a residente E selecionou o café e exprimiu-se bastante bem, dizendo que lhe trazia conforto, era como se lhe aquecesse a alma; o utente do CAT A escolheu uma imagem cinzenta que, para ele, simbolizava a nostalgia e, simultaneamente, um horizonte com novas perspetivas e o utente do CAT C escolheu uma foto do mar pela



Figura 5 – Imagem selecionada residente A  
transmissão de tranquilidade, e por adorar a praia.



Figura 6 - Imagem selecionada residente B



Figura 11 - Imagem selecionada residente C



Figura 7 – Imagem selecionada pela residente E



Figura 8 - Imagem selecionada utente CAT A



Figura 9 - Imagem selecionada utente CAT C

#### iv) 4ª Sessão *Photovoice*

Para terminar a estagiária pediu que resumissem, oralmente, numa palavra ou frase a sessão. A residente B partilhou com o grupo que tinha sido uma tarde “agradável, de convívio, amizade, de muita tranquilidade e paz, que é o importante transmitirmos aos outros lá de fora e que nós somos uma equipa, que estamos felizes e que partilhamos opiniões, ideias, sugestões”. O residente C referiu que tinha gostado “porque aprendemos uns com os outros”. O residente do CAT A mencionou que tinha sido “diferente, porque houve mais informações”. Numa lógica semelhante, o utente do CAT C, acrescentou que tinha sido “bom, porque tinham tido muita informação”. O residente do CAT D focou-se noutros aspetos, partilhando que tinha gostado das pessoas presentes no convívio, só não tinha gostado do chá e acrescentou que “Sábado [dia da visita ao centro da cidade acompanhados e pelo fotógrafo para receberem algumas instruções, a nível fotográfico], vamos estar presentes e com um sorriso”. Para terminar, o utente do CAT E mencionou que tinha sido “maravilhoso, porque estava ansioso para tirar fotos novas, ser um bom fotógrafo e aprender coisas novas”.

Realizou-se um *brainstorming* acerca das significância(s) e sentido(s) que o amor poderá assumir, na perspectiva dos participantes. Este exercício funcionou como momento de preparação e reflexão para o tipo de realidades, contextos e sentimentos que poderiam estar associados aos registos fotográficos que fossem, futuramente, captar. Foram identificadas e discutidas as seguintes palavras-chave: “saúde”, “sexo”, “família”, “paixão”, “beleza”, “riqueza”, “amor-próprio”, “carinho”, “confiança”, “alegria”, “animais”, “coração” e “ternura”.

#### ix) 7ª Sessão Photovoice

Relativamente à visita de campo, a residente E mencionou que gostou de tirar fotografias, estava um dia bonito, mas que estava nervosa, não estava muito à vontade por causa da máquina, uma vez que era a primeira vez que tinha tido uma experiência assim.

O residente C referiu que estava mesmo muito entusiasmado para ver o resultado (feijão grande) e foi ele que alertou para o facto de o feijão ter um coração gravado em cada. No que respeita à visita de campo, mencionou que não teve nenhuma dificuldade, que tinha sido um bom passatempo.

O residente A referiu que já tinha plantado o feijão e que a visita de campo tinha sido “ótima, uma experiência boa”, que se tinha sentido bem.

Os utentes do CAT A e D transmitiram preocupação relativamente à plantação do feijão, pois nas camaratas do CAT, não podiam ter nenhum objeto destes no seu interior e corriam o risco de as senhoras da limpeza os deitarem fora. Estavam a pensar noutras estratégias para fazer a plantação, nomeadamente, na horta. Relativamente ao dia de campo, o utente do CAT D reconheceu que foi um “dia à medida do tempo, esteve bom”.

O utente do CAT A, acerca da sessão de *photovoice* que estava a decorrer, exprimiu que “foi uma boa experiência e ter tido a possibilidade de ver as suas fotografias projetadas. Foi uma boa oportunidade para ter a sensação de onde poderia melhorar os registos fotográficos. Acrescentou ainda que percebeu que “é difícil tirar fotos a monumentos e que é necessária prática”.

#### xv) 11ª Sessão *Photovoice*

##### Diário de bordo

*O feedback que tive do grupo acerca dessa noite foi muito bom, não só pelas suas reações, como já descrevi, mas pelas fotos que selecionaram, pelos registos, por me terem dito que gostaram imenso, que querem participar em mais atividades culturais e passeios.*

#### xvi) 12ª Sessão *Photovoice*

No que concerne às perceções sobre o tema, o residente do CAT A partilhou com o grupo que os Direitos Humanos eram “uma espécie de proteção garantida”. Centrando-se na desigualdade e na pertinência dos mesmos, a residente B deu um exemplo concreto, “uns roubavam para comer e outros roubam milhões”. Por outro lado, o utente do CAT C fez uma associação à sua pessoa, desabafando que “não lhe era reconhecida a nacionalidade portuguesa, apesar de estar cá [em Portugal] há mais de 10 anos, porque não tinha dinheiro”.

Posteriormente, a estagiária solicitou que se realizasse a atividade “*Flower Power*” com os materiais existentes (folhas brancas, lápis, canetas, cartolinas coloridas e cola) e elaborassem uma flor. Essa flor, sem número limite de pétalas, tinha determinadas particularidades a saber: cada pétala teria de ter escrito um direito inalienável a cada participante, sendo que o tamanho das pétalas variaria com a importância que cada um deles tinha para o sujeito. Quanto maior a pétala, maior a pertinência desse direito para o sujeito.

A apresentação dos trabalhos dos participantes, que se segue, no que à dimensão das pétalas diz respeito, é descensional.

A residente B desenhou a flor dela, contemplando as seguintes pétalas/direitos: direito à habitação (de maior dimensão), seguindo-se os direitos ao casamento e à saúde e, por fim, o direito à vida cultural.

O residente C considerou os seguintes direitos: direito de reunião e associação, dando como exemplo as nossas reuniões semanais e as respetivas atividades desenvolvidas dentro e fora delas. Com a mesma dimensão, contemplou os direitos à saúde, ao emprego e à vida cultural.

A flor do utente do CAT A continha o direito à vida e à segurança pessoal, como o mais proeminente, seguindo-se dos direitos à habitação e ao emprego. De menor dimensão, estavam representados ainda os direitos à mudança de nacionalidade, à liberdade, à saúde, à educação e o direito à vida privada. O utente do CAT C representou com maior dimensão os direitos à segurança social, à saúde, à vida privada e à liberdade seguidos dos direitos ao emprego, ao pensamento e expressão, à nacionalidade, à propriedade e à vida.



Figura 10 – Resultado da atividade "Flower power" - residente B

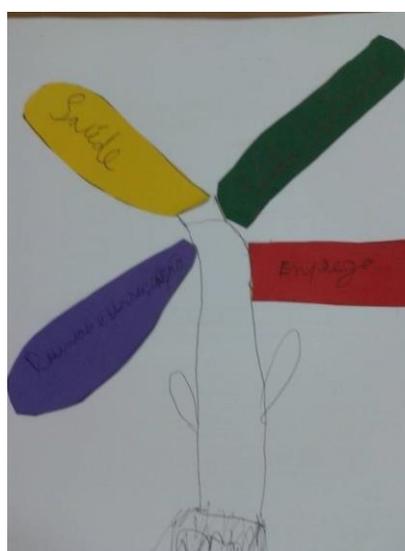


Figura 11 – Resultado da atividade "Flower power" - residente C



Figura 12 - Resultado da atividade "Flower power" - utente do CAT A



Figura 13 - Resultado da atividade "Flower power" - utente do CAT C

## xvi) 13ª Sessão *Photovoice* - sessão de avaliação contínua

A estagiária entregou a cada participante o documento (ver ilustrações 19 e 20) e solicitou que, introspectivamente, fizessem uma reflexão e, seguidamente, pintassem duas figuras representadas no documento: i) uma que traduzisse o seu estado de espírito/como se sentiam, naquele momento, em relação ao projeto e, ii) como esperariam se vir a sentir, futuramente<sup>44</sup>. Depois de concluída esta fase, a estagiária iniciou a partilha, expondo os seus. Em resposta, cada um foi partilhando com o grupo, os seus estados de espírito.

O residente A explicou que “deu um salto, que tinha gostado do início. Depois veio a fase do descanso, porque estava cansado e sentei-me”. Posteriormente, “fiz o pino, porque queria chegar lá a cima e ainda estou a transpirar para chegar lá a cima”. Este projeto exige muito, muita concentração

A residente E expôs: “sinto que estou parada, não ando nem para a frente, nem para trás, por causa das coisas do passado. Às vezes, apetece-me sair, ir para algum lado, outras alturas, quero estar parada, mas...acho interessante este projeto, só acho que não tenho jeito para tirar fotografias. Quero subir (ilustração de uma pessoa que está a apoiar-se na árvore com a mão em cima de um ramo do lado esquerdo), ele quer subir alguma coisa e não conseguiu. Eu queria estar com mais energia, mais contente”.

O utente do CAT A explicou que “na fase inicial estava a fazer equilíbrio na árvore, apoiado só com um pé. Se houvesse alguma ventania, caía. Agora já estou apoiado com os dois pés, mas se houver uma ventania também caio. Estou num ponto de equilíbrio relativo”.

O utente do CAT C selecionou a ilustração de uma pessoa em baixo que estava a dormir (que para ele estava a ler um livro e a pensar). Em relação a como espera se sentir, futuramente, selecionou a representação de uma pessoa em cima de um ramo, encostada à árvore. Para o participante “já acabou o livro e estava a pensar. O final é tudo. Não sei qual é o final do livro, mas pode ser um livro técnico para por em prática. Colocar em prática a fotografia e sentar-me por estar cansado.” Adicionalmente, expôs que considera que falamos, falamos e que “gostava de ver resultados das fotografias”.

---

<sup>44</sup>A atividade é uma adaptação da original “Emotional feedback tool for introverts (and others)” disponível em: <https://www.salto-youth.net/tools/toolbox/tool/emotional-feedback-tool-for-introverts-and-others.1618/>, acedida a 3 de abril de 2015.

A residente B selecionou a ilustração de uma pessoa cabisbaixa, porque segundo ela estava “em baixo, mas sinto que “estou a subir no balão, a ir para o céu. Vai tudo correr bem e todos vamos conseguir alcançar os objetivos que cada um tem. Vamos todos chegar ao topo de balão”. No final terminou dizendo “mostra o teu, amor”, dirigindo-se ao seu companheiro.

Por sua vez, o residente C selecionou a ilustração de uma pessoa que estava “a festejar no topo, porque me sinto bem. Voltei a descer, porque não me sentia bem no sítio onde estava aqui em Braga e gostava que chegássemos todos até ao cimo da escada” (ilustração da pessoa que está no topo da escada).

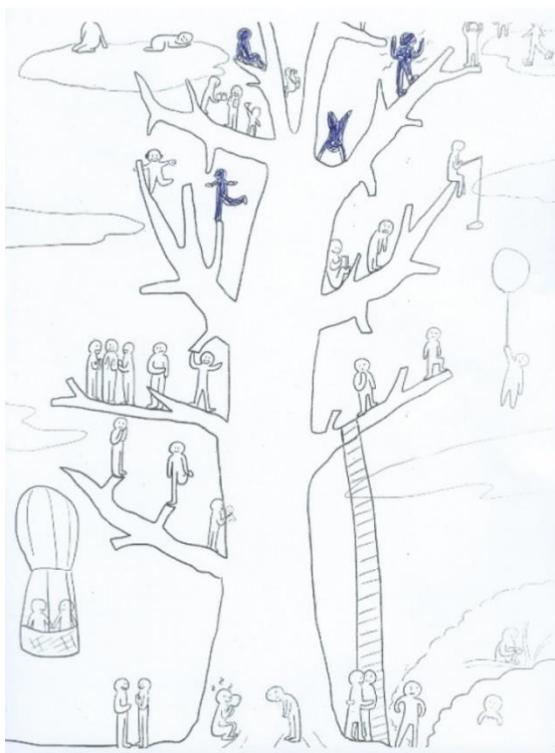


Figura 14 - Estados de espírito residente A

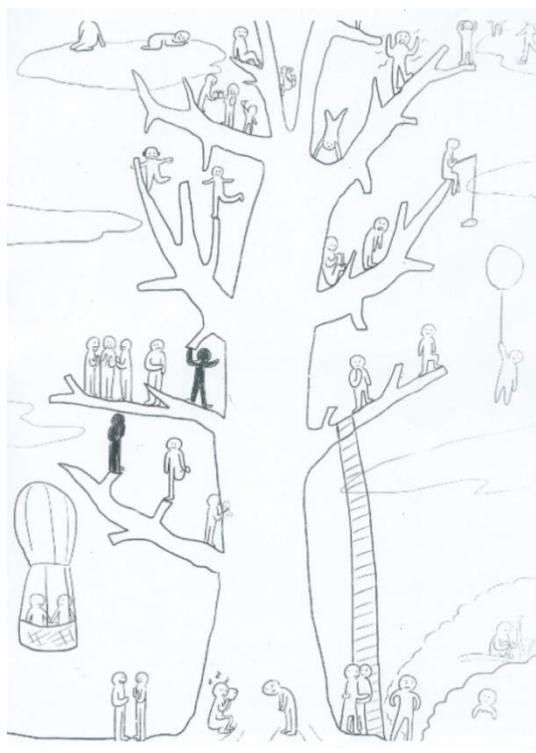


Figura 18- Estados de espírito residente E

#### xviii) 14ª Sessão *Photovoice*

##### Diário de bordo

*No período de apresentação das fotografias e de partilha dos seus significados, o utente do CAT A foi o primeiro a introduzi-los, uma vez que foi aquele que tinha os registos num estado mais avançado. A residente B complementou uma ideia dele, acrescentando que havia muitas casas que estavam devolutas. Na explicação de uma das suas fotos subordinada ao tema “natureza”, o residente fez referência à justiça social e conclui expondo que “se ela escasseia [a*

*justiça social], a natureza encarrega-se de a fazer. É um ponto de equilíbrio. Justiça é uma ideia fundamental”.*

*O residente A apresentou de seguida as suas fotos. Para ele cuidar do feijão era um ato de amor. Também associou o amor a outra foto os onde estavam representados seus averes, cuja explicação para o grupo, sumariamente, foi “amor à casa”. O Jardim de Santa Bárbara e a arquitetura do Arquivo Municipal representavam para além do que ele escreveu, a estrutura que a família representa. A foto relativa à Arcada foi a que suscitou mais reações e o residente C deu alguns contributos para discussão, partilhando opiniões/ experiências: “atiravam pedras [pessoas que passavam] e davam pontapés, roubavam roupa. Roubavam tudo o que a gente tinha”. Continuando a sua apresentação, o residente A mencionou que a Torre de Menagem lhe fazia lembrar uma cadeia [local onde guardava os seus averes, quando estava em situação sem-abrigo]. Estava visivelmente muito emocionado e nem o facto de estarem presentes pessoas o impediu de chorar durante a apresentação das fotografias. Relativamente à última fotografia, onde estava representado um candeeiro, ele exprimiu: “sinto muita solidão, mas mesmo muitas vezes. Sinto-me mesmo sozinho” e chorou.*

*Apesar de a residente B não ter grande parte das fotos seleccionadas, nem os registos completos, fez questão de partilhar com toda a gente o que tinha escrito. De seguida, foi a vez do residente C e tive de o ajudar a fazer a exposição. Por fim, o utente do CAT C, partilhou pela primeira vez as suas fotografias (tinha tirado todas na manhã desse dia), tendo a atenção redobrada de a gente. Todos teceram comentários lisonjeadores, a título de exemplo: “Esta é a mais linda!”, “Muito linda!”, “De arrasar!”.*

## **xix)15ª Sessão *photovoice***

### **Diário de bordo**

*Pedi desculpa pela minha ausência nas duas semanas precedentes e começámos a reunião. Informei que houve várias alterações nas datas da exposição. Perguntei quem gostaria de fazer uma visita guiada às suas fotos e só o residente A é que gostaria. Os utentes do CAT A e C, gostariam de intervir caso alguém tivesse alguma dúvida ou solicitasse algum esclarecimento. De seguida, sugeri que pensassem num nome para dar à exposição. Achei impressionante o rasgo de lucidez da residente E ao excluir, entusiasticamente “Isto é educação para a reinserção social”, raciocínio que, sinceramente, nunca esperei que fizesse, tendo sido o primeiro contributo.*

*Quase no final, o utente do CAT C aproveitou e veio mostrar fotos que tinha tirado durante o concerto solidário no Theatro Circo.*

*Li a sinopse em voz alta perguntei se os “feria” em alguma coisa, disseram que não e o residente A disse que estava “muito bonito”. Sugerí então, que nesse dia, realizássemos algumas atividades para celebrar o “Dia Internacional do Vizinho”. Todos os presentes aceitaram realizar atividades para celebrar o dia, incluindo o utente do CAT A, apesar de dizer que lá em cima o ambiente era “muito pesado e difícil de quebrar”.*

*Para terminar, perguntei ainda quem gostava de ir ver uma peça de teatro chamada “Manual da Felicidade” à Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva. Todos mostraram interesse em ir.*

*O utente do CAT D passou a maioria da sessão a dormir. Alguém disse para não o acordar que assim estava o ambiente mais sossegado e todos eles disseram concordaram prontamente, sem contrapor. Sentiam-se incomodados com as intervenções impertinentes e quase sempre feitas num volume exacerbado. Quando fiz um resumo, no início da sessão, do que iríamos tratar, o utente do CATD fez questão de dizer que nessas datas não iria estar disponível, porque ia para uma comunidade terapêutica, em Santa Maria da Feira, mas que antes de a integrar, gostaria de ir ao Sameiro.*

*A residente E destacou-se, mais uma vez, pelas suas atitudes inesperadas quando, no final, me entregou quase 10 registos que tinha, autonomamente, em casa, sem a minha orientação ou supervisão. Deve ter feito após algumas sessões em que se desenvolveu acompanhamento individualizado e não o fui fazendo da mesma forma a ela, porque ela ainda não tinha fotos e, essa atitude, de certa forma foi um impulso para a sua tentativa de integração e participação.*

#### **xix) 16ª Sessão Photovoice**

##### **Diário de bordo**

*Foram avisados que nesse mesmo dia, às 18.30h iriam ter a sessão de apresentação na Junta de São Victor, para o curso de informática. Todos se mostraram interessados em ir, menos a residente B, que começou a colocar entraves por causa da hora, do sol, da tarde, entre outros tantos motivos. Fui assertiva e lhe expliquei que não tinha culpa de estar calor, da hora e que era do interesse deles ir lá, não meu, já que tinham sido eles a solicitar aulas de informática e que já tínhamos esperado quase 3 meses. Acabaram por dizer que iriam.*

*De seguida, transmiti a informação acerca da hora do teatro, na Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, os presentes disseram que iriam.*

*Planeámos o “Dia internacional dos vizinhos” e definimos data e hora para a confeção dos bolos. Ficamos de nos encontrarmos no dia seguinte à tarde para fazermos os bolos para distribuir pelos vizinhos.*

*No final, questioneei se gostariam de participar numa campanha de sensibilização comunitária na cidade de Braga. À exceção dos utentes do CAT D (não estaria em Braga) e A, todos demonstraram interesse em participar na sessão fotográfica na casa deles/locais onde tinham residido na rua, mesmo mostrando os rostos. A residente B e o residente A foram os que se mostraram mais motivados e identificados com a causa.*

*Numa conversa comigo, a residente B disponibilizou-se para dinamizar mais workshops de cozinha.*

*À saída, gostei de os ver, verdadeiramente, unidos, a conversarem em amena cavaqueira, sem constrangimentos, a rirem-se satisfeitos e a dirigirem juntos para o curso de informática. Foi um bom resultado do trabalho feito com eles, uma convivência saudável e que em determinadas alturas achei que não fosse possível.*

## **xx) Formação de iniciação à informática**

### **Diário de bordo**

*Na perspetiva dos residentes B e C a apresentação “Correu bem. Gostámos muito. Estavam mais de 30 pessoas e ainda faltava gente”. Brincaram com a residente E pelo facto de ter dito que estava no nível 4 de informática. “E esse nem existia”, gracejaram.*

## **xxvi) 17ª Sessão Photovoice**

### **Diário de bordo**

*Apresentei o cartaz da exposição. Informei que as aulas de informática estavam definidas para as quartas, às 9 h25 da manhã até às 11h.*

*A residente E está cada vez mais confusa, instável, fala sozinha, sendo muito complicado envolvê-las nas atividades. Disse, peremptoriamente, que não queria ir ao curso de informática, porque pensava que era obrigada, quando nunca se mencionou a obrigatoriedade de participação nas atividades. Vive com muita intensidade a sua vida amorosa e dificilmente se*

*consegue concentrar nas restantes atividades. Já não frequenta também o Gabinete Integrado de Serviços em Saúde Mental (GIS), porque se sente desmotivada e não aprecia o ambiente.*

*Revi com eles os registos escritos para definir as versões finais e o residente A, chorou, novamente. Apesar de não ser obrigado a partilhar com o grupo, fez questão de apresentar.*

*O utente do CAT D, uma vez que não quis tirar fotos, nem tinha registos para partilhar, desembaraçadamente, disse: “posso falar agora eu?”. Apreciei a atitude pelo esforço de partilhar experiências, contribuir para os temas abordados e por começar a demonstrar, ainda que não de forma usual, alguma cordialidade. Dantes não pedia, interrompia, corrompendo as regras estabelecidas no grupo.*

*A propósito da exposição, o residente A referiu que a psicóloga que o acompanha gostaria muito ir ver a exposição. Já todos têm pessoas em mente a quem gostariam de endereçar um convite ou que por outro lado, os vão questionando com curiosidade sobre ela. Traz-me satisfação saber que estão ansiosos por ver o resultado final e que, o espectro de visitantes se está a alargar, chegando às suas relações pessoais e comunitárias.*

#### **xxvii) 18ª Sessão Photovoice – preparação da exposição**

##### **Diário de bordo**

*Os residentes B, C e E faltaram. Estiveram comigo a preparar os convites e a colocá-los dentro dos envelopes. Ficou combinado ir com eles buscar, no dia seguinte, vestuário para levarem à inauguração da exposição.*

*Ficaram todos os participantes deliciados, muito contentes com as roupas novas.*

#### **xxviii) Inauguração da exposição fotográfica “Olhares sentidos”**

No que respeita à dimensão individual, a estagiária desenhou a representação de uma pessoa, em papel cenário, destacando três partes do corpo: a cabeça, o coração e as mãos. De seguida, solicitou que, dispensassem uns minutos para fazer uma análise retrospectiva relativamente às atividades dinamizadas no âmbito do *Photovoice*<sup>45</sup> e que identificassem sentimentos predominantes, escrevendo-os na zona do coração; identificassem ferramentas extraídas deste processo, escrevendo-as na zona das mãos e, não menos importante, que

---

<sup>45</sup> A este propósito, consultar a atividade “*Body Part Defrie*”. Disponível em: <http://astd2008.astd.org/PDF/Speaker%20Handouts/ice08%20handout%20M312.pdf>

identificassem aprendizagens e/ou pensamentos pertinentes para eles emergentes com o projeto, escrevendo-os na zona da cabeça.

Na zona do coração foram registadas as seguintes impressões/ emoções/sentimentos: “Senti muita alegria e amor por tudo o que realizei” (Residente A); Falta residente B - gravações? “Eu senti-me bem no meio das outras pessoas” (Residente C); “Senti-me um bocadinho confusa e feliz pelo sentimento de conseguir algo novo, de realização, de ter conseguido chegar à exposição. Fez-me sentir ouvida.” (Residente E); “Sentimentos mistos, esperança e alegria. Esperança por ter conseguido através da arte fotográfica expressar realidades sociais e individuais. Alegria por ter participado em muitos eventos culturais. O curso foi uma chave nas mãos para poder abrir portas do meu futuro.” (Utente do CAT A); “Novas ideias. Alegria por passar a mensagem pelas fotografias. Tenho dificuldades em escrever e falar [português] e a fotografia foi um bom meio. Ambiente de curso bom com chá e bolos. Boa professora.” (Residente do CAT C).

Na zona das mãos, foram recolhidos os seguintes registos: “A ferramenta que mais gostei foi a máquina fotográfica” (Residente A); “Melhorei a escrita e capacidade de reflexão” (Residente B); “Um telemóvel, uma máquina para tirar fotos” (Residente C); “Nunca tinha mexido numa máquina [fotográfica] e aprendi a tirar fotografias”, “Fiquei alerta para algumas coisas. Consigo me expressar melhor, mas às vezes não consigo conviver com as pessoas, porque estão sempre a contrariar” (Residente E); “O curso pode ter colocado na minha mão a chave que abrirá portas rumo à integração social que almejo” (Utente do CAT A); “Máquina fotográfica.” (Utente do CAT C).

Já na região da cabeça, foram compilados os seguintes registos: “Aprendi muita coisa que não sabia. Não sabia trabalhar com a máquina fotográfica, melhorei as relações com as outras pessoas. Fiz as pazes com o casal.” (Residente A); “Aprendizagem de uma coisa nova que nunca tinha feito, tirar fotos e aprender a comunicar com os outros” (Residente B); “Aprendi a tirar fotos e a comunicar com as outras pessoas” (Residente C); “Vou-me lembrar da ida ao Bom Jesus, porque não ia lá há muito tempo. Só tinha as memórias antigas” (Residente E); “Luzes novas, perspectivas para trilhar caminhos rumo à integração”, “Maior importância na minha mente em relação a computadores, máquinas fotográficas e fotos. Aprendi que o computador e a máquina fotográfica são ferramentas de integração social (Utente do CAT A); “Curso muito bom, gosto do curso e dos momentos de fotografia. O ambiente (pausas, chá, bolos) tornou o ambiente acolhedor e permitiu pensar na minha família” (Utente do CAT C). Para

além disso compartilharam pensamentos, tais como: “Ninguém me reconhecia na rua, nesse dia. Deram-me muitos elogios, só me faltava dar autógrafos” (Utente do CAT A).

Os visitantes que assim entendessem poderiam registaram as suas apreciações ou tecer comentários num caderno subordinado ao título: “O meu olhar sobre...”. Seguem-se os comentários escritos (cfr. tabela 12 no corpo principal da tese).



Figura 36 - "Olhares sobre...(Comentários de visitantes)

Para finalizar, os participantes também avaliaram a inauguração da exposição através do instrumento simbólico, pictórico/metafórico “o porto de mar”.

#### **xxix) 19ª Sessão photovoice – avaliação final**

Descriminado na atividade anterior, através do instrumento simbólico, pictórico/metafórico “gingerbread man”.

#### **xxix) Preparação da campanha de sensibilização**

##### **Diário de bordo**

*Achei uma experiência fantástica, digna de memória vê-los serem vestidos e cuidados pelos funcionários da empresa. Estavam genuinamente satisfeitos, uma vez que não possuíam fatos e emanava deles um sentimento de importância pela atenção e tratamento que estavam a ter, atitudes e sensações não habituais nas vidas deles.*

#### **xxxi) 20ª Sessão photovoice**

Excertos do grupo focal:

“Ficámos mais tristes, dantes passávamos os nossos dias a tirar fotografias” (Residente A); “Tudo bem. Residente do CAT A gosto, Raquel gosto. Que mais?” (Utente do CAT D)

### xxxii) 21ª Sessão *Photovoice* – avaliação final III

Nesta sessão desenvolveu-se uma atividade de avaliação já realizada, anteriormente, para obtenção de perceções individuais acerca do seu *self*, da sua condição e envolvimento no *photovoice*. Comparativamente com o exercício anterior, nesta fase, os participantes tinham apenas de se reportar ao presente, seleccionando o desenho de uma pessoa que melhor representava os seus sentimentos/emoções e sentimentos, no momento.



Figura 15 - Estado de espírito do utente do CAT A

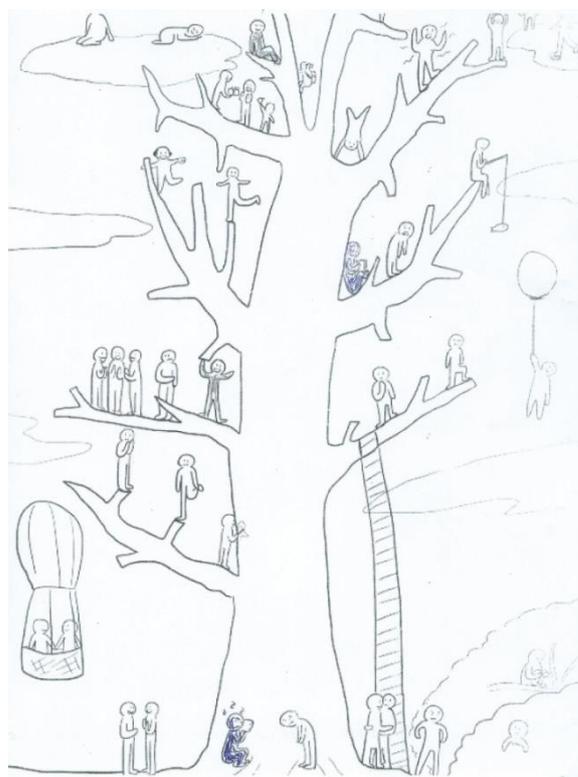


Figura 16 - Estados de espírito do CATC

### xxxiii) 22ª Sessão *Photovoice* – avaliação final III

Durante a sessão foi levada a cabo a avaliação da satisfação das atividades coletivas realizadas durante o período em que foi desenvolvido o estágio. Para o efeito, tendo em consideração o amplo espectro de particularidades dos participantes, procedeu-se à avaliação

através de uma estratégia, essencialmente, pictórica: “o porto de mar<sup>46</sup>”. Análoga e concomitantemente, o porto de mar representa o término de uma viagem em alto mar, a chegada a um porto e uma paragem, ainda que temporária, para reabastecimento (de ideias, reflexões pessoais), para traçar novas rotas, definir distintas conquistas a fazer.

Foi solicitado que os participantes desenhassem e recortassem barcos de diferentes cores (vermelhos, amarelos, verdes e com um padrão castanho). De seguida, a estagiária explicou as instruções a seguir, uma vez que durante o período que os participantes fizessem a avaliação, a estagiária estaria ausente para garantir o anonimato, dentro do possível e inibição por parte dos presentes. Na base estavam escritas as atividades decorridas e teriam de manifestar, individualmente, a sua perceção acerca das mesmas, colocando em colunas os barcos. Sendo que os barcos verdes correspondiam a “Gostei muito”, os barcos amarelos a “gostei mais ou menos”, os barcos vermelhos a “não gostei” e, por último, os barcos de padrão castanho significavam “sem opinião”, sinónimo de ausência/não participação na atividade.



Figura 23- Avaliação final II - "Porto de Mar"

### Diário de bordo

*Durante a sessão, o residente C esteve muito participativo, sendo o participante mais ativo de todos, argumentando e expondo a sua opinião.*

*A residente E, contrariando a tendência de uma parte do projeto photovoice, veio à sessão e estava bastante participativa, sem demonstrar muitas alterações emocionais.*

*Participaram todos na elaboração dos materiais. A residente B, inicialmente, recusou-se a participar nas atividades, mas não valorizei, como o costume, e quando reparou que o grupo estava envolvido e empenhado na realização da avaliação, aproximou-se e fez a sua avaliação das atividades. Porém, não participou na elaboração dos materiais, utilizando-os depois fruto do trabalho dos outros.*

---

<sup>46</sup>Originalmente, denominada *sea port*, disponível em: Salto Youth (n.a.) <https://www.salto-youth.net/tools/toolbox/tool/evaluation-the-sea-port.1531/>

*Adoraram realizar esta atividade, ficaram satisfeitos com o resultado final, quando conseguiram ter a visão geral do pictograma. Apesar de não estar presente durante o momento em que davam a sua opinião de acordo com a escala referida, gostei do entusiasmo nas vozes que ouvia e da entreaajuda, que me apercebi quando entrei novamente na sala.*